

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
DOUTORADO EM TEOLOGIA

VITORIA BERTASO ANDREATTA DE CARLI

**A ESPIRITUALIDADE LAICAL E SUA ÍNDOLE SECULAR À LUZ DO CONCÍLIO
ECUMÊNICO VATICANO II:
A SANTIDADE NO COTIDIANO**

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
DOUTORADO EM TEOLOGIA

VITORIA BERTASO ANDREATTA DE CARLI

**A ESPIRITUALIDADE LAICAL E SUA ÍNDOLE SECULAR À LUZ DO CONCÍLIO
ECUMÊNICO VATICANO II:
A SANTIDADE NO COTIDIANO**

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre

2021

VITORIA BERTASO ANDREATTA DE CARLI

**A ESPIRITUALIDADE LAICAL E SUA ÍNDOLE SECULAR À LUZ DO CONCÍLIO
ECUMÊNICO VATICANO II:
A SANTIDADE NO COTIDIANO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre
2021

Ficha Catalográfica

D278e De Carli, Vitoria Bertaso Andreatta

A espiritualidade laical e sua índole secular à luz do
Concílio Ecumênico Vaticano II : A santidade no cotidiano /
Vitoria Bertaso Andreatta De Carli. – 2021.

230 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin.

1. Concílio Vaticano II. 2. Espiritualidade. 3. Laicato. 4.
Santidade. 5. Secularidade. I. Brustolin, Leomar Antônio. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

VITORIA BERTASO ANDREATTA DE CARLI

**A ESPIRITUALIDADE LAICAL E SUA ÍNDOLE SECULAR À LUZ DO CONCÍLIO
ECUMÊNICO VATICANO II:**

a santidade no cotidiano

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em 14 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin (Orientador)

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes

Profa. Dr^a. Maria de Lourdes Corrêa Lima

Profa. Dr^a. Maria Freire da Silva

Para Gabriel, Guido e Marco, minha amada família, onde pouco se fala sobre a espiritualidade
laical, mas onde mais devo vivê-la.

À Ir. Ângela Tutas quem me ensinou a unir a teologia e o coração (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos e pelo contínuo incentivo à pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na pessoa do seu coordenador, Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin, ao decano da Escola de Humanidades, Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza e à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin que aceitou ser orientador deste trabalho, por sua disponibilidade e colaboração para o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço ao Prof. Dr. Geraldo Borges Hackmann, que mesmo tendo sido enviado à nova missão, se fez presente pelo apoio e oração. A esses dois grandes mestres que tive o privilégio de ser orientada nessa pesquisa, muito obrigada!

Pelo período que estive na Itália agradeço ao Prof. Dr. Miguel de Salis Amaral pelo apoio e incentivo a pesquisa junto à Pontificia Università della Santa Croce e aos professores Dr. Vicente Bosch e Dra. Maria del Pilar Río. Ao Movimento dos Focolares, na pessoa de Maria Aparecida de Souza, ao Instituto Secular Cruzadas de Santa Maria na pessoa de Fermi Alvarez e à Federação *Regnum Christi* na pessoa de Maria José Chavez Ibarra pela acolhida e oportunidade de partilha.

Agradeço às Professoras Dra. Maria de Lourdes Corrêa Lima e Dra. Maria Freire da Silva e aos professores Dr. Rafael Martins Fernandes, Dr. Tiago de Fraga e Dr. Carlos José Monteiro Steffen pela disponibilidade por comporem as bancas de qualificação e de defesa e por enriqueceram este trabalho com suas sugestões.

Agradeço a meu esposo Gabriel, homem bom e sábio, sem ele esta tese não teria sido possível e, aos nossos filhos Guido e Marco, pela compreensão ao longo dos anos de estudo. A minha mãe, Stella, por manter acesa a chama da minha vocação e, a meu pai Vitorio (*in memoriam*). A toda minha família, amigos e amigas, que mesmo sem saber, foram fonte de inspiração e motivação para essa pesquisa.

Agradeço a Deus pela vida e oportunidades recebidas. Pela vocação à teologia, que enche meu coração de entusiasmo e alegria, e por ser a primeira fiel leiga casada com doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

“A vida cristã escreve-se em prosa, não em verso; é feita com a trama das nossas ocupações habituais. Mas, precisamente de aprender a conhecer que realmente há uma vontade de Deus oculta no âmago dos acontecimentos mais simples, que sua mão guia e conduz todas as coisas, por intermédio do que nós chamamos “um concurso de circunstâncias”. Precisamos aprender a comungar com Deus, sob todas as espécies nas quais Ele se nos apresenta... em comunhão vital, ao longo do dia, ao longo da vida”

Card. L.J.Suenens

RESUMO

A tese busca identificar os elementos fundamentais que caracterizam a espiritualidade a que estão chamados a viver os fiéis leigos como possibilidade de seguir a Jesus Cristo na simplicidade da vida normal (GE, n. 11). O estudo é realizado na perspectiva do Concílio Vaticano II, que elaborou uma nova forma de existência cristã no mundo e reconheceu o caráter secular como próprio e específico dos leigos. Considera que a autêntica experiência cristã afasta a possibilidade de um espiritualismo intimista de evasão ou de um ativismo social. Descreve a espiritualidade cristã, a identidade e a vocação dos leigos para, na sequência, perscrutar sobre o tema da vida cristã laical. Encontra, na sua vocação à santidade e no caráter teológico da secularidade, a correspondente fundamentação teológica. A vida teologal e a experiência de Deus no mundo são consideradas dimensões constitutivas da espiritualidade leiga, na qual o sentido do sofrimento e da morte, bem como o conceito de “unidade entre fé e vida” são considerados elementos essenciais. Desenvolve a espiritualidade laical como uma modalidade secular da única espiritualidade cristã com base no Magistério do Concílio Vaticano II e no desenvolvimento pós-conciliar. Estabelece balizas precisas a partir de uma perspectiva eclesiológica para a vida leiga, de modo que encontre, na valorização de sua vocação, o caminho da santidade e, na índole secular, sua relação com Deus e com os irmãos. Considerando isso, conclui que o caminho da espiritualidade, na vida dos fiéis leigos, precisa ser refletido e vivido de forma integral, unindo a vida contemplativa à ação na cotidianidade, para que os leigos vivam a plenitude da vida cristã a que são chamados.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II. Espiritualidade. Laicato. Santidade. Secularidade.

ABSTRACT

The thesis seeks to identify the fundamental elements that characterize the spirituality to which the lay faithful are called to live as a possibility to follow Jesus Christ in the simplicity of the normal life (GE, n. 11). The study is carried out in the perspective of the II Vatican Council who elaborated a new form of Christian existence in the world and recognized the secular character as proper and specific to the laity. It considers that the authentic Christian experience moves away from the possibility of an intimate spirituality of evasion or social activism. It describes the Christian spirituality, the identity and vocation of the lay faithful to subsequently scrutinize the theme of the lay Christian life. It finds, in its vocation to sanctity and in the theological character of secularity, the corresponding theological foundation. The theological life and the experience of God in the world are considered constitutive dimensions of lay spirituality, in which the meaning of suffering and death, as well as the concept of “unity between faith and life” are considered essential elements. It develops the lay spirituality as a secular modality of the unique Christian spirituality based on the teachings of the II Vatican Council and in the post-conciliar development. It establishes accurate reference points for the lay life from an ecclesiological perspective, so as to find, in the appreciation of its vocation, the path to sanctity and, in the secular character, its relationship with God and brethren. Taking that into account, it concludes that the path to spirituality, in the life of the lay faithful, must be reflected and lived in an integral way, uniting contemplative life to action in everyday life, so that lay people may live the plenitude of the Christian life to which they are called.

Keywords: II Vatican Council. Spirituality. Laity. Sanctity. Secularity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ.....	21
1.1 A NOÇÃO DE ESPIRITUALIDADE.....	22
1.1.1 Espiritualidade em geral	23
1.1.2 Espiritualidade na perspectiva bíblica.....	24
1.1.3 Espiritualidade cristã.....	26
1.1.4 Vida interior, vida espiritual e vida religiosa	30
1.1.5 Deformações do conceito de espiritualidade.....	31
1.2 DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ.....	33
1.2.1 A comunicação por parte de Deus	34
1.2.2 O ser humano como sujeito da comunicação de Deus	37
1.2.3 A vocação como elemento configurador da existência cristã.....	40
1.3 ESPIRITUALIDADE E SANTIDADE.....	48
1.3.1 Distinção entre espiritualidade e santidade	49
1.3.2 O chamado à santidade.....	52
1.4 A ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DO CONCÍLIO VATICANO II	57
1.5 LINHAS DA ESPIRITUALIDADE PÓS-CONCILIAR	63
1.6 BREVE CONCLUSÃO.....	68
2 OS CRISTÃOS FIÉIS LEIGOS: A IGREJA NO CORAÇÃO DO MUNDO	72
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO LEIGO	73
2.2 DE <i>LAICI</i> NA PERSPECTIVA DO CONCÍLIO VATICANO II	77
2.2.1 A missão do leigo em relação à missão de Cristo	80
2.2.2 O leigo na <i>Lumen Gentium</i> e na <i>Apostolicam Actuositatem</i>	82

2.2.3 Considerações conclusivas sobre o leigo no Concílio Vaticano II	83
2.3 OS LEIGOS NA ÉPOCA PÓS-CONCILIAR.....	84
2.4 OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ E A CONDIÇÃO LAICAL	91
2.4.1 O Batismo e a incorporação a Cristo	92
2.4.2 A Crisma: unção para a missão	99
2.4.3 A Eucaristia: “fonte e ápice da vida cristã”	102
2.4.4 O estilo sacramental da existência cristã	106
2.5 A ÍNDOLE SECULAR COMO O <i>PROPRIUM</i> DO LAICATO.....	109
2.5.1 Distinção entre dimensão e índole secular	111
2.5.2 A secularidade dos leigos e dos religiosos	114
2.5.3 Vocação laical e secularidade.....	118
2.5.4 O sentido eclesial da secularidade: ser Igreja no mundo	120
2.5.5 O sentido teológico da secularidade: chamados a <i>iluminar</i> as realidades temporais	122
2.6 BREVE CONCLUSÃO.....	128
3 ESPIRITUALIDADE LAICAL	130
3.1 A ESPIRITUALIDADE LAICAL COMO MODALIDADE DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ	131
3.2 DISTINÇÕES E ESPECIFICIDADES DA ESPIRITUALIDADE LAICAL.....	133
3.3 FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA ESPIRITUALIDADE LAICAL	136
3.3.1. A vocação universal à santidade	136
3.3.2 Teologia das realidades terrenas	139
3.3.3 A índole secular	142
3.4 A MODALIDADE SECULAR DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NO MAGISTÉRIO DA IGREJA	144

3.4.1 A espiritualidade laical no Concílio Vaticano II	145
3.4.2 Período posterior ao Concílio Vaticano II	151
3.4.3 Documentos do CELAM	157
3.4.4 A espiritualidade laical nos Documentos da CNBB	160
3.5 AS DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE LAICAL.....	161
3.5.1 A vida teologal: o sentido vertical.....	162
3.5.2 A experiência de Deus no mundo: o sentido horizontal	172
3.6 O SENTIDO DO SOFRIMENTO E DA MORTE.....	173
3.7 A UNIDADE DE VIDA	176
3.7.1 A unidade de vida em Josemaría Escrivá de Balaguer	181
3.7.2 O amor e a unidade de vida em Chiara Lubich	187
3.8 INDICAÇÕES PARA UMA ESPIRITUALIDADE LAICAL	191
3.9 BREVE CONCLUSÃO	196
CONCLUSÃO.....	199
REFERÊNCIAS	210

INTRODUÇÃO

Muito se tem escrito e refletido sobre os cristãos fiéis leigos. Costuma-se dizer que o futuro da Igreja depende dos leigos, e que esse futuro já começou.¹ O fiel leigo é membro do Povo de Deus e da sociedade civil da qual recebe influência e nela atua. Sua vida está repleta de atividades sem aparente sentido transcendente. São esses fiéis leigos que, em suas circunstâncias de vida, também são chamados a viver a vida de Cristo pelo Espírito e à perfeição da santidade (LG, n. 11).

A espiritualidade é considerada o modo de viver cristão, segundo o Espírito, que abarca toda a vida e a pessoa. Compete à Teologia do laicato a reflexão sobre o modo de ser e viver característico dos fiéis leigos que, imersos nas estruturas terrenas, como exigência de vida de todo batizado, têm por vocação própria e específica procurar o Reino de Deus, tratando das realidades temporais, ordenando-as segundo sua vontade (LG, n. 31). A espiritualidade é, assim, algo visceral; em outras palavras, é parte essencial da vida cristã e se encontra no âmbito existencial e concreto. Nesse sentido, faz-se necessário o aprofundamento de uma espiritualidade mais apropriada à condição dos fiéis leigos.

A tese tem como questão norteadora identificar o modo de viver dos fiéis cristãos leigos que devem encontrar, no mundo, não só o ambiente, mas o lugar da vocação cristã à santidade (CfL, n. 15), pois é no mundo que Deus os chama a ser santos. Todos os cristãos, em virtude de sua consagração batismal, são chamados por Deus à santidade evangélica em toda condição e situação de vida (LG, n. 40). Compreender isso consiste no básico da vida cristã e constitui a premissa da espiritualidade na vida dos fiéis leigos, pois “por meio deles, a Igreja de Cristo torna-se presente nos mais diversos setores do mundo, como sinal e fonte de esperança e de amor” (ChL, n. 7).

A revalorização do mundo e das realidades terrenas como caminho de santidade (cf. LG, n. 31) com o Concílio Vaticano II é um elemento novo na consciência cristã leiga que precisa ser desenvolvido em oportuna reflexão sobre essa clara indicação, sobretudo para os leigos que têm, na secularidade, seu traço característico. Por muito tempo e, ainda hoje, se desenvolveu a espiritualidade cristã mais a partir de uma mentalidade monacal de afastamento do mundo diante da incompatibilidade entre unir o imanente ao transcendente, o que provocou uma autêntica vida espiritual separada do mundo. Por isso, urge uma adequada compreensão do caráter teológico da secularidade, nota distintiva dos fiéis leigos.

¹ FARRELI, Kevin Joseph. *O futuro da Igreja depende dos leigos*, p.1.

Os fiéis leigos precisam conhecer para viver uma autêntica espiritualidade cristã a que são chamados e, por essa razão, a importância está em identificar um caminho de encontro com Deus no mundo e no atual contexto de pluralismo religioso, desesperança e busca do espiritual que não seja sair do mundo e, nem tampouco, conformar-se com a mentalidade do mundo (cf. Rm 12,2). Na pesquisa é denominada como “espiritualidade laical” a modalidade da única espiritualidade cristã que encontra, no caráter teológico da secularidade, o fundamento da vida cristã dos fiéis leigos. Utiliza-se como seu sinônimo a expressão “modalidade secular da espiritualidade cristã”.

O objeto de pesquisa da tese é a espiritualidade cristã própria do estado de vida dos fiéis leigos, caracterizada pela inserção nas realidades temporais, visando a contribuir para sua vivência como algo integrador, que seja concreta ao unir fé e vida numa síntese vital. Antes de tudo, parte-se do pressuposto de que ser leigo é um modo de ser cristão e pressupõe a mesma espiritualidade cristã sem elementos adjuntos. A relação do leigo com Deus é simplesmente a que provém do Batismo: a relação de filho com o Pai, pelo Filho, torna-se participação em sua vida e missão, segundo a peculiar identidade (cf. LG, n. 31). Por isso, se faz necessária a valorização da vocação laical como caminho de santidade.

Observa-se que, na Teologia existem terrenos ainda pouco explorados, e um desses pode ser considerado como a redefinição do lugar da espiritualidade no que diz respeito à vida dos fiéis leigos. A doutrina sobre a espiritualidade cristã, em sua visão de conjunto, precisa ser mais conhecida, sistematizada, assumida e vivenciada especialmente pelo laicato, no contexto de uma sociedade secularizada, marcada por “persistente difusão do indiferentismo religioso e do ateísmo” (ChL, n. 4).

Muitos autores tratam sobre a espiritualidade laical no contexto de outros assuntos da Teologia segundo perspectivas distintas, dificultando uma visão panorâmica do tema. Observam-se diversos estudos específicos sobre os leigos, como, por exemplo, sua identidade, vocação e missão, apostolado, vida de oração, oração, vida sacramental, etc. Mas é preciso apresentar a visão de conjunto da espiritualidade laical que integre todas as realidades da vida do leigo a partir de dois pilares de fundamentação teológica: da Teologia espiritual e da eclesiologia da qual a Teologia do laicato faz parte. Assim como na vida, devido às múltiplas circunstâncias, estreita-se a consciência a um único ponto, podendo a consciência espiritual cair em perigoso esquecimento. A pesquisa se propõe justapor os vários temas fundamentais relacionados à espiritualidade laical e, com a visão de conjunto, descrever as características e as principais manifestações para se chegar a uma adequada compreensão da vivência da espiritualidade laical.

Atualmente, se reflete sobre a necessidade de se buscar balizas mais precisas para uma espiritualidade adequada aos leigos que vivem, juntamente com toda a Igreja, um momento que não se caracteriza apenas por uma “enxurrada de mudanças, mas protagoniza, efetivamente, uma mudança de época”.² Deve ser integrador na experiência vital e mais do que teorizar ou problematizar a vida espiritual, ajude a vivê-la na sociedade contemporânea.

O objetivo geral da tese está em identificar a modalidade da espiritualidade cristã a que são chamados a viver os fiéis cristãos leigos no mundo de hoje. São objetivos específicos desta investigação: a) descrever o significado, as dimensões e características da palavra espiritualidade cristã nos dias de hoje; b) identificar o complexo significado do termo leigo no cristianismo com o Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento ulterior; c) analisar a possibilidade de se falar de espiritualidades no seio da única espiritualidade cristã; d) estabelecer a relação e distinção entre as palavras espiritualidade e santidade; e e) apresentar os fundamentos teológicos, as dimensões e os elementos constitutivos relativos à espiritualidade laical.

O estudo, de acordo com seus objetivos, seguiu a vertente teórica, fazendo uso do método bibliográfico sintético e hermenêutico. Buscou cumprir com exame qualificado e rigoroso a questão da espiritualidade cristã contemporânea e da identidade do fiel leigo no mundo, objetivando identificar balizas específicas em seu conjunto para uma espiritualidade laical com a formulação de uma epistemologia própria que valide e se torne possível nos níveis prático e teórico nos dias de hoje. Tendo em vista existirem poucas obras específicas em língua portuguesa sobre o tema espiritualidade laical, a tese contou com a realização de período para investigação na Pontificia Università della Santa Croce (PUSC) em Roma, no ano de 2019.

A pesquisa abrangeu disciplinas teológicas distintas como a teologia espiritual e a eclesiologia no que diz respeito à teologia do laicato para investigação da identidade e vocação do fiel leigo sujeito da espiritualidade cristã em sua modalidade secular. Seria pretencioso tentar expor o conteúdo dessas disciplinas teológicas em toda sua profundidade e extensão, até mesmo porque, com relação à Teologia espiritual, essa se caracteriza, em relação à sua natureza, como a mais discutida entre as disciplinas teológicas, considerando que “apenas em nossos dias vem assumindo estatuto científico”.³ Foi utilizado o critério dos estados de vida (sacerdotal, religioso e laical) como base para diferenciação na existência cristã (espiritualidade).

² MENDONÇA, José Tolentino. Card. *Que parábolas para este tempo?*, p. 2.

³ BERNARD, André Charles. *Introdução à teologia espiritual*, p. 9.

A investigação contou com o desafio de selecionar e estudar, na vasta bibliografia teológica, o conteúdo essencial e significativo para os fiéis leigos sempre em referência ao núcleo da tese, ou seja, à vida cristã laical. Da mesma forma, se busca unir espiritualidade e Teologia para que o tema pudesse ser apresentado de forma sistemática e compreensível, em primeiro lugar, para o próprio leigo desde seu *locus theologicus*.

As principais fontes consultadas foram a Sagrada Escritura e a Tradição, os ensinamentos dos Santos Padres, e os documentos do Magistério Pontifício e da Igreja. Procura-se confrontar a doutrina da fé com os problemas que se apresentam na atualidade, considerando o Evangelho como a raiz de toda a espiritualidade e alma da Teologia,⁴ buscando estabelecer uma correlação “crítica entre a tradição cristã e a experiência humana contemporânea” considerada como uma das principais funções da Teologia.⁵

Dentre os documentos do Magistério da Igreja foi dada ênfase aos documentos do Concílio Vaticano II que ofereceu à Igreja um “riquíssimo patrimônio doutrinal, espiritual e pastoral sobre o tema dos leigos”,⁶ tendo apresentado “diretrizes teóricas e práticas sobre o significado positivo do cristão leigo”.⁷ Os documentos posteriores do Magistério da Igreja se desenvolveram a partir da doutrina sobre o laicato do Vaticano II que constitui a base sólida da reflexão teológica posterior,⁸ bem como da presente tese.

Entre os documentos posteriores ao Concílio Vaticano II destaca-se a Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988) considerada como sendo o documento eclesial mais importante, escrito até hoje sobre o laicato. Esse documento do Magistério Pontifício de São João Paulo II, com base no Sínodo dos Bispos de 1987, realiza uma revisitação “orgânica” aos ensinamentos do Concílio Vaticano II relativos aos fiéis leigos, à sua dignidade batismal, à vocação à santidade, à pertença à comunhão eclesial e à missão da Igreja.⁹ Diante da posição central dos documentos conciliares, a opção preferencial foi por autores que colaboraram na preparação e participaram do Concílio.

A expressão mais significativa da Teologia pré-conciliar do laicato é a obra de Yves Congar: *Jalons pour une théologie du laïcat* (1953), juntamente com Karl Rahner e Gérard Philips, que exerceram um papel importante nos trabalhos do Concílio Vaticano II, em

⁴ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*, p. 228-229.

⁵ GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: Hermenêutica teológica*, p. 12.

⁶ LINEAMENTA, *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo vinte anos depois do Concílio Vaticano II*, 1986.

⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*, n. 23.

⁸ PHILIPS, Gerard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano: história, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*, v. 1, p. 6.

⁹ BENTO XVI. *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, p.1.

especial na redação da *Lumen Gentium*¹⁰ considerada como o documento central do Vaticano II.

Outro critério adotado foi a opção por autores contemporâneos do Concílio Vaticano II e que desenvolveram o tema da espiritualidade laical, como, por exemplo, o dominicano espanhol Antonio Royo Marín, que publicou a obra *Espiritualidad de los seglares* (1968) com o objetivo de propagar, entre os cristãos que vivem no mundo, as magníficas orientações do Concílio Vaticano II.¹¹

Dentre os autores citados pelo dominicano, os quais foram igualmente consultados, citam-se: o já mencionado Yves Marie Congar, um dos pioneiros da Teologia do laicato, em sua obra *Os leigos na Igreja: escalões para uma Teologia do laicato* (tradução portuguesa do original *Jalons pour une théologie du Laïcat*, 3ª ed. do ano de 1966); Pietro Brugnoli, na obra *La spiritualità del laici*, que desenvolve a tese de que a vida cristã corresponde à vida ordinária (1ª ed., Brescia, 1963; 4ª ed., 1971); Albino Marchetti, *Espiritualidad y estados de vida* (Roma, 1962, Madri, 1968) e Gustave Thils em sua conhecida obra *A Santidad cristiana* (Salamanca, 1962). Saliente-se que, apesar da primeira edição de algumas das obras citadas serem anteriores ao Concílio Vaticano II, elas contribuíram, teologicamente, para a orientação fundamental suscitada por este em relação ao tema da espiritualidade laical.

Não se pode deixar de mencionar a obra: *O cristão secularizado*, de Boaventura Kloppenburg, que trabalhou tanto nos trabalhos prévios como no próprio Concílio Vaticano II. Com essa obra, o autor pretende ajudar a conquistar um ideal e uma espiritualidade que seja, ao mesmo tempo, cristã e humanista, vertical e horizontal, fiel a Deus e aos homens, com a consciência de que “o serviço terrestre é a matéria do Reino celeste”.¹²

Pela importância do Sínodo dos Bispos de 1987 e da Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988), busca-se, na reflexão teológica posterior, autores que tratem da identidade e missão do leigo, bem como de sua espiritualidade específica. O documento de São João Paulo II confirma a índole secular como o *proprium* do leigo, superando o debate teológico entre a laicidade de toda a Igreja em detrimento da secularidade própria dos leigos. Por essa razão, considera-se importante a consulta a autores que escreveram após a *Christifideles Laici*, o que não deixou dúvidas sobre os sentidos teológico e eclesial da secularidade.

¹⁰ ALMEIDA, Antonio José de. *Lumen Gentium*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 565.

¹¹ ROYO MARIN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 9.

¹² KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado: O humanismo do Vaticano II*, p. 6.

Os ensinamentos sobre a espiritualidade laical estão em grande parte dispersas em outros temas da teologia espiritual ou da teologia do laicato (eclesiologia). Entretanto, elencam-se algumas das obras específicas sobre o tema da vida cristã laical na literatura teológica-espiritual: Antonio Royo Marín, *Espiritualidad de los seglares* (Madri, 1968); Albino Marcheti, *Espiritualidad y estados de vida* (Roma 1962, Madri 1968); Pietro Brugnoli, *La spiritualità del laici*, que desenvolve a tese de que a vida cristã corresponde à vida ordinária (1ª ed. Brescia 1963; 4ª ed. 1971); Vicent Bosch, *Santificar el mundo desde dentro: Curso de espiritualidad laical* (Madri, 2017); Rudy Albino de Assunção, *A Espiritualidade dos leigos: à luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II* (São Paulo, 2018).

A presente tese foi escrita desde a perspectiva dos fiéis leigos, não dos não praticantes, mas daqueles que aspiram a se santificar em seu próprio estado e em meio às estruturas seculares, objetivando que o escrito possa ser praticado integralmente pelos leigos com a descoberta e o aprofundamento contínuo da beleza da vida cristã que é um andar no amor a Deus e ao próximo a que são chamados.

Não foi possível aprofundar alguns aspectos relativos à espiritualidade cristã em geral – base insubstituível de toda posterior especificação – como, por exemplo, a doutrina sobre a inabitação trinitária na alma, a graça santificante e a ação dos dons do Espírito Santo. Da mesma forma, não se desenvolverá, neste momento, a concretização da espiritualidade laical nas experiências vitais e específicas como na santificação própria do trabalho, dos ambientes familiar e social, mas aqui se propõe estabelecer um caminho comum da espiritualidade laical que sirva como base para todas as circunstâncias de vida.

A tese está estruturada em três partes. No primeiro capítulo se descreve as noções básicas do termo espiritualidade cristã, para compreender o significado de uma autêntica vida cristã, considerada como conceito-chave da pesquisa e base sobre a qual se desenvolverá a espiritualidade laical.¹³ A palavra espiritualidade é considerada como um dos termos mais vagos da linguagem religiosa atual. Para tanto se buscou conhecer a noção da palavra espiritualidade, as dimensões constitutivas da espiritualidade cristã, a relação e a distinção entre as palavras espiritualidade e santidade. A renovação da espiritualidade cristã na perspectiva do Concílio Vaticano II e na visão pós-conciliar.

Na segunda seção, considerando que ainda hoje existem debates em torno do significado do termo leigo, foi preciso investigar o significado da palavra leigo, a qual foi

¹³ Nesta pesquisa o termo espiritualidade será utilizado em referência especificamente a espiritualidade cristã segundo a doutrina do Magistério da Igreja Católica Apostólica Romana.

adotada ao longo da tese. O capítulo desenvolve-se a partir dos seguintes objetivos: identificar o complexo significado do termo leigo no cristianismo com o Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento ulterior; avaliar a importância dos sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Crisma e Eucaristia – na identidade e como um estilo de vida sacramental e, ao final, descrever a índole secular como o *proprium* dos leigos. Da mesma forma como no primeiro capítulo, são apresentados, no segundo, os dados necessários para servir de base para um ulterior desenvolvimento de uma modalidade secular de espiritualidade cristã que é a espiritualidade laical.

Na terceira parte da pesquisa, propõe-se descrever uma modalidade de espiritualidade cristã própria da vida dos fiéis leigos, a partir do caráter teológico da secularidade, como sua nota distintiva, e com base na correspondente fundamentação teológica. O terceiro capítulo se desenvolve a partir dos seguintes elementos: do pressuposto da espiritualidade laical como uma modalidade da única espiritualidade cristã; das distinções e especificidades da espiritualidade laical; dos fundamentos teológicos da espiritualidade laical; da modalidade secular da espiritualidade laical no Magistério da Igreja; das dimensões integrantes da espiritualidade laical; do conceito da expressão unidade de vida e das indicações para uma espiritualidade laical.

O leigo necessita descobrir e viver integralmente a modalidade de sua existência espiritual cristã, permanecendo na raiz evangélica, pois a vida espiritual acontece onde está sua vida concreta. A vida espiritual tem que ser real e partir daquilo que se é, de onde se está, do que se faz, de seus deveres, ou seja, a partir de circunstâncias de vida reais e concretas com a correspondente fundamentação teológica que a sustente, pois, somente assim, e por meio deles “a Igreja de Cristo torna-se presente nos mais diversos setores do mundo, como sinal e fonte de esperança e amor” (ChL, n. 7). Os fiéis leigos, ao encontrar o sentido religioso da existência, alcançarão a plenitude de vida e a felicidade a que são chamados como filhos amados de Deus, vivendo a perfeita caridade para com Deus e para com o próximo.

1 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

A reflexão sobre a espiritualidade cristã consiste num grande desafio, não apenas pela dimensão sobrenatural do termo, por seus diversos significados e usos, mas também pela importância em aprofundar um caminho específico de encontro com Deus. O termo é considerado um dos mais vagos da linguagem religiosa atual. É necessário procurar dar à palavra toda a precisão e densidade teológica, delimitando o que se entende por espiritualidade cristã.

Apesar das previsões sobre o fim das religiões, observa-se, no ser humano, um renovado interesse espiritual que nasce da exigência de autenticidade, de dimensão religiosa, de interioridade e de liberdade que a sociedade consumista não satisfaz com seu juízo de produtividade, como critério de valor, com a massificação e a manipulação das pessoas com futuro incerto e ameaçador.

O ser humano de hoje precisa de um “suplemento de alma” que o ajude a não ser esmagado por suas próprias produções e a encontrar a si mesmo de modo autêntico.¹⁴ Atuais são as palavras de São João Batista Maria Vianney, em pleno século do racionalismo ateu, ao dizer: “Virá um dia em que os homens estarão tão cansados dos homens que bastará falar-lhes de Deus para vê-los chorar.”¹⁵ É nesse contexto de “deserto da obscuridade de Deus e do esvaziamento das almas” que a Igreja tem a missão de “conduzir os homens para fora do deserto, para o lugar da vida, a vida em plenitude”, como declarou Bento XVI com suas palavras, no início de seu pontificado¹⁶ e que, hoje, se fazem ainda mais atuais.

A “vida em plenitude” está na espiritualidade cristã. É se aproximar da relação de amor entre Deus e o ser humano, que busca compreender o processo de comunicação e união de amor entre o cristão e a Santíssima Trindade, sob a ação do Espírito Santo e de como se tem vivido e se apresentado historicamente.¹⁷ A tarefa está envolvida no mistério divino, humanamente inexprimível, mas necessária e vital. A busca de Deus, como meta do

¹⁴ O teólogo italiano Stefano de Fiore descreve algumas tentativas consideradas como mais ou menos acertadas do homem contemporâneo para reconquistar sua espiritualidade: o recurso ao ocultismo, o interesse pela meditação oriental, os movimentos religiosos comunitários e a sensibilidade diante da dimensão transcendente da experiência (Cf. FIORES, Stefano de. *Espiritualidade Contemporânea*. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 341.

¹⁵ Citado por BOFF, Clodovis. *O livro do sentido: Crise e busca de sentido hoje* (parte crítico-analítica), v. 1, p. 519.

¹⁶ BENTO XVI. *Homilia da Santa Missa de Imposição do Pálio e entrega do anel do pescador para o início do ministério petrino do bispo de Roma na Praça de São Pedro*, passim.

¹⁷ O teólogo Manuel Belda, acerca do objeto estudado pela teologia espiritual, assim o define: “La vida espiritual en cuanto proceso progresivo de comunicación y unión de amor entre el hombre y la Santísima Trinidad, bajo la acción santificadora del Espíritu Santo” (BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 11).

movimento humano de perfeição, responde a uma inclinação instintiva que a razão justifica plenamente: Deus é o Ser, e o ser humano se aperfeiçoa Nele e por Ele.¹⁸

O problema que se apresenta é investigar a constituição essencial da expressão *espiritualidade cristã*.¹⁹ Em que consiste, propriamente, a espiritualidade cristã? Qual é sua constituição íntima e essencial? O que significa ter uma vida espiritual? Para responder a essas questões, se faz necessário realizar uma análise panorâmica das verdades e dos elementos essenciais que constituem a base da espiritualidade cristã à luz da fé e do Magistério da Igreja.

A espiritualidade laical é considerada uma modalidade da única e mesma espiritualidade cristã, base insubstituível de toda ulterior especificação.²⁰ Na espiritualidade cristã, existe e se pode falar de uma espiritualidade especificamente secular,²¹ considerando que, em sua acepção geral, há um estilo particular de “caminhar no Espírito”, próprio de uma pessoa ou grupo de pessoas, e tal estilo se dá devido à acentuação de alguns aspectos que melhor respondem à situação particular que aquele grupo ocupa na mesma Igreja.²²

1.1 A NOÇÃO DE ESPIRITUALIDADE

A palavra *espiritualidade* é utilizada com frequência, nos dias de hoje, mas não em sentido unívoco. Possui dimensões e significados diversos segundo o modo de considerá-la na ordem da concepção fundamental da vida e da religião.²³ O termo é antigo, entretanto seu conteúdo específico na teologia espiritual foi percebido, sobretudo, após a década de sessenta.²⁴ Oportuno, por essa razão, esclarecer o que se entende pela palavra, bem como algumas das expressões que têm relação direta com ela, as deformações do conceito e sua concepção na perspectiva bíblica.

¹⁸ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 11.

¹⁹ Nesta pesquisa, o termo *espiritualidade* será sempre utilizado em referência à espiritualidade cristã segundo a doutrina do Magistério da Igreja Católica Apostólica Romana.

²⁰ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 10.

²¹ Sobre a possibilidade de se falar de uma espiritualidade especificamente secular dentro da espiritualidade cristã se ocupará o capítulo terceiro.

²² BRUGNOLI, Pietro. *La espiritualité del laici*, p. 49.

²³ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 9.

²⁴ DUPUY, Michel. *Spiritualité*. In: DERVILLE, A; VILLER, Marcel. *Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*, v. 14, p. 1.142-1.143.

1.1.1 Espiritualidade em geral

Em sentido amplo, a palavra espiritualidade expressa toda a manifestação do espírito humano, toda atividade racional: a arte, a ciência, o culto, a expressão da beleza e da verdade que se realizam e desenvolvem na esfera do espírito.²⁵ Pode adquirir diversos significados como, por exemplo, a qualidade ou caráter daquilo que é espiritual; como sinônimo de piedade realmente adquirida; como ciência que estuda e ensina os princípios da vida espiritual e ainda para denominar as escolas de espiritualidade.²⁶

Para Antonio Royo Marín, a palavra espiritualidade tem relação imediata com a vida espiritual e pode adquirir três sentidos principais: a) como oposta à vida material, a atividade espiritual do homem que pensa, raciocina e ama o diferencia dos animais, cuja alma puramente sensitiva não pode realizar nenhuma das funções espirituais; b) para significar a vida sobrenatural, como distinta da vida puramente natural e, nesse sentido, possui vida espiritual toda alma em estado de graça santificante, seja qual for seu estado de vida; c) para expressar a vida sobrenatural vivida de maneira mais plena e intensa.²⁷

Segundo o uso comum, é próprio da espiritualidade a atividade interior que tem por objeto a conquista dos valores morais do homem, ou seja, a busca da verdade e do esforço para a afirmação do bem: é essencial a toda a espiritualidade o desejo de elevação moral, a busca da perfeição pessoal e, por essa razão, São Paulo contrapõe o homem espiritual – rico na graça e na fé, que julga as coisas à luz de Deus – do homem que se deixa guiar por interesses materiais (cf. 1 Cor 3,1).²⁸ A busca pela perfeição pode inspirar-se em princípios filosóficos, éticos ou de carácter religioso que resulta, assim, numa espiritualidade intelectual, moral ou religiosa. A religiosa consiste na busca da perfeição pessoal mediante uma comunicação, cada vez mais íntima, com a divindade.²⁹

²⁵ Texto original: *Tomada en un sentido amplio expresa cualquier manifestación del espíritu humano, toda actividad racional. El arte, la ciencia, la civilización, el culto, la expresión de la belleza y de la verdad, de cualquier manera que se realicen, se desarrollan en la esfera del Espíritu. La "espiritualidad" religiosa consiste, por lo tanto, en la búsqueda de la perfección personal mediante una comunicación, cada vez más íntima, con la divinidad. No consiste solamente en el conocimiento y el culto de Dios, sino que es una ansia de encuentro personal con El, participando de sus virtudes* (MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 11).

²⁶ MATANIC, Atanasio. *Espiritualid. In: ANCILLI, Ermanno. Diccionario de Espiritualidad*, p. 12-13.

²⁷ Para o autor a vida espiritual, considerada como a vida sobrenatural, é vivida de uma maneira mais plena e intensa ou o homem se dedica a vivê-la com o objetivo e com a maior intensidade possível, é o sentido de vida espiritual adotado ao longo de sua obra *Espiritualidad de los seglares*, que também será adotada ao longo da tese (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 2).

²⁸ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 10.

²⁹ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 11-12.

Considerando a diversidade de significados que ela pode adquirir, é necessário esclarecer, *a priori*, o sentido do termo *espiritualidade*. Nesta pesquisa se usa o mesmo adotado por Antonio Royo Marín, em sua obra *Espiritualidad de los seglares*, que considera a palavra espiritualidade numa relação imediata com a vida espiritual³⁰ para expressar a vida sobrenatural vivida de forma mais plena e intensa.³¹

1.1.2 Espiritualidade na perspectiva bíblica

A palavra espiritualidade não se encontra na Sagrada Escritura como tal, mas apenas expressões análogas que remetem ao seu significado. O termo latino *spiritus* do qual tem origem, traduzido do grego *pneuma*, que provém do hebreu *ruah* – significa ar em movimento, vento e, por extensão, alento, vida.³² O relato bíblico da criação do homem e da mulher indica que “Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). O vento é o sopro de Iahweh que é comunicado ao homem por insuflação divina³³ e assim o ser humano recebe o espírito como uma vida própria que nasce de seu interior e vai mais além do sensível e se desenvolve em conhecimento e amor, em comunicação com os demais, indicando a superioridade do ser humano sobre os animais.³⁴ Todos os seres humanos realizam sua existência com espírito, e, conseqüentemente, têm uma espiritualidade.

No entanto, nas linguagens bíblica e cristã, *spiritus* remete, fundamentalmente, à divindade: Deus é Espírito, vida imanente, vida comunicada ao ser humano no qual se faz presente o Espírito Santo para identificá-lo com Cristo e conduzi-lo à união com o Pai.³⁵ Os conceitos bíblicos – *nefesch*, *ruah*, *pneuma* – indicam que a espiritualidade é sempre o que movimenta o humano em sua vida, a partir do Espírito de Deus, todos os seres humanos recebem um espírito que dá vida, uma misteriosa força que os impulsiona a superar aquilo que são, realizando sua existência com espírito e, conseqüentemente, têm espiritualidade e na

³⁰ Para o autor Michel Depuy a espiritualidade possui conteúdo menos amplo que a vida espiritual e diz respeito, essencialmente, ao pensamento e ao olhar sobre a vida e o objetivo de Deus, que são perspectivas que a Teologia examina (Cf. DUPUY, Michel. *Spiritualité*. In: DERVILLE, A; VILLER, Marcel. *Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*, v. 14, p. 1164)

³¹ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 2.

³² BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de espiritualidad laical*, p. 4.

³³ McKENZIE, John L. *Espírito*. In: McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 277.

³⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de espiritualidad laical*, p. 4.

³⁵ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de espiritualidad laical*, p. 4.

linguagem bíblica e cristã espírito remete a divindade: Deus é Espírito, vida comunicada ao homem no Espírito Santo para identifica-lo com Cristo e conduzi-lo a união filial com o Pai.³⁶

Em São Paulo, encontra-se o uso do adjetivo espiritual para se referir ao homem novo, regenerado por Cristo e vivificado pelo Espírito Santo que vive uma vida nova. O cristão, despojado do homem velho, se transforma em um ser humano espiritual (cf. 1 Cor 2,14s; 3,1; e Gl 6,1). A partir do uso paulino, dá-se a substantivação do adjetivo espiritual em *spiritualitas*, como a qualidade do que é espiritual. A primeira menção ao termo *spiritualitas*, como qualidade do que é espiritual, acontece em uma carta pseudo-jerónima (*De scientia divinae legis*: PL 30, 105-116), de autoria de Pelágio a um de seus discípulos, exortando o adulto recém-batizado a levar uma vida cristã autêntica.³⁷

A definição genérica de espiritualidade como vida espiritual (vida suscitada e dada pelo Espírito Santo) adquire contornos se for considerada no contexto das afirmações do Antigo e do Novo Testamento sobre o Espírito de Deus, como se observa nas perícopes a seguir: a) na ação poderosa do espírito que se manifesta na criação e na história de Israel (cf. Gl 3, 1s); b) em Ezequiel quando fala da transformação interior, de um Espírito novo (Ez 36, 25-27); c) na perspectiva de São João que considera a morte e a ressurreição do Filho de Deus como efusão do Espírito sobre aqueles que creem em Cristo (cf. Jn 7,39;19,30;20,22), pois, no Espírito Santo, o Senhor ressuscitado está presente e operante de modo permanente; d) pelo Espírito Santo no Batismo que torna o cristão parte de um só corpo (cf. Cor 12,13); e) pelo Paráclito que torna possível uma nova experiência e uma nova compreensão da realidade de Cristo (cf. Jn 14, 26; 15,26; 16,8-14); f) pelo Espírito que concede a liberdade (cf. 2Cor 3,17), livra do pecado e da morte (cf. Rm 8,2), e g) concede paz e alegria (cf. Rm 14,17;15,13) e pelo maior dom do Espírito que é o amor (1Cor 12, 31-14,1; Gl 5,22 ss).

As alusões bíblicas à experiência do Espírito pelos primeiros cristãos oferecem uma chave de leitura para a compreensão do termo espiritualidade a partir de expressões análogas na perspectiva bíblica, as quais remetem ao seu significado. Por um lado, significa que o batizado está totalmente envolvido no acontecimento de Cristo e, por outro, que a ação salvífica de Deus, mediante Cristo no Espírito Santo, torna-se nele completamente operante e eficaz. Significa viver em plenitude a realidade de Deus, que Jesus Cristo revelou e tornou acessível. A espiritualidade, assim, é tanto a vida que é dada pelo Espírito Santo quanto o

³⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: curso de espiritualidad laical, p. 4.

³⁷ Do contexto se deduz a responsabilidade do batizado em sua santificação: o cristão, com a graça recebida, deve procurar progredir em espiritualidade, em uma vida segundo o Espírito, para não perder, por imprudência ou negligência, o bem que recebeu. Em outras palavras, o substantivo *espiritualidade* nasce para expressar uma vida cristã intensamente vivida (Cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: curso de espiritualidad laical, p. 4-5).

deixar-se ser amado pelo amor que Deus dá. Aquela vivida por pessoas transformadas é vida espiritual porque é obra do Espírito.³⁸

A existência cristã, como modo de ser cristão, está marcada por dimensões constitutivas e um desenvolvimento os quais ajudam a compreender e a aprofundar sua vivência.

1.1.3 Espiritualidade cristã

Não oferece maior dificuldade precisar o sentido estrito de espiritualidade cristã.³⁹ A espiritualidade cristã é considerada uma reflexão teológica sobre a vida espiritual do cristão.⁴⁰ É uma vida vivida e, por isso, se fala de uma vida espiritual.⁴¹ Para Santo Ireneu a vida espiritual do cristão deve ser considerada uma vida no Espírito que leva à transformação do fiel:

Todos aqueles que temem a Deus, que acreditam na vinda de seu Filho e que, por meio da fé, hospedam em seus corações o Espírito de Deus, merecem ser chamados puros, espirituais e viventes para Deus, uma vez que têm o Espírito do Pai que purifica o homem e o eleva à vida de Deus.⁴²

Para o autor, todo o homem, corpo e alma, pela posse do Espírito é introduzido em uma nova vida, onde toda sua existência é informada pela fé operante por meio da caridade.⁴³

A espiritualidade cristã proposta nesta tese, em linhas gerais, tem como objeto de reflexão essa “vida vivida”, que é vida suscitada e dada pelo Espírito Santo, desde o ponto de vista teológico e que adquire forma no contexto bíblico.

Assevera Albino Marchetti quanto à espiritualidade cristã que o termo possui significado preciso e, de certa forma, restrito: “a espiritualidade religiosa consiste, portanto, na busca de perfeição pessoal mediante uma comunicação cada vez mais íntima com a divindade. Não consiste, apenas, no conhecimento de e no culto a Deus, mas é desejo de um encontro pessoal com Ele participando de suas virtudes”.⁴⁴

³⁸ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 17-18.

³⁹ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 3.

⁴⁰ MARTI, Pablo. *La espiritualidad cristiana en el Concilio Vaticano II*, p. 422-423.

⁴¹ Na tese, a opção foi utilizar a expressão *vida espiritual* como sinônimo de *espiritualidade cristã*. Além de terem relação imediata uma com a outra, também são consideradas noções análogas (Cf. BERNARD, Charles André. *Teologia espiritual: hacia la plenitud de la vida en el Espíritu*, p. 30).

⁴² SANTO IRENEU. *Contra as heresias*, p. 108-110.

⁴³ BERNARD, Charles André. *Introdução à Teologia Espiritual*, p. 143.

⁴⁴ Texto original: *La espiritualidad religiosa consiste, por lo tanto, en la búsqueda de la perfección personal mediante una comunicación, cada vez mas íntima, con la divinidad. No consiste solamente en el*

Segundo o verbete do *Dictionnaire de spiritualité*,⁴⁵ a elucidação do conceito suscitou múltiplos estudos após 1960, época em que se buscou definir o caráter específico da teologia espiritual, também chamada teologia da espiritualidade.⁴⁶ Dentre os estudos, prioriza três autores: Hans Urs von Balthasar; Bernhard Fraling; e Josef Sudbrack, e considera que a novidade comum está no acento conferido à forma de realização da espiritualidade: a espiritualidade é sempre considerada uma atitude interior e pessoal do ser humano, sob a ação do Espírito Santo e orientada “ao seguimento de Cristo” (ao menos no meio cristão). Essa atitude deve ser manifestada na vida da Igreja e na sociedade, bem como, adaptada às condições históricas. O autor do verbete descreve a espiritualidade como um olhar reflexivo sobre a vida espiritual, como uma visão sintética.⁴⁷

Para Antonio Royo Marín, a palavra espiritualidade possui relação imediata com a vida espiritual⁴⁸ e, em sentido estrito, significa o modo de viver característico de um cristão que busca alcançar sua plena perfeição sobrenatural, ou seja, a plena configuração com a pessoa de Jesus Cristo na medida e no grau predestinados para cada um.⁴⁹

Josef Weismayer, na obra intitulada *Vida cristiana en plenitud*, fruto da atividade docente no Departamento de Teologia Espiritual da Universidade de Viena, analisa o modo como alguns teólogos descrevem a espiritualidade⁵⁰ e conclui que, apesar das diferenças de acento e expressão, existe, entre eles, uma característica em comum: a espiritualidade é a vida com Cristo, no Espírito Santo. Para ele, tal vida se expressa tanto no aspecto pessoal, graças à ação eficaz do Espírito Santo, quanto no aspecto de inserção na comunhão eclesial, visto que

conocimiento y el culto de Dios, sino que es una ansia de encuentro personal con El participando de sus virtudes (MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 11).

⁴⁵ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de Teologia ascetica*, p. 16.

⁴⁶ O conceito de *espiritualidade* é recente na doutrina teológica (Cf. BALTHASAR, Hans Urs von. *El Evangelio y la espiritualidade*, p. 7).

⁴⁷ O autor Michel Dupuy, tratando de passar da vida espiritual para a espiritualidade, afirma que esta última tem conteúdo menos amplo que a primeira e diz respeito essencialmente ao pensamento e ao olhar sobre a vida e o objetivo de Deus, que são perspectivas que a teologia examina (Cf. DUPUY, Michel. *Spiritualité*. In: DERVILLE, A; VILLER, Marcel. *Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*, v. 14, p. 1164)

⁴⁸ O sentido dado por esse autor para vida espiritual é a “*vida sobrenatural vivida de una manera más plena e intensa. Y así hablamos de espiritualidad o de persona espiritual para significar la ciencia que trata de las cosas relativas a la espiritualidad cristiana, o el hombre que se dedica a vivirla de intento y con la mayor intensidad posible. Este es el sentido que tendrá siempre a todo lo largo de nuestra obra*” (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 2).

⁴⁹ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 3-4.

⁵⁰ Os autores estudados por Josef Weismayer (Cf. WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 22-24) para chegar a encontrar algumas das definições teológicas acerca da espiritualidade cristã são: Hans von Balthasar, Josef Sudbrack, Bernhard Fraling e Anton Rotzetter. Esses são os mesmos autores citados por Dupuy (DUPUY, Michel. *Spiritualité*. In: DERVILLE, A; VILLER, Marcel. *Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*, v.14, p. 1.142-1.174).

a espiritualidade necessita de tradução concreta na situação humana e real em que cada ser humano é chamado a viver.⁵¹

O autor, prosseguindo sobre o conceito de espiritualidade, cita algumas narrativas bíblicas sobre a experiência do Espírito, realizada pelos primeiros cristãos, como chave de leitura para a compreensão do termo espiritualidade. Trata-se de um modo de viver, em plenitude, a realidade de Deus que foi desvelada e se tornou possível em Jesus Cristo. A espiritualidade é tanto a vida que é dada no Espírito Santo quanto o deixar-se aferrar por esse amor de Deus que se dá; dito de outra forma: é vida espiritual porque é obra do Espírito e é vivida por pessoas transformadas.⁵²

Para Charles André Bernard, a noção de vida espiritual e, portanto, a de espiritualidade, são noções análogas.⁵³ Partindo da consideração de que da noção da vida espiritual se passa a da vida interior, se pode dizer que, na noção de ambas (vida espiritual/interior e espiritualidade), se coloca em relevo, ao mesmo tempo, “a vida em sentido subjetivo, ou seja, como princípio *interno* de ação, e a *vida* em sentido objetivo (*bíos*), ou seja, a existência humana em sua dimensão externa”.⁵⁴

Sobre o termo espiritualidade, diz-se que, dificilmente, é possível dar uma definição universalmente aceitável e, de fato, existem muitas.⁵⁵ Não soa exagerado dizer que cada autor concebe sua própria definição.⁵⁶ A. G. Matanic, por exemplo, define espiritualidade como um particular serviço cristão a Deus, que acentua determinadas verdades da fé, prefere algumas virtudes segundo o exemplo de Cristo, persegue um fim secundário específico e se serve de particulares meios e práticas de piedade, mostrando, às vezes, notas distintivas características.⁵⁷

Para A. G. Matanic, existem duas noções centrais para se compreender a espiritualidade: primeiramente, a definição de espiritualidade como uma realidade; e segundo, como ciência, ou seja, primeiro se vive e depois se estuda ou se ensina a vida dada por Deus ao cristão, sem que ocorra distinção entre a literatura espiritual e a prática de espiritualidade.

⁵¹ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 24.

⁵² WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 18.

⁵³ BERNARD, Charles André. *Teologia espiritual: hacia la plenitud de la vida en el Espíritu*, p. 30.

⁵⁴ Texto original: *Con esta expresión se pone de relieve, ao mesmo tempo, la vida en sentido subjetivo, es decir, como principio interno de acción, y la vida en sentido objetivo (bíos), es decir, la existencia humana en su dimensión externa* (BERNARD, Charles André. *Teologia Espiritual: hacia la plenitud de la vida en el Espíritu*, p. 30).

⁵⁵ MATANIC, Atanasio. *La spiritualité come scienza: introduzione metodologica allo studio della vita spirituale cristiana*, p. 39.

⁵⁶ MATANIC, Atanasio. *Espiritualid. In: ANCILLI, Ermanno. Diccionario de Espiritualidad*, p. 13.

⁵⁷ MATANIC, Atanasio. *Espiritualid. In: ANCILLI, Ermanno. Diccionario de Espiritualidad*, p. 13.

A literatura espiritual seria a expressão de uma prática e a experiência espiritual visível.⁵⁸ A espiritualidade, assim, é vista como a expressão do ser cristão. Nesse sentido, assevera Gustavo Gutiérrez a respeito da espiritualidade cristã: “Para dizer a verdade, nossa metodologia é a nossa espiritualidade. E não há nada de surpreendente nisto. Método deriva de *hodos*, caminho.”⁵⁹

É possível afirmar que o conceito de espiritualidade (como uma atitude básica, prática ou existencial própria do ser humano é a consequência e a expressão de sua visão religiosa da existência) é caracterizado como uma conformidade atual e habitual da vida do cristão a partir de sua visão que corresponde a uma decisão objetiva e última.⁶⁰

Apesar das diferenças de acento e expressão entre os autores citados, se ressaltam alguns aspectos a serem considerados para a descrição da espiritualidade cristã:

- a) Espiritualidade e vida espiritual estão intimamente relacionadas, a tal ponto de serem consideradas como noções análogas. A espiritualidade é vista como a reflexão teológica sobre a vida espiritual-cristã tanto em sentido interior (relação do homem com Deus) como exterior (expressão de uma realidade interna);
- b) A espiritualidade tem necessidade de ser traduzida de forma concreta na situação que cada pessoa humana é chamada a viver. É vida de comunhão tanto na dimensão vertical (vida em Cristo no Espírito Santo) quanto na dimensão horizontal. Em outras palavras, a espiritualidade expressa tanto a vida em sentido subjetivo como princípio interno de ação em resposta a um dom de Deus como vida em sentido objetivo (*bíos*) para se referir à existência humana em sua dimensão externa;
- c) A espiritualidade é vista como o modo de viver característico do cristão através de Cristo no Espírito Santo e busca alcançar a plena perfeição sobrenatural, ou seja, a plena configuração com Jesus Cristo que é amor. É um caminho de perfeição no amor, ou seja, a santidade do ser humano em toda sua integridade; e
- d) A espiritualidade é uma realidade que precisa ser experimentada e vivida interna e externamente para, somente então, ser estudada e ensinada, como aduz Hans Urs von Balthasar: “O Espírito quer ser realizado.”⁶¹

⁵⁸ MATANIC, Atanasio. *La spiritualité come scienza: introduzione metodologica allo studio della vita spirituale cristiana*, p. 43.

⁵⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber do próprio poço: itinerário espiritual de um povo*, p. 150.

⁶⁰ BALTHASAR, Hans Urs von. *El Evangelio y la espiritualidade*, p. 7.

⁶¹ BALTHASAR, Hans Urs von. *El Evangelio y la espiritualidade*, p. 14.

Não há uma definição universalmente consensual do termo espiritualidade,⁶² entretanto, é possível identificar duas notas que caracterizam a vida espiritual, a saber: a) a conjunção da vida espiritual, da vida interior e da vida do cristão, mesmo que isso não seja algo exclusivo da vida cristã; e b) é um dom gratuito, fruto da iniciativa divina, que eleva o ser humano ao nível sobrenatural. É a surpresa de se encontrar com Deus que é amor e que chama a uma relação pessoal.⁶³ Dito isso, faz-se necessário esclarecer o significado dos conceitos: vida espiritual, vida interior e vida religiosa, para a compreensão da espiritualidade e também porque as semelhanças no vocabulário podem favorecer uma confusão.

1.1.4 Vida interior, vida espiritual e vida religiosa

As expressões vida interior, vida espiritual e vida religiosa, apesar de serem próximas e de se integrarem de maneira harmônica, não coincidem. A distinção contribuirá para uma melhor compreensão do conceito de espiritualidade, já que estão relacionadas. Importante é ressaltar que a vida espiritual mantém uma relação direta com a vida interior e com a vida religiosa.

A vida espiritual se concebe quando a vida interior (pensamento, vontade, universo de representações) não se desenvolve isoladamente, mas com a consciência de uma realidade espiritual, ou seja, uma realidade além da consciência do indivíduo. Essa realidade espiritual não é, necessariamente, considerada como divina se o espírito é apenas conhecido como algo (abstrato e impessoal) e não como alguém (concreto e pessoal). Quando esse espírito é reconhecido como alguém, então a vida espiritual vai se tornar também uma vida religiosa. Caso contrário, por mais superior ou profunda que chegar a ser a vida espiritual, não será uma vida religiosa como tal, pois a vida interior tende a se desenvolver em uma vida espiritual que, por sua vez, é orientada para uma forma de vida religiosa.⁶⁴

Nesse sentido, o cristianismo aparece como uma forma de vida espiritual na qual a relação mais pessoal e mais íntima se produz com um Deus – pessoal em sua relação transcendente – em uma relação plenamente reconhecida e cultivada. Para os cristãos, Deus não é só uma pessoa, mas é pessoal por excelência e é sobre essa realidade que se desenvolve sua espiritualidade.⁶⁵

⁶² MATANIC, Atanasio. Espiritualidad. In: ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de espiritualidad*, p. 13.

⁶³ MARTI, Pablo. Vida espiritual. In: IZQUIERDO, César; BURGGRAF, Jutta; AROCENA, Feliz Maria; BRUGORALAS, Miguel (org.). *Diccionario de Teologia*, p. 1.034.

⁶⁴ BOUYER, Louis. *Introduzione a la vita spirituale*, p. 16-18.

⁶⁵ BOUYER, Louis. *Introduzione a la vita spirituale*, p. 22.

Na mesma perspectiva, para Charles André Bernard, espiritualidade e vida espiritual são noções análogas que implicam uma vida na presença do Espírito Santo que intervém de duas formas: a) introduzindo, na verdade total de Cristo, um sentido autêntico para ser concretizado na vida humana; e b) conduzindo a realização da vocação pessoal com a configuração no tempo, realizado por meio do Espírito, da existência ideal tal como a concebe Deus desde toda a eternidade.⁶⁶ Portanto, é possível, então, afirmar que a espiritualidade, como a apropriação pessoal da fé, é vida interior e espiritual que também é uma vida religiosa.

A precisão de conceitos é necessária para compreender a autêntica espiritualidade diante do atual contexto plural religioso, do desconhecimento e da crise de Deus de nosso tempo que atinge muitos crentes, inclusive, no interior da Igreja.⁶⁷

1.1.5 Deformações do conceito de espiritualidade cristã

Oportuno é identificar o que seriam consideradas deformações do conceito ou formas falsas de espiritualidade. Segundo correntes contemporâneas de espiritualidade, se está gestando novas formas de espiritualidade mais incisivas e de acordo com a sensibilidade religiosa do ser humano de hoje, ou seja, com sua integração à vida.⁶⁸ No entanto, em algumas situações, essas novas formas distanciam-se da autêntica espiritualidade cristã.

Partindo desse pressuposto e dos fundamentos teológicos elencados, considera-se que a autêntica espiritualidade cristã difere, substancialmente, de qualquer tipo de espiritualidade de evasão e das espiritualidades do tipo dualistas. A crítica da religião como “ópio do povo”, a descoberta bíblica da revelação, como um acontecimento na história, e o decorrente compromisso social decorrente do amor fraterno são incompatíveis com uma espiritualidade cristã de atitude passiva e desvinculada do destino histórico do ser humano, pois uma espiritualidade não ancorada na história apresenta-se como uma ideologia.⁶⁹

São consideradas deformações do conceito toda espiritualidade com procedimento dualista e incapaz de unificar os diversos aspectos da salvação e perfeição cristãs com o ser humano no compromisso com o mundo. A espiritualidade deve libertar-se do individualismo

⁶⁶ Texto original: [...] *configuración en el tiempo, realizada por medio del Espíritu, de nuestra existencia ideal tal como la concibe Dios desde toda la eternidad* (BERNARD, Charles André. *Teologia espiritual: hacia la plenitud de la vida en el espíritu*, p. 30 e 62).

⁶⁷ Sobre a crise religiosa e a crise de Deus, ver VELASCO, Martin Juan. *Ser crente hoje*, p. 76.

⁶⁸ GARCIA, Ciro. *Teologia Espiritual Contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 7.

⁶⁹ Para a redação dessa secção, se utilizou o verbete de FIORES, Stefano de. *Espiritualidade Contemporânea. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). Dicionário de Espiritualidade*, p. 340.

que reduz o itinerário do cristão a um conjunto de práticas piedosas e de atos de culto, apenas como caminho de interioridade dirigido ao aperfeiçoamento do indivíduo e separado do momento histórico; em outras palavras, é necessário fundir culto com vida, interioridade com compromisso social, união com Deus e comunhão eclesial.

Outrossim, a espiritualidade cristã deve estar livre de uma antropologia dualista que demonstre dar prioridade à alma em detrimento do corpo. É necessário voltar a descobrir a função do corpo na vida espiritual e integrá-lo no processo salvífico. Parafraseando José Tolentino Mendonça, o corpo é “a gramática de Deus”, pois é necessária “uma visão unitária do ser humano, em que o corpo não é visto nunca como um revestimento exterior do princípio espiritual ou como uma prisão da alma [...], o corpo exprime a imagem e semelhança de Deus”.⁷⁰

Por outro lado, a autêntica espiritualidade cristã não se identifica com projeções que coloquem, exclusivamente, no além, a salvação e o Reino de Deus. As realidades últimas não devem anular, mas apoiar e sustentar o empenho cristão histórico diante da salvação integral, isto é, viver a espiritualidade no cotidiano.

O sobrenaturalismo e a tendência monofísista são considerados formas falsas de espiritualidade cristã. Nessas situações, anula-se o elemento humano sob o pretexto de fazer triunfar a graça divina. Entretanto, diferentemente dessas concepções, para experimentar a genuína espiritualidade cristã, faz-se necessário deixar de pensar em Deus e no ser humano em termos de dualidade e rivalidade, mas como uma única realidade de amor – espiritualidade unitária e criativa – segundo a qual a espiritualidade cristã promove o ser humano para fazê-lo triunfar na vida, embora sem esquecer o esforço que deve haver por parte do mesmo.

Tais aspectos que dizem respeito a espiritualidades de evasão e dualistas devem ser considerados e evitados. É preciso revelar uma espiritualidade de compromisso com o mundo que tenha a santidade e o caráter teológico da secularidade como seu eixo principal. Sobre o perigo em viver uma espiritualidade de evasão hoje, querendo viver uma espiritualidade da época de Filoteia,⁷¹ cita-se Stefano De Fiores

Em outras palavras, acabou-se o tempo em que podíamos consentir em “viver a espiritualidade de Filoteia, afastados deste mundo do trabalho e da hominização do mundo”; todos, e especialmente os que têm determinada experiência de fé, devem

⁷⁰ MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante*, p. 11.

⁷¹ Na *Filoteia*, destinatária ideal da sua *Introdução à vida devota* (1607), Francisco de Sales dirige um convite que, nessa época, podia parecer revolucionário, qual seja, o de “pertencer completamente a Deus, vivendo em plenitude a presença no mundo e as tarefas de sua condição” e, assim, “nascia o apelo aos leigos com a consagração das realidades temporais e pela santificação da vida diária, sobre a qual insistirão, depois, o Concílio Vaticano II e a espiritualidade do nosso tempo.” (BENTO XVI. *Audiência Geral*, p. 3-5).

sentir-se empenhados na obra da construção do mundo para a edificação de um futuro melhor. Se não quisermos reduzir a religião à alienação e a luxo inútil e provocante, será preciso que ela anime as realidades que parecem menos sagradas e mais vulgares.⁷²

A seguir, estudar-se-ão os pressupostos dessa vida com Cristo no Espírito Santo, vida que deve ser acolhida e vivida plenamente pelo batizado e, por meio da qual se participa da vida de Deus.⁷³

1.2 DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

A Teologia é uma ciência que busca penetrar, respeitosamente, nos mistérios da fé.⁷⁴ Nessa experiência, depara-se com a realidade fundamental de que Deus é amor, e que o encontro com Ele é a única resposta para as inquietações do coração humano.⁷⁵ Nesse encontro, se revela a espiritualidade como vida que Deus comunica e que faz o ser humano participar da vida em Deus, vivendo em Cristo e caminhando no Espírito.⁷⁶

Essa vida a que todo batizado é chamado a viver e a acolher, conscientemente, em sua própria situação e que integra os mistérios da fé, conota alguns pressupostos que caracterizam a espiritualidade não como um estado, mas como um modo de viver característico do cristão. Apesar de existirem diversas formas de viver a mesma vida cristã que pode ser segundo o estado de vida de cada cristão (sacerdote, consagrado, ou fiel leigo), as diferentes modalidades serão apenas aspectos sobrepostos ao esquema básico e comum a todos nas linhas fundamentais da espiritualidade cristã.⁷⁷

Não se observa uniformidade na doutrina teológica quanto à nomenclatura e à forma de descrever os principais elementos que caracterizam a espiritualidade cristã. Assim, considerando a espiritualidade cristã como o modo de viver característico de um cristão que trata de alcançar sua plena perfeição sobrenatural, ou seja, chegar à plena configuração com Cristo na medida e no grau predestinados para cada um,⁷⁸ optou-se pela descrição que parece

⁷² FIORES, Stefano de. *Espiritualidade Contemporânea*. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 352.

⁷³ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 29.

⁷⁴ ESQUERDA BIFET, Juan. *Caminar en el amor: Dinamismo de la vida espiritual*, p. 22.

⁷⁵ Santo Agostinho citado pelo Papa Bento XVI (RATZINGER, Joseph. *Os Padres da Igreja: de Clemente de Alexandria a Santo Agostinho*, p. 228).

⁷⁶ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 83.

⁷⁷ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 5.

⁷⁸ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 3.

abarcam os principais elementos da vida espiritual e que se encontra na maioria dos autores consultados.⁷⁹

Com a simplificação que acompanha toda a afirmação de caráter esquemático, serão considerados, nesta pesquisa como pressupostos da vida espiritual: a) a comunicação de Deus ao homem (a comunhão com Deus); b) o homem sujeito com o qual Deus se comunica; e c) a vocação como elemento configurador da existência cristã.

1.2.1 A comunicação por parte de Deus

O primeiro e mais radical dos pressupostos da vida espiritual é a vida que Deus comunica ou a comunhão com Deus: vida que se desenvolve no espírito humano ao descobrir-se amado por um Deus que o chama e o introduz na sua intimidade divina para enfrentar a existência em diálogo com Ele de forma gratuita e amorosa.⁸⁰ A realidade do amor e da comunicação de Deus com o ser humano, como pressuposto básico da vida espiritual, fundamenta-se não só na proximidade divina, como também, na consciência da presença de Deus no interior do próprio espírito, onde se desenvolve uma relação íntima e de comunhão com Ele.⁸¹ Mas o que significa afirmar que Deus habita no humano?

Para José Luis Illanes, os textos bíblicos empregam o termo *habitar* e seus equivalentes situando-o no contexto do amor de Deus que não só se dá a conhecer, mas que habita na pessoa: “A inabitación de que falam as Escrituras implica o comunicar-se íntimo e pessoal de um Deus vivo que se faz presente no homem para fazê-lo participar de sua vida e para convidá-lo a afrontar sua existência em comunhão e em diálogo com Ele.”⁸² Assim, anuncia o evangelista São João: “Respondeu-lhe Jesus: ‘Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada’” (Jo 14,23).

Sobre a presença misteriosa de Deus que pode ser reconhecida e descoberta no íntimo do ser humano, comenta Bento XVI sobre a intensidade com que foi experimentada por Santo Agostinho:

⁷⁹ O esquema adotado foi o de José Luis Illanes em sua obra *Tratado de Teologia Espiritual*, que parece contemplar os demais autores no que tange à temática dos pressupostos ou dimensões constitutivas da vida espiritual.

⁸⁰ ILLANES, José Luis, *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 83.

⁸¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 87-88.

⁸² Texto original: *la inabitación de que habla la Escritura implica el comunicarse íntimo y personal de un Dios vivo que se hace presente en el hombre para hacerle participar de su vida e invitarle a afrontar la existencia en comunión y en diálogo con Él.* (ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 100).

Não saís de ti – afirma o convertido – mas volta para dentro de ti mesmo; a verdade habita no íntimo do homem; e se achares que a tua natureza é mutável, então transcende a ti mesmo. Mas lembra-te, quando transcendes a ti mesmo, transcendes a uma alma que raciocina. Permanece lá, pois, onde se ascende a luz da razão” (*A verdadeira religião*, 39, 72). Exatamente como ele próprio ressalta, com uma afirmação muito conhecida, no início das *Confissões*, autobiografia espiritual escrita para o louvor de Deus: fizeste-nos para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti (I,1,1).⁸³

Para Gustave Thils é oportuno fazer uso das imagens simples e extraordinárias dadas pelos teólogos dos primeiros séculos para a compreensão da realidade da inabitação. Esses, ao tratar sobre o *habitar* divino na alma humana, utilizavam a imagem de uma barra de ferro que, ao ser colocada no fogo, com o tempo, fica resplandecente, luminosa, de cor vermelho-vivo e vai adquirindo, de todas as maneiras, a qualidade do fogo a tal ponto de não ser mais capaz de se distinguir deste. Entretanto, segue sendo a mesma barra de ferro, mas totalmente diversa. Da mesma forma, o dom da vida divina transforma interiormente, fazendo o ser humano *semelhante a Deus*, mas essencialmente distintos. Mesmo sem se converter em Deus, o ser humano é transformado à sua imagem e se torna semelhante a Ele.⁸⁴

O caminho que configura a vida espiritual de união com Deus possui diferentes acentuações que podem colocar em relevo um ou outro aspecto dessa realidade. Todas consideradas formas fundamentais de uma única vida espiritual, na qual ora é acentuado o caminho de união com Deus, ora o seguimento de Cristo e ora a vida no Espírito Santo.

Entretanto, se ratifica: são todas dimensões de uma mesma realidade da união com Deus: mediante Cristo, no Espírito Santo, se tem acesso ao Pai, e essa é a configuração fundamental da vida cristã segundo São Paulo (Ef 2,18).⁸⁵ São formas distintas e fundamentais de realização autêntica da vida espiritual quando cada uma delas inclui, também, a outra.⁸⁶

A espiritualidade, como vida no Espírito Santo, não pode ser pensada sem o acesso à realidade de Deus que foi dado *em e por* Jesus Cristo que manifesta, com suas próprias

⁸³ RATZINGER, Joseph. *Os Padres da Igreja: de Clemente de Alexandria a Santo Agostinho*, p. 212.

⁸⁴ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de Teologia ascetica*, p. 15. O conceito ocidental de pessoa está total e essencialmente marcado pela revelação bíblica de Deus. Mesmo na tradição filosófica, se descobriu que o homem é um indivíduo espiritual caracterizado pela posse de si e pela reflexão pessoal, pela livre disposição de si e a responsabilidade moral. É uma ideia muito antiga a noção de homem de si mesmo relacionado à sua fé e à correspondente noção de Deus, de certo modo o homem descobre, *indiretamente*, quem é através da experiência e do conhecimento do divino: a imagem de Deus e a imagem do homem se correspondem de maneira muito próxima (Cf. GRESHAKE, Gisbert. *Creer en el Dios uno y trino: una clave para entenderlo*, p. 39).

⁸⁵ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 48.

⁸⁶ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 48.

palavras, “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14, 6).

A espiritualidade do cristão se fundamenta, primeiramente, no mistério da comunhão com o Deus Pai que não só se dá a conhecer, mas que quer habitar o espírito humano.⁸⁷ Ao saber-se amado por um Deus, que o faz participar de sua intimidade divina, o ser humano é convidado a enfrentar a existência com Ele. É vida não só de comunicação, mas de união.⁸⁸

A vida espiritual, portanto, é um acontecimento dialógico:⁸⁹ de um lado, a autodoação de Deus aos seres humanos e, de outro, a resposta humana à autocomunicação de Deus, por Jesus Cristo no Espírito Santo. A vida espiritual é um processo no qual o humano criado à imagem e semelhança de Deus, abre progressivamente seu espírito pela fé, esperança e a caridade à autocomunicação divina. Cresce em união com Deus e a partir dessa união, enfrenta o conjunto de seu viver.⁹⁰

Sendo um acontecimento dialógico, se desenvolve no horizonte da autocomunicação de Deus – que é quem convida a participar do mistério do seu viver trinitário – é um convite que dirige a todo ser humano para entrar em relação pessoal com Deus e enfrentar a própria vida com a consciência da missão que nasce do desígnio divino a que todos são chamados.⁹¹

O processo dialógico da vida espiritual se estrutura com referência a dois pontos: o dom divino e a resposta humana, graça e liberdade, já que Deus não quer escravos, mas amigos (cf. Jo 15,15). É dom, pois Deus não só chama o ser humano, mas o eleva até Ele com sua graça, dando-lhe, com as virtudes teologais, a capacidade de participar de seu conhecimento e de seu amor e, logo, de sua vida divina. É igualmente tarefa porque esse dom se transforma em vida na medida em que é pessoal e livremente assumido pelo ser humano.

⁸⁷ O caráter específico da vida espiritual católica é dado por uma precisão adicional e essencial, isto é, Deus não apenas falou efetivamente na pessoa de Cristo (como também aos protestantes), mas continua a falar novamente, sempre em Cristo *através da e na Igreja*. O fato primordial é o ingresso de Deus na vida do homem não concebido como uma ideia (algo meramente racional), mas como presença viva que não só se comunica (Cf. BOUYER, Louis. *Introduzione a la vita spirituale*, p. 21-23).

⁸⁸ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 83.

⁸⁹ Aduz G. Greshake que Deus é uma pessoa (transcendente) que sai de seu ocultamento divino e dirige a palavra ao ser humano. Assim, citando R. Panikar, ele diz que é alguém com quem se pode falar, estabelecer um diálogo, entrar em comunhão com o divino tu que está em relação, ou melhor, que é a relação com o homem e um dos polos da existência total. Ao ter se aproximado e se revelado ao ser humano, pode-se perceber sua palavra e sua instrução, dar-lhe nome, confiar em sua atividade criadora e salvífica e crer em sua promessa, segundo a qual todos e o mundo inteiro podem, eternamente, viver em comunhão com Ele (Cf. GRESHAKE, Gisbert. *Creer en el Dios uno y trino: una clave para entenderlo*, p. 39).

⁹⁰ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 399.

⁹¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 155.

1.2.2 O ser humano como sujeito da comunicação de Deus

A comunicação de Deus está dirigida ao ser humano considerado como o sujeito da vida espiritual. Por essa razão, é basilar considerar as características do ser capaz de receber essa comunicação, quando surgem algumas perguntas: *Como está constituído o ser humano para receber a comunicação divina? Como o ser humano se abre a essa comunicação divina?*

Para responder à primeira pergunta, deve-se levar em conta um dos pontos centrais da antropologia teológica, isto é, a realidade do ser humano como ser criado à imagem de Deus (Gn 1, 26-27), porque, assim como Deus, o humano também é espírito, é dotado de inteligência e vontade, capaz de conhecer e de amar e, logo, capaz de transcender a materialidade, o espaço e o tempo.⁹² E, porque o ser humano é também espírito, pode conhecer a Deus, saber de Deus, relacionar-se com Deus e é chamado à união com Deus, mas não se identifica com Ele.⁹³

Faz parte da essência humana certa ânsia de elevação. Consciente de sua própria limitação, o humano se aproxima da divindade buscando encontrar aquilo que falta à sua própria natureza, uma espécie de integração entre um grau de nobreza e de pureza interior impossível de alcançar com os recursos próprios.⁹⁴

De outro lado, como capacidade de resposta do ser humano à autocomunicação de Deus por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo, encontram-se os atos fundamentais da vida espiritual, ou seja, o exercício das virtudes teologais, eis que, pela prática das mesmas, se realiza a vida cristã.⁹⁵ As virtudes teologais são consideradas um princípio operativo da graça santificante, que transforma interiormente o ser humano e que deve crescer sempre, tornando-o capaz de se abrir à comunicação e à união divina.⁹⁶ O exercício concreto das virtudes é o que torna o ser humano capaz de adquirir a liberdade interior para responder à autocomunicação de Deus com sua própria vida. A maturidade do cristão está na sua capacidade de viver da fé, da esperança e do amor.

A vida teologal é considerada uma das dimensões constitutivas da santidade cristã juntamente com o cumprimento perfeito da vocação temporal vista não apenas como

⁹² ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 111.

⁹³ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de Teologia ascetica*, p. 15.

⁹⁴ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 3.

⁹⁵ A palavra *virtude* deriva do termo em latim *virtus* que significa força.

⁹⁶ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 49.

indispensável ou necessária, mas como essencial.⁹⁷ A existência cristã (como uma existência de fé) significa submeter-se totalmente a Deus,⁹⁸ a partir da decisão que corresponde a uma atitude fundamental de contínuos atos concretos de fé, adesão voluntária da liberdade humana à Palavra de Deus o que exige esforço.

A esperança (como parte fundamental da vida espiritual) está unida, de modo inseparável, à fé que se orienta a Deus confiando Nele, pois Deus é maior que qualquer obstáculo que se possa encontrar no caminho.⁹⁹ É mais fácil inquietar-se, desencorajar-se, amedrontar-se do que esperar em Deus. Esperar é ter confiança, e essa palavra denota uma ação voluntária que não deixa lugar à passividade.

A virtude da caridade (entendida na unidade do amor a Deus e ao próximo),¹⁰⁰ é considerada o primeiro e mais necessário dom (cf. LG 42) e a resposta que o ser humano dá a Deus que o amou primeiro: “Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). A caridade é considerada a plenitude da vida cristã: “Agora, portanto, permanecem a fé, a esperança e a caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade” (1Cor 13,13).

Muitos textos da Sagrada Escritura consagram a virtude da caridade.¹⁰¹ É a presença do Espírito Santo na alma do cristão, movido pela decisão de viver o amor teologal, que o conduz à plenitude do amor a Deus e ao próximo. Na Bíblia, encontra-se uma linha profética segundo a qual o humano é censurado constantemente pela tentativa de buscar um atalho para ir diretamente a Deus, sem passar pelo caminho real de contato com o próximo (Jr 7, 1-7; Mt 25, 31-46), considerado como algo prévio e digno de valor em si.¹⁰² A grande novidade da mensagem cristã é o esforço em “fazer-se próximo” aos demais (cf. Lc 10,36).

A virtude teologal da caridade tem primazia na vida espiritual. Tanto é assim que o Magistério da Igreja, no Concílio Vaticano II, definiu e precisou a santidade cristã por meio da virtude da caridade em seus ensinamentos sobre a vocação universal à santidade: todos os cristãos são chamados a amar os seres humanos, em sua realidade concreta e imprevisível, num verdadeiro exercício de autêntico amor ao próximo.¹⁰³ Todo o quinto capítulo da

⁹⁷ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teologia ascetica*, p. 27-28.

⁹⁸ Na Sagrada Escritura, predomina o verbo *crer* em comparação ao substantivo *fé*. Crer significa submeter-se totalmente a Deus, com humildade e confiança, na entrega e na obediência, em pensamento e em ação (Cf. WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 51).

⁹⁹ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 61.

¹⁰⁰ Deve-se amar a Deus por si mesmo e ao próximo por Deus, ninguém pode amar ao próximo com amor de caridade se esse amor não tiver por motivo formal o amor a Deus. Por isso que o amor ao próximo faz parte da virtude teologal da caridade (cf. ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 308).

¹⁰¹ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 307.

¹⁰² GONZALEZ RUIZ, José María. *Espiritualidad en tempo de incertidumbre*, p. 249.

¹⁰³ GONZALEZ RUIZ, José María. *Espiritualidad en tempo de incertidumbre*, p. 251.

Constituição *Lumen Gentium*, dedicado à vocação universal à santidade, trata do caráter universal da santidade entendida como sinônimo de caridade perfeita.¹⁰⁴

Os termos considerados relevantes para os gregos como *eros* (amor passionai, de desejo) e *philia* (amor de amizade) raramente aparecem no Novo Testamento. O amor cristão é *ágape*: amor que dá, amor que se dá.¹⁰⁵ O termo *philia* foi retomado no Evangelho de São João para expressar a relação de Jesus com seus discípulos.¹⁰⁶

Considerando o vasto campo semântico da palavra amor, a Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (primeira parte) trata sobre a unidade do amor na criação e na salvação a partir da relação conceitual (diferença e unidade) entre os termos do *eros* e do *ágape* na história e na atualidade. Somente quando ambos se fundem verdadeiramente – amor ascendente e amor descendente – é que o ser humano se torna ele próprio plenamente.¹⁰⁷

A originalidade do cristianismo está no desenvolvimento da caridade teológica, que não reside na sabedoria dos filósofos, nem na especulação intelectual enquanto tal, nem numa atividade social bem feita,¹⁰⁸ tampouco na genialidade ou no heroísmo considerado em si mesmo, mas na vivência do amor.¹⁰⁹ A caridade é considerada, desde um determinado ponto de vista, como o *fim*, e tudo o mais como *meios*, mas também a caridade é o meio pelo qual se realiza a vida cristã – a vida de caridade com Deus e com o próximo –¹¹⁰ e, assim, pode ser considerada a própria espiritualidade como os atos e a forma de viver do cristão.

Nas cartas de São Paulo, a fé, a esperança e a caridade aparecem juntas para a realização da existência cristã. São como três atitudes fundamentais: “A fé é uma obra, enérgica e eficaz (cf. 1Ts 1,7s), o amor é descrito como compromisso trabalhoso, e a

¹⁰⁴ PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentarios de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 89.

¹⁰⁵ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 61-62.

¹⁰⁶ *Deus caritas est*, n. 3.

¹⁰⁷ Sobre a relação da unidade entre os dois termos (*eros* e *ágape*) para representar a plenitude do amor: “O ser humano torna-se, realmente, ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em íntima unidade; o desafio do *eros* pode-se considerar verdadeiramente superado, quando se consegue essa unificação. Se o ser humano aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animal, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro lado, renega o espírito e, conseqüentemente, considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde, igualmente, a sua grandeza [...]. Somente quando ambos se fundem, verdadeiramente, numa unidade é que o ser humano se torna ele próprio plenamente. Só assim é que o amor – o *eros* – pode amadurecer até sua verdadeira grandeza” (*Deus caritas est*, n. 5).

¹⁰⁸ Nesse sentido, o Papa Francisco, na Exortação Apostólica “Querida Amazônia”, exorta quanto ao cuidado que deve ter todo o Povo de Deus em não realizar “um trabalho social sem Deus” (Cf. FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html).

¹⁰⁹ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teologia ascética*, p. 25.

¹¹⁰ THILS, Gustave. *Santidad cristiana*, p. 26.

esperança está orientada ao Senhor que vai vir.”¹¹¹ A unidade da vida teologal é considerada como a substância da vida espiritual: o viver cristão é real e fundamentado na fé e na esperança e informado pela caridade.

A configuração fundamental da vida espiritual está em que Deus amou primeiro e toma a iniciativa, e o ser humano é chamado a dar sua resposta. A vida espiritual se realiza no marco de uma situação de vida humana no exercício contínuo das virtudes teologais com atos concretos. O valor em aceitar a manifestação silenciosa de Deus, como mistério verdadeiro da própria existência, necessita de algo mais do que uma mera aceitação da doutrina cristã. Requer “uma mistagogia ou iniciação da experiência religiosa”. Como ensina Karl Rahner, a espiritualidade do futuro não será fundamentada numa convicção unânime, evidente e pública, nem em um ambiente religioso generalizado, mas na experiência e na decisão pessoal.¹¹²

O dom que provém de Deus e a resposta do ser humano o comprometem, passo a passo, em toda sua vida, com a plenitude da comunhão com Deus e é, nesse chamado, que se encontra a vocação também como elemento configurador da existência cristã.

1.2.3 A vocação como elemento configurador da existência cristã

O ponto de partida da vida espiritual está na decisão de Deus de se revelar numa comunicação efetiva em Cristo e no Espírito Santo com o ser humano. Deus amou primeiro e este amor se fez carne na humanidade de Cristo. O chamado divino à progressiva comunhão de vida com Deus é dirigido ao homem e à mulher até alcançarem a plenitude de vida a que todos são chamados (cf. LG, 40).

A vocação cristã é parte integrante do chamado universal à santidade. Essa chamada é um convite para entrar em relação pessoal com Deus e enfrentar a própria vida com a consciência da missão que nasce do desígnio divino a que todos somos chamados.¹¹³

A vocação é um chamado. Na raiz da palavra *vocação* se encontra o substantivo latino *vocatio*, derivado do verbo *vocare* que significa *chamar*. O termo, que indica uma ação, pode ser utilizado em três sentidos: a) no sentido ativo: para significar o ato de chamar onde Deus é o sujeito; b) no sentido passivo: para fazer referência ao sujeito que recebe a chamada (aquele a quem Deus chama e interpela); e c) no sentido de identificar o conteúdo do chamado: Deus

¹¹¹ Texto original: *Paulo describe adecuadamente estas três actitudes fundamentales: la fé es una obra, enérgica y eficaz (cf. 1 Tes 1,7s), el amor es descrito como un compromiso trabajoso; la esperanza está orientada al Señor que va a venir* (WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 49).

¹¹² Texto original: [...] *se necessita una mistagogia o iniciación a la experiencia religiosa* (RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 25).

¹¹³ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 155.

chama para manifestar o sentido e a razão da vida do ser, de sua existência e para convidá-lo a viver em conformidade com aquilo que lhe foi manifestado.¹¹⁴

Todos esses entendimentos integram o significado da expressão *vocação cristã*, assim como a missão é a realização desse chamado (vocação), como encargo missionário. Nessa linha, é possível dizer que o termo *vocação* é considerado um elemento configurador da existência cristã e da própria espiritualidade,¹¹⁵ pois se trata de viver em Cristo em que todos são chamados à perfeição da vida cristã conforme anuncia o evangelista São Mateus “[...] deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

As cenas sobre vocação como a ocasião em que Deus interpela o ser humano e o chama são frequentes na Sagrada Escritura, sendo que essa interpelação acontece sempre de modo concreto e pessoal (p. ex., em Gn 12,1-2; Ex 3,4; Is 6,1-9; Jr 1,4-9). Aquele que é chamado é convidado a responder; colocando, de manifesto, sua liberdade, Deus espera a resposta e o trata como um ser “livre, dono de si e de seus atos”.¹¹⁶

A interpelação de Deus abarca e transforma toda a realidade da pessoa chamada. Falar de vocação não é estar restrito a um único acontecimento, mas engloba toda a vida com um encargo missionário.¹¹⁷ A religião bíblica se diferencia de todas as demais religiões históricas no que diz respeito ao conceito de *religião* (a religação com Deus: Aliança). Nas demais religiões, esse conceito se obtém à custa de uma maior ou menor construção mundana, enquanto que, na Bíblia, o homem aparece religado com Deus – “imagem e semelhança” em razão de sua responsabilidade na transformação do cosmo (cf. Gn 1,26) como tarefa de “inventar a história” vista como reveladora da ação de Deus. O “inventar a história” deve ser realizado com os próprios recursos do ser humano como resposta à sua vocação, pois a religião se torna *alienadora* na medida em que o crente renuncia à incômoda postura de religar o absolutamente transcendente à sua responsabilidade pessoal.¹¹⁸

A vocação também é missão. Toda chamada de Deus confere uma missão que está relacionada com um desígnio divino. Nos escritos do Novo Testamento, a chamada ao seguimento está presente de maneira constante, e os textos são numerosos e podem ser divididos em cinco grupos: 1) a vocação dos quatro primeiros discípulos (Simão, André,

¹¹⁴ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 167.

¹¹⁵ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 156.

¹¹⁶ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 159.

¹¹⁷ Para J. Weismayer as grandes vocações do Antigo Testamento têm sempre, como conteúdo, um caráter missional. É Deus quem chama para uma tarefa. Isso vale, por exemplo para: Abraham (Gn 12.1), Moisés (Ex 3, 10.16; para os profetas Amós (Am 7,15), Isaías (Is 6,9), Jeremias (Jer 1,7) e Ezequiel (Ez 3,1. 4). No começo, sempre se encontra a eleição divina, ordenada à vontade de Deus, que deve ser cumprida (cf. WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 208).

¹¹⁸ RUIZ, José María González. *Espiritualidad en tiempo de incertidumbre*, p. 241-243.

Tiago e João) (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11; 1,35-51); 2) a vocação de Mateus (Mt 9,9; Lc 5,27; Mc 2,13-17); 3) as cenas em que a chamada não foi acolhida, e cujo resultado final não se sabe (Mc 10,17-22; Mt 19,16-22; Lc 18,18-23, Mt 8,18-22; Lc 9,57-62; 4) os momentos de seguimento posteriores (Mc 8,34-38; Mt 16, 24-26; Lc 9,23-26); e 5) a escolha dos 12 apóstolos (Mc 3, 13-16; Mt 10, 1; Lc 6 , 12-13) e o posterior envio (Mt 10,5 ss; Lc 9, 1 ss; Jn 20, 21).¹¹⁹

A partir das passagens bíblicas acima descritas, que relatam a chamada dirigida por Jesus, observa-se a presença de elementos característicos que são comuns a todas elas, a saber: a) a existência de uma autêntica chamada por parte de Jesus; b) a chamada que Jesus dirige é uma chamada realizada com autoridade; c) a chamada de Jesus pressupõe a liberdade no chamado ao seu seguimento; d) essa chamada implica uma missão e, por fim, e) que essa é uma chamada para compartilhar a vida com Jesus, e não apenas escutar seus ensinamentos, mas conviver com Ele e para participar de sua vida e de seu destino.¹²⁰

Todas essas realidades representam diferentes aspectos da única vocação pessoal que integra uma realidade unitária que é o amor de Deus pelas suas criaturas. Dito em outras palavras, cada um é amado e chamado por Deus de modo único e inconfundível para percorrer um caminho pessoal, confiando-lhe tarefas que integram a missão (a vocação implica sempre uma missão). A vocação do cristão é um convite à fé em reconhecer Cristo e se incorporar à sua Igreja.¹²¹ É o início de um itinerário cujo término é a comunhão plena com Deus nos céus e é, por isso, que a vocação pode ser considerada um elemento configurador da existência cristã e da própria espiritualidade.

A consciência sobre a vocação e missão¹²² procede do próprio Cristo com o Sacramento do Batismo e por sua confirmação, participando, assim, no Espírito Santo do ministério triplo de Jesus Cristo como profeta, sacerdote e rei. Na realidade batismal, encontra-se a base ontológica da dignidade e missão dos leigos, ou seja, a sua missão é originária do próprio Jesus Cristo e deve ser exercida na liberdade do Espírito Santo e em comunhão com toda a Igreja.¹²³

Desse modo, a vocação, como um chamado, mas também como envio, se configura por meio de três etapas: a) a da existência humana como vocação (chamada), o ser humano como um ser trazido à existência e chamado para um fim; b) a da condição cristã como

¹¹⁹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 161.

¹²⁰ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p.161-162.

¹²¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 166.

¹²² O tema sobre a vocação e missão do cristão fiel leigo será também desenvolvido no capítulo seguinte ao tratar sobre a identidade e a vocação dos fiéis cristãos leigos.

¹²³ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 269.

realidade vocacional, pois ser cristão não é apenas acolher a mensagem divina de salvação na fé, mas se saber filho de Deus, chamado a participar da vida divina e, incorporado à Igreja, participar de sua missão; e c) a da determinação última da vocação pessoal, como uma realidade dotada de sentido a que todo cristão é chamado a santificar-se e a santificar.

Por outro lado, importante é salientar que, na única e mesma vocação cristã, existem diversas vocações, por exemplo: em razão da forma de vida, se pode falar de vocação ao matrimônio (família) e ao celibato; em razão do âmbito da atividade, podem se distinguir as vocações na Igreja (p. ex., o ministério eclesiástico conferido pelo Sacramento da Ordem) e na sociedade (responsabilidade do cristão para com o mundo, para uma melhor sociedade e convivência humana); e a vocação religiosa que se situa entre as duas formas de vocação.¹²⁴

Dito isso, podem ser elencadas as seguintes características da vocação cristã: universal tanto em sentido subjetivo (todos são chamados) como objetivo (todas as circunstâncias da vida podem ser lugar e meio de santificação); onicompreensiva, pois abarca toda a vida do ser humano; realizadora da pessoa e missionária, eis que implica, sempre, uma missão, função ou tarefa a realizar como membro da Igreja, Corpo de Cristo.¹²⁵

Sobre a realidade da vocação cristã, como caminho para o ser humano chegar à plenitude de vida, ensina José Luis Illanes

A vocação de cada homem, aquilo para o que Deus o criou, é, em efeito, luz que ilumina toda sua existência dotando-a de uma meta que interpela a sua liberdade, abrindo para uma plenitude de comunhão com Deus e de sentido, cuja profundidade só se dará a conhecer de modo definitivo no momento em que, consumada a existência temporal, se entre na Eternidade. Então, e só então, quando, chegado ao seu término o fim ao qual a vocação convoca, cada ser humano conhecerá por inteiro sua própria verdade.¹²⁶

A vocação, assim entendida, projeta luz sobre toda a existência humana, conferindo-lhe sentido. Todos os batizados são chamados à perfeição da vida espiritual pela concretização de sua vocação cristã que envolve o cumprimento da vocação pessoal como parte integrante da mesma.

A modo de conclusão das dimensões constitutivas da espiritualidade cristã, se pode dizer que a vida espiritual do cristão se desenvolve no horizonte da autocomunicação de Deus,

¹²⁴ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 212.

¹²⁵ BOSCH, Vicente. *La vocación cristiana laical: renovar o mundo com Cristo*, p. 407-432.

¹²⁶ Texto original: *La vocación de cada hombre, aquello para lo que Dios lo há creado, es, en efecto, luz que ilumina sua existencia dotándola de una meta que interpela a su libertad, abriendo a una plenitude de comunión con Dios y de sentido, cuya hondura solo se dará a conocer de modo acabado en el momento en que, consumada la existencia temporal, se entre en la eternidade. Es entonces, y solo entonces, cuando, llegada a su término la empresa a la que la vocación convoca, cada ser humano conocerá por entero su propia verdad.* (ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 187).

que é quem convida a participar de sua intimidade e, portanto, do mistério do seu viver trinitário. Toda a vida espiritual do cristão – a espiritualidade cristã – está marcada por dimensões constitutivas e por um desenvolvimento. No intuito de apresentar os elementos essenciais da espiritualidade cristã, desde a perspectiva teológica, são listadas as seguintes características a partir das dimensões constitutivas descritas:¹²⁷

1) *É uma vida trinitária e filial*: Cristo fez conhecer o Pai e, no Espírito Santo, “temos acesso ao Pai” (Ef 2,18). Conduz o cristão a sentir e a viver como Filho de Deus, implica existir em união com Deus e com a atitude própria de quem reconhece sua paternidade.¹²⁸ O nascimento do cristão para uma vida de graça se dá com o Batismo, pois infunde a graça santificante que faz de nós filhos adotivos de Deus, dando início à vida cristã que deverá desenvolver-se progressivamente até chegar à perfeita predestinação de Cristo (Ef 4,7 e 13).¹²⁹ A paternidade de Deus e a correlata filiação do cristão ocupam um lugar central na mensagem do Novo Testamento (cf. Gl 4, 4-7). Essa consciência transforma a relação com Deus e todo o agir do cristão. Assevera Vicente Bosch que o trato filial com Deus nos leva a amá-lo com ternura e nele amar o mundo, e, assim, desejar transformá-lo numa morada digna dos filhos de Deus, e que a oração é o caminho para alcançar essa consciência viva da riqueza que implica ser filho de Deus. E a vida é o âmbito em que essa consciência se realiza em sua plenitude: as alegrias e tristezas da vida são vistas como enviadas por nosso Deus e Pai, que premia, purifica e nos faz participar de seu plano universal de salvação;

2) *É uma vida cristocêntrica*: visto que a relação entre o cristão e Deus se desenvolve em constante referência a Jesus Cristo. A santidade consiste em chegar à plena configuração com Cristo (Jo 1,16; Rm 6,1-8), na medida e no grau predestinado para cada um, incluindo a participação na sua missão: esse é o programa fundamental da espiritualidade cristã.¹³⁰ A vida espiritual, como comunhão com Cristo, gira em torno de dois pontos: o

¹²⁷ No que diz respeito ao tema das dimensões constitutivas e ao dinamismo da espiritualidade cristã, foram consultados estes autores: ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 192-325 e BOSCH, Vicente. *La vocación cristiana laical: renovar el mundo con Cristo*, p. 422.

¹²⁸ Raniero Cantalamessa, no contexto de uma abordagem do personalismo e impersonalismo em Deus, reflete sobre o papel da Trindade como aquela que, justamente, é o lugar de equilíbrio e síntese entre esses dois aspectos inevitáveis em toda a concepção autêntica de Deus que se preocupa em salvar tanto a transcendência quanto a importância para o homem. Logo, refletir sobre o *Deus pessoal*, sem levar isso em conta, pode conter o perigo, que tantas vezes censura a Teologia latina, ou seja, a de lidar com Deus “Etsi Trinitas non daretur”, como se a Trindade não existisse. (CANTALAMESSA, R. *El Dios personal en la espiritualidad cristiana*, p. 342).

¹²⁹ ROYO MARÍN, Antonio. *Los grandes maestros de la vida espiritual: historia de la espiritualidad Cristiana*, p. 53.

¹³⁰ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 3.

disciplinado e o seguimento,¹³¹ que podem ser traduzidos em uma série de atitudes e comportamentos especialmente na vida laical, a saber: a) crer e amar Cristo significa acreditar que Ele é Filho de Deus feito homem e aceitar a verdade de sua mensagem não como mera comunicação, mas como verdadeira vida que salva: é viver Nele, com Ele e por Ele; b) meditar e contemplar sua vida, que deve ser conhecida, assimilada e imitada para nos unirmos, cada vez mais, a Cristo; c) relacionar-se com Cristo: a contemplação de sua vida conduz a um trato simples e confiante como um ser vivo que, sentado à direita do Pai, intercede por nós. Está substancialmente presente na Eucaristia quando se oferece como alimento. Na oração e na Eucaristia, se pode unir ambas as vidas, transferir sua vida para a nossa; e d) identificar-se com Cristo e participar de sua missão – profeta, sacerdote, rei – contribui com seu trabalho e suas atividades, para que a força santificadora do Reino de Deus impregne as realidades terrenas. Em Cristo, como cabeça, toda a Criação está unida ao Pai. Através Dele, recebe salvação e bênção;¹³²

3) *É uma vida pneumatológica*: o Espírito Santo é o artista que esculpe, no cristão, a imagem de Cristo. É por meio do Espírito Santo que o homem é conduzido à plena identificação com Cristo e, em Cristo, a união com o Pai. A totalidade da vida espiritual se desenvolve graças à ação do Espírito Santo (cf. Rm 8,9).¹³³ São considerados, sinteticamente, os elementos mais significativos da vida no Espírito:¹³⁴ 1) novo nascimento, o Espírito faz nascer de novo (Jo 3,3) com uma semente espiritual de Deus (1Jo 3,9), mediante o qual se tornam todos Filhos do Pai e co-herdeiros de Cristo: sentido profundo do Batismo cristão (Jo 3,5-6) (cf. LG, n. 9); 2) graças ao Espírito, se pode chamar Deus de Pai (*Abba*), tornamo-nos filhos e herdeiros (cf. Gl 4, 5-7; Rm 8,15), o que não significa desumanizar-se, mas levar à plenitude a existência humana, que foi criada à imagem de Deus e em Deus alcança sua máxima perfeição. E tudo isso pelo Espírito; 3) a inabituação espiritual, o cristão torna-se templo do Espírito (1Cor 3,16; 6,19), e o Espírito habita no ser humano (Rm 9,11), permanece nele (Jo 14, 16-17), e isso vale tanto no âmbito pessoal como no comunitário, não é só presença, mas inabituação; 4) o Espírito faz orar, é o âmbito da oração, aquele que suscita a oração, que faz orar, que conhece Deus (1 Cor 2, 11-12) e assegura o acesso ao Pai; 5) o Espírito faz livres; os cristãos já possuem o Espírito, mas ainda estão submetidos à carne, ou

¹³¹ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 37.

¹³² ZILLES, Urbano. *Espiritualidade cristã*, v. 34, p. 27.

¹³³ Apesar do Espírito Santo ser considerado como o artífice da vida cristã ainda hoje se acentua um “vácuo pneumatológico”, tanto na teologia como na práxis pastoral, com consequências muito negativas na vida da Igreja. (cf. CODINA, Vítor. *O Espírito do Senhor*: força dos fracos, p.10).

¹³⁴ Esta descrição segue o esquema desenvolvido por Víctor Codina em “*Não extingais o espírito*” (1 Ts 5,19): *Iniciação a pneumatologia*, p. 74-82.

seja, a tudo que se opõe a Deus, ao seu projeto e à sua vida: antagonismo entre os impulsos da carne e os do Espírito (Gl 5, 16-26; Rm 8, 5-11) e, nessa luta, o Espírito age no ser humano a partir de dentro, é uma liberdade para viver a comunhão – a ação do Espírito conta com a cooperação humana;

4) *É uma vida eclesial*: Cristo se une ao cristão na Igreja que, como uma mãe, o alimenta com a Palavra e os sacramentos. A Igreja – com sua pregação, sacramentos, liturgia, com seu modo de viver – é memória de Jesus e âmbito da recepção do Espírito e da incorporação a Cristo. É vida eclesial: Cristo e a Igreja são inseparáveis, pois Ele se une ao cristão através dela, o cristão a reconhece como mãe que oferece o alimento: a Palavra e os sacramentos;

5) *É uma vida litúrgica e eucarística*: a Igreja, com os sacramentos, comunica a vida divina e, com sua liturgia, incorpora o cristão na comunidade, no louvor, na ação de graças. A liturgia é a fonte na qual os fiéis bebem do espírito verdadeiramente cristão (SC 14);¹³⁵ A liturgia é o ápice da atividade da Igreja e fonte da vida espiritual;¹³⁶

6) *É uma vida apostólica*: vida de comunhão com Deus em Cristo e no Espírito Santo que deve ser transmitida a todos os seres humanos. O cristão, assim, possui sentido de missão o que o leva à ação e a comunicar com palavras e obras o amor recebido que impregna toda sua vida espiritual. Pertencer à Igreja significa participar de sua missão na salvação das almas e na santificação do mundo e, por isso, desde a diversidade de dons e carismas, os leigos devem levar a cabo sua função na missão da Igreja;

7) *É uma vida encarnada*: a intimidade com Deus não requer um isolamento da realidade, não é um espiritualismo sem mundo; é uma vida comprometida em construir a família humana no mundo segundo os planos de Deus-amor: homens novos, criadores de uma nova humanidade (GS, n. 30);¹³⁷

8) *É uma vida escatológica*: a plenitude só se alcançará mais além da vida presente, quando chegar o término da história. Essa realidade marca, profundamente, a

¹³⁵ É tal a importância da vida litúrgica que o autor Manuel Belda, versando sobre as dimensões constitutivas da vida espiritual, tratou da dimensão eclesial da vida espiritual só na dimensão litúrgica, tendo dividido o capítulo da seguinte forma: 1) Liturgia e vida espiritual; 2) Palavra de Deus e vida espiritual; 3) Estilo sacramental da existência cristã: a configuração com Cristo através dos sacramentos; e 4) A Eucaristia, centro e raiz da vida espiritual. Nos demais capítulos, trata das dimensões constitutivas da vida espiritual: Dimensão eclesial e dimensão apostólica; dimensão mariana da vida espiritual e dimensão secular da vida espiritual (BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*: Curso de Teologia Espiritual, p. 161-210).

¹³⁶ MARITAIN, Jacques; MARITAIN, Raissa. *Liturgia e contemplação*, p. 94.

¹³⁷ Afirma Michel de Certeau que toda a espiritualidade possui um caráter essencialmente histórico, pois mais que elaborar uma teoria, se trata de manifestar como viver do Absoluto nas condições reais fixadas por uma situação cultural, na medida em que o homem está inserido no mundo que define um tipo de intercâmbio e de consciência (CERTEAU, Michel de. *Culturas y espiritualidades*, p. 188).

experiência espiritual-cristã e a informa com a esperança que confere a certeza de que, apesar de todas as obscuridades e preocupações tem a confiança na certeza de que o Reino de Deus, que já se irrompeu, é justiça, paz e alegria no Espírito Santo (cf. Rm 14,17), para que “vivamos como seres humanos novos neste mundo antigo” (cf. Rm 6,4; Ef 4,24; Cl 3,10).¹³⁸ A esperança nasce da perspectiva escatológica com a firme convicção de que se pode alcançar a vida eterna não confiando só em suas próprias forças, mas com a ajuda divina. O objeto da esperança é mesmo Deus que vem no auxílio do ser humano.¹³⁹ A esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrestres, mas, antes, lhe confere novos motivos de realização (cf. GS, n. 21). Essa perspectiva foi sublinhada várias vezes no Concílio Vaticano II, como, por ex., na GS, n. 43, segundo a qual o cristão negligente no temporal coloca em risco sua salvação eterna; na GS n. 57, e Cap. III dedicado a desenvolver uma espécie de espiritualidade e ascese de construção do mundo;¹⁴⁰

9) *É uma vida mariana*: Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, é o exemplo de discípula mais fiel. Maria é também mãe dos homens e modelo de fé¹⁴¹, docilidade ao Espírito, de entrega. Atrai todos ao seu Filho e, com seu cuidado maternal, ajuda a penetrar no amor infinito de Deus Pai. A relação com Maria, filha do Pai, mãe do Filho, esposa do Espírito é, em suma, a coordenada que define toda a espiritualidade cristã. A relação filial do batizado com a Virgem não é algo opcional (como uma devoção a mais dentre outras na vida espiritual), mas uma verdadeira dimensão intrínseca e constitutiva da espiritualidade cristã.¹⁴² E não poderia ser diferente considerando que Nossa Senhora é a mãe do Verbo, primeira discípula e Mãe da Igreja. A Virgem Maria, glorificada nos céus em corpo e alma, constitui a síntese e o ideal da vida espiritual para os cristãos, em especial, para os leigos, que são conduzidos por Ela para Deus com sua intercessão, cuidado maternal e modelo;

10) *É uma vida antropológica*: busca a perfeição integral do homem em todos os seus aspectos (em si mesmo, em relação aos demais e ao cosmo), em todas as situações e circunstâncias históricas e sociais, de tal forma que o ser humano possa desenvolver-se como

¹³⁸ KASPER, Walter. *A Igreja Católica*: essência, realidade, missão, p. 140.

¹³⁹ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*: curso de Teologia espiritual, p. 232.

¹⁴⁰ A base teológica para a “ascese de construção do mundo” está na Teologia do homem como imagem de Deus (GS 12; 34 e 57). O Concílio Vaticano II oferece elementos para um autêntico e novo humanismo, que, em nada, fica atrás dos humanismos sem Deus, mas os ultrapassa com novas afirmações cristocêntricas e teocêntricas como nunca antes foram formuladas pelo Magistério da Igreja (cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado*: o humanismo do Concílio Vaticano II, p. 131).

¹⁴¹ Sobre Maria, para a Igreja como protótipo do cristianismo perfeito, ver o estudo de Thils (THILS, Gustave. *Santidad cristiana*: compendio de teologia ascética, p. 113).

¹⁴² BELDA, Manuel, *Guiados por el Espíritu de Dios*: curso de Teologia espiritual, p. 198.

doação ou entrega de si mesmo aos demais (cf. GS 24, cf. DV 59) especialmente no trabalho, na convivência e na vida familiar e social; e

11) *É uma vida comunitária*: o cristão ativa sua espiritualidade na comunidade.¹⁴³ A vida cristã nasce e se desenvolve em uma comunidade que é uma congregação de fiéis instituída por Jesus Cristo como “sinal e instrumento da união íntima com Deus da unidade de todo gênero humano” (LG, n. 1).

Todas as características descritas devem ser realizadas harmonicamente, objetivando fazer da vida espiritual uma vida plenamente humana na essência do próprio ser, na convivência fraterna e no compromisso do caminhar humano-histórico. Juntamente com os elementos constitutivos e as características da vida cristã, fazem parte do seu desenvolvimento os seguintes aspectos: a) o crescimento das virtudes teológicas: fé, esperança e caridade, que é o exercício das virtudes, o qual tem por objeto crer em Deus, esperar em Deus e amar em Deus; b) o desenvolvimento das virtudes humanas e da humildade; c) o combate espiritual ou luta interior contra as tendências desordenadas, a mortificação e o esforço para receber, habitualmente, a proximidade de Deus; e d) a vida de oração, meio indispensável para crescer na união vital com Deus a qual não afasta o homem do compromisso com o mundo e a história.¹⁴⁴

1.3 ESPIRITUALIDADE E SANTIDADE

No que diz respeito ao sentido do conceito espiritualidade cristã, considerando *sapienti est distinguere*,¹⁴⁵ se faz oportuno investigar a relação e a distinção entre as palavras santidade e espiritualidade para melhor compreendê-lo. Por serem realidades intimamente relacionadas, se interpenetram sendo, por vezes, compreendidas como termos unívocos (sinônimos), o que causa certa confusão.¹⁴⁶

¹⁴³ ZILLES, Urbano. *Espiritualidade cristã*, v. 34, p. 27.

¹⁴⁴ Ainda sobre os elementos essenciais da espiritualidade cristã, o autor Albino Marchetti elenca os seguintes: a adoção divina; a resposta do homem; uma espiritualidade sacramental; a oração; a presença de Deus (na vida do homem de forma concreta, sempre atual mediante a graça e a fé e não de forma puramente teórica); verdadeira alegria; amor de filhos; espírito de obediência; o obséquio e o culto; a santificação pessoal; as virtudes sobrenaturais; os conselhos evangélicos; sob a mirada de Maria; interioridade (cf. MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 28).

¹⁴⁵ A admissão da existência de diversas espiritualidades específicas no seio da comum espiritualidade cristã é ponto pacífico entre os autores católicos (se acredita que sua existência não pode ser negada por ninguém (cf. MATANIC, Atanasio. *Espiritualid. In: ANCILLI, Ermanno. Diccionario de Espiritualidad*, p. 13).

¹⁴⁶ Nos primeiros séculos do cristianismo, diferentemente da compreensão contemporânea, o termo *espiritualidade* era equivalente às palavras *martírio* e *santidade* ou cristianismo vivido em plenitude, posto

1.3.1 Distinção entre espiritualidade e santidade

A palavra santidade, do latim *sanctitas*, é descrita nos léxicos como a qualidade ou condição de ser santo, e a espiritualidade, como a qualidade ou caráter do que é espiritual (no significado primário fala-se da espiritualidade de Deus, dos anjos, da alma humana, da Igreja).¹⁴⁷

Qual é a distinção entre a qualidade de ser santo e a qualidade do que é espiritual?

A palavra *santidade*, de modo geral, na Teologia, é considerada como a plenitude da vida cristã (o ideal cristão), isto é, a santidade cristã é o fim a que se dirige, progressivamente, toda a vida espiritual rumo à plenitude do amor a Deus e ao próximo.¹⁴⁸ De outro lado, a espiritualidade é considerada a vivência espiritual concreta do ser humano que tem como meta esse ideal de vida cristã.¹⁴⁹

A vida cristã pressupõe um aspecto original que é a presença do Espírito divino sempre operante para conduzir a um caminho de plenitude de vida que é a santidade.¹⁵⁰ O termo *espiritualidade*, relacionado com uma vida no Espírito, determina um “modo de viver cristão” que tem origem no convite de Deus (pessoal a cada batizado) para realizar o que “se denomina de “projeto de santidade” que desemboca na vida eterna.¹⁵¹

É possível afirmar que a espiritualidade cristã significa vocação à santidade, a graça de Deus chega até o ser humano através do Espírito Santo e o faz partícipe da glória de Deus. Pelo Batismo, o cristão é destinatário de um dom imerecido (de uma vida nova) para um contínuo caminho em direção ao objetivo da santidade.¹⁵²

que o nível de santidade era elevado. A quase total identificação se dava tanto de forma prática como teórica, pois ainda que se admitia a santidade à margem do martírio, todo cristão era um mártir em potencial em razão de que estar disposto à morte cruel era considerado o mesmo que viver santamente a vida cristã (cf. SESÉ, Javier. *Historia de la espiritualidad*, p. 26-29).

¹⁴⁷ Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, p. 1.269.

¹⁴⁸ No mesmo sentido: *La santidad es la plenitud, la perfección del ser y de darse. Un ser que es vida, que es movimiento, alcanza la perfección cuando llega a su término, a su fin; tratándose de la vida cristiana, de la vida espiritual, este fin es Dios. Por tanto, la perfección de la vida espiritual tiene que consistir en la unión con Dios contemporáneo. Pero es precisamente el amor el que nos une con Dios, fin último del hombre: “Dios es amor: y quien permanece en el amor, permanece en Dios, y Dios en él” (1Jn 4,16)* (ANCILLI, E. *Santidad cristiana. In: _____ . Diccionario de espiritualidad*, p. 351).

¹⁴⁹ Para A. G. Matanic muitos são os sinônimos utilizados pelos autores para indicar espiritualidade. Nos documentos pontifícios, com frequência, são utilizados os seguintes sinônimos: caminho, método, forma, gênero de vida, doutrina, ascética, ensinamento espiritual, fisionomia ou família religiosa, espírito, escola espiritual (MATANIC, Atanasio. *Espiritualid. In: ANCILLI, Ermanno. Diccionario de Espiritualidad*, p. 13).

¹⁵⁰ BERNARD, Charles A. *Teologia espiritual: hacia la plenitude de la vida en el espíritu*, p. 50.

¹⁵¹ BERNARD, Charles A. *Teologia espiritual: hacia la plenitude de la vida en el espíritu*, p. 50.

¹⁵² A espiritualidade é entendida como uma vida vivida em plenitude que e, por esta razão, se fala de uma vida espiritual (vida suscitada e dada pelo Espírito Santo). Desde o século XVII com a palavra *spiritualité* se expressava a relação pessoal do homem com Deus. Com o termo espiritualidade se coloca em primeiro plano

A espiritualidade indica uma organização mais completa de toda a vida em relação à palavra espírito, considerada como uma “graça especial concedida por Deus a uma pessoa”.¹⁵³ É o aspecto preferido da santidade que possui meios para alcançá-la, tanto sacramentais como ascéticos. A espiritualidade é considerada um grau mais completo e desenvolvido do espírito como forma de relação com o mundo no apostolado e na inserção humana.¹⁵⁴

Na mesma perspectiva, para José Luis Illanes, a santidade é vista como uma característica da meta do viver cristão;¹⁵⁵ em outras palavras, como um dom (um presente que se recebe), um ideal e um convite a viver em coerência com o que se acaba de receber.¹⁵⁶ O momento da doação por parte de Deus precede e envolve o da resposta ou da cooperação, ambos coexistem no viver cristão e se integram em unidade.¹⁵⁷

São perspectivas complementares, mas distintas (diversas em seu alcance semântico). É necessário distinguir para unir os conceitos. A seguir, são enunciados alguns dos aspectos que relacionam e distinguem os dois termos (santidade e espiritualidade) os quais remetem ao mistério cristão. São elementos de uma única realidade de vida, isto é, da condição cristã e de seu desenvolvimento, mas distintos:

1) *A santidade como meta do viver cristão:*

- a) É o ideal supremo, a plena configuração com Jesus Cristo que não prescinde do esforço dos seres humanos para serem outros Cristos. Consiste em refletir sobre a perfeita identificação da vontade de Deus sobre nós, a perfeição da caridade e sua plena configuração com Jesus Cristo¹⁵⁸;
- b) Não é uma qualidade abstrata, mas o viver do cristão enquanto é real e profundamente fundamentado na fé, na esperança e informado pela caridade;¹⁵⁹
- c) Constitui uma plenitude segundo os usos linguístico e eclesial, não é só um ponto de chegada, mas, partindo do renascer do Batismo, é considerada uma

a ação do Espírito de Deus e suas conseqüências para nossa existência que fica totalmente implicada por esta (cf. WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 15-26).

¹⁵³ RUIZ SALVADOR, Federico R. *Compêndio de Teologia espiritual*, p. 571.

¹⁵⁴ RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia espiritual*, p. 571.

¹⁵⁵ Para José Luis Illanes a santidade constitui uma plenitude, segundo o uso linguístico e eclesial. Não é considerada apenas como uma realidade a que se chega, mas que, partindo do renascer do Batismo, é vista como uma realidade na qual se progride e se cresce: o que denomina como “dinamismo da santidade” (ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 136).

¹⁵⁶ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 136.

¹⁵⁷ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 136.

¹⁵⁸ O autor, tratando sobre em que consiste a santidade e suas principais respostas, apresenta a plena configuração com Jesus Cristo como o ideal supremo de todo o cristão para santificar-se por ser a mais bíblica e profunda de todas fórmulas, apesar de considerar que todas coincidem substancialmente (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 39).

¹⁵⁹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 151.

realidade na qual se progride na vida do ser humano. A santidade é entendida como um processo, uma qualidade na qual se cresce (dinamismo da santidade);¹⁶⁰ e

d) Pelo Batismo, todos os fiéis são partícipes e responsáveis pela missão da Igreja e chamados à plenitude da vida cristã;¹⁶¹

2) *A espiritualidade como forma de vida orientada à meta:*

a) É um conceito do âmbito existencial e concreto. O desenvolvimento da vida espiritual (vida de encontro e relação com Deus) se dá na vida concreta e no âmbito existencial de cada cristão e tem como pressuposto a capacidade do ser humano de entrar em relação com Deus;

b) É uma vida segundo o Espírito de Deus, que pode ser considerada como um projeto de vida pessoal, pois a vida cristã tende a manifestar-se em obras e no estilo de vida (Ef 4,22). É considerada um programa fundamental, um modo de viver característico do cristão;

c) Não é um estado, mas uma forma de viver, denominada “o caminho” que São Paulo chama de “viver segundo o Espírito” (Gl 5, 16-26, Rm 8,4-11);

d) Essa vida se dá com a graça de Deus que não poupa o trabalho pessoal do ser humano (chamada “sinergia” entre os orientais);¹⁶² e

e) É fruto da vocação cristã e implica missão.

Sobre os termos espiritualidade e santidade, pode-se dizer que não são justapostos, mas expressões intimamente relacionadas, que se interpenetram: a espiritualidade como forma de vida orientada para uma meta, e a santidade, como o ideal cristão dinâmico na medida em que a “perfeição não é um ponto de matemática. É uma vida em estado de crescimento”.¹⁶³ Elas se esclarecem mutuamente e, juntas, fornecem o significado real para a vivência de uma autêntica espiritualidade cristã.

Gustave Thils, em sua obra *Santidad cristiana*, fala sobre a relação entre a santidade e a virtude da caridade. Aduz que a caridade é o *fim* ao qual se deve chegar, e que todo o mais consiste em um *meio* que deve levar ao fim.¹⁶⁴ Complementa, de outro lado, que a caridade

¹⁶⁰ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 151.

¹⁶¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 147.

¹⁶² Para o teólogo jesuíta Víctor Codina a força do Espírito na alma não poupa o trabalho pessoal do homem nem o faz cair em quietismo ou imediatismo de nenhum tipo; ao contrário pede cooperação o que é chamada de sinergia pelos orientais. O autor faz uso de uma imagem gráfica utilizada por São João Crisóstomo: “Deus trabalha, mas é o homem quem sua” (CODINA, Víctor. *Não extingais o espírito (1 Ts 5,19): Iniciação à pneumatologia*, p. 80).

¹⁶³ MARITAIN, Jacques; MARITAIN, Raissa. *Liturgia e contemplação*, p. 51.

¹⁶⁴ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teologia ascética*, p. 16.

também pode ser considerada como *meio* pelo qual é realizada a vida cristã. A partir das considerações de Thils, é possível concluir que a santidade pode ser pensada como caridade, como *fim*, e a espiritualidade, como a caridade enquanto é um *meio* de realização da vida de amor com Deus e com o próximo, pois “a caridade tem seus atos, e vivendo-os é como se chega à santificação”.¹⁶⁵

Todo ato de caridade é ato realizador de santidade. A caridade é a marca da vida cristã.¹⁶⁶ Santidade, espiritualidade e caridade estão intimamente unidas e relacionadas. Sendo a vocação à santidade o fundamento da espiritualidade cristã, por isso é necessário aprofundar o conceito de santidade.

1.3.2 O chamado à santidade

A santidade é considerada o horizonte constitutivo da condição de vida cristã e de seu desenvolvimento. É um convite a viver em coerência com o dom que é recebido: vida cristã e chamado à santidade constituem o fundamento do edifício espiritual de todo cristão como dito nas palavras de São Paulo: “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito também pautemos nossa conduta” (Gl 5,25).

Ser cristão significa estar a caminho: viver, crescer e amadurecer. É Deus quem coloca o ser humano em marcha e o acompanha com sua vida divina. A meta (santidade), com a intensificação progressiva da vida de comunhão com Deus, já está, em certo sentido, iniciada. É plausível afirmar que Aquele que “chama faz possível o caminho e acompanha, faz possível o crescimento e o amadurecimento, que, sem embargo, não está livre de perigos, posto que o tesouro está contido em vasos de barro” (cf. 2 Cor 4,17).¹⁶⁷

Mas todo cristão é obrigado a ser santo? Para responder a essa pergunta, se recorda São Francisco de Sales ao afirmar que a obrigação consiste não em haver chegado à santidade, mas em querer progredir com regularidade, querer avançar sempre um passo a mais.¹⁶⁸ O progresso faz-se com desvios e também com erros, mas ser cristão implica vontade e obrigação em buscar o melhor.¹⁶⁹

¹⁶⁵ Texto original: *A caridade tiene sus actos, y viviéndoles es como se llega a la santificación*” (THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teología ascética* p. 26).

¹⁶⁶ RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia espiritual*, p. 257.

¹⁶⁷ Texto original: *El que llama hace posible el camino y acompaña, hace posible el crecimiento y la maduración, que, sin embargo, no está libre de peligros, puesto que el tesoro está contenido en vasos de barro* (2 Cor 4, 17) (WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 71).

¹⁶⁸ SALES, Francisco de. *Filoteia ou Introdução à vida devota*, p. 37.

¹⁶⁹ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teología ascética*, p. 57.

A palavra santidade provém da Sagrada Escritura e indica a absoluta transcendência de Deus, afastado de todo pecado e de toda imperfeição, segundo o primeiro Livro de Samuel: “Não há Santo como Iahweh (porque outro não há além de ti), e rocha alguma existe como nosso Deus” (1Sm 2,2). Dito isso, se pode concluir que o chamado divino à progressiva vida com Deus é dirigido ao ser humano até alcançar à plenitude de vida; em outras palavras, é o chamado à santidade e à vida de comunhão com Deus no mundo. Entretanto, fica excluída a intenção de fixar um esquema válido frente a “variedade de perspectivas possíveis e reais que concretizam o ideal da perfeição cristã”.¹⁷⁰

No que diz respeito ao aspecto do dinamismo da santidade, importante é ressaltar que a expressão não deve ser entendida como um termo estático para explicar a afirmação de transcendência já que o termo santidade, tanto na Bíblia quanto na pregação cristã, indica uma qualidade dinâmica e cheia de conteúdo, como, por exemplo, a santidade do Povo de Israel em Êxodo 33.¹⁷¹ Na tradição católica, parece ter ocorrido um distanciamento da visão da dinamicidade da santidade e de sua universalidade.

O uso da expressão dinamismo da santidade parece acertado. O momento de doação e o da resposta (cooperação) coexistem no viver cristão e se integram em unidade. Ratifica-se que, nesse contexto de dinâmica de vida divina e humana, a santidade é considerada como plenitude, mas não é uma plenitude à qual se tem acesso sem participar previamente da mesma, mas, antes, o aprofundamento de uma realidade que já se possuía e na qual se cresce,¹⁷² evitando, assim, a vivência de uma espiritualidade de evasão ou de perfeccionismo.

Todo cristão é chamado, a cada dia, a crescer em comunhão íntima com Deus Uno e Trino e se abrir ao encontro com Cristo iniciado na fé e no Batismo.¹⁷³ Essa realidade é denominada a “chamada universal à comunhão com Deus” e, logo, à santidade. A santidade cristã requer esforços árduos e constantes, requer empreender, de maneira sistemática, a luta contra as paixões humanas e o exercício das virtudes cristãs.¹⁷⁴

A santidade não constitui um estado da vida cristã superior e teologicamente diverso de um suposto estado ordinário ou comum, mas uma dimensão constitutiva da vida cristã de modo que, ao crescer nessa vida, se cresce em santidade e vice-versa. Logo, buscar crescer em santidade não é outra coisa senão buscar crescer na vida cristã – ambas são equivalentes – vida a que todo fiel cristão é chamado.

¹⁷⁰ RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia espiritual*, p. 263.

¹⁷¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 129.

¹⁷² ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 128.

¹⁷³ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 137.

¹⁷⁴ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teologia ascetica*, p. 15.

A chamada universal à santidade ou à plenitude de vida cristã se trata de uma doutrina que coexistiu com seu obscurecimento ao longo da história. Na Idade Contemporânea, a proclamação à chamada universal à santidade e ao apostolado logo remete a um acontecimento e a um texto: ao Concílio Vaticano II e à Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a última considerada como a magna carta sobre a vocação universal à santidade na Igreja.¹⁷⁵ A *Lumen Gentium* representa um passo em relação à situação anterior que já vinha sendo preparada pela Teologia, pelos estudos bíblicos e pela vida da Igreja.¹⁷⁶

Na Tradição da Igreja, a herança deixada por São Francisco de Sales no século XVII, já apontava na direção da santidade para os fiéis leigos. Com ele nascia o “apelo aos leigos, o cuidado pela consagração das realidades temporais e pela santificação da vida diária, sobre o qual insistirão, depois, o Concílio Vaticano II e a espiritualidade do nosso tempo”.¹⁷⁷ Já em seu tempo, afirmava que a santidade de vida não é um benefício singular concedido a poucos, mas uma “sorte e uma obrigação comum a todos”.¹⁷⁸

Séculos mais tarde, Santa Teresa do Menino Jesus, em seu caminho da “pequena via” ensina que todas as almas são chamadas a amar Deus não apenas com atos heroicos, mas em todas as coisas ordinárias da vida cotidiana, oferecendo pequenos atos como gestos de amor a Deus: “Fazer o ordinário de forma extraordinária.”¹⁷⁹

Outro passo fundamental com o Concílio Vaticano II diz respeito à valorização apostólica e espiritual da condição de fiel leigo. Na renovada perspectiva, afirma-se que o cristão leigo é chamado à santidade e, conseqüentemente, supera a visão negativa a respeito da dedicação a tarefas e assuntos seculares. Nessa mesma linha, Josemaría Escrivá de Balaguer, três séculos depois de Francisco de Sales, que deu início a esse apelo, aduzindo que “o Senhor chama a todos, de todos espera Amor: de todos, onde quer que estejam; de todos, qualquer que seja seu estado, sua profissão ou ofício. Porque essa vida corrente, ordinária, sem aparência, pode ser meio de santidade”.¹⁸⁰

O caminho foi sendo preparado para o Concílio Vaticano II que, numa das passagens mais significativas da *Lumen Gentium* (no Capítulo V: Vocação Universal à Santidade na Igreja), proclama que todos os cristãos, em virtude de seu Batismo, são partícipes e responsáveis pela missão da Igreja: todos são detentores de missão e todos são chamados à

¹⁷⁵ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 24.

¹⁷⁶ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 154.

¹⁷⁷ BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Verbum Domini*: sobre a palavra de Deus na vida e missão da Igreja, passim.

¹⁷⁸ SALES, Francisco de. *Filoteia ou Introdução à vida devota*, p. 31-32.

¹⁷⁹ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Divini Amoris Scientia*: Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa face é proclamada doutora da Igreja, passim.

¹⁸⁰ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monsenõr Escrivá de Balaguer*, p. 487.

plenitude da vida cristã sem distinção. O fundamento dos ensinamentos sobre a vocação universal à santidade tem origem na santidade da própria Igreja, como esposa de Cristo (LG, n. 39) que traz consigo a exigência “de santidade em todos e em cada um de seus membros” e no mandato expresso de Jesus Cristo (cf. 1 Ts 4,3; Ef 1,4).¹⁸¹

Os ensinamentos da *Lumen Gentium* sobre a chamada universal à santidade podem ser resumidos em três declarações fundamentais segundo José Luis Illanes:¹⁸²

- 1) Todos são chamados à santidade: “[...] todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LG, n. 40);
- 2) Todos os fiéis são chamados a uma única e mesma santidade: “Todos os que, movidos pelo Espírito de Deus, obedecem à voz do Pai e adoram a Deus Pai em espírito e verdade, cultivam, nos vários gêneros da vida e ofícios, uma única santidade. Eles seguem a Cristo pobre, humilde, carregando a cruz, para que mereçam ter parte na sua glória” (LG, n. 41); e
- 3) Essa única santidade deve ser perseguida por todo cristão segundo seu próprio dom: “Mas cada qual deve avançar sem hesitação segundo os próprios dons e cargos pelo caminho da fé viva, que leva esperança e opera pela caridade” (LG, n. 41).

Na mesma direção, aponta Antonio Royo Marín, em comentário ao texto da *Lumen Gentium* (LG, n. 40), ao descrever os principais ensinamentos contidos na segunda parte do n. 40 da LG, que são estes: 1º) o fiel deve empenhar todas as forças recebidas de Deus para a própria santificação (binômio dom e tarefa); 2º) é necessário seguir as pegadas de Cristo, isto é, configurar-se plenamente com Ele; 3º) é preciso imitar a Cristo, buscando obedecer em tudo à vontade do Pai; 4º) é preciso entregar-se por completo e com toda a alma glorificar a Deus; e 5º) a história da Igreja, com a existência dos santos, é uma brilhante prova dos grandes frutos produzidos pelo Povo de Deus.¹⁸³

¹⁸¹ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 24.

¹⁸² O autor apresenta o resumo a partir do comentário ao n. 40 da *Lumen Gentium* (cf. ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 148-149).

¹⁸³ ROYO MARÍN, Antonio, *Espiritualidad de los seglares*, p. 28-29.

Com o Concílio Vaticano II, a proclamação à vocação universal à santidade passa a constituir uma realidade inquestionável.¹⁸⁴ Tal fato é confirmado pelo Sínodo dos Bispos de 1985, realizado duas décadas após o evento conciliar, ao afirmar que um dos feitos mais importantes do Concílio Vaticano II foi a proclamação da chamada universal à santidade (cf. *Relatio Finalis II*, 4).¹⁸⁵

Da mesma forma, transcorridos mais de quinze anos do Sínodo de 1985, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, João Paulo II invoca a chamada universal à santidade e a apresenta como “fundamento pastoral do novo milênio”.¹⁸⁶ A Constituição Apostólica *Lumen Gentium* supera o esquema de santidade reservado ao clero e aos consagrados e o estende a todo batizado.¹⁸⁷

A chamada universal à santidade, como pressuposto da vida espiritual, constitui um fato de amplas repercussões tanto apostólicas como pastorais.¹⁸⁸ O dado fundamental é que a santidade não está no excepcional ou extraordinário, mas na união com Deus, com o crescimento da fé e do amor a que todo cristão é chamado nas coisas ordinárias da vida cotidiana. O concílio finaliza o Capítulo 5, dedicado à vocação universal, à santidade na Igreja com a seguinte exortação:

Todos os fiéis cristãos são, pois, convidados e obrigados a procurar a santidade e a perfeição do próprio estado. Que todos, portanto, atendam a isso e dirijam retamente seus afetos, para que por causa do uso das coisas mundanas e do apego às riquezas contra o espírito de pobreza evangélica não sejam impedidos na busca da caridade

¹⁸⁴ Em face do modelo de uma espiritualidade de *minorias* (como se fosse um privilégio de grupos elitistas e, de certo modo, fechados) que dava lugar a dois grupos de cristãos: os que buscavam a santidade de forma forte e programada e aqueles menos exigentes dessa espiritualidade, foi penetrando na consciência cristã a chamada à vocação universal à santidade a que todos são chamados à plenitude da vida cristã (LG, n. 40). O Concílio Vaticano II, ao centrar a santidade na perfeição da caridade, converte a espiritualidade em uma exigência de todo batizado (cf. GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 320).

¹⁸⁵ Outro fato relevante é o atrativo que, atualmente, exercem os santos sobre todo o Povo de Deus: basta ver o elevado número de canonizações no século XX (mais que em toda a história da Igreja). Esse fenômeno se trata de um dos sinais dos tempos, o qual traduz a sede de espiritualidade do homem atual e expressa o desejo de uma religião profundamente espiritual (GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 304).

¹⁸⁶ JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte*, n. 20-21.

¹⁸⁷ BARAÚNA, Guilherme. Prefácio. In: BARAÚNA, Guilherme (org.). *A Igreja do Vaticano II*, p. 21-26.

¹⁸⁸ São consideradas como repercussões apostólicas e pastorais segundo o autor: 1º) ação pastoral e apostólica que tenha o ideal de plenitude da santidade sempre presente, sem distinguir, *a priori*, estados e condições; 2º) em nível teológico-especulativo, considerar a vocação universal à santidade como ponto de partida que contribui para precisar a noção de santidade; 3º) que a santidade não é uma qualidade abstrata, mas o viver cristão em quanto real e fundamentado na fé e na esperança e informado pela caridade; 4º) que os vocábulos *santidade* (transformação que a graça opera no homem) e *missão* (tarefa de cada cristão partícipe da missão da Igreja) são distintos, mas compõem uma única realidade vital que é a condição cristã e seu desenvolvimento; 5º) que o crescimento da santidade é pessoal e se desenvolve num contexto vital; e 6º) que a santidade não pode ser apresentada apenas como um dom outorgado por Deus, mas que se realiza com o empenho na perseverança do amor superando as dificuldades (cf. ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 151-153).

perfeita, segundo admoesta o Apóstolo: Os que usam deste mundo, não se fixem nele, pois passa a aparência deste mundo (cf. 1Cor 7,31 grego); (LG, n. 42).

Da exortação convém destacar os seguintes aspectos: a) que todo cristão é chamado a se empenhar na sua vocação para a plena santificação (manter-se habitualmente em estado de graça e tratar de ir se aperfeiçoando); b) que os dois principais obstáculos para o cristão, especialmente leigo, são o uso imoderado das coisas do mundo e o apego às riquezas; e c) que o concílio recomenda a prática do *espírito* dos conselhos evangélicos, ou seja, um coração desprendido das riquezas, a castidade segundo o próprio estado, e a obediência de todo o coração às orientações da Igreja e do Papa.¹⁸⁹

A vocação à santidade ou a plena configuração com Cristo a que todo cristão é chamado em virtude das exigências batismais, constitui, portanto, um dos pressupostos essenciais da vida cristã. Todo cristão é chamado a viver a plenitude do amor a Deus e ao próximo que deve ser buscada em toda condição de vida ordinária. O fiel cristão leigo desaprendeu a acreditar na sua vocação à santidade, por isso precisa tomar consciência do convite de Deus que irrompe em sua vida, que o une a Ele e o estimula a ser como Deus.¹⁹⁰

Atuais são as palavras do evangelista São Mateus: “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16). É preciso viver o Evangelho de forma concreta, oferecendo testemunhos de vida para demonstrar que a fé verdadeira não *nos* afasta da vida, mas, ao contrário, faz mergulhar mais profundamente nela, indicando o caminho concreto a ser percorrido para viver a alegria do Evangelho, sobretudo diante do panorama atual da pluralidade religiosa, do excesso de informações, num contexto de medo e desesperança desencadeado pela pandemia.

1.4 A ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DO CONCÍLIO VATICANO II

A sensibilidade religiosa do homem de hoje se orienta aos valores concretos, vitais e existenciais.¹⁹¹ Para que o Evangelho e o testemunho de Deus sejam experimentados plenamente, a vida espiritual não pode ser problematizada, mas vivida com uma luz que

¹⁸⁹ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 37-38.

¹⁹⁰ AMARAL, Miguel de Salis. *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p. 2.

¹⁹¹ A. M. Bernard, nessa linha, aduz que o cristão de hoje busca a espiritualidade naquilo que está vivendo, num verdadeiro sentido antropológico-transcendental (cf. BERNARD, Albert Marie. *Tendencias dominantes en la espiritualidad contemporánea*, n. 9, p. 31).

penetra no mais profundo da vida humana, iluminando-a para santificá-la segundo o Evangelho.¹⁹²

Além de uma espiritualidade mais autêntica e evangélica, é necessário que seja encarnada e aberta aos valores da existência, com ampla dimensão antropológica na busca da perfeição integral do ser humano, a partir da experiência de Deus e do compromisso com o mundo (espiritualidade de imersão e de compromisso).¹⁹³

Partindo do pressuposto de que compete à Teologia o esforço em buscar compreender os mistérios da fé e atualizar seus conteúdos para uma melhor vivência da mensagem cristã, é que se chega à espiritualidade própria e nova que o Vaticano II propõe à Igreja e ao mundo. Com o concílio, ocorreu uma verdadeira renovação da espiritualidade cristã,¹⁹⁴ novos enfoques que abriram novos rumos. Os cristãos “já não conseguiam encontrar o caminho da relação com Deus, muitas vezes reduzida a encontros pontuais em meio a ritos um tanto sem sentido e repetição de fórmulas que soavam estranhas aos ouvidos já permeados pela modernidade”.¹⁹⁵

A Teologia espiritual do século XX (anterior ao Concílio Vaticano II) encontrava-se num processo contínuo de evolução diante das vicissitudes e polêmicas de seu tempo.¹⁹⁶ Orientava-se a uma concepção de vida espiritual mais unitária, mais teológica e mais aberta aos valores e à realidade do mundo moderno, preparando, assim, o que viria a ser o Concílio Vaticano II.¹⁹⁷ Esse concílio constitui a primeira síntese de uma espiritualidade renovada e teve como um de seus grandes temas a proclamação da vocação universal à santidade (LG, ns. 39; 42) que marcou os caminhos da espiritualidade contemporânea.¹⁹⁸

O Concílio Vaticano II não trata especificamente da Teologia espiritual, nem da espiritualidade enquanto tal,¹⁹⁹ mas da vida espiritual na Igreja, inspirando-se nos princípios

¹⁹²Texto original: [...] *como una luz, como una energia que, perforando el espesor de la existencia humana, pueda iluminar esa misma existencia; en una palabra, santificarla según el Evangelio* (GARCIA, Ciro. *Teologia Espiritual Contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 8).

¹⁹³GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 253-258.

¹⁹⁴MARTI, Pablo. *La espiritualidade cristiana en el Concilio Vaticano II*, p. 153.

¹⁹⁵BINGEMER, Maria Clara. Espiritualidade. In: PASSOS, Décio João; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Diccionario do Concílio Vaticano II*, p. 366.

¹⁹⁶Remete-se ao estudo realizado por Ciro Garcia sobre os movimentos da Teologia espiritual anteriores e preparatórios ao Concílio Vaticano II no quinto capítulo com o título *Corrientes nuevas de espiritualidad y problemática de la Teologia espiritual*, p. 223-285.

¹⁹⁷GARCIA, Ciro, *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 285.

¹⁹⁸GARCIA, Ciro, *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 289-290.

¹⁹⁹Nesse mesmo sentido, segundo Maria Clara Bingemer, a palavra *espiritualidade* não se encontra nos documentos conciliares como categoria e conceito teológico mesmo aparecendo em alguns dos documentos, por exemplo, como na *Apostolicam Actuositatem* que trata da espiritualidade dos leigos. Não chega a constituir um “conceito-guia” que lidera a reflexão e a proposta conciliar; no entanto, são mencionados várias vezes os termos *espiritual*, ou *dimensão espiritual* (BINGEMER, Maria Clara. Espiritualidade. In: PASSOS, Décio João; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Diccionario do Concílio Vaticano II*, p. 366-372).

clássicos da espiritualidade cristã. Não se pode compreender a espiritualidade do concílio em pauta como ruptura com a espiritualidade tradicional, mas como fórmula renovada dos princípios doutrinários.²⁰⁰ O evento conciliar retoma da Tradição os elementos que, há muito tempo, já não alimentavam os cristãos como a importância da Palavra de Deus, o significado do sacerdócio universal dos batizados e a vocação de todos à santidade.

As bases de uma renovada Teologia espiritual, fundamentadas no Concílio Vaticano II, estão marcadas pela retomada da perspectiva bíblica, litúrgica, ecumênica, antropológica e eclesiológica, bem como a abertura ao mundo e missionária,²⁰¹ influência da espiritualidade tradicional. A espiritualidade que emerge das Constituições do Concílio Vaticano II²⁰² encontra, na liturgia da Igreja, sua fonte e ápice (SC); se alimenta da Palavra de Deus (DV); é essencialmente eclesial, comunitária e missionária (AG); comporta a chamada universal à santidade na Igreja como mistério de comunhão (LG), e essa aberta ao mundo e à história (GS).²⁰³

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia representa uma mudança em relação à espiritualidade. Essa renovação se expressa na orientação para a santificação e o culto divino, que deve ser vivido no ritmo das celebrações litúrgicas e aberto à vida concreta (SC, ns. 5,10), na oração pessoal e ascese, na religiosidade e na piedade popular (SC, ns. 11,13). A liturgia é considerada a “fonte primária e necessária na qual devem beber os fiéis o espírito verdadeiramente cristão” (SC, n. 14). A partir do Concílio, ocorreu um significativo aumento na presença ativa na liturgia, sobretudo quanto à participação interior e espiritual dos fiéis, na viva e frutuosa atuação no mistério pascal de Jesus Cristo (SC, n. 11).²⁰⁴

A Constituição *Lumen Gentium*, considerada o documento central do Vaticano II, confere a visão da Igreja como mistério trinitário que tem sua origem, modelo e fim no Deus uno e trino em verdadeira comunhão trinitária (cf. Jo 17; 1Jo 1,1-4). A inspiração trinitária repercute na vida espiritual dos fiéis, conferindo uma profunda dimensão sacramental que é fonte e ápice da espiritualidade a partir da chamada universal à santidade, com o sentido de espiritualidade comunitária e com a impressão mariana como modelo e figura de toda a Igreja. É considerada como um tratado de Teologia Eclesial e, logo, de espiritualidade eclesial.²⁰⁵

²⁰⁰ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 292.

²⁰¹ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 295.

²⁰² PELLITERO, Ramiro. *La Teologia del laicado en la obra de Yves Congar*, p. 350.

²⁰³ GARCIA, Ciro, *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 296-297.

²⁰⁴ SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS. *Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos*, 1985, p. 43.

²⁰⁵ GARCIA, Ciro, *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 297.

A Constituição *Dei Verbum* propõe que a Sagrada Escritura seja fonte de vida espiritual da Igreja, remetendo à Palavra de Deus nas mãos do povo para uma autêntica espiritualidade que nasce da mensagem da Revelação. Os primeiros números versam sobre a natureza da Revelação: trinitária, pessoal e dialógica (DV, n. 1-3) e são aspectos constitutivos da espiritualidade, exortando os fiéis cristãos a uma resposta de fé e de vida (DV, n. 4-5).

A Palavra de Deus na Igreja que “crê e ora” (DV, n. 8) se dá com a ação do Espírito Santo que se manifesta através do Magistério dos pastores, no Povo de Deus (em geral), no estudo dos teólogos e na oração. Um dado essencial da espiritualidade é o diálogo com Deus vivo através da Palavra na liturgia, considerado como fonte da vida espiritual, bem como na oração e na *lectio divina* (DV, ns. 21, 25).²⁰⁶

A Constituição *Gaudium et Spes* aborda a questão da espiritualidade vivida no mundo. É a realidade da missão da Igreja (e de cada cristão) no mundo e em diálogo com esse (*ad extra*),²⁰⁷ tendo Cristo no eixo central. Assenta suas bases numa autêntica antropologia espiritual cristã (GS, ns. 11, 45) e representa uma grande abertura da espiritualidade diante do mundo, da sociedade, e dos valores humanos e culturais.²⁰⁸

A Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo é considerada como fruto de um esforço *difícil e doloroso* em purificar a espiritualidade cristã da radicalização da encarnação, ou seja, da sobreposição do profano sobre o religioso. Por outro lado, precisa ser reconhecido que o mundo contemporâneo necessita de abundantes testemunhos cristãos para iluminar as vicissitudes da vida contemporânea. Isso não pode ser visto como uma espécie de oportunismo tático para a Igreja superar a crise da secularização,²⁰⁹ pois, como na exortação de São Paulo, está dito: “Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros” (Gl 5,13).

²⁰⁶ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectiva*, p. 297-298.

²⁰⁷ Sobre a *Gaudium et Spes*, que não fazia parte do projeto inicial do Concílio Vaticano II, mas que nasceu do intuito de promover o diálogo da Igreja com o mundo, Santiago Madrigal afirma que o chamado esquema XVIII, ao assumir a projeção intramundana da Igreja, queria ser *ad extra* o que a Constituição *Lumen Gentium* representava *ad intra* como coluna vertebral da estrutura da Igreja (cf. MADRIGAL, Santiago. *Vaticano II: Remembranza y actualización: esquemas para una eclesiología*, p. 124).

²⁰⁸ A classificação da *Gaudium et Spes* como uma Constituição Pastoral revela tanto o objetivo doutrinal com a exposição das verdades doutrinárias quanto o pastoral. Quanto a este último, numa base antropológica espiritual, indica um estilo de relação entre a Igreja e o mundo com uma linguagem correspondente que considera os vários aspectos da vida do homem e da sociedade contemporâneas, bem como questões e problemas a eles relacionados. (cf. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Igreja da Lumen Gentium e a Igreja da Gaudium et Spes*, p. 657-676).

²⁰⁹ Ambos os excessos – a transcendência ou a encarnação – se unem frequentemente em uma oculta infraestrutura, sobre a qual, ao final das contas, virão a apoiar-se numa tensão dialética entre a transcendência e a encarnação (cf. RUIZ, José María Gonzáles. *Espiritualidad en tiempo de incertidumbre*, p. 245-247).

Já com relação aos decretos e à espiritualidade, pode-se dizer que o *Unitatis Redintegratio* promove uma autêntica espiritualidade ecumênica; o *Ad Gentes* trata da dimensão missionária e evangelizadora da espiritualidade e, por fim, os decretos que assinalam o caminho da espiritualidade e do compromisso apostólico dos sacerdotes (*Presbyterorum Ordinis*), das pessoas consagradas (*Perfectae Caritatis*) e dos leigos (*Apostolicam Actuositatem*).

Com o percurso realizado, pode-se dizer parafraseando Maria Clara Bingemer que, apesar de o Vaticano II não ter criado e apresentado uma espiritualidade própria, trata de “mostrar a importância de uma espiritualidade que integre espírito e corpo, história e eternidade, humano e divino, mística e política”.²¹⁰ Como base nos aspectos que emergem dos documentos conciliares, é possível descrever algumas das linhas de força do núcleo de espiritualidade conciliar:²¹¹

- 1) A chamada à santidade, marca profunda nos caminhos da espiritualidade contemporânea, apresenta a santidade da vida cristã como resposta aos problemas de nosso tempo;²¹²
- 2) A renovação no Espírito, assentada sobre a ação do Espírito, anima toda a espiritualidade, destacando os componentes bíblico e litúrgico na formação da vida espiritual e na sua relação com o mundo;
- 3) Como fontes de renovação espiritual estão a Palavra de Deus, a Sagrada Liturgia, a meditação, a oração pessoal, a direção espiritual e a formação permanente;
- 4) A inserção no mundo como um dos frutos de maior novidade no Concílio Vaticano II. Uma espiritualidade de ação e de compromisso, baseada no valor da atividade humana (GS, n. 34) e na relação com o mundo (GS, n. 29);²¹³e

²¹⁰ BINGEMER, Maria Clara. Espiritualidade. In: PASSOS, Décio João; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 367.

²¹¹ Segundo C. Garcia, as quatro Constituições são pilares da espiritualidade conciliar que se fundamentam na Palavra de Deus (DV); na liturgia da Igreja (SC), na Igreja como Mistério de comunhão (LG) e de missão (AG) e na abertura ao mundo contemporâneo (GS). As mesmas compõem a grande síntese do Concílio (cf. GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea*, p. 301-316).

²¹² Quanto à santidade como resposta, não se pode deixar de mencionar a recente Exortação do Papa Francisco, *Gaudete et Exultate*, sobre a santidade no mundo atual. Foi o primeiro papa a escrever um documento sobre a santidade. Esse texto, no ensinamento do Concílio Vaticano II, procede à revalorização da vocação cristã com uma adequada compreensão do carácter teológico da secularidade, bem como de mudança de paradigma da santidade cristã: se passa do paradigma da santidade monástica ou religiosa para a santidade universal, mais integrada na vida e missão da Igreja e do cristão e, portanto, com distintas modalidades que dão lugar a uma diferença de espiritualidades, sublinhando a universalidade da santidade para todo cristão (cf. MARTI, Pablo. *La espiritualidad cristiana en el Concilio Vaticano II*, p. 162).

5) A espiritualidade de comunhão, que tem seu fundamento na eclesiologia de comunhão.²¹⁴

O Concílio Vaticano II tratou de superar a incerteza ao se manifestar de forma clara e aberta diante do enfraquecimento da autêntica fortaleza do papel da fé no mundo moderno com suas preocupações e esperanças.²¹⁵ A Igreja, diante da secularização e da pluralidade que iam configurando um mundo que antes era teocêntrico, percebeu a exigência de nova forma de ver e apresentar a espiritualidade cristã.²¹⁶ O concílio ofereceu princípios teológicos e espirituais da renovação relativos à questão da necessidade de dar resposta à modernidade e sublinhar a unidade entre fé e vida do cristão.²¹⁷

Esse é o problema e o desafio da espiritualidade pós-conciliar e da espiritualidade do futuro, ou seja, fazer com que cada um dos cristãos ame mais a Deus, que tenha mais fé, mais esperança e mais caridade com Deus e com os homens. E esse segue sendo um problema

²¹³ Importante ressaltar que, anteriormente ao Concílio, já existia a Ação Católica e um grande impulso para o protagonismo do leigo que foi acolhido pelo mesmo. Nesse sentido explica Walter Kasper que o Vaticano II “acolheu as aspirações de renovação da primeira metade do século XX. Porém, é historicamente equivocado fazer de conta que a dignidade e a importância dos leigos tenham sido redescobertos só pelo Concílio. {...} ele expressou o que nos séculos precedentes já havia sido mais vivido que ensinado, formulando com mais clareza e coerência o que se encontra esparso também já em meio à tradição dogmática e, no processo, recorreu a importantes impulsos dos movimentos de renovação precedentes”. (KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, realidade, missão*. p. 268).

²¹⁴ Transcorridos 20 anos do Concílio Vaticano II, o sínodo extraordinário de 1985, apresentou o que o Magistério entende pela complexa palavra comunhão: “Que significa a complexa palavra comunhão? Trata-se fundamentalmente de comunhão com Deus por Jesus Cristo no Espírito Santo. Tem-se esta comunhão na Palavra de Deus e nos sacramentos. O Batismo é a porta e o fundamento da comunhão na Igreja. A Eucaristia é a fonte e o ápice de toda a vida cristã (LG, n. 11). A comunhão do corpo de Cristo eucarístico significa e produz, isto é, edifica a íntima comunhão de todos os fiéis no Corpo de Cristo que é a Igreja (1 Cor 10,16)” (SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS, 1985. *Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos*, 1985). Ainda na perspectiva da Igreja como comunhão nos textos do Vaticano II, citado por Santiago Madrigal, merece destaque a sistematização feita por Walter Kasper (secretário teológico do Sínodo Episcopal Extraordinário de 1985), com o intuito de demonstrar a noção de comunhão como ideia diretriz dos textos conciliares. Seguem, segundo este autor, cinco significados de *communio* que podem ser depreendidos dos textos: 1) a comunhão com Deus trinitário, a Igreja como o ícone de comunhão trinitária do Pai, filho e Espírito Santo (*Lumen Gentium*, 4; *Unitatis Redintegratio*); 2) a comunhão significa participação na vida de Deus através da palavra e dos sacramentos (Eucaristia); 3) é a comunhão das Igrejas locais fundadas mediante a Eucaristia, ou seja, comunhão-unidade, ou rede de Igrejas; 4) a comunhão dos fiéis, como comunhão básica (*Lumen Gentium*, 13; *Unitatis Redintegratio*, 2: AA 18), entendida como participação e corresponsabilidade (*Sacrosanctum Concilium*, 14), tendo como ponto de partida a doutrina do sacerdócio comum de todos os batizados (*Lumen Gentium*, 10) e, por fim, 5) a comunhão da Igreja como sacramento para o mundo, como modelo e exemplo de comunhão para os homens e para os povos (*Ad Gentes*, 11,23; *Gaudium et Spes*, 29) (cf. MADRIGAL, Santiago. *Vaticano II: remembranza y actualización: esquemas para una eclesiologia*, p. 263-264).

²¹⁵ RAHNER, Karl. Espiritualidad antigua y actual. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 14.

²¹⁶ BINGEMER, Maria Clara. Espiritualidade. In: PASSOS, Décio João; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 372.

²¹⁷ MARTI, Pablo. *La espiritualidad cristiana en el Concilio Vaticano I*, p. 153.

muito importante e decisivo para que a Igreja seja o que deve ser para aceitar a situação de incerteza, lidar com paciência, procurar compreender e superá-la progressivamente.²¹⁸

Para Karl Rahner, o Concílio Vaticano II desempenhou (e segue desempenhando) a função de catalisador na medida em que representa a união de elementos que combinados são capazes de provocar mudanças. Essa renovação causou uma repercussão no desenvolvimento da espiritualidade cristã na vida da Igreja, no período posterior.

1.5 LINHAS DA ESPIRITUALIDADE PÓS-CONCILIAR

Refletir sobre espiritualidade cristã, nos dias de hoje, significa revisitar a espiritualidade conciliar renovada. Falar de uma espiritualidade (renovada) pós-conciliar não significa dizer que é completamente distinta da anterior, mas abriga nova forma de expressão diante dos novos contextos social e religioso no mundo.²¹⁹ A questão sobre o presente define a relação com o passado, pois os novos problemas e a evolução de uma sociedade, suas inquietudes e aspirações explodem em vastas convulsões religiosas.²²⁰

Sobre a importância da continuidade entre passado e presente, como critério para o discernimento da autenticidade de novos tipos de espiritualidade dentro da Igreja, ensina Karl Rahner:

Quem estima haver chegado a encontrar um novo tipo de espiritualidade dentro da Igreja e se sente chamado a difundir-lo, encontrará um importante critério para comprovar a autenticidade de sua espiritualidade mediante uma “discrição de espírito”, ao constatar que seu novo tipo de espiritualidade é capaz ao mesmo tempo de conservar o sábio legado cristão da experiência espiritual ao longo dos séculos.²²¹

A partir do pressuposto da continuidade como critério é que se busca compreender essa *autêntica* espiritualidade pós-conciliar que foi atingida pelo Concílio Vaticano II como princípio de renovação.²²² O carmelita espanhol Ciro Garcia, em obra sobre as correntes e

²¹⁸ RAHNER, Karl. Espiritualidad antigua y actual. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 15.

²¹⁹ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes y perspectivas*, p. 116.

²²⁰ Texto original: *La lectura del pasado es siempre cuestión sobre el presente* (CERTEAU, Michel de. *Culturas y espiritualidades*, p. 183).

²²¹ Texto original: *Quien estime que há llegado a encontrar un nuevo tipo de espiritualidad dentro de la Iglesia y se siente llamado a difundirlo, encontrará un importante critério para comprobar la autenticidad de su espiritualidad mediante una “discripción de espíritu”, al constatar que su nuevo tipo de espiritualidad es capaz al mismo tiempo de conservar el sabio legado cristiano de la experiencia espiritual a lo largo de los siglos* (RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*, t. 7, p. 17).

²²² Segundo Karl Rahner, conhecido pela abertura do pensamento teológico ao mundo contemporâneo desde uma perspectiva antropológica transcendental, a renovação da espiritualidade é atingida pelo que se denomina de *aggiornamento* do Concílio Vaticano II que pode ser definido como “um princípio de renovação” a partir do

perspectivas da espiritualidade contemporânea, partindo de dois pontos fundamentais – retorno às fontes da Sagrada Escritura e da Tradição e, ainda, com especial atenção, aos sinais dos tempos – lista as principais características de uma espiritualidade renovada fruto do evento conciliar:

- 1) Uma espiritualidade radicalmente mais evangélica.²²³ A espiritualidade cristã nada mais é do que uma forma concreta de viver o Evangelho, vinculada ao encontro com a humanidade de Jesus e no seu seguimento. Não é mera imitação, mas uma identificação com suas atitudes, espírito e com seus valores através do Evangelho e da Palavra de Deus.²²⁴ Aquilo que Jesus encarnou nas circunstâncias de seu tempo e que agora o cristão deve fazê-lo diante das circunstâncias de sua própria história;²²⁵
- 2) Uma espiritualidade atenta aos acontecimentos históricos, que seja capaz de encarnar o Evangelho nas novas realidades. Nova síntese evangélica em suas relações com Deus e com os demais. Não significa ruptura com o passado, mas atualização;
- 3) Uma espiritualidade em diálogo com os modelos culturais. O Evangelho deve ser inculturado e as culturas impregnadas de vida evangélica. A fé e a espiritualidade estão chamadas a purificar os valores culturais;²²⁶

qual o cristão busca encarnar o Evangelho na sua nova realidade (cf. RAHNER, Karl. *O Vaticano II: um começo de renovação*, p. 24-25).

²²³ A. M. Bernard considera a experiência evangélica (utiliza o adjetivo *evangélica*) fundamental para caracterizar a espiritualidade contemporânea. É imprescindível o fiel cristão dar um sentido evangélico ao que vive e ser partícipe do mundo sem, por isso, deixar de ser partícipe de Deus em Cristo; essa é a difícil solicitação que a vida espiritual, indubitavelmente, deverá enfrentar para ser autêntica. O Concílio Vaticano II procedeu a uma revitalização da consciência evangélica com a recuperação do sentido da Palavra de Deus (cf. BERNARD, Albert Marie. *Tendencias dominantes en la espiritualidad contemporánea*, passim).

²²⁴ Conforme a *Dei Verbum*, tanto na Sagrada Escritura como na Sagrada Tradição estão unidas e “promanam da mesma fonte divina” e, portanto, delas deriva a certeza de tudo o que foi revelado e, por isso, devem ser aceitas e veneradas com igual reverência (cf. DV, n. 9).

²²⁵ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 329.

²²⁶ Mesmo que distante de nosso tempo, mas que pode servir de inspiração para uma espiritualidade que esteja em diálogo com a cultura e atenta aos contextos históricos, Bartolomeu de Las Casas, em sua obra o *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, trata da questão da persuasão da fé pelo entendimento da inteligência, bem como pela exortação da vontade com um rol de argumentos para justificar, com muita propriedade, sua teoria. Trata da questão de forma didática, profunda, realista e ampla. Propunha novos caminhos e uma forma nova de evangelizar que iam contra a cultura da colonização e aos interesses de sua época. Las Casas deixou como legado um testemunho de catolicidade estreita em que nasceu e de que conseguiu se desvencilhar quanto ao essencial. A originalidade maior de Las Casas está no caráter universal de sua argumentação, da liberdade como fundamento da fé e da religião. Na defesa de uma atitude pela busca racional e livre, articula exigências da razão e da fé para capacitar a compreensão da atitude religiosa na sua complexidade e na pluralidade o que se relaciona, sobremaneira, com a Teologia de nosso tempo. Tanto é que Las Casas chegou a uma visão ampla e profunda que só encontrará uma expressão doutrinal e pastoral completa e oficial no Concílio Vaticano II. Las Casas foi um teólogo com visão muito além de seu tempo, tendo florescido sua doutrina séculos depois. As pessoas, em tempo de secularização, muitas vezes, os próprios cristãos, poderiam ser chamadas de “indígenas de nosso tempo”, por isso, a forma de persuasão defendida por Las Casas possui plena aplicabilidade em todos os tempos para reconhecer a verdade no

- 4) Uma espiritualidade inserida no contexto eclesial, integrando novos modelos sem rupturas. A diversidade dos contextos eclesiais não pode perder de vista a característica da unidade da eclesiologia de comunhão e, conseqüentemente, da espiritualidade de comunhão;
- 5) Uma espiritualidade aberta à perspectiva antropológica atenta ao homem em sua situação histórica, concreta e atual, a partir da compreensão do homem e da sua existência humana à luz do mistério de Cristo;
- 6) Uma espiritualidade sensível à realidade do mundo e da história humana. É a perspectiva secular da nova espiritualidade com atenção ao mundo com seus “gozos e esperanças, tristezas e angústias dos homens de nosso tempo” (GS, n. 2);²²⁷
- 7) Uma espiritualidade aberta à experiência de Deus e à realidade humana. Hoje se faz necessária uma verdadeira experiência cristã – encontro pessoal com Deus – não apenas como experiência psicológica e subjetiva, mas uma que corresponda à verdadeira realidade objetiva, que é a autocomunicação de Deus.²²⁸

A espiritualidade pós-conciliar é uma atualização (*aggiornamento*) do Concílio Vaticano II, que não significa uma ruptura com o passado, mas revisitar seu núcleo espiritual e a renovação no Espírito que daí surge. Na verdade as características apresentadas são o aprofundamento e o desenvolvimento da espiritualidade conciliar, demonstrando que a recepção desse concílio ainda continua. É verdade que o tempo passado desde o término do concílio é um prazo muito curto em se tratando de recepção na vida da Igreja.²²⁹

Segundo o novo *Dicionário de espiritualidade*,²³⁰ são notas características da espiritualidade pós-conciliar ou espiritualidade contemporânea.²³¹

anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo (cf. LAS CASAS, Bartolomeu de. *Único modo de atrair os povos à verdadeira religião*, p. 49).

²²⁷ A espiritualidade e a perspectiva secular serão objeto de reflexão mais atenta no capítulo seguinte.

²²⁸ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 329-336.

²²⁹ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*, p. 285.

²³⁰ O verbete versa sobre a espiritualidade contemporânea, entenda-se espiritualidade pós-conciliar. Foi publicado 31 anos após o encerramento do evento conciliar (cf. FIORES, Stefano de. *Espiritualidade Contemporânea*. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 346-354).

²³¹ Para traçar as linhas distintivas da espiritualidade contemporânea, o autor parte das seguintes características da espiritualidade cristã: *trinitária, cristocêntrica, eclesial, bíblica e ecumênica* dentro de uma perspectiva *antropológica*, a fim de identificar as linhas predominantes ante a cultura atual (cf. FIORES, Stefano de. *Espiritualidade Contemporânea*. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 346-354).

- 1) A espiritualidade como opção fundamental e horizonte significativo da existência, sob a influência de vários fatores como a reflexão humana sobre o Senhor da vida, que a espiritualidade, em nível humano, parece possível e constitui valor religioso positivo e, por fim, as vicissitudes da história demonstram a necessidade de buscar significado como um caminho *possível* para a salvação humana e a convivência social;
- 2) A espiritualidade como experiência de Deus. Num ambiente não cristão, o crente deve prestar contas de sua experiência religiosa no mundo, que passa por três caminhos: a) uma experiência cosmológica de Deus (relação com o Universo);²³² b) uma experiência antropológica de Deus (experimentar Deus nas coisas humanas pela experiência de amor); e c) uma experiência histórico-salvífica de Deus no mundo (o homem que busca a ação de Deus nas vicissitudes da história);
- 3) A espiritualidade como compromisso no mundo, uma espiritualidade encarnada num lugar e num tempo que anime as realidades até as que parecem vulgares e não sagradas; e
- 4) A espiritualidade libertadora, tendo como atitudes fundamentais a conversão ao próximo (a caridade supera o estágio da ajuda privada e individual, tornando-se compromisso público); também a gratidão, a alegria e a esperança de quem vive em comunhão com o Senhor e a celebração histórica do mistério pascal (vivendo o mistério pascal na dimensão histórica atual e secular).²³³

A partir das características assinaladas, são apresentados os seguintes horizontes para o futuro da espiritualidade cristã: 1) o desaparecimento das espiritualidades evasivas; 2) a existência das dimensões personalista, experiencial, histórica, liberadora e comunitária da espiritualidade; e 3) a elaboração de uma espiritualidade unitária e criativa, “levando em conta as dimensões essenciais do ser humano”.²³⁴ Em torno da importância da espiritualidade para o futuro do homem,

²³² Quanto à experiência cosmológica de Deus, aduz que é na relação com o universo que o homem, percorrendo as cinco vias de Santo Tomás de Aquino (via do movimento, via da causa eficiente, via do contingente necessário, via dos graus de perfeição e a via do governo das coisas), compreende que Deus é necessário para explicar a existência do mundo (cf. FIORES, Stefano de. *Espiritualidade Contemporânea*. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 349-350).

²³³ FIORES, *Espiritualidade Contemporânea*. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 346-354.

²³⁴ FIORES, *Espiritualidade Contemporânea*. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 356-357.

a abertura da espiritualidade à arte e às outras categorias ou atividades análogas do homem é mais necessária do que nunca para o futuro. O fim do mundo sobreviverá, segundo Dostoiévski, não por causa das guerras, mas sim de enfatiamento geral e insuportável, quando aparecer o diabo do bocejo de dimensões mundiais; assim sendo, podemos prever então, juntamente com este autor, que “a beleza salvará o mundo”. Serão as obras-primas da arte humana, não destituídas de centelha divina, e as obras de Deus na argila humana, os santos, que elevarão os homens acima do útil e do funcional, para fazê-los descobrir o significado da vida como dom gratuito de Deus vivo, que, por caminhos imprevisíveis, guia as vicissitudes históricas para metas eternas.²³⁵

Stefano de Fiores é categórico ao dizer que serão “os santos, que elevarão os homens acima do útil e do funcional, para fazê-los descobrir o significado da vida como dom gratuito de Deus vivo, que por caminhos imprevisíveis, guia as vicissitudes históricas para metas eternas”.²³⁶ Dessa forma, sobre o que salvará o mundo, encontra-se o chamado à santidade do cristão como resposta aos problemas do nosso tempo e que passa pela vivência de uma espiritualidade verdadeiramente autêntica, que saiba manter uma relação viva com o passado. Submissa ao espírito da verdadeira espiritualidade cristã e aceitando o valor do institucional contido no Magistério da Igreja que, apesar de estar sujeito a múltiplas mudanças não significa destruição ou atrofia,²³⁷ ao contrário, é fonte viva da vontade de Deus.

Karl Rahner, relativamente às perspectivas da “espiritualidade cristã do futuro” (espiritualidade cristã pós-conciliar) assim as descreve:²³⁸ 1) como experiência do Deus incompreensível, referindo-se à relação pessoal e imediata com Deus de uma pessoa que tenha experimentado algo, pois a espiritualidade do futuro não se apoiará mais em uma convicção unânime, evidente e pública”;²³⁹ 2) como uma vida temporal a serviço do mundo, considerando o caráter teológico da secularidade num mundo cheio de exigências para o cristão; e 3) como uma nova ascética dos limites que se deve impor a si mesmo, uma liberdade responsável diante do dever e uma “ascética do consumo” em resposta à tendência consumista.²⁴⁰

²³⁵ FIORES, Espiritualidade Contemporânea. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 357.

²³⁶ FIORES, Espiritualidade Contemporânea. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 357.

²³⁷ Segundo Karl Rahner, a espiritualidade do futuro somente será fiel e submissa à verdadeira espiritualidade cristã, se conseguir aceitar o planejado, o praticado, o formado, as práticas, em apenas uma palavra, o institucional, senão se diluirá numa atitude interna deformada. O espírito não existe sem o corpo, não sendo possível uma vida religiosa se o homem não impõe a si mesmo uma regra, umas práticas e umas obrigações (cf. RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 19-21).

²³⁸ RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 22-35.

²³⁹ RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 25.

²⁴⁰ Ante essa perspectiva, o autor compara a ascética do passado, onde existiam muitos limites procedentes de uma dura coação externa advinda de situações vitais (p. ex., a situação precária e trabalhosa da vida, a liberdade sexual que era *castigada* pela doença ou pelos filhos, a inexistência de tratamento para muitas doenças, etc.), com a época moderna em que existem muitos poucos limites impostos desde fora. Assim, no

Conclui-se que existe um problema e uma tarefa que não serão resolvidos pela reflexão teológica, mas pela *práxis* da vida que se realiza com paciência, numa constante busca, com autocrítica, discrição de espírito, e que, portanto, seguirá sendo dom do Espírito ao indivíduo e à Igreja.²⁴¹ As considerações feitas pelo teólogo alemão se fazem atuais nos dias de hoje. No processo da recepção conciliar da dimensão querigmática à *práxis*, à qual se refere Rahner, é necessário um renovado olhar sob a própria espiritualidade cristã, bem como apresentar a doutrina tradicional da Igreja de modo simples, acessível, adaptado à sensibilidade e à linguagem com a atualização de seu conteúdo.

É preciso oferecer respostas à modernidade sem esquecer da necessidade de salientar a unidade entre fé e vida do cristão, para se alcançar uma existência transformada e transformadora do ser humano, num tempo de incertezas e indiferença a Deus como o de agora. Nesse contexto, urge “sublinhar a inevitável tensão dialética entre a transcendência e a encarnação que caracteriza a espiritualidade cristã genuína”.²⁴² Colocado em outras palavras, uma espiritualidade como comunhão tanto na dimensão vertical – considerada como a vida interior com Cristo no Espírito Santo e princípio interno de ação – quanto na dimensão horizontal – como experiência espiritual visível.

1.6 BREVE CONCLUSÃO

A reflexão de hoje sobre a espiritualidade cristã, a “espiritualidade do futuro” sobre a qual falava Karl Rahner, deverá unir o passado com o presente com a conservação de um legado e a nova configuração da espiritualidade, da mística da experiência de Deus e da ação temporal-humana.²⁴³ Partindo desse pressuposto, é possível tecer as seguintes considerações conclusivas do capítulo.

A descrição da espiritualidade cristã se faz com base no legado do passado e não poderia ser diferente sob pena de incorrer em uma atitude interna deformada.²⁴⁴ À luz da fé e do Magistério eclesiástico e, com base nas exposições realizadas por peritos em Teologia

passado se colocava em relevo o extraordinário e heroico enquanto que, atualmente, diante do amplo domínio da natureza, da técnica, da medicina, do planejamento o ser humano possui possibilidades muito amplas. Tudo isso gera uma transformação na ascética cristã outrora tinha o caráter do adicional e extraordinário e hoje de caráter responsável frente ao dever (cf. RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 31).

²⁴¹ RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 34.

²⁴² Texto original: *subrayar esa inevitable tensión dialética entre transcendencia y encarnación, que caracteriza la espiritualidade cristiana genuina* (cf. RUIZ, José María González. *Espiritualidad en tiempo de incertidumbre*, p. 252).

²⁴³ RAHNER, *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 34.

²⁴⁴ RAHNER, *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 19 e 21.

espiritual, é possível afirmar que a espiritualidade pode ser considerada um modo de viver cristão (uma nova vida) fruto do encontro pessoal e espiritual com Cristo no Espírito Santo que necessita de tradução concreta na situação humana do mundo e histórica. Essa será a noção de espiritualidade cristã desenvolvida nessa tese. Não há lugar no cristianismo para espiritualidades de evasão ou dualistas.

A visão bíblica, de sua parte, oferece uma chave para a compreensão do termo espiritualidade, como vida espiritual porque é obra do Espírito Santo.²⁴⁵ Essa vida significa que o batizado deve viver, em plenitude, a realidade de Deus que Jesus Cristo revelou e tornou acessível. O sentido etimológico de espiritualidade, a partir dos conceitos bíblicos – nefesch, ruah, pneuma – indica que é sempre o que movimenta o humano em sua vida, a partir do Espírito de Deus.

Essa vida espiritual é difícil de tipificar de modo exaustivo e, logo, de definir. No entanto, não se pode perder de vista que a espiritualidade, como um modo de viver uma vida espiritual, tem origem na relação pessoal e íntima com Deus que não só é uma pessoa, mas que é pessoal por excelência. É considerada uma vida interior e espiritual que se transforma em uma vida religiosa.²⁴⁶

O cristão, com a força especial desde o Batismo quando é assumido como *filho de Deus* e na medida em que acolhe o dom divino²⁴⁷ é chamado a uma vida espiritual que é constituída, de modo geral, pelas seguintes dimensões: a) da comunicação por parte de Deus que convida a participar do mistério do seu viver trinitário; b) da sua resposta como sujeito da comunicação de Deus; e c) da vocação como o chamado, pois cada um é amado e convidado por Deus de modo único para percorrer um caminho pessoal de progressiva comunhão até alcançar a plenitude de vida que é a santidade (cf. LG, n. 40).

A vida cristã como um convite para entrar em relação pessoal com Deus, que abarca e transforma toda a vida, adquire durante toda a vida um desenvolvimento que consiste no crescimento das virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade, no aperfeiçoamento das virtudes humanas, na luta interior e na vida de oração. Essa vida espiritual assume as seguintes características: trinitária e filial, cristocêntrica, pneumatológica, eclesial, litúrgica, eucarística, apostólica e mariana, histórica, encarnada e escatológica.

²⁴⁵ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 17-18.

²⁴⁶ BOUYER, Louis. *Introduzione a la vita spirituale*, p. 22.

²⁴⁷ Texto original: [...] *incorporación a la propia vida la realidad afirmada por el dogma. El dogma – dando a esa palabra no su sentido técnico de verdad definida, sino el más amplio de dimensión noética y propositiva de la doctrina, y la predicación de la Iglesia – enuncia la realidad de Dios, la de su vida trinitaria, la de su comunicación al hombre en Cristo y en el Espíritu. Y remite a esa realidad, ya que, como subraya Santo Tomás de Aquino, la fé no termina en las palabras, sino en Aquel a que las palabras evocan* (ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 9-10).

A distinção entre espiritualidade e santidade foi um passo importante, visto que, na literatura teológico-contemporânea se observa certa identificação entre os termos. A espiritualidade é considerada um modo de ser cristão enquanto a santidade é o fim a que todo cristão é chamado à plenitude do amor e à vida eterna. São termos distintos, mas que, mutuamente, se implicam e enriquecem, pois ambos remetem à condição cristã e ao seu desenvolvimento.

A “vida segundo o espírito”, como processo de encontro e comunicação entre Deus e o homem, tem início no Batismo, se desdobra no tempo até alcançar o seu ápice na plenitude dos céus. Encontra, na santidade, o ideal a ser alcançado (considerada como uma realidade chamada a crescer) e que está ao alcance de todo cristão.²⁴⁸

Com o intuito de unir o passado ao presente tratou-se de compreender o sentido da espiritualidade cristã contemporânea considerada como a espiritualidade conciliar e seu desenvolvimento pós-conciliar. A renovação da espiritualidade aconteceu com o Concílio Vaticano II que pode ser definido como o princípio que oferece elementos capazes de provocar um processo de mudança.²⁴⁹

Com a recepção contínua e gradual desses princípios, é que se vai desenvolvendo a espiritualidade contemporânea pós-conciliar, quando o cristão busca encarnar o Evangelho em uma experiência de Deus que também seja aberta à vida humana em suas realidades temporais. E, a partir dos acontecimentos históricos, comprometido com o mundo e, ao mesmo tempo, inserido no contexto eclesial, vivendo uma verdadeira espiritualidade de comunhão.

Tal experiência corresponde a uma autêntica espiritualidade cristã contemporânea, uma espiritualidade libertadora, fruto da vivência de caridade, de gratidão e de alegria de quem vive as bem-aventuranças como programa de santidade. Como ensina o Papa Francisco, as bem-aventuranças são como o “bilhete de identidade do cristão”, e o cristianismo é uma religião prática que “deve ser praticada, [e] não só pensada”.²⁵⁰ A espiritualidade pós-conciliar foi atingida, o que não significa dizer que sofreu rupturas, mas que propiciou a atualização dos princípios teológico-espirituais conciliares.

Essa atualização que anima a espiritualidade, que, numa determinada situação cultural, toma corpo na busca de Deus como expressão da fé, experimenta, simultaneamente, o diálogo com Deus e o diálogo com os irmãos. O cristão deve desenvolver a graça de Deus na

²⁴⁸ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: curso de Teología Espiritual*, p. 21.

²⁴⁹ RAHNER, Karl. Espiritualidad antigua y actual. In: _____. *Escritos de Teología*, t. 7, p. 34.

²⁵⁰ FRANCISCO. *Meditações matutinas na Santa Missa: O bilhete de identidade do cristão*, passim.

linguagem de seu tempo – que não é nem do romantismo nem do subjetivismo individualista,²⁵¹ com o correspondente aprofundamento espiritual suscitado por um condicionamento cultural,²⁵² pois “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

²⁵¹ BERNARD, Albert Marie. *Tendencias dominantes en la espiritualidad contemporânea*, p. 36.

²⁵² Para Michel de Certeau a cultura é compreendida como a linguagem de uma experiência espiritual, que está toda comprometida com as questões colocadas ao homem por sua história e pela consciência que coletivamente possui da mesma (cf. CERTEAU, Michel de. *Culturas y espiritualidades*, p. 197).

2 OS CRISTÃOS FIÉIS LEIGOS: A IGREJA NO CORAÇÃO DO MUNDO

Poucos anos após a clausura do Concílio Vaticano II, já se falava e escrevia muito sobre os fiéis cristãos leigos, pois nunca antes lhes havia sido concedida tanta importância ao proclamar, abertamente, o papel decisivo a que estão chamados a desempenhar no serviço da Igreja.²⁵³ *O que não se diria, hoje, transcorridos mais de 50 anos desde o Concílio?* O Concílio Vaticano II dedicou todo um decreto aos leigos e falou sobre estes em vários documentos conciliares, destacando a importância que a Igreja concedeu-lhes, especialmente no exercício de sua própria missão apostólica.²⁵⁴

Aos cristãos que vivem no mundo, e cuja vida se desenvolve dentro das estruturas seculares lhes designa nomes diversos, a saber: leigos, seculares, simples cristãos ou fiéis cristãos leigos. *Qual das denominações é preferível para caracterizar os cristãos que vivem neste século como os denominou Boaventura Kloppenburg: o “cristão secularizado”?*²⁵⁵

Segundo Antonio Royo Marín, como autor de língua espanhola, apesar de que todas servem para designar o batizado que vive no mundo, a palavra *seglar*²⁵⁶ (em português, corresponde a secular) prevalece sobre o termo leigo – que facilmente adquire conotação pejorativa – e também sobre a expressão “simples cristão”, de terminologia mais extensa.²⁵⁷ Por outro lado, prossegue o autor, que, na maioria dos idiomas e na linguagem canônica eclesiástica, a palavra leigo prevalece sobre as demais para designar os cristãos que vivem no mundo, considerando que, nos demais idiomas, é difícil encontrar uma palavra que corresponda a *seglar* (em espanhol).

Na língua portuguesa, por exemplo, a palavra é traduzida por secular, com sentido mais amplo, que tanto pode se referir a índole do leigo como à dimensão de toda Igreja. Nesta tese será utilizada, preferencialmente, a palavra leigo, conforme nomenclatura usada no Concílio Vaticano II e ainda “fiéis cristãos leigos” em referência à Exortação Apostólica *Christifideles Laici*.

²⁵³ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. IX.

²⁵⁴ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. IX.

²⁵⁵ KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado: o humanismo do Concílio Vaticano II*, p. 9.

²⁵⁶ O autor faz uma distinção entre as palavras em espanhol: *secular*, que pode ser usada e que também se aplica ao sacerdote diocesano, e *seglar*, que corresponde e designa, exclusivamente, os simples cristãos que vivem no mundo (cf. ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 22).

²⁵⁷ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 20.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO LEIGO

Ainda hoje, acontecem debates em torno do significado da palavra leigo, possivelmente em razão de que a Teologia do laicato conte apenas com pouco mais de meio século de existência,²⁵⁸ o que para a vida da Igreja é considerado recente. No que tange ao sentido etimológico da palavra *leigo*, é comumente aceita sua derivação do adjetivo grego *laikós*, que provém do substantivo *laós* e que significa povo ou multidão.²⁵⁹ Geralmente a palavra *laós* designa um grupo oposto a outro dentro do mesmo povo, diferenciando o povo de Israel de outros povos.

Desde sua origem, o termo leigo quer designar o povo de Deus a partir de uma distinção qualitativa como “membro do povo eleito de Deus” para diferenciá-lo dos povos pagãos.²⁶⁰ Da mesma forma, o termo laicato é uma palavra que tem origem no grego pré-cristão *laikós*, é um substantivo que indica um conjunto de pessoas – os leigos – que têm em comum uma condição específica que os distingue dos demais: pertencem ao povo, mas, dentro desse, não têm autoridade nem outro título.²⁶¹

Na Igreja das origens, não existia distinção entre clero e leigos. A tensão estava no contraste entre a Igreja e o mundo. Toda a comunidade cristã era vista como responsável pelo anúncio da salvação em e por Jesus Cristo sem fazer distinção de nomes entre eles.²⁶² No Novo Testamento, não consta a palavra leigo e tampouco se trata de questões relativas ao problema do laicato, porque, neste momento, a questão do leigo não é considerada como problema.²⁶³

Dessa forma, praticamente até o século III, a consciência eclesial não precisou utilizar expressões desse caráter para designar um tipo determinado de batizados ou um modo especial da existência cristã. A categoria dominante era o nós pertencente a uma categoria completa como sujeito coletivo com a mesma missão e testemunho.²⁶⁴ As divisões intraeclesiais (clero/leigos) não tinham “sequer relevância para uma comunidade que vivia sendo perseguida, e a sobrevivência da sua verdade consistia em ser, mesmo sob a forma de

²⁵⁸ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de Espiritualidad Laical*, p. 33.

²⁵⁹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de Espiritualidad Laical*, p. 34.

²⁶⁰ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 264-265.

²⁶¹ AMARAL, Miguel de Salis. Laicato. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco (ed.). *Dizionario di Ecclesiologia*, p. 786.

²⁶² KARRER, Leo. Leigo/Clero. In: EICHER, Peter (dir.). *Diccionario de Conceptos Fundamentales de Teologia*, p. 450.

²⁶³ BERZOSA, Raul Martinez. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 17.

²⁶⁴ FUENTE BUENO, Eloy de la. Laico. In: _____; CALVO, Roberto. *Diccionario del laicado, asociaciones y movimientos católicos*, p. 415-423.

martírio, um testemunho convicto e sincero de fé à causa do Reino de Deus, pregado por Jesus Cristo”.²⁶⁵

A palavra, como tal, aparece, pela primeira vez, em um documento romano, no final do século I, na Primeira Carta de Clemente à comunidade de Corinto como designação daqueles que, no povo de Israel, não eram nem sacerdotes nem levitas.²⁶⁶ A partir do século III, a palavra torna-se corrente em autores como: Clemente Alexandrino, Tertuliano, Orígenes e Cipriano.²⁶⁷

Segundo verbete do Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs, o termo leigo significa no Cristianismo antigo

o batizado que não exerce função alguma na hierarquia eclesiástica. Este sentido do termo é testemunhado na literatura patrística inteira, latina e greco-oriental. Isto não impediu que, desde a idade apostólica até o séc. VIII, tenha assumido características e acentuações diferentes, conforme os autores, os períodos e contextos geoculturais em que o uso é registrado. No NT, o significado e o papel do leigo não estão particularmente caracterizados. Todavia, as Epístolas mostram, principalmente com fins parenéticos, uma primeira referência a diferentes categorias de fiéis (viúvas, órfãos, escravos, cônjuges, etc.).²⁶⁸

Para Pierre Pierrard, a reflexão eclesiológica, desde os primeiros séculos do Cristianismo, percebeu, intuitivamente, o caráter fundador da pertença batismal e sacramental a todo o povo de Deus, seja qual for o estatuto específico de cada um,²⁶⁹ pois todos são “batizados num só Espírito para ser um só corpo” (1Cor 12,13). Os cristãos não se distinguiam dos demais por nenhum detalhe exterior, visto que participavam de toda a vida da cidade, mas seus chefes “exigem que eles reajam com força aos hábitos pagãos – luxo da moda, bebedeiras, espetáculos obscenos ou cruéis, divórcio, o Evangelho deve instruir a vida cotidiana”.²⁷⁰

Em estudo sobre a formação e o significado do termo *leigo*, nos três primeiros séculos, são apresentadas as seguintes observações:²⁷¹

²⁶⁵ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, p. 50.

²⁶⁶ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 265.

²⁶⁷ CONGAR, Yves. Leigo. In: FRIES, Heinrich (dir.). *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*. v. 3, p. 129.

²⁶⁸ SPINELLI, M. Leigo. In: BERNARDINI, Agelo di. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, p. 817.

²⁶⁹ BOUGEOIS, Daniel. Leigo/laicato. In: LACOSTE, Jean-Yves (dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1.012.

²⁷⁰ PIERRARD, Pierre, *História da Igreja*, p. 30.

²⁷¹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 44-45.

- 1) é evidente que o uso do termo *leigo* foi pouco utilizado na literatura da Igreja primitiva, pois nem os padres apostólicos nem os apologistas o empregavam (exceto Clemente Romano), mas, quando passa a ser empregado na comunidade cristã, em meados do terceiro século, não se tem dúvida de seu significado;
- 2) *leigo* é um termo derivado de *laós* – já presente na Antiguidade grega – portanto, não tem origem eclesiástica, significa a pessoa pertencente ao povo comum, não a um povo distinto de outro, mas com sentido restrito de um povo distinto da autoridade e, por essa razão, se utilizou o adjetivo *laikós* para designar os fiéis comuns que não eram clérigos;
- 3) os fiéis correntes não se chamavam a si mesmos de leigos: eram simplesmente os fiéis, irmãos, santos, cristãos, discípulos ou eleitos. No início, ao utilizar o termo *leigo*, esse era empregado em contraste com clérigo, assim como civil em relação ao militar. Destaca que, nesse período inicial da Igreja, o termo não tem significado teológico ou canônico, simplesmente quer expressar uma distinção de fato, uma realidade sociológica;
- 4) a distinção entre clero e laicato não chegou a criar, ao menos nos três primeiros séculos, uma consciência de classe ou categoria que desse lugar à separação ou à desigualdade entre clero e laicato; todos os cristãos são conscientes de pertencer a um único povo de Deus.

É possível considerar que, apesar de o termo *leigo* ter sido pouco empregado na Igreja primitiva, quando passa a ser utilizado em meados do século III, se percebe que há clareza quanto ao seu significado: é aquele que não é clérigo e que não possui autoridade no povo. Importa ressaltar a consciência de todos em pertencer ao único e amado povo de Deus no qual todos são irmãos, independentemente do nome que se dá a cada um. A vida dos primeiros cristãos está marcada por uma intensa fraternidade e tanto é assim que um dos nomes pelo qual eram conhecidos era o de irmãos.²⁷²

Essa clara consciência da vocação e missão dos primeiros cristãos vai diminuindo a partir do século VII, resultando em uma desvalorização da condição laical que durou até a metade do século XX, às vésperas do Concílio Vaticano II, quando surge a necessidade de reavaliar a relação Igreja-mundo.²⁷³

²⁷² LEAL, Jerónimo. *Los primeros cristianos en Roma*, p. 94.

²⁷³ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 485. Sobre o contexto histórico-teológico em que se situa a doutrina conciliar sobre a identidade dos

Antes do Concílio Vaticano II, merece destaque o trabalho do francês Yves Congar, em sua obra *Jalons pour une théologie du laïcat* (Paris, 1953), considerada a expressão mais significativa da Teologia pré-conciliar do laicato. Esboça uma caracterização da condição leiga através das constatações: a) o leigo é visto como o cristão que se santifica no século,²⁷⁴ pois todos, como membros do povo de Deus, “por seu estado e de maneira direta, estão ordenados às realidades celestes” ainda que não “exatamente da mesma maneira”²⁷⁵; e b) o leigo “aquele para quem, na obra mesma que Deus lhe confiou, a substância das coisas em si mesmas existe e é interessante”.²⁷⁶

Congar finaliza respondendo à pergunta inicial *O que é um leigo?*

Guardemos que, mais uma vez, fomos levados por este humilde detalhe à seguinte ideia: um leigo é um homem para quem as coisas existem; para quem a verdade delas não é como que engolida e abolida por uma referência superior. Porque para ele, cristãmente falando, o que é necessário é referir ao Absoluto, é a própria realidade dos elementos deste mundo cuja figura passa.²⁷⁷

A obra do autor contém uma enorme riqueza de material bíblico, patrístico, litúrgico, teológico e histórico da Igreja, tendo acentuado o *status* de sujeito aos leigos na Igreja e o seu ministério no serviço dentro do mundo, desencadeando um novo espírito eclesial para com os leigos na Igreja.²⁷⁸ Y. Congar preparava o conteúdo daquilo que seria considerado pelo Concílio Vaticano II como específico da condição do cristão fiel leigo, ou seja, a sua índole secular.

A importância e os limites de *Jalons* ficaram claros com a ulterior evolução da Teologia do laicato ao Vaticano II e à Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, cujas principais intuições já vinham acontecendo através de fenômenos pastorais suscitados pelo Espírito na vida da Igreja ainda que Congar não os conhecesse.²⁷⁹ A seguir, se objetiva compreender de que forma o leigo passa a ser entendido na Igreja a partir do Concílio Vaticano II, que representou um marco referencial para a questão do laicato na Igreja e inaugurou uma nova mentalidade.

leigos, ver: PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 485-489. Sobre a relação da Igreja com o mundo em análise, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, cf. MERTON, Thomas. *A Igreja e o mundo sem Deus*. Petrópolis: Vozes, 2018.

²⁷⁴ PELLITERO, Ramiro. *La teología del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 151.

²⁷⁵ CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*, p. 34.

²⁷⁶ CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*, p. 35.

²⁷⁷ CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*, p. 45.

²⁷⁸ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 268.

²⁷⁹ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 489.

2.2 DE LAICI NA PERSPECTIVA DO CONCÍLIO VATICANO II

Para Walter Kasper o concílio, em estudo expressou o que, nos séculos precedentes, havia sido mais vivido do que ensinado. Formulou com riqueza e coerência o que se encontrava esparso na tradição dogmática e recorreu aos impulsos dos movimentos de renovação precedentes.²⁸⁰

É a primeira vez, na história da Igreja, que um concílio consagra um capítulo inteiro aos leigos. Apesar de constituírem a maior parte do povo de Deus, raramente foram objeto de estudo teológico.²⁸¹ Para compreender a novidade do tema, é necessário observar o processo de transformação, ou seja, a partir da concentração total da função ativa nas mãos do clero, se passou ao reconhecimento de um direito e dever igualmente dos leigos de participarem da vida e missão da Igreja.²⁸²

O Concílio Vaticano II foi o primeiro concílio ecumênico que se ocupou do tema dos leigos,²⁸³ tendo desenvolvido a doutrina sobre vocação e missão dos leigos em quatro documentos: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e decretos *Apostolicam Actuositatem* e *Ad Gentes*. Nesses documentos, se encontram os elementos essenciais para identificar a vocação e a missão dos leigos: sua natureza e condição própria (LG), a inserção de sua missão na missão da Igreja (AG), no coração mesmo do mundo (GS) e os modos e meios do apostolado laical (AA).²⁸⁴

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* se ocupou do aspecto central sobre a identidade dos leigos e sua índole secular no Capítulo IV: *De Laici*. Após a revisão do novo esquema *de Ecclesia*, que havia sido preparado entre os anos de 1962 e 1963,²⁸⁵ o capítulo foi aprovado em 30 de setembro de 1964 com 2.152 votos a favor, tendo apenas 8 votos contra 76 *placet iuxta modum*, totalizando 2.236 votos. Por ocasião da votação, emergiram duas

²⁸⁰ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 268.

²⁸¹ PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 15.

²⁸² NOCETI, Serena; REPOLE, Roberto. *Commentario ai documenti del Vaticano II, Lumen Gentium*, v. 2, p. 316.

²⁸³ Segundo Gérard Philips, é a primeira vez na história da Igreja que um concílio consagra um capítulo particular aos leigos (cf. PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su Misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v.2, p. 13).

²⁸⁴ Nessa parte da exposição, se limita o estudo à Constituição Dogmática *Lumen Gentium* – que diz respeito à natureza e à condição própria do leigo – e ao Decreto *Apostolicam Actuositatem* – que versa sobre os modos e meios de apostolado do leigo. Em vista dos limites que se impõem à presente pesquisa e ainda porque o Capítulo IV da *Lumen Gentium* e todo o Decreto *Apostolicam Actuositatem* estão dedicados, expressamente, a descrever a “vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo”. Esse será o tema no qual se concentrará o Sínodo dos Bispos de 1987 mais de 20 anos depois do Concílio Vaticano II.

²⁸⁵ Sobre o processo redacional da *Lumen Gentium*, ver: PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 1, p. 17-97.

questões em particular: 1) sobre a definição do leigo; e 2) sobre o específico de seu apostolado. Busca-se apontar a uma descrição realista e expressiva da vida dos leigos que são chamados a levar seu testemunho e espírito cristão em pleno ambiente profano, pois são, principalmente, eles que garantem à Igreja uma presença ativa no mundo.²⁸⁶

O evento conciliar situou seus enunciados sobre a essência e a missão dos cristãos leigos no contexto da doutrina do sacerdócio comum de todos os batizados, superando a descrição negativa dos leigos como não clérigos e não religiosos ao resgatar o conceito *christifideles* (cristãos fiéis) válido para todos aqueles que pertencem ao Povo de Deus.²⁸⁷

A *Lumen Gentium*, considerada como o texto eclesiológico do Vaticano II, depois de ter identificado a Igreja como Povo de Deus (Cap. II) não apresenta uma definição em sentido estrito do termo leigo, mas descreve os elementos que o compõem, oferecendo uma descrição tipológica:

Pelo nome de leigos aqui são compreendidos todos os cristãos, exceto os membros de ordem sacra e do estado religioso aprovado na Igreja. Estes fiéis pelo Batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos participantes do múnus sacerdotal, profético, régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo. A índole secular caracteriza especialmente os leigos. [...] É porém específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no século, isto é, em todos e em cada um dos ofícios e trabalhos do mundo. Vivem nas condições ordinárias da vida familiar e social, pelas quais sua existência é como tecida. Lá são chamados por Deus para que, exercendo seu próprio ofício guiados pelo espírito evangélico, a modo de fermento, de dentro, contribuem para a santificação do mundo. E assim manifestem Cristo aos outros, especialmente pelo testemunho de sua vida resplandecente em fé, esperança e caridade. A eles, portanto, cabe de maneira especial iluminar e ordenar de tal modo as coisas temporais, às quais estão intimamente unidos, que elas continuamente de façam e cresçam segundo Cristo para louvor do Cristo e Redentor (LG, n. 31).

O exame do texto da *Lumen Gentium* permite chegar a quatro conclusões sobre os fiéis leigos: a) que são membros do povo de Deus (recebem os dons de Deus) e também são chamados a participar da vida divina e a continuar a missão de Cristo; b) que não têm um ministério ordenado, ou seja, dentro da missão única de toda a Igreja, o leigo tem uma função distinta daquela que compete à ordem sagrada (diversidade de funções); c) que têm uma missão na Igreja e no mundo: tarefas complementárias e necessárias²⁸⁸ e, por fim, que merece

²⁸⁶ NOCETI, Serena; REPOLE, Roberto (org.). *Commentario ai documenti del Vaticano II*, v. 2, p. 320.

²⁸⁷ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 268.

²⁸⁸ Para Álvaro del Portillo, prescindir de uma dessas dimensões é esquecer da condição de fiel do leigo, seria como “imaginar um ramo verde e florido, que não pertença a nenhuma árvore” e, por outro lado, esquecer daquilo que é próprio e peculiar do leigo, ou mesmo, não compreender suficientemente as características

destaque, d) que vive no mundo, deve santificar-se no mundo e santificar o mundo através de sua vida.²⁸⁹

Segundo Álvaro del Portillo, quem trabalhou nas etapas prévias e durante o Concílio Vaticano II, o progresso nos esquemas de trabalho conciliar demonstra a ênfase que foi dada à secularidade até ser considerada como nota peculiar e própria do leigo.²⁹⁰ O n. 31 da *Lumen Gentium* possui dois parágrafos conexos que abordam, em etapas, a figura do leigo: 1) como aquele que é distinto do membro da ordem sagrada e/ou religiosa; e 2) aquele com dignidade de membro do povo de Deus (a condição de *Christifideles Laici*: incorporados a Cristo pelo Batismo e partícipes do tríplice *múnus* de Cristo) exerce no mundo a missão da Igreja *pro parte sua*, denominado pelo autor como a modalização da vocação cristã.²⁹¹

Nessa perspectiva, segundo o enunciado da *Lumen Gentium*, os fiéis leigos, incorporados a Cristo pelo Batismo e partícipes do *múnus* profético, sacerdotal e régio, fazem parte do povo de Deus e, assim, são pertencentes ao *Corpo de Cristo*, têm a responsabilidade de estabelecer um contato vital com o mundo e dar testemunho do Cristo, tornando presente a vontade salvífica de Deus Pai.²⁹² O leigo opera na Igreja e no mundo para instaurar o Reino de Deus, o que faz do caráter secular sua nota peculiar e própria.²⁹³

A descrição da *Lumen Gentium* apresenta um elemento comum e válido para todos os batizados na Igreja, com os seguintes aspectos: o cristológico, segundo o qual todos são incorporados a Cristo pelo Batismo; o eclesial, que representa a integração de todos os batizados ao Povo de Deus (cf. LG, ns.1,2); e o missionário, segundo o qual existe unidade na missão, mas o papel de cada um é exercido de acordo com a competência que lhe diz respeito.²⁹⁴ A missão dos leigos é originária do próprio Jesus Cristo e deve ser exercida na

dessas tarefas apostólico-seculares e seu valor eclesial; seria como “reduzir a frondosa árvore da Igreja à monstruosa condição de puro tronco”(cf. PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 171-172).

²⁸⁹ Sobre as conclusões acerca do leigo, segundo a Constituição *Lumen Gentium*, ver: PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 169-176.

²⁹⁰ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 176.

²⁹¹ Para o autor fica evidente que a posição própria dos leigos *na Igreja* está qualificada teologicamente pelo lugar que ocupam no mundo, na gestão do mundo na perspectiva da Redenção que é uma tarefa eclesial e não eclesiástica (cf. RODRÍGUEZ, Pedro. *La identidad teológica del laico*, p. 292-296.

²⁹² CONGAR, Yves. Leigo. In: FRIES, Heinrich (dir.). *Diccionario de Teologia: conceptos fundamentales da teologia atual*. v. 3, p. 134.

²⁹³ O texto não desenvolve as implicações do testemunho dos leigos, esclarecendo como ele torna presente o Reino de Deus no mundo ou como ele leva o mundo para Deus, mas abre um horizonte incrível no qual o campo de ação dos leigos é tão amplo quanto o mundo. Esse fato traz à tona uma questão mais ampla que diz respeito ao diálogo da Igreja com o mundo (Paulo VI no discurso de abertura, em 29 de set. de 1963) (NOCETI, Serena; REPOLE, Roberto. *Commentario ai documenti del Vaticano II*, v. 2, passim.

²⁹⁴ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*, p. 214.

liberdade do Espírito Santo e em comunhão com os irmãos em Cristo.²⁹⁵ Os leigos não podem mais ser vistos como braço avançado do clero.²⁹⁶

2.2.1 A missão do leigo em relação à missão de Cristo

A missão dos leigos na Igreja, originária do próprio Cristo, está indicada no capítulo quarto da *Lumen Gentium* a partir da trilogia do *múnus* de ensinar, santificar e reger. A missão de Jesus Cristo se estende a todos os pastores e da qual igualmente participam os leigos, a seu modo, como membros do Povo de Deus e pertencentes ao Corpo de Cristo.²⁹⁷ A missão de Cristo é missão para a Igreja a que são chamados todos os seus membros.

A função profética diz respeito ao *múnus* de ensinar, inerente a todo batizado, que acontece por meio de três funções: “o sentido da fé que conduz a verdadeira doutrina, o testemunho de vida e a graça da Palavra”.²⁹⁸ O *múnus* profético tem destaque na vida matrimonial e na familiar, no qual os cônjuges encontram a vocação que lhes é própria e que é “ser mutuamente e para os filhos testemunhas da fé e do amor de Cristo” (cf. LG, n. 35), mas que também acontece no mundo.

Quanto ao *múnus* sacerdotal dos leigos, esse diz respeito à função de santificar ao dar como oferenda espiritual toda sua vida e no culto e no exercício dos diversos ministérios dentro do campo de sua atividade. Toda ação litúrgica é obra de todos como oferecimento. O *múnus* sacerdotal é apontado pela *Lumen Gentium*, n. 34.

A participação no *múnus* real tem relação com a corresponsabilidade dos fiéis leigos na Igreja e na sua atuação nas diversas esferas de decisão da comunidade eclesial como em Conselhos Pastorais, Conselhos de Assuntos Econômicos e nos Sínodos diocesanos.²⁹⁹ Expressar que vale para todos os batizados os privilégios dos reis, no que tange ao direito à soberania e à sua vida, diz respeito à liberdade da pessoa cristã, de todos os batizados como filhos de Deus e que se torna efetiva no amor (cf. LG, n. 36).

É a partir da doutrina do sacerdócio comum que se dá a participação dos leigos na missão do próprio Jesus Cristo. Por sacerdócio comum se compreende o sacerdócio de todos os cristãos, que, em virtude de seu Batismo, participam do mistério de Cristo e, a seu modo,

²⁹⁵ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 269.

²⁹⁶ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 268.

²⁹⁷ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*, p. 217.

²⁹⁸ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*, p. 219.

²⁹⁹ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*, p. 221.

levam a todos e a todos os lugares a mensagem de salvação dando razões de sua esperança (cf.LG, n. 10). Todos são inseridos no conceito de Povo de Deus do Concílio Vaticano II e “participam assim da vocação à santidade e, conseqüentemente, assumem a missão profética e régia de sua missão”.³⁰⁰

Diante da unidade da missão de toda a Igreja³⁰¹ (sacerdotes, leigos e religiosos) é importante ressaltar a diferenciação entre sacerdócio comum (cf.LG, n.10a) e sacerdócio ministerial (cf. LG, n. 10b). Ambos se diferenciam na essência e não em grau daquilo que é mais específico de cada vocação, uma vez que cada vocação é chamada a uma missão específica a serviço de Deus e dos irmãos no conjunto do Povo de Deus.³⁰² Essa relação – e, por vezes, uma tensão – entre sacerdócio comum e sacerdócio ministerial, conforme aduz Cezar Kuzma, “vai existir por muito tempo na Igreja e se alimenta pela tensão que existirá entre clero e leigos”.³⁰³

No que diz respeito à tensão entre clero e leigos, durante o período pós-conciliar, visando a superar a dicotomia clero-laicato, alguns autores sugeriram abolir o termo leigo com base no argumento segundo o qual falar de leigo significava acentuar o binômio clérigo-leigo,³⁰⁴ bem como, no reconhecimento de uma articulação eclesial tecida pelo clericalismo. Entretanto, a proposta de uma uniformidade linguística absoluta resultaria inviável e talvez empobrecedora, além do fato de o termo *leigo* estar profundamente arraigado na linguagem eclesial.³⁰⁵

³⁰⁰ KUZMA, Cezar. Leigos. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 849-852.

³⁰¹ A participação de todos os batizados na única missão da Igreja é também demonstrada pela ordem dos Capítulos II (*De Populo Dei*) e III (*De constitutione hierarchica Ecclesiae et in specie de episcopatu*) da Constituição *Lumen Gentium*: todo o Povo de Deus, enquanto participa da unção sacerdotal de Cristo pelo Batismo (sacerdócio comum dos fiéis), é o sujeito portador da missão e, no seio desse povo, a hierarquia (em virtude do Sacramento da Ordem) se encontra destinada a realizar um serviço essencial e insubstituível, a fim de que todos levem adiante a missão segundo a diversidade de carismas, funções ou serviços. Essa unidade e diversidade são suscitadas pelo Espírito Santo no Povo de Deus e tem sua raiz no Mistério da Igreja como Corpo de Cristo, nenhum é *todo* o corpo, mas *todos* são esse corpo e, portanto, necessários à sua edificação (LG, n. 32) (cf. RÍO, Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo*, p. 357).

³⁰² KUZMA, Cezar. Leigos. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 849.

³⁰³ *Ibid.*, p. 851.

³⁰⁴ Sobre a persistência dessa tensão, no contexto atual, aduz Kuzma que a direção proposta pela Igreja anteriormente, com a valorização excessiva apenas dos ministérios ordenados, causou enorme distanciamento e divisões em seu seio, e que tal reflexo é, ainda hoje, sentido em vários setores eclesiais, nos quais a acentuação de um poder clerical absoluto é mais evidente. “O ‘entender no interior da Igreja a base comum’ de todos os cristãos que é o Batismo, ajudará os leigos a encontrem seu lugar secular, uma Teologia capaz de garantir sua condição essencial, fundamental e insubstituível na missão da Igreja” (KUZMA, Cesar. **Leigos e leigos**: força e esperança da Igreja no mundo, p. 59-61).

³⁰⁵ FUENTE BUENO, Eloy de la. Laico. In: _____; CALVO, Roberto. *Diccionario del laicado, asociaciones y movimientos católicos*, p. 420.

2.2.2 O leigo na *Lumen Gentium* e na *Apostolicam Actuositatem*

A Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja é considerada o núcleo do Concílio Vaticano II. Por essa razão, todos os demais documentos conciliares fazem referência à mesma.³⁰⁶ O Decreto *Apostolicam Actuositatem* que versa sobre a natureza do apostolado dos leigos (1965), precisa ser examinado para uma adequada compreensão de sua identidade. A vocação cristã, por sua própria natureza, é vocação ao apostolado (cf. AA, n. 2) e, portanto, a identidade do leigo não pode ser separada de sua perspectiva apostólica. O referido decreto se relaciona diretamente com o Capítulo IV da *Lumen Gentium*, cujos princípios estão presentes para dar uma visão de conjunto do apostolado laical.³⁰⁷

Para Álvaro del Portillo, nomeado por João XXIII consultor da Congregação do Concílio Vaticano II (1959-1966) e depois perito do evento conciliar, a discussão em torno desse decreto foi muito viva, já que, de diversas formas e maneiras, se solicitou que fosse refletida toda a amplitude do apostolado laical nesse documento, superando qualquer concepção que levasse a ver os leigos como simples auxiliares do clero, reconhecendo que existe um campo de apostolado que lhes é próprio.³⁰⁸

Na *Apostolicam Actuositatem*, se encontram, segundo Portillo, as seguintes expressões sobre o leigo, procedentes da *Lumen Gentium*: a) a descrição do leigo como membro do Povo de Deus. No decreto são utilizados termos mais dinâmicos para descrevê-lo, por exemplo, o leigo que não é passivo, mas que contribui com sua ação no crescimento do todo e que tem uma função própria, porque “há na Igreja diversidade de ministérios, mas unidade na missão”; b) a distinção, claramente proposta, entre a hierarquia e o laicato; c) o leigo que exerce sua atividade *in Ecclesia et in mundo*, sendo, ao mesmo tempo, fiel e cidadão; e d) encerra com uma descrição que faz referência à secularidade e às suas implicações no apostolado dos leigos.³⁰⁹

Não se encontra, nos textos conciliares, uma definição ontológica de leigo, mas uma descrição tipológica. Ressalta Portillo que toda tentativa de definição de leigo deverá se basear na ideia de secularidade sublinhada pelo Concílio Vaticano II.³¹⁰ A descrição do leigo, como o fiel que vive no mundo, encontra, na secularidade, sua nota específica. Significa considerar o mundo não só como o âmbito em que o leigo vive, mas como o campo de sua

³⁰⁶ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 176.

³⁰⁷ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 176.

³⁰⁸ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 177.

³⁰⁹ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 179-180.

³¹⁰ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 181.

missão. Esse aspecto foi apontado pela *Lumen Gentium* e expressamente formulado no Decreto *Apostolicam Actuositatem* com seu desenvolvimento máximo na *Gaudium et Spes*.³¹¹ Assim, a nota da secularidade integra a conceituação de leigo na medida em que a Igreja adverte que a sorte do mundo não lhe é indiferente e convida o cristão a olhar o mesmo com amor.³¹²

O Decreto *Apostolicam Actuositatem* encontrou eco na produção do dominicano Y. Congar, que se ocupou em relacionar a missão com o apostolado. Considera como apostolado a participação dos leigos na única missão da Igreja que é estender o reinado de Cristo por toda a Terra (cf. AA, n. 2) tanto pela evangelização quanto pela renovação das estruturas temporais sob a ação da caridade (cf. AA, n. 8).³¹³

O apostolado integra a essência do ser cristão com o título ontológico da vocação batismal (todo o cristão é enviado para e enviado por) e encontra seu fundamento nos sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia) e a missão que daí provém é vivida no exercício das virtudes teologais (fé, esperança e caridade).³¹⁴

O teólogo Congar lamentava que as profundas aquisições dogmáticas com relação aos cristãos leigos, advindas do Vaticano II, não foram capazes de suscitar uma teologia ou uma *anthropologie spirituelle* que lhe fosse correspondente. Congar teria manifestado seu desejo de incluir um estudo sobre a espiritualidade como comentário ao Decreto *Apostolicam Actuositatem*, mas, naquele momento, não foi possível.³¹⁵

2.2.3 Considerações conclusivas sobre o leigo no Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II apresenta uma nova definição de leigo de forma propositiva com base eclesiológica e com destaque àquilo que é específico à condição laical que é o estar-no-mundo, ocupando-se, preferencialmente, do secular, anunciando o Reino pela própria vida, vivenciando sua fé pela prática da caridade e demonstrando ao mundo as razões de sua esperança.³¹⁶

³¹¹ Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, o Concílio se dirige ao mundo como “o teatro da história do gênero humano e marcado por sua atividade: derrotas e vitórias; esse mundo criado e conservado pelo amor do Criador, segundo a fé dos cristãos; esse mundo, na verdade, foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação” (GS, n. 2).

³¹² PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 184.

³¹³ PELLITERO, Ramiro. *La teologia del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 341-344.

³¹⁴ PELLITERO, Ramiro. *La teologia del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 345.

³¹⁵ PELLITERO, Ramiro. *La teologia del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 350.

³¹⁶ KUZMA, Cesar. Leigos. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. p. 553.

A descrição feita por essa constituição tem fundamento direto na Revelação. Não separa a realidade ontológica do aspecto tipológico dos fiéis leigos que, pelo Batismo, são incorporados a Cristo e tomam parte do Povo de Deus. Devem viver em unidade (cf. Ef 4,5) não em razão da uniformidade, mas a partir da igualdade baseada na identidade da filiação divina.³¹⁷

Ainda em nossos dias, as linhas do Concílio Vaticano II são particularmente significativas para iluminar desafios e relançar a contribuição peculiar dos fiéis leigos na transformação missionária do terceiro milênio a partir de uma maior consciência pessoal e eclesial (coletiva) de sua identidade e a conseqüente dignidade cristã, da pertença ao Mistério da Igreja (Povo de Deus), da plena participação e da corresponsabilidade dos leigos na missão eclesial, que está enraizada na unção do Espírito Santo que nasce do Batismo e da Confirmação.³¹⁸

2.3 OS LEIGOS NA ÉPOCA PÓS-CONCILIAR

Após o Concílio Vaticano II, surgiram novas perspectivas em torno da interpretação teológica da identidade eclesial dos leigos.³¹⁹ Em linhas gerais, a doutrina conciliar sobre os leigos não foi objeto de estudo e aprofundamento até o início dos anos 80, apesar de não faltarem comentários teológicos acerca das aquisições doutrinárias em matéria laical.³²⁰

A reflexão teológica pós-conciliar ofereceu diferentes visões sobre a índole secular como fundamento da constituição da identidade cristã, bem como de sua correta interpretação, a saber: a Teologia dos ministérios, a Teologia do cristão e, ainda, a via da interpretação teológica da índole secular. Essas linhas de reflexão emergiram no panorama teológico

³¹⁷ PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2. p. 23-32.

³¹⁸ RÍO, María del Pilar. *I fedeli laici a 50 anni del Concilio Vaticano II: bilancio e prospettive per una Chiesa in Uscita*, p. 3.

³¹⁹ No pós-concílio, se diz que houve uma maior atenção às tarefas de colaboração que os leigos podiam levar a cabo com a hierarquia do que com as tarefas próprias dos leigos tal como expostas pelo Concílio, o que tem relação, sem dúvida, com o forte peso de muitos séculos, em que os leigos foram concebidos mais como receptores passivos dos meios de salvação na Igreja do que como sujeitos de responsabilidade; mais como auxiliares do clero do que como chamados à santidade e, portanto, sujeitos ativos na edificação da Igreja (PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 495).

³²⁰ Um desses comentários foi o do Papa Paulo VI por ocasião do III Congresso de Apostolado Secular, realizado de 11 a 18 de outubro de 1967: [...] Ao leigo – homem e mulher – foi reconhecida a plenitude de seus direitos; direito à igualdade na hierarquia da graça; direito à liberdade no quadro moral e eclesiástico; direito à santidade, conforme o estado de cada um. Pode-se dizer que a Igreja colocou uma certa complacência em manifestar essa doutrina sobre o laicato (PAULO VI. Homilia do Santo Padre por ocasião do *III Congresso Mundial do Apostolado de los Laicos*, passim).

posterior ao concílio e prévio ao Sínodo dos Bispos (1987) e a Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988).

Em um primeiro período, na busca do *proprium* dos leigos, encontra-se a Teologia dos ministérios de Yves-Marie Congar. A tese de Congar, nos anos 70, destacou a pluralidade de ministérios a serviço da comunidade cristã, considerando a secularidade como algo que pertence a todos os cristãos, mas não discerniu os modos próprios de viver a mesma. Segundo essa reflexão teológica, a função do leigo deveria ser repensada a partir do conceito de ministério com as seguintes vantagens: a) uma maior conformidade com a Igreja das primeiras comunidades, estruturada por ministérios (nem todos eram sacerdotais); e b) que o termo ministério facilitaria o diálogo ecumênico.³²¹ A doutrina de Congar foi acolhida e desenvolvida por diversos teólogos dentre eles o italiano Bruno Forte.³²²

No período anterior ao Sínodo de 1987, outra linha foi a da Teologia do cristão dos teólogos italianos Giuseppe Colombo e Giuseppe Angelini a partir do pressuposto de que todo cristão tem participação (a seu modo) na única missão da Igreja, mas que se faz necessária uma maior flexibilidade para caracterizar a diversidade dos fiéis. Propunha um aprofundamento da condição do cristão para superar a dualidade clero-laicato, considerada a fonte de uma visão negativa do leigo;³²³ preferiu falar mais do cristão do que do leigo desde uma leitura pastoral ou funcional.³²⁴

Outra via de interpretação teológica é a da índole secular do leigo, defendida por numeroso grupo de teólogos, dentre esses Gérard Philips, Gustave Thils, Álvaro del Portillo, Corecco, Lazzati, Pedro Rodríguez, José Luis Illanes e Chantraine. Assinala a compreensão, segundo a qual, a índole secular não designa uma mera condição sociológica ou a presença do leigo no mundo, mas uma característica necessária para a definição teológica de leigo conforme a *Lumen Gentium* 31.³²⁵

Cabe perguntar com relação aos autores em defesa da índole secular, como elemento característico e próprio da vocação laical: *É compatível, ou não, com a afirmação da secularidade pertencente a toda a Igreja (tese proposta pelo Magistério pós-conciliar e que*

³²¹ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 116-117.

³²² Segundo Bruno Forte, ainda, desde uma eclesiologia de comunhão, a noção de leigo estaria superada, na medida em que nada tem de próprio que o distinga dos demais cristãos, já que a índole secular outorgada aos mesmos pelo Concílio Vaticano II é, na realidade, característica de todos os batizados e fundamenta seu argumento no discurso pronunciado por Paulo VI aos membros dos Institutos Seculares em 2 de fev. De 1972. (cf. BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 116).

³²³ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 121.

³²⁴ AMARAL, Miguel de Salis. Laicato. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F.; VILLAR, José R. (ed.). *Dicionário de Eclesiologia*, p. 797.

³²⁵ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 120.

as teologias dos ministérios e do ser cristão interpretaram como dado desqualificador da índole secular do leigo)?³²⁶ A resposta será dada pelo Sínodo dos Bispos de 1987 e pela Exortação Apostólica *Christifideles Laici* publicada por João Paulo II em 30 de dezembro de 1988.

Em resumo, as linhas de reflexão acima mencionadas são todas anteriores ao Sínodo de 1987. Por ocasião da Exortação *Christifideles Laici*, João Paulo II, partindo dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, utilizou alguns dos aspectos mais interessantes da reflexão teológica dos anos anteriores – com relação à natureza e ao papel dos leigos – dando vários passos adiante com relação ao texto conciliar como se trata a seguir.³²⁷

O Sínodo dos Bispos de 1987 e a Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988) projetaram luz sobre toda a controvérsia, colocando fim ao debate em torno do *proprium* do fiel cristão leigo. A Assembleia dos Bispos de 1987 tratou a questão sobre a identidade dos leigos consciente de dois problemas surgidos nos 20 anos do pós-concílio: a) a clericalização do laicato, ou seja, a ministerialidade e a excessiva participação nas estruturas da Igreja com prejuízo da atenção por parte dos leigos às realidades temporais; e b) a secularização caracterizada pela imersão nas realidades temporais, deixando de lado a condição cristã do leigo.³²⁸ A interpretação contida no n. 22 do *lineamento* do Sínodo, diz que a secularidade dos leigos se trata de um dado teológico e eclesial e não apenas sociológico.³²⁹

No ano do Sínodo dos Bispos (1987) e na mesma direção, o teólogo espanhol Pedro Rodríguez aduz que o fiel leigo, em sua análise na Igreja, aparece em sua estrutura, antes de tudo, como fiel cristão em razão da fé e do Batismo e, em um segundo momento, como leigo em vista do carisma da secularidade. Assim, o que é próprio de cada posição estrutural na Igreja (ministros, leigos e religiosos) modaliza a totalidade do ser cristão e da missão cristã dos fiéis segundo sua vocação, que encontra posição na missão da Igreja, são modalidades na vivência da secularidade.³³⁰

³²⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 121.

³²⁷ AMARAL, Miguel de Salis. Laicato. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. VILLAR, J. R. (ed.). *Dicionário de Ecclesologia*, p. 797.

³²⁸ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 122.

³²⁹ Sínodo dos Bispos. *Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo vinte anos depois do Concílio VaticanoII: Lineamento de 22 de fev. de 1985*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 27-28.

³³⁰ Esclarece o autor: “Eso quiere decir que la totalidad de la existencia del laico es laical. No solo se concreta la ‘gestión’ de los asuntos temporales – que, logicamente, consume la mayor parte de su tarea divina y humana – sino su manera propia de evangelización y apostolado, el estilo de su piedad y su devoción, su concreta participación en la liturgia, su posible desempeño de oficios eclesiásticos, etc.: todo ello pertenece a la condición comun del *Christifideles*, pero há de tener en los laicos la impronta del carisma de la secularidad. Solo así podrán lograr la integración existencial del doble aspecto configurador de su vida, que es una – ‘unidad de vida’ – tanto en la sociedade eclesiástica como en las tareas del mundo” (RODRÍGUEZ, Pedro. *La identidad teológica del laico*, p. 299-300).

A Exortação *Christifideles Laici* em continuidade ao Sínodo dos Bispos (1987), supõe a plena recepção da Constituição *Lumen Gentium*, especialmente do n. 31 (sentido teológico), ou seja, o que estava implícito no contexto conciliar torna-se, agora, explícito: 1) a plena pertença dos fiéis leigos à Igreja; e 2) a peculiaridade de sua vocação quanto à secularidade como a característica teológica do leigo.³³¹ Com a posição adotada nessa Exortação Apostólica, foram dissipadas muitas das controvérsias existentes sobre a secularidade como fundamento da constituição cristã leiga.

O espanhol José Luis Illanes, tendo participado como consultor na Secretaria do Sínodo nas assembleias, observou que, apesar das diferenças de matiz e de acento entre os padres sinodais e os peritos, todos coincidiam em dois critérios fundamentais sobre os leigos: 1) o desejo de apresentar a figura do leigo de forma positiva, ratificando a profundidade cristã de sua condição em continuidade ao Concílio Vaticano II e, ainda, 2) a preocupação em acentuar a complementaridade das vocações cristãs no interior de uma eclesiologia de comunhão.³³²

No *Instrumentum laboris* do Sínodo, buscou-se evitar tanto a clericalização quanto a secularização do laicato, bem como o excessivo uso do termo *ministério*. No documento final do Sínodo de 1987 (*Propositiones*), entregue ao Papa João Paulo II, foram apresentados os seguintes critérios: o de reafirmar os ensinamentos do concílio sobre a vocação e missão dos leigos, especialmente os contidos na *Lumen Gentium*, ao caracterizar o leigo a partir de sua condição ou índole secular, sob a luz do debate teológico que teve lugar a partir dos anos 70.³³³ Em realidade, esses critérios e proposições foram posteriormente confirmados por João Paulo II na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*.³³⁴

O Concílio Vaticano II reuniu-se num tempo em que a Teologia do laicato ainda estava sendo elaborada e, nesse contexto, ocorreu relativa carência da participação de leigos.³³⁵ Diferentemente do Sínodo dos Bispos de 1987 que, “abrindo-se à luz das experiências pessoais e comunitárias de toda a Igreja”, abordou, de forma específica e ampla, o tema da vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, contando com a presença de qualificada representação de fiéis leigos que deram precioso contributo aos trabalhos do Sínodo (cf. CF ChL, n. 2).

³³¹ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 111.

³³² ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 154.

³³³ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 123.

³³⁴ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 155-156.

³³⁵ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *A corresponsabilidade na Igreja de hoje*, p. 122.

A Exortação apostólica *Christifideles Laici* de São João Paulo II foi fruto do trabalho colegial e representou sua fiel expressão (cf. ChL, n. 2). O objetivo da *Christifideles Laici* foi o de “criar e alimentar uma tomada de consciência mais decidida acerca do dom e da responsabilidade que todos os fiéis leigos e, cada um deles em particular, têm na comunhão e na missão da Igreja” (ChL, n. 2). Tendo acentuado a ação dos leigos na missão da Igreja e os perigos a que estão expostos como ao clericalismo e a separação entre fé e vida. O documento afirma, apesar da distância no tempo de 22 anos, que a doutrina do Concílio Vaticano II sobre o laicato é de surpreendente atualidade e, por vezes, de alcance profético, indicando caminhos concretos para que possa se converter numa autêntica *práxis* eclesial (cf. ChL, Introdução). O documento tem o intuito de ser conclusivo em algumas questões sobre os fiéis leigos.

No primeiro capítulo, é abordada a dignidade dos leigos no mistério da Igreja. Para responder à pergunta: “Quem são os fiéis leigos?”, são retomados os ensinamentos do Concílio Vaticano II (LG, n. 31). A imagem bíblica da vinha (cf. Jo 15,5) é utilizada para dizer que os leigos, assim como todos os demais membros da Igreja, são as vides radicadas em Cristo (a verdadeira videira) que as torna vivas e vivificantes (cf. ChL, n. 9). A inserção em Cristo, pela fé e pelos sacramentos da iniciação cristã, é ressaltada como a raiz primeira que dá origem à nova condição do cristão: “Em Jesus Cristo morto e ressuscitado, o batizado torna-se uma ‘nova criatura’ (cf. Gl 6,15; 2 Cor 5,17), uma criatura purificada do pecado e vivificada pela graça” (ChL, n. 9). Na conclusão do documento, ratifica-se algo fundamental que só “descobrir a misteriosa riqueza que Deus dá ao cristão no santo Batismo é possível delinear a ‘figura’ do fiel leigo” (cf. ChL, n. 9).

Para expressar a identidade do leigo no Mistério da Igreja, é utilizado o binômio da pertença ao Mistério de Cristo (Batismo – comum vocação batismal) e sua referência ao mundo (índole secular). O documento sublinha aspectos positivos da realidade teológica do leigo como seu pertencimento à Igreja (cf. ChL, n. 8); a importância do Batismo (cf. ChL, n.10-13); a participação no ofício sacerdotal, régio e profético de Jesus Cristo (cf. ChL, n.14); sua condição eclesial caracterizada pela índole secular (cf. ChL, n.15) e, por fim, a chamada à santidade (cf. ChL, ns.16,17).³³⁶

A Exortação Apostólica, na sequência, trata da vocação dos leigos na Igreja-comunhão, caracterizada pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, dos carismas e das responsabilidades.

³³⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 124.

Fruto dessa diversidade e complementaridade, cada fiel se encontra em “relação com todo o corpo e dá-lhe seu próprio contributo” (ChI, n. 20). São exortados a uma maior sensibilidade ante o uso do termo ministério para evitar confusão de sentido entre sacerdócio comum e sacerdócio ministerial e a conseqüente clericalização do laicato (cf. ChL, n. 23), bem como critérios para discernir a eclesialidade das associações laicais (cf. ChL, n. 30), diante do surgimento de grande número de movimentos e associações no período pós-concílio.

A participação dos leigos, na missão da Igreja, é objeto do terceiro capítulo da *Christifideles Laici*. É ratificada a comunhão dos cristãos entre si, da qual todos participam da única missão de Cristo. São considerados campos prioritários de atuação do leigo, como protagonista, a promoção da dignidade humana (cf. ChL, n. 37), a inviolabilidade do direito à vida (cf. ChI, n. 38), a liberdade religiosa (cf. ChL, n. 39), a família como primeiro campo no compromisso social (cf. ChL, n. 40), a caridade como alma e apoio da solidariedade (cf. ChL, n. 41), a participação na vida política (cf. ChL, n. 42), a colocação do homem no centro da vida econômica e social (cf. ChL, n. 43); e a evangelização da cultura (cf. ChL, n. 44). Descreve as possibilidades de edificação da Igreja e de humanização da sociedade por parte dos leigos. O quinto e último capítulo é dedicado à necessária formação de leigos para o amadurecimento na fé e a configuração com Cristo, vivendo a missão com mais responsabilidade e eficácia.

A posição adotada pela *Christifideles Laici*, em continuidade aos pareceres manifestados durante o sínodo, implica duas considerações fundamentais: a) na reafirmação das proposições da *Lumen Gentium* e, conseqüentemente, a decisão teológica define, descreve ou caracteriza o fiel leigo em relação à secularidade (sua presença e ação no mundo); e b) a intenção de uma exposição teológico-eclesiológica mais definida e completa, já que o Concílio Vaticano II não chegou a discernir os distintos modos de configurar a relação cristã com o mundo segundo a diversidade de vocações, ministérios e carismas na Igreja.³³⁷

A *Christifideles Laici* é considerada um claro avanço em continuidade à *Lumen Gentium* e com o que o Concílio Vaticano II já havia iniciado. Coloca seus ensinamentos no contexto da eclesiologia de comunhão. Apresenta uma visão de Igreja como comunidade viva e plural, com uma responsabilidade e missão comum que se realiza graças à ação de todos e de cada um, conforme trata José Luis Illanes:

³³⁷ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 495.

Esta comunidade viva que é a Igreja foi enviada por Deus aos homens para anunciar ao mundo que a comunhão com Deus é sua razão de ser e o destino último de toda a realidade e para proclamar essa mensagem com a totalidade de seu existir. O anúncio, em efeito, tem de ser levado a cabo não só mediante palavras, mas também mediante obras, hoje e agora, um amor que seja como o eco e a prolongação do amor com que Deus nos ama.³³⁸

O verdadeiro avanço do ensinamento conciliar deu-se tanto em nível de expressão ou formulação técnica (a distinção entre dimensão e índole secular) quanto de aprofundamento na percepção e compreensão da realidade.³³⁹ A descrição, ou tipificação, do fiel leigo a que chegou a Exortação Apostólica tem, de fato, um claro valor arquitetônico no conjunto do documento.³⁴⁰

Importante é ressaltar que ocorreu um lento amadurecimento do processo de tomada de consciência tanto por parte dos pastores como dos leigos sobre a modalidade própria, específica e insubstituível dos fiéis leigos na missão eclesial, o que resultou numa consequente falta de presença e ação cristã dos leigos em todos os âmbitos temporais como deveria.³⁴¹

Por derradeiro, a Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, fruto do Sínodo dos Bispos de 1987, reforçou a tendência do debate pós-conciliar pela via de interpretação teológica da índole secular do leigo, sendo, por isso, considerada como um claro avanço em relação à *Lumen Gentium*. Embora a secularidade não seja exclusiva dos fiéis cristãos leigos, a índole secular constitui o *proprium* da identidade e vocação laical (cf. LG, n. 31; ChL, n. 15) e deve ser entendida não só de modo sociológico, mas também teológico e eclesial (cf. ChL, n.15).

Tratar sobre o laicato católico significa se referir a milhões de pessoas batizadas as quais devem buscar “redescobrir e experimentar a beleza da verdade e a alegria de ser cristão”³⁴² na vivência do estilo de vida sacramental da existência cristã. Esse estilo de vida se dá a partir da configuração com Cristo através dos sacramentos. A seguir, se estudam três das realidades sacramentais fundamentais na vida do leigo: o *Batismo* que confere “origem à nova condição do cristão no Mistério da Igreja” (cf. LG, n.11; ChL, ns. 10,13); a *Crisma*, que

³³⁸ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 156.

³³⁹ Prossegue o autor que, apesar do claro progresso da exortação, ainda restam questões abertas de caráter epistemológico e outras referentes à eclesiologia, como, por exemplo: qual seria o estatuto lógico-conceitual de uma caracterização ou tipificação como a apontada e questões referentes à compreensão cristã da história e da espiritualidade (ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 160-161).

³⁴⁰ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 161.

³⁴¹ RIO, María del Pilar. *Los fieles laicos a 50 años del Concilio Vaticano II: balance y perspectivas para una “Iglesia en Salida”*, p. 4.

³⁴² BENTO XVI. *Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, passim.

possui íntima conexão com o Batismo; e a *Eucaristia*, considerada centro e a raiz da vida cristã (cf. LG, n. 11).

2.4 OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ E A CONDIÇÃO LAICAL

O estilo de vida cristã vai se forjando por meio da configuração do fiel com Jesus Cristo que se dá através dos sacramentos como o desejo que Deus aja para fazer chegar ao Espírito “a plena estatura de Cristo”.³⁴³ Nesse sentido, revela-se a dimensão eclesial da vida espiritual. É, tão somente no contexto da vida eclesial, que os fiéis podem entrar em comunhão com a vida trinitária que inicia e se desenvolve por meio dos sacramentos.³⁴⁴

Os sacramentos são considerados uma misteriosa riqueza que Deus dá a seus filhos amados e que define a figura de todos os cristãos.³⁴⁵ Existe um vínculo estreito entre a Palavra divina e os sacramentos. A Palavra divina propõe o Mistério (o Cristo) e na Igreja, o Mistério proposto pela Palavra não só é anunciado como se faz presente, sendo, ao mesmo tempo, uma presença e uma atualidade.³⁴⁶

Com os sacramentos da iniciação cristã – o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia – Jesus introduz o fiel na vida divina.³⁴⁷ É o que fundamenta a vocação laical, mas não a especifica, pois é raiz e a base comum de toda a condição cristã.³⁴⁸ Os sacramentos da iniciação cristã representam a mesma vida de Cristo no cristão, mas de modo distinto, complementar e de caráter progressivo. O Batismo significa uma nova vida, mas não ainda de maneira direta e imediata;³⁴⁹ a Confirmação é, diretamente, essa nova vida dependente do Espírito Santo; e a Eucaristia, a plena união com Cristo (a plenitude da vida de Cristo aqui na

³⁴³ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominicae Cenae*: sobre o mistério e o culto da Santíssima Eucaristia, n. 7.

³⁴⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p.116.

³⁴⁵ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*: Curso de Teología Espiritual, p. 168.

³⁴⁶ A vida cristã não é uma vida apenas de *memória* de acontecimentos salvíficos situados no passado, tampouco uma vida meramente sustentada pela aspiração de uma união futura, mas uma vida de comunhão vital com o que esses acontecimentos implicam e contêm, ou seja, com o próprio Cristo. O cristão não está situado na história entre um momento de comunicação divina ocorrido há séculos (vida de Jesus, morte e sua gloriosa ressurreição) e o que agora recorda, e um momento de comunhão futura, mas alguém que, na atualidade, em meio ao transcorrer dos tempos, já está incorporado a Cristo e, nesse sentido, os sacramentos desempenham uma função decisiva. A ação transformadora que implica a Palavra possui seu cume no sacramento. Ao fazer a memória de Cristo e realizar as ações que a evocam, Cristo mesmo se faz presente como salvador dotado de graça e poder, incorporando aqueles que o buscam com atitude de fé, fazendo-os partícipes de sua vida divina, comunicando seu Espírito e os introduzindo, dessa forma, na vida do Pai (cf. ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 279-280).

³⁴⁷ CEC, n. 275.

³⁴⁸ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 112.

³⁴⁹ Dessa forma, conhecerá, depois do Batismo, numerosas incidências e transformações, mas tudo isso, desenvolvimento da vida que, no Batismo, foi comunicada (cf. ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 280).

Terra que se faz presente na Eucaristia com seu próprio ser).³⁵⁰ Todos têm como ponto em comum o Mistério Pascal de Cristo que se realiza no fiel mediante as etapas sucessivas do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia.

Pelos limites impostos na pesquisa, o presente estudo se limita aos sacramentos da iniciação cristã no que diz respeito à sua relação com a identidade do fiel leigo. A importância desses sacramentos para o estilo de vida sacramental do cristão está na incorporação do fiel a Cristo pelo Batismo, pela necessária consumação da graça batismal com a Confirmação,³⁵¹ que se renova e se consolida na Eucaristia e significa a plena união do fiel com Jesus Cristo.³⁵²

Nesse sentido, a Exortação *Christifideles Laici* fala sobre a necessidade de redescobrir a “misteriosa riqueza que Deus dá ao cristão no santo Batismo” (ChL, n. 9) para delinear a figura do fiel leigo. Portanto, ratifica-se a importância e a necessidade de uma contínua conscientização do leigo sobre o significado do santo Batismo, da Confirmação e da Eucaristia para uma espiritualidade como forma autêntica de viver o Batismo. *Será que os leigos de hoje têm consciência das graças e compromissos batismais, do sentido da Confirmação e do profundo e misterioso significado da Eucaristia? Falar, hoje, sobre sacerdócio comum e participação nos múnus sacerdotal, profético e régio, responde às exigências do ethos urbano?*

Hoje, mais do que nunca, se deve falar muitas vezes e de novas formas numa formação contínua, para que o cristão saiba o que é viver de acordo com a filiação divina que procede do Batismo e para viver uma espiritualidade adequada aos leigos do nosso tempo, já que a autenticidade da vida cristã leiga tem suas raízes na vida sacramental.

2.4.1 O Batismo e a incorporação a Cristo

O Batismo incorpora os fiéis à Igreja (cf. ChL, n. 11a), conferindo-lhes um caráter sacramental e passivo no sentido de um poder real que o batizado deve transformar em atos. O Batismo indica a ressurreição de Cristo e a ressurreição espiritual do cristão numa vida nova em Cristo (cf. SC, n. 6; LG, n. 7; UR, n. 22). Ele insere os leigos no Povo de Deus e os

³⁵⁰ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 169-172.

³⁵¹ CEC, n. 1.285.

³⁵² JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptor Hominis*, passim.

habilita a exercitar a missão do povo cristão. O verbo incorporar indica uma relação com Cristo que é pessoal, mas não individual.³⁵³

Sobre o caráter passivo de um poder real que o batizado deve transformar em atos, de que fala Gérard Philips, no comentário ao n. 11 da *Lumen Gentium* citando a doutrina de São Tomás de Aquino, foi denominado por Yves Congar, mesmo antes do Concílio Vaticano II, como um verdadeiro programa de vida, ou seja, o de caminhar segundo o Espírito e não segundo a carne (2Cor 6,14 ss; Gl, 3,3; 5, 16 s, Cl 3, 2 e 5 ss; 1 Ts, 4,1-12).³⁵⁴

Assinala Yves Congar que os leigos não devem deixar o mundo e tampouco deixar de se misturar com os pagãos (2Cor, 5, 9 ss), embora advirta que devem evitar a comunhão espiritual com os mesmos (2Cor, 6, 14 ss). Os primeiros fiéis deram um testemunho que todos podiam compreender: “Diferentemente dos pagãos, os cristãos tinham um comportamento doce e luminoso, um comportamento cujos diferentes traços, por mais espirituais que fossem, não deixavam de indicar um ideal, em suma, de humanismo.”³⁵⁵

Outra importante afirmação que nasce do Batismo diz respeito à missão do leigo no mundo e o desafio que tem em buscar a unidade em sua própria vida, que é ter coerência entre a vida de fé e a ordinária, evitando a dicotomia entre fé e vida, isto é, quando a vivência da verdade evangélica fica restrita aos ambientes eclesiais. Como ensina Bruno Forte,

o batizado – seja qual for o carisma recebido e o ministério exercitado – é, sobretudo, o *homo christianus*, aquele que, mediante o batismo, foi incorporado a Cristo (cristão, de Cristo), ungido pelo Espírito (Cristo, de *chrìo* = ungido), por isso constituído povo de Deus. Isso significa que todos os batizados são Igreja, partícipes das riquezas e das responsabilidades que a consagração batismal implica. Todos são inequivocamente chamados a se oferecer como “hóstia viva, santa e agradável a Deus” (Rm 12,1). Por toda parte, deem testemunho de Cristo. E aos que pedirem deem razões de sua esperança de vida eterna (cf. 1 Pd 3,15) (LG 10).³⁵⁶

Na unidade fundamental da Igreja de Deus (cf. LG, n. 32) merece destaque a importância dada pelo Concílio Vaticano II ao falar aos leigos, para que adquirissem consciência de sua dignidade de batizados e da responsabilidade que daí deriva. Partindo da visão de conjunto de toda a comunidade cristã, diz Suenens que a responsabilidade primeira e

³⁵³ NOCETI, Serena; REPOLE, Roberto. *Commentario a documenti del Vaticano. Lumen Gentium*, v. 2. Testi di Giacomo Canobbio; Sandra Mazzolini; Serena Noceti; Roberto Repole; Gilles Routhier; e Dario Vitale. Bolonha: Edizioni Dehoniane Bologna, 2015.

³⁵⁴ CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*, p. 588.

³⁵⁵ CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*, p. 588-589.

³⁵⁶ FORTE, Bruno. *A Igreja ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 1987. p. 31.

primordial da Igreja é “esse testemunho ‘comum’, esse sacerdócio ‘comum’, essa santidade ‘comum’, tarefa de cada um e de todos ao mesmo tempo”.³⁵⁷

Retomando os ensinamentos do Concílio, a Exortação *Christifideles Laici* diz que toda a existência do leigo tem por finalidade ajudá-lo a descobrir a radical novidade cristã que provém do Batismo (cf. ChL, n. 10). Considera os seguintes aspectos da realidade batismal: “O Batismo regenera-nos para a vida dos filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e ao seu Corpo que é a Igreja, unge-nos no Espírito Santo, constituindo-nos templos espirituais” (ChL, n. 10).

O Sacramento do Batismo é considerado um “novo nascimento, é uma regeneração”; com esse, o homem se torna *filho de Deus no seu Unigênito Filho, Jesus Cristo* (cf. Lc 3,22; Gl 4, 4-7; Rm 8,29); o cristão é o filho de Deus Pai (cf. ChL, n. 11), incorporado a Cristo (cf. ChL, n. 12) e templo do Espírito Santo (cf. ChL, n. 13). No Espírito Santo, os batizados se tornam filhos de Deus e membros do Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,13; 1Cor 12,27; Gl 4,6; Rm 8,15-16).

A participação dos fiéis leigos, no tríplice múnus de Cristo Sacerdote, Profeta e Rei, encontra sua raiz primeira na unção do Batismo, o seu desenvolvimento, na Confirmação, e sua perfeição e seu sustento dinâmico na Eucaristia. A graça do Batismo concede ao cristão a missão de ser Igreja, uma Igreja oblativa no sentido de se doar para que o Reino de Deus aconteça: ser Igreja é fazer o Reino de Deus acontecer.

Gérard Philips, em comentário ao n. 34 da *Lumen Gentium*, descreve a participação dos leigos no sacerdócio de Jesus; no n. 35, sua função profética; e, no n. 36, sua missão de serviço executada com liberdade real. Importante é revisitar essa obra que traz aquilo que é da essência do texto, evidenciando as “riquezas teológicas e espirituais que os padres do Concílio expressaram em seus ensinamentos”.³⁵⁸

Prossegue Philips lembrando que a participação no sacerdócio de Jesus significa que o leigo, pelo seu testemunho, serviço e sofrimentos aceitos com paciência (sacrifícios espirituais), num ambiente de comunhão, realiza a consagração de sua vida pelo uso dos bens terrenos com retidão de consciência e pelo respeito ao seu destino segundo os desígnios do Espírito. A dedicação do mundo para Deus não tira seu próprio valor, pois tal doação nada destrói, apenas eleva e enobrece o que toca, considera que o temporal fica no tempo.³⁵⁹

³⁵⁷ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *A corresponsabilidade na Igreja de hoje*, p. 125.

³⁵⁸ PHILIPS, Gérard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano: história, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*, p. 6. v. 1.

³⁵⁹ PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentarios de la Constitución Lumen Gentium*, p. 46-49. v. 2.

Quanto à participação dos leigos na função profética de Cristo,³⁶⁰ ensina que, no Novo Testamento, o profetismo (assim como a missão sacerdotal) dimanam de Cristo, e que o Concílio tem o trabalho de apontar que essa função é realizada não só pela hierarquia, mas também pelos leigos. Explica de que forma ocorre essa participação, a saber:³⁶¹

Participação dos leigos na função profética (cf. LG, n. 35):

- 1) Essa missão não implica a função de ensinar com autoridade em seu nome, mas dar testemunho da fé pelo dom da Palavra, para que apareça a força do Evangelho não só no culto, mas na vida de cada dia – caráter próprio da missão profética do leigo que é manifestar a força na família e na sociedade da Palavra eficiente de Deus;
- 2) Essa universalização do profetismo é um dos maiores sinais da era messiânica. Conforme a Escritura, os fiéis recebem o dom da profecia sem acepção de pessoas;
- 3) Os cristãos, “filhos da promessa” – expressão tipicamente bíblica – devem viver firmes na fé e na esperança (Rm 8, 24-25) e não podem deixar de viver no mundo como tempo favorável do *kairós* (Ef 5,16; Cl 4,5); devem aproveitar o momento propício para seu trabalho, não podem diminuir a sua esperança mas expressá-la nas estruturas do mundo. A tensão escatológica do profetismo dos fiéis não os afasta da realidade;

A eficácia da profissão de fé dos leigos (cf. LG, n. 35b)

- 4) Uma declaração vinda da boca do leigo e, sendo vivida por ele, terá outra eficácia por um sacerdote ou monge, pois o homem que a anuncia empenha toda sua personalidade neste mundo sem deixar de se referir, ao mesmo tempo, através do profano e do temporal aos valores eternos, tomando a sério sua tarefa terrena;
- 5) No exercício da missão profética, os leigos podem ser comparados aos sacramentos, pois na sua vida terrena têm a oportunidade de manifestar Cristo aos demais – e aquele que vê os sacramentos como momentos de encontro pessoal está

³⁶⁰ Cristo, considerado o “Grande Profeta”, proclamou o Reino do Pai não só pelo testemunho de sua vida, mas também pela força de sua Palavra. Ele continua cumprindo sua missão profética não só pela hierarquia, mas também por meio dos leigos conferindo-lhes o sentido da fé e a graça da Palavra para serem testemunhas do Reino (LG, n. 35).

³⁶¹ Sobre o ensinamento da participação dos leigos na missão profética, cf. PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentarios de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 49-59.

mais perto da verdade – todo sacramento contém uma mensagem de Deus e um chamado para Deus que resulta num elemento profético;

- 6) O testemunho profético do leigo consiste, principalmente, em seu estilo de vida, caracterizado por um comportamento que seja transparente e que se faça luminoso pela Palavra que o acompanha, convertendo o mundo em uma imagem real do mundo que há de vir (já e ainda não);
- 7) O testemunho dos leigos não consiste unicamente em atos, mas na Palavra que explica seu alcance, para que o homem – espírito na matéria – possa compreender e se deixar transformar por Ele;³⁶²
- 8) A característica específica do profetismo dos leigos está no seu testemunho concreto (acompanhado da Palavra) e se estabelece nas circunstâncias mais ordinárias da vida, com ênfase na vida conjugal e na familiar – no lar cristão a religião penetra toda vida e a transforma continuamente;

A participação de todos os leigos na missão profética (cf LG, n. 35c):

- 9) O caráter profético forma parte da essência do Cristianismo na vida do leigo e, nesse aspecto, o Concílio não deixa dúvidas – não existe desculpa verdadeira para quem, absorvido pelas preocupações temporais, acredita estar dispensado de aportar sua parte na difusão da Boa-Nova.

No que diz respeito à participação dos leigos no serviço real de Cristo – parte considerada mais original do n. 36 da *Lumen Gentium* por Gérard Philips – assevera que reinar é servir a Cristo, e servir equivale a reinar com plena liberdade, pois Jesus confiou a todos os seus discípulos – não só aos apóstolos e sucessores – a participação em seu Reino.³⁶³ Os ensinamentos de Gérard Philips, quanto à participação dos leigos nos múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, oferece uma enorme riqueza de conteúdo para a Teologia do

³⁶² Oportuna e atual ainda é a colocação feita pelo autor de que com demasiada frequência o leigo fica mudo quando teria a obrigação de falar e não se contentar com o obrar. A Palavra exige, frequentemente, muita coragem: é uma profissão de fé renovada e inclui, cada vez, um novo compromisso. Que é verdade que o Antigo Testamento menciona a “profecia por meio de gestos”, mas os textos clássicos afirmam que *Yahveh* abre a boca dos profetas. Se o que é enviado insiste em ficar calado, ninguém compreenderá a sua mensagem a não ser por meio de sinais (cf. PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 35).

³⁶³ Cita Santo Ambrósio para explicar o significado de *regere*: *El que somete su propio cuerpo y rige su alma sin dejarse submergir por las pasiones, es su propio dueño; a este tal se le puede llamar rey (rex) porque es capaz de regir su propia persona (regere); es libre e independiente y no se deja cautivar por una esclavitud culpable*” (PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su Misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v.2, p. 36.).

laicato, no sentido de contribuir para que o leigo, nos dias de hoje, descubra e experimente a beleza de sua dignidade de batizado e a participação na missão de Cristo.

Ainda sobre o tríplice múnus, ensina Bruno Forte que o cristão, incorporado a Cristo pelo Batismo, é ungido pelo Espírito Santo, tornando-se comunicador na participação das funções profética, sacerdotal e real de Cristo.³⁶⁴ Assim, entende a participação dos leigos no múnus de Cristo:

- 1) O cristão comunica o Espírito através da Palavra vivida e falada (múnus profético (cf. LG, n. 35: testemunho e evangelização). Nesse sentido, o leigo “é possuído pela Palavra” graças à unção do Espírito (cf. 1 Jo 2,20; cf. Jo 16,13; 1Cor 2, 10-15) que fundamenta seu papel ativo no *sensus fidelium* para o discernimento da verdadeira fé e o aprofundamento do mistério revelado (cf. LG, n.12). Fala sobre a necessidade de redescobrir a contribuição leiga para a Teologia, especialmente numa Igreja como a latina em que são raros os teólogos leigos;
- 2) A comunicação do Espírito através da função sacerdotal acontece pelo oferecimento de toda a vida a Deus, preparando os caminhos do Espírito que se dá pela força de sua incorporação a Cristo – único, sumo e eterno sacerdote da nova aliança – faz sua oblação que encontra seu ápice e fonte na Celebração Eucarística (cf. LG, n. 34, AA, n. 3);
- 3) Por fim, o leigo comunica o Espírito ao participar da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte – processo de libertação pessoal, comunitária e cósmica, inaugurado por Jesus com sua ressurreição e para a qual o cristão pode contribuir graças à unção que recebeu – ele vive essa libertação vencendo, no âmbito do pecado, com a abnegação e o dom de si mesmo.³⁶⁵

A missão do cristão exercita-se mediante a comunicação do Espírito conforme os seguintes três aspectos: a profecia, o sacerdócio e a realeza – todos fundados na participação do Mistério de Cristo (profeta, sacerdote e rei) com a unção batismal.³⁶⁶ Todas as dimensões são realizadas através das atividades do leigo tanto na Igreja quanto no mundo, e a variedade dos serviços baseia-se sempre numa vocação do Espírito – carismas (cf. LG, n. 12) que deve

³⁶⁴ FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*, p. 47.

³⁶⁵ Sobre o ensinamento acerca da missão dos leigos em relação à missão de Cristo na Igreja e no mundo cf. FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*, p. 47-55.

³⁶⁶ FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*, p. 50.

ser exercida em comunhão com todos os irmãos.³⁶⁷ O autor aporta significativa contribuição ao utilizar a expressão comunicação do Espírito para falar da missão do leigo em relação à missão de Cristo, que, através da Palavra vivida e falada (múnus profético), pelo oferecimento da vida a Deus (múnus sacerdotal) e vencendo no âmbito do pecado com a abnegação e o dom de si mesmo (múnus real) comunica o Espírito de Deus no mundo como instrumento.

Com a promulgação da Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, nova luz foi projetada sobre a doutrina batismal na vida do fiel leigo e na sua participação na missão de Cristo. A exortação quis suscitar a meditação e a assimilação, por parte dos fiéis leigos, “com inteligência e com amor”, da rica e fecunda doutrina do Concílio Vaticano II sobre a participação no tríplice múnus de Cristo, da perspectiva laical, conforme segue (ChL 14):³⁶⁸

- 1) Múnus sacerdotal (participação no culto): a participação dos leigos – incorporados em Cristo Jesus – está em se unir a Ele e ao seu sacrifício, na oferta de si mesmos e de todas as suas atividades (cf. Rm 12,1-2) (LG 34);
- 2) Múnus profético (anúncio e testemunho da fé): é o anúncio do Evangelho por palavras e por obras pelos fiéis leigos unidos a Cristo, o “Grande Profeta” (Lc 7,16) (LG 35);
- 3) Múnus real (serviço ao mundo): os fiéis leigos “vivem a realeza cristã, sobretudo no combate espiritual para vencerem dentro de si o reino do pecado (cf. Rm 6,12), e, depois, mediante o dom de si, para servirem, na caridade e na justiça, o próprio Jesus presente em todos os seus irmãos, sobretudo nos mais pequeninos (cf. Mt 25,40) (LG, n. 36).

A Exortação *Christifideles Laici*, em síntese, apresenta os elementos essenciais da doutrina do Concílio Vaticano II sobre a participação no tríplice múnus de Jesus Cristo (cf. LG, n. 34-36). É possível afirmar que, tão somente captando a misteriosa riqueza do Batismo, é que se poderá delimitar a figura do fiel leigo. Toda sua existência tem como objetivo

³⁶⁷ FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*, p. 51.

³⁶⁸ Essa visão da condição comum cristã, antes da condição peculiar de leigo, se desenvolve sobre a base da eclesiologia de comunhão que é a chave de interpretação do Concílio Vaticano II desde o Sínodo Extraordinário de 1985, nas palavras do Sínodo: “Que significa a complexa palavra comunhão? Trata-se fundamentalmente de comunhão com Deus por Jesus Cristo no Espírito Santo. Tem-se essa comunhão na Palavra de Deus e nos sacramentos. O Batismo é a porta e o fundamento da comunhão na Igreja. A Eucaristia é a fonte e o ápice de toda a vida cristã (LG 11). A comunhão do corpo de Cristo eucarístico significa e produz, isto é, edifica a íntima comunhão de todos os fiéis no Corpo de Cristo que é a Igreja” (1 Cor 10,16) (*Relatio Finalis* II, C, n. 1). Sobre a Igreja, entendida como comunhão, cf. RATZINGER, Joseph; BOVONE, Alberto. *Congregação para a doutrina da fé: carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja*, entendida como comunhão, de 28 de maio de 1992.

conhecer e desenvolver a radical novidade cristã derivada do Batismo: ser regenerado na condição de filhos de Deus; estar unidos a Cristo e ao seu corpo que é a Igreja; estar unidos no Espírito Santo, sendo templos espirituais.³⁶⁹ Reapresenta os ensinamentos do Concílio Vaticano II de forma resumida e dirigida à missão dos leigos.³⁷⁰

A doutrina do *múnus* sacerdotal, profético e régio de Cristo da qual o fiel leigo participa a seu modo (sua participação na missão de Cristo), é considerada demasiado *teológica*, pois necessita ser traduzida para que o cristão de hoje tome consciência de sua identidade batismal com base na doutrina proposta pelo Concílio Vaticano II e ratificada pela *Christifideles Laici*, visando a um conhecimento da fé sempre mais aprofundado e fecundo.³⁷¹

Importante é ressaltar que o tema do Batismo, pela envergadura e importância que tem na vida cristã, requereria uma exposição mais ampla, o que excederia os limites da tese. No entanto, buscou-se dar luz à importância da realidade batismal no que diz respeito à identidade teológica do leigo e apontar a ausência de consciência, por grande parte dos leigos do século XXI, acerca dessa misteriosa riqueza que Deus dá e que define a figura do cristão, que encontrará na espiritualidade laical sua forma autêntica de viver o Batismo.

2.4.2 A Crisma: unção para a missão

Juntamente com o Batismo e a Eucaristia, o Sacramento da Confirmação compõe os “sacramentos da iniciação cristã”, cuja unidade deve ser salvaguardada, pois a recepção desse sacramento é necessária à consumação da graça batismal.³⁷² O Sacramento do Batismo faz o cristão existir na vida em Cristo, e o da confirmação, o robustece nele.³⁷³ Esse sacramento tem uma importância extraordinária na vida do cristão, inclusive, na do leigo. A iniciação cristã não está completa com o Batismo, não basta morrer para o pecado e renascer para uma vida nova; deve-se percorrer um longo caminho até chegar à santidade.³⁷⁴

³⁶⁹ BERZOSA, Raul Martinez. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 10.

³⁷⁰ Desde as dimensões real, sacerdotal e profética, se pode insistir na capacidade do fiel leigo de criar comunhão e vida do fiel cristão e do leigo em particular. Pela dimensão real, se entende que o fiel leigo é um servidor do Reino de Deus e servidor do homem, no que tange à construção da civilização de amor e da vida, particularmente entre os mais pobres. Desde a dimensão sacerdotal, o leigo une a oração à vida, e transforma todas as suas realidades desde o Espírito cristão (consagração do mundo); e quanto à dimensão evangelizadora ou profética, essa se realiza a partir do testemunho daquilo que ensina. Desde a dimensão da comunhão, o leigo coloca sua pessoa e seus dons a serviço da edificação da Igreja e da unidade de toda a família humana (BERZOSA, Raul Martinez. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 110).

³⁷¹ PHILIPS, Gérard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano*: história, texto e comentários da Constituição *Lumen Gentium*, p. 6. v. 1.

³⁷² CEC, n. 1.285.

³⁷³ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 177.

³⁷⁴ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*: Curso de Teología Espiritual, p. 170.

Do mesmo modo que a idade adulta não acrescenta nada à natureza humana, mas determina uma nova condição existencial, assim também a confirmação constitui a realização existencial do Batismo.³⁷⁵ A vida espiritual conhecerá, após o Batismo, as vicissitudes da vida, mas será, em todo momento, o eco e o desenvolvimento da vida comunicada no Batismo.³⁷⁶ A confirmação com a efusão do Espírito Santo une o cristão mais firmemente a Cristo e lhe confere força para viver com profundidade espiritual a totalidade dos acontecimentos que integram a existência.³⁷⁷ Batismo e Confirmação assentam as bases do existir cristão.

Antonio Royo Marín emprega a seguinte fórmula para uma descrição da Confirmação:

Sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, no qual, pela imposição das mãos e a unção com o crisma, sob a fórmula prescrita, se dá ao batizado, juntamente com a graça corroborativa, a plenitude do Espírito Santo com seus dons e lhe imprime um caráter especial para robustecer a fé e o confessar validamente como bom soldado de Cristo.³⁷⁸

Os principais efeitos da Crisma são: a) confere a graça santificante que robustece a alma e dá a energia sobrenatural que necessita para viver com maior plenitude de vida cristã iniciada pelo Batismo e confessar validamente a fé; b) confere de maneira mais plena e perfeita o dom do Espírito Santo;³⁷⁹ c) confere com maior plenitude os dons do Espírito Santo, se o cristão não põe obstáculo à graça e não resiste culposamente as inspirações interna do Espírito, os dons atuarão em sua alma de maneira crescente;³⁸⁰ d) imprime um caráter especial indelével; e e) robustece a fé do cristão e a fortalece para sua defesa, Deus oferece sua graça com tanta energia como suavidade, respeitando inteiramente a liberdade pessoal do ser humano.³⁸¹

Sendo a Confirmação considerada como o sacramento da maturidade cristã traz consigo algumas exigências como resposta por parte do cristão, a saber: confessar a fé pública

³⁷⁵ BERNARD, Charles A. *Teologia Espiritual*: Hacia la plenitude de la vida en el Espíritu, p. 317.

³⁷⁶ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 280.

³⁷⁷ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 280.

³⁷⁸ Texto original: “Sacramento instituído por nuestro Señor Jesucristo, em el que, por la imposición de las manos y la unción con el crisma bajo la fórmula prescrita, se da al bautizado, juntamente con l agracia corroborativa, la plenitude del Espiritu Santo com sus dones, y se le imprime um caráter especial para robustecerle en la fe y confesarlo validamente como buen soldado de Cristo” (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 177).

³⁷⁹ Em virtude da graça batismal a alma já possui o dom do Espírito Santo e, por isso, leva consigo o Mistério inefável da divina inabitação, mas na Confirmação é como o Pentecostes de cada cristão, a semelhança de Maria e dos apóstolos na manhã de Pentecostes, esse dom encheu os apóstolos de força, da virtude do Espírito: predicaram com convicção, com audácia, com segurança em si mesmos, essa é a ideia dominante da graça sacramental da Confirmação (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 179).

³⁸⁰ São dons do Espírito Santo que atuam na alma, em estado de graça, de maneira cada vez mais clara e intensa: a) dom da sabedoria; b) dom do entendimento; c) dom da ciência; d) dom do conselho; e) dom da piedade; f) dom da fortaleza; e g) dom do temor (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 179).

³⁸¹ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 179-183.

e valentemente sem se deixar levar pelo respeito humano; difundir a fé, grande dever do apóstolo e que afeta todo o cristão; defender a fé quando a atacam em sua presença e, se preciso, morrer por ela.³⁸²

A participação no sacerdócio comum e no tríplice múnus de Cristo, mediante o Batismo e a Confirmação, fundamenta a qualidade de discípulos do Senhor, a igual dignidade cristã e a vocação universal a santidade e ao apostolado. A nova infusão do Espírito Santo na Confirmação se indica na fórmula sacramental do rito latino com as palavras *Accipe signaculum doni Spiritus Sancti* (Recebe, por esse sinal, o dom do Espírito Santo, o dom de Deus).³⁸³

Pode-se dizer que toda a vida espiritual constitui uma realização da vida no Espírito e, portanto, uma realização do Sacramento da Confirmação, podendo-se dizer que a confirmação é o sacramento do crescimento da vida espiritual³⁸⁴ e, nisso, consiste seu lugar na espiritualidade dos fiéis leigos. Esse sacramento, ao mesmo tempo, “confirma o Batismo e consolida a graça batismal” e, juntamente com a Eucaristia, representa a mesma e única vida de Cristo no cristão.³⁸⁵

Assim como os primeiros cristãos, o leigo, hoje, deve unir vida, testemunho e missão com base na consciência da vocação batismal com a consagração para a missão.³⁸⁶ Pelos sacramentos da iniciação “são lançados os fundamentos de toda a vida cristã.”³⁸⁷ Por essa razão, devem estar inseparavelmente unidos e vividos de modo complementar.

A necessidade sobre a qual trata a Exortação *Christifideles Laici* em redescobrir a “misteriosa riqueza que Deus dá ao cristão no santo Batismo” (ChL, n. 9), deve vir com a contínua conscientização do leigo sobre a unidade e o significado da Confirmação e da Eucaristia como forma autêntica de viver a espiritualidade cristã. Sobretudo nos dias atuais se observa que boa parte dos cristãos recebe apenas o Batismo e a Primeira Eucaristia, e a Confirmação é considerada algo excepcional, bem como, diante da questão da confirmação ser considerada como a ‘conclusão da iniciação à vida cristã e não como o início de um processo de configuração a Cristo que persiste através de toda a vida.

³⁸² ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 182-184.

³⁸³ CEC, n. 1.320.

³⁸⁴ BERNARD, Charles A. *Teología Espiritual: hacia la plenitud de la vida en el Espíritu*, p. 317.

³⁸⁵ CEC, ns. 1.290 e 1.306.

³⁸⁶ RÍO, María del Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo: reflexión teológica sobre la identidad eclesial de los laicos en un tiempo de nueva evangelización*, p. 120-121.

³⁸⁷ CEC, n. 1.212.

2.4.3 A Eucaristia: “fonte e ápice da vida cristã”

A participação dos fiéis leigos, incorporados em Jesus Cristo, ungidos pelo Espírito Santo, inseridos no Mistério da Igreja, no *múnus* sacerdotal, profético e régio de Jesus Cristo tem origem no Batismo, desenvolvimento na Confirmação e perfeição e sustento na Eucaristia.³⁸⁸

Os Sacramentos do Batismo e da Confirmação conferem as bases do existir cristão apesar de serem recebidos apenas uma vez. Já a Celebração Eucarística, a comunhão, pode e deve ser recebida reiteradas vezes. Em cada Eucaristia, a vida recebida no Batismo, na Confirmação e na Primeira Eucaristia se desenvolve na alma e no existir do cristão de tal modo que deverá ser uma existência cada vez com mais profundidade em Cristo e no Espírito.³⁸⁹

Jesus instituiu um sacramento que significa a plena união com Ele: a Eucaristia (cf. SC, n. 47).³⁹⁰ Ele representa a plena união do fiel com Cristo de modo que se torna um só com Ele: ao receber o Corpo e o Sangue do próprio Cristo, converte-se em portador de Cristo e partícipe de sua natureza divina (cf. 2Pd, 1-4).³⁹¹ O verdadeiro “pão da vida” (Jesus Cristo) se faz alimento para a alma: a Eucaristia transforma quem a recebe, transformando-o em Cristo (cf. Jo 6, 48-58).

A Eucaristia, como *fonte e ápice* (análogo a centro e raiz) da vida cristã, significa que esse sacramento tem o poder de vivificar o núcleo mais profundo do ser cristão, comunicando a plenitude da vida divina. É capaz de impulsionar e animar toda a existência do fiel cristão que deve girar em torno do sacrifício eucarístico como verdadeiro centro da vida espiritual. A Eucaristia, como centro, quer significar o ponto de referência dos pensamentos, dos desejos, afetos e ações do cristão não devendo ser apenas um ponto isolado na vida do fiel.³⁹²

Em comentário acerca da Constituição *Lumen Gentium*, ao tratar sobre a Eucaristia como “sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã” (LG, n. 11), Gérard Philips afirma que ela vem subentendida na expressão “oblações espirituais”, destacando, ainda, alguns pontos dogmáticos importantes:

³⁸⁸ STEFFEN, Carlos José Monteiro. *Por uma Teologia do Laicato: uma proposta de articulação entre o empenho secular dos fiéis cristãos leigos e o Reino de Deus*, p. 97.

³⁸⁹ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 280.

³⁹⁰ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 170.

³⁹¹ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 171.

³⁹² Sobre o tema da Eucaristia como centro e raiz da vida espiritual, ver: (BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 173-179).

- 1) A Eucaristia como fonte e ápice de toda a vida cristã, vida que nasce do altar e retorna para encontrar seu clímax. A existência do cristão se revigora constantemente pela instituição sacramental cujo centro é o altar;
- 2) Em torno do altar, os fiéis obtêm do Cristo imolado a verdadeira disposição de oblação para realizar seu ato com plena lealdade;
- 3) A maneira como os fiéis se oferecem a si mesmos pela oblação e também pela comunhão purificando o coração para se tornarem semelhantes a Cristo na participação sacramental da refeição eucarística;
- 4) A maneira de participar da missa é distinta para o celebrante e para os fiéis, tendo o cuidado para não misturar os respectivos papéis: o sacerdote atua no lugar de Cristo para torná-Lo presente no altar através das espécies consagradas;
- 5) A comunhão produz e realiza a comunidade, onde acontece a unidade de todo o Povo de Deus.³⁹³

Gérard Philips, na exegese ao n. 11 da *Lumen Gentium*, confere maior ênfase ao aspecto da Eucaristia como “oblação espiritual”. Oportuno é lembrar que, em virtude de sua conexão com a Eucaristia, a função sacerdotal dos leigos se desenvolve juntamente com a capacidade de realizar o *consecratio mundi*: “os leigos, como adoradores em todo lugar atuam santamente e consagram o mesmo mundo a Deus” (cf. LG, n. 34). A santificação do mundo não consiste em uma sacralização que levaria a negar a própria consciência e a autonomia das realidades temporais (cf. GS, n. 36) – como explicou o dominicano Chenu em texto intitulado “Os leigos e a *Consecratio Mundi*” – mas fazer da existência no mundo a substância do sacrifício espiritual que, em Cristo e por Cristo, os leigos oferecem ao Pai.³⁹⁴

Jesus Cristo cumpriu com perfeição sua missão temporal, vivendo tudo o que o homem poderia experimentar exceto o pecado (cf. Hb. 4,15), mas o ser humano não possui um equilíbrio perfeito como o de Cristo, pois sabe que seu comportamento exterior, tanto no templo como na vida social, peca por negligências, distrações e imperfeições, por isso necessita da ajuda do Senhor para cumprir seu dever de estado, ou seja, necessita das “graças de estado” que são compreendidas como toda a ajuda que vem de Deus e auxilia no cumprimento perfeito e pontual do “dever de estado”.³⁹⁵

³⁹³ PHILIPS, Gérard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano: história, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*, v. 1, p. 182-186.

³⁹⁴ CHENU, Marie-Dominique. Os leigos e a *consecratio mundi*. In: BARAÚNA, Guilherme (org.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 1.001-1.017.

³⁹⁵ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teologia ascetica*, p. 154.

A chamada “graça de estado” é concedida por meio de rito sacramental: cada sacramento é fonte de graça sacramental que fortalece o fiel para levar a cabo a obra para a qual foi chamado. As graças do Batismo auxiliam na condição do cristão para tudo aquilo que exige estar batizado, e a Eucaristia tende a acrescentar a unidade e a caridade dos cristãos entre si e com respeito ao Senhor no cumprimento de seus “deveres de estado”.³⁹⁶

No mesmo sentido, Álvaro del Portillo, tratando sobre a atuação temporal dos fiéis leigos, defende que todas as obras (orações e iniciativas apostólicas, a convivência conjugal e familiar, o trabalho cotidiano, o descanso do Espírito e do corpo, inclusive nas contrariedades da vida) se forem suportadas e vividas com paciência e levadas a cabo no Espírito, se convertem em oferendas espirituais agradáveis a Deus através de Jesus Cristo, na celebração da Eucaristia, ao oferecê-las, piedosamente, ao Pai junto com a oblação do Corpo do Senhor (cf. 1Pd, 2, 5).³⁹⁷

Quanto ao desafio que tem o ser humano de viver não só a Comunhão Eucarística, mas a comunhão vital ao longo do dia ensina o Cardeal Suenens que “raros são aqueles que recolhem a vontade de Deus, escondida nas parcelas do tempo presente como nas partículas da hóstia, que sabem reconhecer e adorar uma vontade divina presente, totalmente, em cada particularidade da sua existência”.³⁹⁸

Importante lembrar que a vida eucarística sempre constituiu o centro espiritual da comunidade cristã, que tinha a reunião da Assembleia em torno de Cristo e ao memorial da Paixão do Senhor (p. ex.: cf. 1Cor 10, 14-21; 11, 17-34; At 2,42-47).³⁹⁹ Toda a Eucaristia é sinal da presença viva de Cristo ressuscitado. O Cristo vencedor vive na Igreja, vive nos cristãos, atua no mundo por meio de seu Espírito e, assim, não se pode viver plenamente a Eucaristia sem uma atitude de fé viva em Cristo ressuscitado, fé, essa, que se transforma em confiança na possibilidade de colaborar com Ele na transformação do universo e no cumprimento final do Reino de Deus.⁴⁰⁰

A Eucaristia assegura a purificação de duas maneiras: a) quando Jesus Cristo derrama nos corações seu amor, é como um fogo purificador; e b) na medida da profunda adesão à pessoa de Jesus Cristo, fruto da vida eucarística que requer o necessário desapego de si mesmo.⁴⁰¹ No encontro eucarístico, se dá a união e daí o desejo de imitação e de transformação. Na presença sacramental, se encontra a presença espiritual no amor, e o amor

³⁹⁶ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teologia ascetica*, p. 154-156.

³⁹⁷ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 197-198.

³⁹⁸ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *Vida cotidiana vida cristã*, p. 23.

³⁹⁹ BERNARD, Ch. A. *Teologia Espiritual: hacia la plenitude de la vida en el Espíritu*, p. 372.

⁴⁰⁰ BERNARD, Ch. A. *Teologia Espiritual: hacia la plenitude de la vida en el Espíritu*, p. 374-375.

⁴⁰¹ BERNARD, Ch. A. *Teologia Espiritual: hacia la plenitude de la vida en el Espíritu*, p. 384.

requer semelhança, uma semelhança que deve abarcar todo o ser, em especial o coração e a afetividade: “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo” (Fl 2,5).⁴⁰²

A Anamnese⁴⁰³ Eucarística trata da comunicação da vida, paixão e morte de Cristo nas espécies consagradas do pão e do vinho para a vida, paixão e morte dos que a recebem, uma comunicação que é feita pelo Espírito. Enquanto se participa da atualização do único sacrifício de Cristo, se oferece a si mesmo como sacrifício.⁴⁰⁴ O fiel é introduzido no sacrifício de Cristo não só passivamente (receptor de sua autodoação), mas também ativamente (cooferente) e é nesse sentido que se fala de uma sacramentalidade vertical e horizontal.⁴⁰⁵

Sobre a relação da Eucaristia com os demais sacramentos, Gérard Philips, relembra que já o catecismo de Trento especificava que a Eucaristia é como uma fonte, e os demais sacramentos são como rios: dessa fonte promanam a virtude e a perfeição dos outros ritos sagrados.⁴⁰⁶ Ante a importância e a atualidade do Sacramento da Eucaristia, aduz Joseph Ratzinger, que “a reta celebração e a reta compreensão da Eucaristia se revelam sempre, de novo, como ponto crucial da existência cristã diante da crise de fé que estamos vivendo”.⁴⁰⁷

A panorâmica traçada foi necessariamente breve para apresentar – e esse era o objetivo – que a vida espiritual cristã cresce e se desenvolve num contexto sacramental.⁴⁰⁸ E, paralelamente, que a Igreja, não só mediante sua Palavra, mas também mediante seus sacramentos, está presente em todo o existir cristão e, nesse sentido, é mãe; mãe que não só

⁴⁰² BERNARD, Charles A. *Teologia Espiritual: hacia la plenitud de la vida en el Espíritu*, p. 385.

⁴⁰³ O autor explica que os padres gregos utilizavam a expressão *Anamnese Eucarística* para expressar o que, no judaísmo contemporâneo de Jesus, era uma realidade de todos os grandes dias de festa, vivida como algo evidente: que o acontecimento do passado não permanece no passado nem aparece no presente como passado, mas, de alguma maneira, comunga com o israelita que o celebra (MENKE, Karl-Heinz. *Sacramentalidad: esencia y llaga del catolicismo*, p. 123).

⁴⁰⁴ MENKE, Karl-Heinz. *Sacramentalidad: esencia y llaga del catolicismo*, p. 125.

⁴⁰⁵ MENKE, Karl-Heinz. *Sacramentalidad: esencia y llaga del catolicismo*, p. 124-127.

⁴⁰⁶ PHILIPS, Gérard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano: história, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*, p. 183. v. 1.

⁴⁰⁷ Cf. RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. In: _____. *Obras completas*, v. XI, p. 287. Quanto à urgência dos fiéis em participar conscientemente das celebrações sacramentais, especialmente da Eucaristia, não se detendo apenas no rito externo, explica Mário de França Miranda que “desapareceram os momentos de interiorização, de silêncio, de oração pessoal, de um autêntico encontro com Deus, tornando, por vezes, as celebrações sacramentais verdadeiros espetáculos à semelhança de *shows* televisivos” (MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*, p. 239-240).

⁴⁰⁸ O capítulo primeiro da *Christifideles Laici* sintetiza parte da espiritualidade e da Teologia laical, e, dentre as proposições apresentadas, está a de que a espiritualidade e a liturgia se alimentam da fé sacramental: consagrado-ungido-configurado com Cristo, no Espírito pelo Batismo e Confirmação, participando em plenitude do Mistério Pascoal através da Eucaristia. Em outras palavras, o ser-vocação-identidade-teologia e espiritualidade do leigo se iluminam desde a sua consagração batismal (participação na comunhão trinitária, eclesial e cristológica), na livre e variada iniciativa do Espírito (dimensão eclesiológica), assumindo a missão e a secularidade de toda a Igreja, desde sua índole secular em um marco concreto histórico (dimensão antropológica) (BERZOSA, Raul Martinez. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 109-110).

transmite a vida ao nascer, mas que acompanha esse viver contribuindo em seu crescimento desde o início até o momento de consumação da vida humana.⁴⁰⁹

2.4.4 O estilo sacramental da existência cristã

Karl Rahner, em texto intitulado *Espiritualidad antigua e actual* (1967), pouco tempo após o Concílio Vaticano II, concluiu que será a relação pessoal e imediata com Deus que deverá caracterizar a espiritualidade do futuro, e tal realidade é algo muito importante diante da época que se vive: época que se fala de Deus de modo afastado e silencioso, que se fala da “morte de Deus” e de ateísmo.⁴¹⁰

Ainda hoje, são atuais seus argumentos e, nesse contexto, se encontra a importância do estilo de vida sacramental da existência cristã. É nos sacramentos que “Deus vem ao nosso encontro”; é o âmbito do encontro com o amor eterno de Deus que não busca um espírito isolado, mas que “nos sagrados sinais dos sacramentos, está a garantia de uma resposta divina, na qual a pergunta aberta do ser humano alcança a sua meta e o seu contentamento.”⁴¹¹

Em face da crucial importância da vida sacramental para todo fiel e, especialmente para o leigo, que, em geral recebe menos formação ao longo de sua vida, parece necessário retomar, constantemente, os pontos dogmáticos importantes, como, por exemplo, sobre o estilo sacramental do ser cristão, sobre a essência e o sentido dos sacramentos a começar pelos da iniciação cristã, sobre a dimensão eclesial dos sacramentos, pois a configuração com Cristo se desenvolve por meio dos sacramentos *da* e *na* Igreja. É necessário falar sobre os mesmos de forma constante, renovada e atualizada com a “revisitação orgânica dos ensinamentos do Concílio Vaticano II”.

Apesar da opção pelos sacramentos da iniciação cristã não se pode deixar de ao menos fazer referência a dois Sacramentos na vida cristã laical, a saber: o do Matrimônio e o dentre os medicinais o da Reconciliação. O Matrimônio se caracteriza como um sacramento de serviço assumido especificamente pelos leigos, pois para muitos sua vocação concreta é a

⁴⁰⁹ As relações entre a vida espiritual-cristã e os sacramentos são objeto de estudo em diversos manuais e dicionários de espiritualidade. Para melhor compreender, remete-se a BERNARD, Charles André. *Teologia Espiritual: hacia la plenitude de la vida en el Espíritu*, p. 175-178; 157-166; 368-403; BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teologia Espiritual*, p. 77-92, 168-179; RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. In: _____. *Obras completas*, v. 11.

⁴¹⁰ RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 22.

⁴¹¹ RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. In: _____. *Obras completas*, v. 11, p. 201.

vida no casamento e na família, caracterizada como tarefa essencial de seu ser no mundo que confere peculiar acento na realização da sua espiritualidade cristã.⁴¹²

Dito em outras palavras o Matrimônio é uma vocação cristã, considerado como verdadeiro caminho para a santidade e uma vocação específica dentro da comum vocação cristã conforme explicitado pela doutrina conciliar (LG, n. 11 e GS, n. 48). Essa doutrina foi acolhida por João Paulo II na *Familiaris consortio*

Esta profissão de fé exige o seu prolongamento no decurso da vida dos esposos e da família: Deus, que de facto, chamou os esposos «ao» matrimónio, continua a chamá-los «no» matrimónio. Dentro e através dos fatos, dos problemas, das dificuldades, dos acontecimentos da existência de todos os dias, Deus vai-lhes revelando e propondo as «exigências» concretas da sua participação no amor de Cristo pela Igreja em relação com a situação particular - familiar, social e eclesial - na qual se encontram.(FC 51)⁴¹³

A essência de seu conteúdo se encontra na elevação sobrenatural do pacto conjugal e do amor esponsal como sinal eficaz da salvação de Cristo, ou seja, o pacto entre os esposos é assumido por Cristo e elevado à condição de imagem e reprodução da relação de amor de Cristo e à Igreja.⁴¹⁴ A função sacerdotal dos leigos se exerce não só com sua participação na vida sacramental da Igreja, mas na santificação da vida ordinária, que pressupõe o Batismo e culmina na Eucaristia.⁴¹⁵

De outra parte, pela estreita relação com os sacramentos da iniciação cristã, encontra-se o Sacramento da Reconciliação. Nele verifica-se uma reintegração dos poderes e privilégios conferidos no Batismo e na Confirmação perdidos pelo pecado mortal e que, na prática, comporta prática uma negação das promessas batismais.⁴¹⁶ Esse Sacramento é sinal da necessidade de um contínuo estado de conversão da vida cristã especialmente para os leigos que vivem em meio às estruturas do mundo.⁴¹⁷

O sentido profundo do Sacramento da penitência está em ser o selo sacramental que a Igreja confere a uma vida cristã em contínuo estado de conversão, possuindo dois elementos principais: por uma parte implica um esforço de conversão e de outra, recebe da Igreja instrumento da graça de Cristo, sua própria eficácia sobrenatural.⁴¹⁸ A Penitência fará possível

⁴¹² WEIMAYER, Josef. *Vida Cristiana em plenitud*. p. 229.

⁴¹³ JOÃO PAULO II. Exortação apostólica *Familiaris consortio*, n. 51.

⁴¹⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro*: Curso de espiritualidade laical, p. 240.

⁴¹⁵ BOSCH, Vicente. *Santificar o mundo desde dentro*: Curso de espiritualidade laical, p. 243.

⁴¹⁶ BELDA, Manuel. *Guiados por el espíritu de Dios*: Curso de Teologia espiritual, p. 172.

⁴¹⁷ ROYO MARIN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 210.

⁴¹⁸ BERNARD, Charles A. *Teologia Espiritual*, p. 390.

curar as feridas que o pecado foi capaz de produzir na alma e reestabelecer o existir do cristão cada vez mais profundamente um existir com Cristo e no Espírito.⁴¹⁹

Sobre a necessária consciência sacramental, diz-se que o sinal não consegue realizar o seu sentido e sua tarefa não só devido à configuração externa da celebração, mas também devido à deficiência interna por parte do participante que carece de uma consciência adequada da ação litúrgica.⁴²⁰ Nesse sentido, a Constituição, sobre a Liturgia do Concílio Vaticano II, refere: “Na ação litúrgica não só se observem as leis para a validade e a lícita celebração, mas que os fiéis participem dela com conhecimento de causa, ativa e frutuosa” (SC, n. 11).

Não se trata de proclamar outra mensagem adaptada ou submissa às necessidades históricas e transitórias de uma geração, mas “ênfatizar no mesmo anúncio da fé algumas verdades, talvez esquecidas ou relegadas no passado, mas de grande importância em nossos dias”, pois a mensagem cristã só será considerada à medida que puder incidir nos “anseios, angústias, carências, sofrimentos, busca de sentido e realização” do ser humano.⁴²¹

Assinala Joseph Ratzinger que se deve falar mais e profundamente sobre o Mistério em ser filho de Deus, da riqueza e da profundidade, celebrar melhor o sacramento e poder viver, mais eficazmente, o mandamento de Cristo: “Amái-vos uns aos outros,”⁴²² tudo isso sem perder a atualidade do Mistério, pois a espiritualidade do futuro tem um valioso legado a conservar, e essa só será autêntica quando mantiver uma relação cheia de vida com o passado.⁴²³

A atualidade do Mistério, hoje, parece que se perdeu, faltando, assim, aquilo que é necessário para manter uma relação imediata e íntima com Deus.⁴²⁴ Segundo o poeta e cardeal português José Tolentino de Mendonça, para explicar o significado de mística, utiliza uma frase de Michel de Certeau: “É místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar.”⁴²⁵ O autor considera que, apesar do radical minimalismo da frase, a mística se aprofunda num longo e paciente colóquio, assim como as grandes viagens que “têm de começar com um

⁴¹⁹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 280.

⁴²⁰ MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*, p. 239.

⁴²¹ MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*, p. 213-214.

⁴²² RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. In: _____. *Obras completas*. p. 399. v. XI.

⁴²³ RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 19.

⁴²⁴ Quanto à urgência dos fiéis em participar conscientemente das celebrações sacramentais, especialmente da Eucaristia, não se detendo apenas no rito externo mas vivendo o mistério que envolve esse sacramento, aduz Mário de França Miranda que “desapareceram os momentos de interiorização, de silêncio, de oração pessoal, de um autêntico encontro com Deus, tornando, por vezes, as celebrações sacramentais verdadeiros espetáculos à semelhança de *shows* televisivos” (MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*, p. 239-240).

⁴²⁵ MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante: o tempo e a promessa*, p. 31.

pequeno passo”.⁴²⁶ E ser místico pede para “tomarmos mais a sério a nossa humanidade como narrativa de Deus que ‘vive neste mundo’.⁴²⁷ E, é nesse tomar a sério que se encontra o caráter teológico da secularidade do fiel leigo como o *proprium* de sua identidade na vivência da espiritualidade laical.

2.5 A ÍNDOLE SECULAR COMO O *PROPRIUM* DO LAICATO

O Concílio Vaticano II apresentou uma descrição tipológica ou fenomenológica do leigo e, por essa razão, se questionou se, ao sublinhar a índole secular como característico do leigo, não se estaria oferecendo uma chave que permitiria defini-lo.⁴²⁸ E, de fato, a Teologia pós-conciliar ofereceu algumas visões sobre o leigo em vista da importância dada à índole secular considerada como nota característica e de sua correta interpretação.⁴²⁹

Algumas dessas linhas teológicas foram acima mencionadas e ainda que aqui se repita, devem ser consideradas, pois cada uma delas trouxe aspectos que devem ser observados. João Paulo II, na *Christifideles Laici* procurou a harmonização das diversas correntes teológicas que tinham, em seu eixo, a índole secular.

O Sínodo dos Bispos de 1987 suscitou intenso debate ao apresentar a visão de conjunto das distintas correntes teológicas sobre o laicato, a saber: 1) a de substituir o binômio clero-leigo por comunidade-ministérios (cf. Y. Congar); 2) a de que a secularidade ou a laicidade não é uma característica (ou dimensão) exclusiva dos leigos, mas de toda a Igreja (cf. S. Dianich, B. Forte); e 3) que nem a dimensão secular, nem os ministérios são necessários para definir os leigos, pois é o Batismo que constitui o crente como cristão, e isso basta, nada mais lhe falta.⁴³⁰

⁴²⁶ O autor identifica algumas das características do *místico* na frase citada: a testemunha como a mística diz respeito a todos, não exclui ninguém (diferentemente da fama que a mística possui; que o místico é aquele que não pode deixar de caminhar seguro daquilo que lhe falta; que a mística deve ser sempre sinal de liberdade, que está aberta à banda larga da realidade e diz que o místico é aquele que “não habita em parte alguma ele é habitado” (MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante: o tempo e a promessa*, p. 31-32).

⁴²⁷ MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante: o tempo e a promessa*, p. 26.

⁴²⁸ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 115.

⁴²⁹ A importância dessa distinção se faz necessária na medida em que, segundo o teólogo espanhol Pedro Rodríguez, só quando se percebe a fundo a essência da comum condição cristã e o *proprium* das respectivas condições dos clérigos, religiosos e leigos, é que se torna possível uma *pastoral* que responda realmente à estrutura fundamental da Igreja, ou seja, aquilo que a Igreja é (RODRÍGUEZ, Pedro. *La identidad teológica del laico*, p. 265-302).

⁴³⁰ Sobre os contextos eclesial e sociocultural da Teologia do laicato, ver: FUENTE BUENO, Eloy de la. Laico. In: _____; CALVO, Roberto. *Diccionario del laicado, asociaciones y movimientos católicos*, p. 420-421.

Oportuno é retomar a via de interpretação teológica da índole secular do leigo que parece ter exercido uma contribuição mais efetiva teologicamente, no que tange ao significado de secularidade para o que viria a ser o Sínodo dos Bispos de 1987 e a *Christifideles Laici*.

As outras Teologias, ao revalorizarem a laicidade de toda a Igreja, acabavam por reduzir o valor do termo leigo e negar a possibilidade de indicar algo específico que o identificasse. Segundo a via de interpretação teológica da índole secular, era necessário valorizar a laicidade, ou secularidade, como noção teológica, ou seja, como realidade dotada de significado cristão.⁴³¹

A índole secular não designa uma simples realidade sociológica ou a presença no mundo, mas a atitude de quem atua nele por vocação própria, contribuindo, assim, para sua santificação a partir de dentro (cf. LG, n. 31). Como uma realidade orientada a Cristo e objeto da missão da Igreja, o secular é o lugar da vocação cristã e eclesial: é um conceito teológico e não só sociológico.⁴³² Pela atenta leitura da Constituição *Lumen Gentium*, n. 31, se depreende que a missão do leigo consiste em agir no mundo temporal em prol do Reino de Deus, e o leigo, assim, passa a ser

[...] tesemunha de fé, um membro atuante da Igreja dentro do seu próprio universo e de sua profissão. [...] A maneira como devem agir permitirá a eles demonstrar, em práticas e atitudes concretas de vida, conteúdos da mensagem evangélica da fé, da esperança e do amor.⁴³³

A índole secular se faz necessária para a definição do fiel leigo. A condição laical implica uma peculiar relação com o mundo sobre o qual é necessário tomar consciência e, ainda, dar razões da mesma.⁴³⁴ Dito em outras palavras, não é um simples estar-no-mundo, mas um modo de olhar todas as realidades terrenas, reconhecendo seu valor teológico e soteriológico e atuando coerentemente não só no mundo, mas na sua inserção na Igreja.⁴³⁵

O Concílio Vaticano II define como o *proprium* do leigo a índole secular. O Magistério pós-conciliar do Sínodo dos Bispos de 1987 e a Exortação Apostólica *Christifideles Laici* dão um passo a mais⁴³⁶ ao referir que a comum dignidade batismal assume, no leigo, “uma

⁴³¹ BERZOSA, Raul Martinez. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 66.

⁴³² O caráter secular do laicato foi e continua sendo um aspecto que constitui, certamente, o mais específico da vida secular; no entanto, é um conceito difícil e muito controvertido também para aqueles que participaram da elaboração da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su Misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v.2, p. 25).

⁴³³ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, p. 63.

⁴³⁴ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 153.

⁴³⁵ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 120.

⁴³⁶ Com a *Christifideles Laici*, se colocavam as bases para a vivência e a compreensão da secularidade que é própria dos fiéis leigos (*índole secular*) dentro da *dimensão secular* ou *secularidade geral* da Igreja, ou seja,

modalidade que o distingue, sem o separar do presbítero, do religioso e da religiosa” (cf. ChL, n. 15). É nesse sentido que, segundo a *Christifideles Laici*, “o estar e o agir no mundo são para os leigos uma realidade, não só antropológica e sociológica, mas também e especificamente, teológica e eclesial, pois é na sua situação intramundana que Deus manifesta seu plano e comunica a especial vocação de “procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais, ordenando-as segundo Deus” (ChL, n. 15).

O Sínodo sobre os leigos (1987) e a *Christifideles Laici* (1988) representaram um antes e um depois quanto à valorização e à missão do laicato, fruto da autêntica “caracterização teológica do leigo”⁴³⁷ ao definir a secularidade como fator determinante e qualificador de sua identidade. Para explicar a índole secular, é necessário dar dois passos: primeiro, compreender a distinção entre dimensão secular de toda a Igreja e a índole secular própria do leigo e, logo, indicar o sentido teológico e eclesial da índole secular ou secularidade do leigo.⁴³⁸

2.5.1 Distinção entre dimensão e índole secular

Todos aqueles que respondem ao apelo do Senhor e se empenham em levar uma existência cristã são chamados à prática dos conselhos evangélicos e a viver neste século que não é o meio especial, mas o meio normal para o conjunto dos discípulos de Cristo (cf. LG, n. 31). Nenhum cristão pode sentir-se alheio ao mundo e ao seu destino.⁴³⁹ A missão da Igreja possui uma dupla modalidade: a salvação e a santificação dos homens “pela fé em Cristo e por sua Graça” (AA, n. 6) e também a missão de contribuir para “a restauração de toda a

da relação com o mundo, essencial a todo cristão (PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 116). Em 2009, o papa emérito Bento XVI, evocava o Sínodo de 1987 e o esclarecimento que realizou acerca da vocação e missão dos leigos, na medida em que as luminosas páginas que o Concílio dedicou ao laicato ainda não haviam sido traduzidas e revisadas suficientemente na consciência dos católicos e nas práticas pastorais e que ainda existe a tendência de identificar a Igreja com a hierarquia, esquecendo a responsabilidade comum do Povo de Deus e que ainda se tinha muito caminho a percorrer no sentido de mudar a mentalidade no que diz respeito aos leigos de passarem de colaboradores para corresponsáveis, no ser e atuar da Igreja, favorecendo a atuação de um laicato maduro e comprometido (RATZINGER, Joseph. *Discurso na Assembleia Eclesial de Roma*, passim).

⁴³⁷ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 124.

⁴³⁸ No contexto das relações do cristão com as realidades terrestres, a CNBB, no Subsídio Doutrinal n.10 *Fé cristã e laicidade*, esclarece o que entende por secularidade: é a atenção dada às realidades de nosso mundo como o experimentamos; uma justa apreciação do valor das realidades temporais. Distingue secularidade de secularização, sendo, esta última, compreendida como a tendência em abordar as coisas só numa perspectiva imanente neste mundo sem referência a valores que a transcendem; e de secularismo quando Deus se torna total ou parcialmente ausente da existência e da consciência do homem. Prossegue com a diferença entre laicidade – como autonomia e independência do poder civil em relação ao religioso – e laicismo, que não se limita à distinção entre o político e o religioso, mas a privação da religião de sua participação pública na sociedade (CNBB, *Fé cristã e laicidade*, p. 15-21).

⁴³⁹ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 157.

ordem temporal” (AA, n. 5), de tal maneira que, “continuamente, se façam e cresçam segundo Cristo, para louvor do Criador e Redentor” (LG, n. 31).⁴⁴⁰

A partir dos anos setenta, passou-se a falar de secularidade de toda a Igreja⁴⁴¹, ou seja, das relações da Igreja e das realidades cristãs com o mundo e com a história, tendo como fundamento o Decreto conciliar *Apostolicam Actuositate*, segundo o qual a missão da Igreja “não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e a sua graça, senão também penetrar, no espírito evangélico, as realidades temporais e aperfeiçoá-las” (AA, n. 5). Com o Vaticano II, essas realidades não são mais apenas simples âmbitos em que a Igreja se move, mas adquirem um significado teológico superior ao dado sociológico, ou seja, ordenar as realidades temporais forma parte da missão da Igreja.⁴⁴²

O cristão desenvolve sua existência e sua vida de relação com Deus em uma sociedade, no mundo e na história. Assim, além de ser membro do Povo de Deus, é também da sociedade civil da qual recebe influência e nela atua. Por dimensão secular da Igreja se entende tanto a responsabilidade com o temporal de todos os fiéis – sacerdotes, leigos e religiosos – quanto o anúncio e a comunicação da vida divina.⁴⁴³

Nas palavras de Paulo VI, toda a Igreja possui *uma dimensão secular*, isto é, uma relação de salvação para com o mundo, expressada por diversos modos de viver a secularidade cristã entre seus membros, segundo o carisma próprio de cada um, mas a *secularidade cristã* é comum a todo batizado.⁴⁴⁴ O texto do n.15 da *Christifideles Laici* retoma o discurso de Paulo VI para tratar da autêntica dimensão secular da Igreja sem excluir o modo próprio que têm os leigos de participar da responsabilização de todo o Corpo de Cristo de restaurar a ordem temporal (cf. ChL, n.15). As diferenças dizem respeito aos diversos *modos* de realizar a comum condição batismal e de desenvolver, existencialmente, a totalidade do Evangelho.

A dimensão secular da Igreja tem raiz no Mistério do Verbo encarnado (cf. ChL, n. 15). O Filho unigênito do Pai (Verbo Encarnado), tendo assumido a condição humana,

⁴⁴⁰ A Igreja enquanto Igreja possui uma relação interna teológica com o mundo como mundo sob a perspectiva da restauração cristã da ordem temporal como missão de toda a Igreja. Isso, em última instância, pela unidade escatológica (Reino de Deus) entre Cristo na Igreja e o mundo (AA, n. 5). Parafrazeando o autor, a *Ecclesia in Terris*, a Igreja enviada por Cristo ao mundo, é uma comunidade *organice exstructa* que expressa o *sacramentum salutis* e a posição própria e peculiar do leigo na Igreja tem seu fundamento e emerge da consideração da relação que a Igreja possui com o mundo como mundo (cf. RODRÍGUEZ, Pedro. *La identidad teológica del laico*, p. 289-290).

⁴⁴¹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p.125.

⁴⁴² BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 125.

⁴⁴³ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 125.

⁴⁴⁴ PAULO VI. *Discurso a los responsables generales y miembros de los Institutos Seculares en lo XXV Aniversario de la Provida Mater Ecclesia “Estar en el mundo transformándolo desde dentro”*, passim.

vivendo as realidades que a integram e a definem (trabalho, família, amizade, alegria, sofrimento), as incorpora ao Mistério de sua íntima relação com o Pai e, assim, a Igreja se faz solidária com toda a humanidade, pois vive e sofre com ela suas preocupações e problemas, situando-os no horizonte infinito do amor de Deus.⁴⁴⁵

Para Walter Kasper, o Concílio Vaticano II expõe, de modo preciso, o caráter secular como próprio dos leigos, mas não exclusivo, considerando que a interpenetração no mundo é atribuição de toda a Igreja apesar de ser missão característica dos leigos (cf. LG, n. 31; GS, n. 43). Nesse sentido afirma o texto da *Christifideles Laici*: “Nesse contributo à família dos homens, de que é responsável a Igreja inteira, cabe aos fiéis leigos um lugar de relevo, em razão da “sua índole secular”, que os empenha em modalidades próprias e insubstituíveis, na animação cristã da ordem temporal (ChL, n. 36).

A secularidade do leigo não esgota a secularidade da Igreja, mas nasce dela e é um modo peculiar de participar da mesma.⁴⁴⁶ O sacerdote e o religioso, à sua maneira, participam também da dimensão secular da Igreja: o primeiro fazendo presente, no mundo, a graça de Cristo com seu ministério, e o religioso, testemunhando, no mundo atual, o modo de vida do mundo futuro, sublinhando a vocação eterna do homem e antecipando a condição escatológica.⁴⁴⁷

A participação do leigo, na dimensão secular da Igreja, adquire não apenas uma especial relevância, mas se reveste do caráter de índole, ou seja, de condição específica, de característica que o define, de fator qualificador e determinante da vocação que recebeu.⁴⁴⁸ Uma coisa é a dimensão secular de toda a Igreja, e outra é a índole secular própria do leigo. A Exortação Apostólica *Christifideles Laici* é considerada um avanço em relação à *Lumen Gentium* no sentido de esclarecer, de forma técnica e precisa, o uso dos termos dimensão, modalidade e índole, bem como esboça uma visão sintética dos mesmos.⁴⁴⁹

O termo *dimensão* expressa a ideia de âmbito, ou esfera, porque cada vocação cristã possui dimensões comuns a todos, por exemplo: a dimensão litúrgica, a contemplativa, a apostólica e a secular, já que toda a Igreja vive no mundo e é enviada ao mesmo. Essa dimensão se expressa em diversas modalidades distintas ou formas diversas, de acordo com a

⁴⁴⁵ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 157.

⁴⁴⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 126.

⁴⁴⁷ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 157.

⁴⁴⁸ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 158.

⁴⁴⁹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 127.

vocação própria de cada um; assim, o modo de viver a dimensão secular do leigo é uma modalidade própria de atuação e de função que recebe o nome de índole secular.⁴⁵⁰

O termo latino *índole* significa disposição natural, qualidade própria de um determinado ser ou o seu caráter,⁴⁵¹ enquanto a palavra *dimensão* não caracteriza o sujeito específico. A palavra índole diz respeito à qualidade da pessoa, por exemplo, ao dizer que uma pessoa é de boa ou de má índole; serve para indicar mais do que uma simples capacidade (como a palavra *dimensão*), mas uma capacidade que caracteriza e define o sujeito.⁴⁵² Em suma, enquanto a secularidade é atributo que pertence a toda a Igreja, para o cristão leigo a secularidade o define e o qualifica (característica teológica e eclesial do leigo).⁴⁵³

Como assinala Álvaro del Portillo, a consideração da secularidade, como nota específica do laicato, pressupõe considerar o mundo não só como o âmbito em que vive, mas como realidade relacionada a uma ordem que tem Cristo no seu centro, isto é, a relação com o mundo não poderia entrar na definição do fiel leigo – do cristão corrente, como membro do Povo de Deus – se o mundo não tivesse relação com a missão da Igreja.⁴⁵⁴ A seguir, o estudo versa sobre os significados teológico e eclesial da secularidade do leigo a partir do Concílio Vaticano II, mas, antes, se faz necessário estabelecer a distinção entre a secularidade na vida consagrada e a laical.

2.5.2 A secularidade dos leigos e dos religiosos

A secularidade cristã é atributo de toda a Igreja e de todos os cristãos (ministros ordenados, religiosos, consagrados e fiéis leigos) e designa a pertença ontológica ao *saeculum*, isto é, ao mundo presente criado por Deus. Integra as condições humana e cristã como nota antropológica e permanece intocada pela ordenação sacramental ou pela profissão dos conselhos evangélicos. Todos os fiéis cristãos participam da dimensão secular da Igreja, “mas de maneiras diferentes” (ChL, n. 15).

A origem da diversidade cristã se encontra em uma nova realidade sacramental, ou em um dom do Espírito Santo. Como nova realidade sacramental, está o sacerdócio ministerial e como um dom do Espírito e de origem carismática, se encontra a diferença na vivência da

⁴⁵⁰ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 127.

⁴⁵¹ VIEIRA, Jair Lot. *Dicionário latim-português*: termos e expressões, p. 199.

⁴⁵² BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 127.

⁴⁵³ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 436.

⁴⁵⁴ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 199-200.

secularidade cristã entre laicato e vida religiosa, que deverá ter presentes os seguintes critérios:⁴⁵⁵

- 1) Primeiro, aquilo que caracteriza uma vocação cristã não pode ser considerado um *plus* que acrescenta algo à sua ontologia batismal presumidamente incompleta;
- 2) Segundo, qualquer aspecto pertencente à condição batismal comum não poderá ser o elemento caracterizador das diversidades originadas pelos carismas, por ser conteúdo comum a todas. Por esse motivo, por exemplo, uma vocação cristã particular não pode caracterizar-se pela atribuição exclusiva da imitação de Cristo; e
- 3) Em terceiro lugar, e em consequência da anterior, as diferenças só podem ser consideradas como modos de realizar a comum condição batismal e de desenvolver, existencialmente, a totalidade do Evangelho.

Com base nesses critérios, se pode afirmar que o modo próprio dos fiéis leigos somente se compreende em correlação com o modo próprio da vida religiosa. Vida laical e vida religiosa são formas estruturais de expressar o ser e a missão da Igreja no mundo como sacramento de salvação.⁴⁵⁶ A correlação entre leigos e religiosos, em suas respectivas relações com o mundo, demonstra a complementaridade entre vocação e missão própria dos leigos com a própria dos religiosos e dos consagrados. Essa complementaridade deriva do fato de que a Igreja é “sacramento universal de salvação” e que, ao mesmo tempo, manifesta e realiza o Mistério do amor de Deus ao homem (GS, n. 42, 45). São formas complementares da vivência da secularidade cristã, mas não idênticas.

A finalidade salvífica da Igreja abarca o destino do homem em sua totalidade e por se referir a Deus essa missão “é religiosa e, por isso mesmo, humana no mais alto grau” (cf. GS, n. 11). Nessa direção, é possível afirmar que a missão da Igreja, no mundo, possui uma dupla dimensão: a imanente e a transcendente. A imanência significa que a realidade criada é o lugar no qual se realiza a restauração redentora de Cristo, e a transcendência diz respeito ao cumprimento dessa restauração que transcende a história. Todo cristão, como a própria Igreja, é sinal do Reino já presente na história e em caminho para a plenitude do *Eschaton*.

Toda a vida cristã está caracterizada pela tensão entre a imanência da graça que instaura já, aqui, o Reino e o anúncio de sua transcendência para a consumação final. Por essa

⁴⁵⁵ VILLAR, José R. Elementos para configurar la identidad del fiel laico. In: NAVARRO, L.; PUIG, F. (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*, p. 5.

⁴⁵⁶ VILLAR, José R. Elementos para configurar la identidad del fiel laico. In: NAVARRO, L.; PUIG, F. (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*, p. 5.

razão, não se impede que se concentre um projeto de vida cristã em torno de algum desses aspectos. Vida laical e vida religiosa representam articulações diversas da relação entre imanência e transcendência do Reino.⁴⁵⁷

Para os consagrados, a sociedade civil é um lugar onde manifesta seu testemunho escatológico do Reino definitivo, testemunho que, na vida consagrada, fica configurado por meio dos votos de pobreza, castidade e obediência. Portanto, sua relação com as realidades terrenas não se realiza segundo à dinâmica originária da ordem criada; mas se insere nela por via do contraste, justamente para tornar mais significativo seu testemunho escatológico.⁴⁵⁸ Com a vocação à vida consagrada “se deixa de ser leigo sem deixar de ser cristão” e, com ela, a Igreja “anuncia o absoluto do reino de Deus, a transcendência da fé e da graça de Cristo e o destino escatológico do mundo”.⁴⁵⁹ Os consagrados fazem renúncias de tal envergadura que os afastam das condições normais da existência humana e supõem uma distância formal de certos valores do mundo, que se manifestará em seu estilo de vida (cf. Cân. 607, §3).

Os religiosos enriquecem o mundo e a Igreja com o modelo de sua própria vida, como testemunhos da provisoriedade do mundo e da eternidade dos bens celestiais (LG, n. 44). Mediante a proclamação da vida religiosa, contribuem para instaurar o Reino na Terra, para a glória do Criador e Redentor. A *secularidade consagrada*, própria dos institutos seculares, pode ser considerada uma modalidade diversa de secularidade laical, ainda que se entenda a si mesmo como um viver as exigências cristãs “desde dentro” do mundo, pois esse “desde dentro” não é o mesmo que *velut ab intra* (como de dentro) com que a *Lumen Gentium* 31 caracteriza a identidade própria dos leigos.

O testemunho dos leigos manifesta a possibilidade que há nas realidades temporais de serem assumidas por Cristo e, portanto, de contribuir para a edificação do Mistério da Igreja, esses efeitos não se cumprem somente no Reino de Deus definitivo (escatologia consumada), mas, desde agora, e, através da dinâmica da Criação, embora de forma inicial.⁴⁶⁰ O dom do Espírito, recebido no Batismo, outorga ao fiel cristão leigo um lugar próprio na estrutura e na missão da Igreja, com a santificação das realidades temporais a partir “de dentro” delas mesmas, buscando o Reino de Deus (cf. LG, n. 31).

⁴⁵⁷ VILLAR, José R. Elementos para configurar la identidad del fiel laico. In: NAVARRO, L.; PUIG, F. (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*, p. 6.

⁴⁵⁸ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 483-506.

⁴⁵⁹ STEFFEN, Carlos José Monteiro. *Por uma Teologia do laicato: uma proposta de articulação entre o empenho secular dos fiéis cristãos leigos e o Reino de Deus*, p. 243-244.

⁴⁶⁰ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 483-506.

A Igreja, com a vida laical, instaura uma nova criação “desde dentro” do mundo e anuncia, assim, a presença da graça e a imanência do Reino no conjunto das relações que compõem a ordem da Criação (familiares, sociais, econômicas, políticas, culturais, etc.). A vida religiosa, de sua parte, lembra a vida laical pois que, ao instaurar o Reino na provisoriedade do humano, tem o fim transcendente ao que deve aspirar, o que supera as realizações terrenas, que são apenas uma antecipação da plenitude a que se dirige a esperança cristã.⁴⁶¹ É uma recordação profética constante que renova, continuamente, a Igreja em seu peregrinar histórico. Os religiosos renunciam ao mundo, mas não ao relacionar-se com o mundo.

No caso dos leigos, o lugar que ocupam na gestão do *saeculum* é o que qualifica sua posição na Igreja e constitui a forma ordinária de inserção no mundo. Já no caso dos religiosos, eles mudam o modo de inserção que tinham como leigos na dinâmica imanente ao mundo, para voltar ao mundo de outra maneira: como testemunhas da provisoriedade do humano e da eternidade dos bens celestiais.⁴⁶² Nesse cenário, a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* segundo a qual, com a profissão dos conselhos evangélicos, “os traços característicos de Jesus – virgem, pobre e obediente – adquirem uma típica e permanente visibilidade no meio do mundo, e o olhar dos fiéis é atraído àquele Mistério do Reino de Deus que já atua na história, mas aguarda sua plena realização nos céus.”⁴⁶³

A índole secular designa a secularidade laical como sinal e instrumento da dimensão da criação e da encarnação da secularidade cristã, como expressão da relação essencial da secularidade cristã com a ordem da criação que foi assumida na Encarnação e regenerada na redenção.⁴⁶⁴

Os leigos, em virtude do caráter secular, refletem sobre o Mistério do Verbo Encarnado como Alfa e Ômega no mundo, fundamento e medida do valor de todas as coisas; se confia a vida consagrada à missão de assinalar o Filho de Deus feito homem como a meta escatológica para o que tudo está dirigido. Os leigos são chamados a ordenar as realidades

⁴⁶¹ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica pós-sinodal Vita Consecrata do Santo Padre João Paulo II ao episcopado e ao clero, às ordens e congregações religiosas, às sociedades de vida apostólica, aos institutos seculares e a todos os fiéis sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo*, passim.

⁴⁶² VILLAR, J. R. Secularidad. In: CALABRESE, G. et al. (ed.). *Diccionario de Ecclesiología*. Madrid: BAC, 2016. p. 1.368-1.376.

⁴⁶³ JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata do Santo Padre João Paulo II ao episcopado e ao clero, às ordens e congregações religiosas, às sociedades de vida apostólica, aos institutos seculares e a todos os fiéis sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo*, passim.

⁴⁶⁴ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 499.

temporais segundo Deus, e somente eles realizam *em e através do* mundo, enquanto os consagrados dão testemunho do Reino de Deus para o mundo (ChL 15).⁴⁶⁵

Naturalmente, a relação com o mundo não esgota a riqueza dos aspectos cristológicos e espirituais tanto da vida religiosa como da vida laical. A condição laical, ou religiosa, é sempre uma configuração da comum condição cristã. A relação com o mundo serve como critério eclesiológico em algo que é igualmente aplicável aos religiosos e aos leigos; em outras palavras, sua situação antropológica é uma “realidade teológico-eclesial” (ChL 15). Em ambos os casos, leigos e consagrados, o modo de expressão humano da secularidade qualifica teologicamente sua posição na Igreja em ordem e missão no mundo que é imanente e transcendente ao mesmo tempo e que cada um ressalta um aspecto em especial, participando de outro.⁴⁶⁶ A seguir, o estudo aprofunda o sentido de secularidade em sua modalidade laical.

2.5.3 Vocação laical e secularidade

A compreensão da realidade de que toda a Igreja tem uma dimensão secular (uma responsabilidade sobre o mundo) implica dizer que seja realizada de modos distintos por sacerdotes, religiosos e leigos.⁴⁶⁷ Quando se fala na missão do leigo na Igreja e no mundo, deve-se atentar para o perigo de tratar esses âmbitos como realidades diversas em que o leigo atua alternativamente (cf. ChL, n.15).⁴⁶⁸

A expressão na Igreja e no mundo⁴⁶⁹ não pode ser entendida em oposição como se os leigos tivessem uma missão na Igreja e outra missão no mundo. Realizando sua missão no mundo, realizam sua missão na Igreja e não porque o mundo e a Igreja se identifiquem. É que

⁴⁶⁵ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 483-506.

⁴⁶⁶ VILLAR, J. R. Secularidad. In: CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (ed.). *Diccionario de Eclesiología*. Madrid: BAC, 2016. p. 1.368-1.376.

⁴⁶⁷ O Concílio Vaticano II não chegou a discernir os modos distintos de como se configura a relação do cristão com o mundo, segundo a diversidade de vocações, ministérios e carismas na Igreja. Segundo Ramiro Pellitero, a doutrina do Concílio Vaticano II é incompleta nesse sentido (cf. PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 495).

⁴⁶⁸ O tema sobre o mundo e a dimensão secular da vida cristã não foi objeto de estudo nas últimas décadas, somente quando se começou a considerar o mundo e as realidades terrenas como elemento configurador da vida do Espírito: em realidade, todo cristão desenvolve sua existência e sua relação com Deus em uma sociedade (no mundo) e num determinado momento da história. Portanto, é membro do Povo de Deus e também de uma sociedade civil da qual sofre influência e nela atua. Aos poucos, foi desaparecendo a ideia de mundo como uma realidade distinta da Igreja com a renovação do pensamento teológico através do lento e cansativo trabalho de teólogos como Gustave Thils, Yves Congar e Jacques Maritain (cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 153).

⁴⁶⁹ O mundo e a vida espiritual não são realidades paralelas, contemporâneas e indiferentes: em outras palavras, “a espiritualidade cristã não é uma espiritualidade sem mundo, mas uma espiritualidade encarnada” (ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 297).

a Igreja vive no mundo e é formada por homens que são do mundo, ainda que não sejam mundanizados. É precisamente no lugar que ocupam no mundo que devem exercitar a participação que lhes é própria nos *tria munera Christi* (*múnus sacerdotal, profético e régio*).

A primeira e imediata tarefa do leigo não é a instituição eclesial, que compete aos pastores, mas colocar em prática as possibilidades cristãs evangélicas nas coisas do mundo. A doutrina da Igreja ensina que a atuação do leigo no mundo constitui sua plena participação na missão do Povo de Deus.⁴⁷⁰ Deve procurar viver um equilíbrio entre as tarefas seculares e as tarefas eclesiais.

Paulo VI, sobre a missão própria e primeira do leigo, explica que

[...] a sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e desenvolvimento da comunidade eclesial – esse é o papel específico dos pastores, mas sim o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. O campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos “mass media” e ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento (*Evangelii Nuntiandi*, n.70).

A Constituição *Lumen Gentium* responde sobre a tarefa primeira dos leigos: devem viver no “Espírito de Deus” todos os seus momentos, e todas as suas atividades sejam orações e iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, repouso do corpo e lazer do Espírito, penas e provas (cf. LG, n. 34). Quanto mais o Espírito Santo viver em cada um dos cristãos, mais Ele poderá revelar aos homens de amanhã, a juventude, o frescor e a potência do Evangelho; mais Ele será o Espírito criador que renova a face da Terra. São essas as *oferendas espirituais* e o culto espiritual que os leigos irão prestar a Deus e que será matéria de seu sacerdócio comum (cf. LG, n. 10).⁴⁷¹

A especificidade do laicato se fundamenta em participar, a seu modo, do ser e da missão da Igreja, tendo a secularidade como característica do seu serviço eclesial e ação no mundo. A atuação do leigo no mundo constitui sua plena participação na missão do Povo de Deus.⁴⁷²

Para Yves Congar, em sua obra: *Os leigos na Igreja* (1959), o leigo deve “ir para Deus fazendo a obra deste mundo”:

⁴⁷⁰ BOSCH, Vicente. *El carácter teológico de la secularidad: servicio eclesial y acción en el mundo de los fieles laicos*, passim.

⁴⁷¹ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *A corresponsabilidade na Igreja de hoje*, p. 127.

⁴⁷² ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 113.

A vocação própria do leigo, à que corresponde a sua condição como tal, é ir para Deus fazendo a obra deste mundo; viver segundo a terceira dimensão, vertical, embora construindo o estofado do mundo e da História e vivendo, para isso, segundo as dimensões horizontais da existência. [...] O leigo deve viver para Deus, mas sem ser dispensado de fazer o trabalho do mundo; sua vocação cristã própria é procurar a glória de Deus e o reinado de Cristo na obra e pela obra do mundo: ser a Igreja e, não a Igreja inerte, presente sem estar em um mundo onde não teria nada a fazer, mas a Igreja ativa, em que os padres não estão, da maneira que os padres não podem estar, a saber, no temporal e na História, fazendo a obra do mundo e da História.⁴⁷³

Nessa perspectiva, é que se pode refletir sobre o sentido eclesial da secularidade do fiel cristão leigo como sua missão em comunhão com o clero e religiosos, em estabelecer um contato vital com o mundo para testemunhar a Cristo e tornar presente a vontade salvífica de Deus Pai a seu modo.

A vocação laical redescoberta com o Concílio Vaticano II, como possibilidade de seguir de perto a Cristo em meio às tarefas humanas no mundo, concebe a missão da Igreja em dois âmbitos: “anunciar a mensagem de Cristo e de sua graça aos homens” e “impregnar e aperfeiçoar toda a ordem temporal com o Espírito evangélico”(AA, n. 5). O trabalho santo e santificador dos leigos, para restaurar a ordem temporal, tem caráter teologal-eclesial e, por essa razão, constitui uma verdadeira vocação.⁴⁷⁴

2.5.4 O sentido eclesial da secularidade: ser Igreja no mundo

Antes do Concílio, dizia Pio XII (1946) que os leigos são os cristãos que “encontram-se na linha mais avançada da vida da Igreja” e, por isso, devem ter a consciência de que não só pertencem à Igreja, mas são Igreja no mundo.⁴⁷⁵ O documento de *Puebla* (1979), elaborado quatorze anos após o término do Concílio Vaticano II, expressa, com clareza e profundidade, a identidade dos leigos ao afirmar que leigo é “o homem de Igreja no coração do mundo e de homem do mundo no coração da Igreja” (Puebla, 786).

Para os leigos, sua vida no mundo é lugar teológico onde devem encontrar a Deus e viver sua fé, cumprindo sua missão eclesial.⁴⁷⁶ O leigo se situa na Igreja a partir de sua inserção nativa na dinâmica imanente do mundo, uma situação antropológica que é para os fiéis leigos uma realidade teológico-eclesial (cf. ChL, n. 15). Essa realidade qualifica sua posição na Igreja e na missão eclesial em relação à redenção do mundo onde “são chamados

⁴⁷³ CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma Teologia do Laicato*, p. 632.

⁴⁷⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 407.

⁴⁷⁵ PIO XII. *La Elevantezza: Discurso sobre la supranacionalidade de la Iglesia*, passim.

⁴⁷⁶ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 495.

por Deus para contribuir, desde dentro, a modo de fermento, para a santificação do mundo” (cf. LG, n. 10).

A pretensão, segundo o teólogo W. Kasper, é que os cristãos seculares “tampouco sejam cristãos mundanos ou até mundanizados, mas que santifiquem a realidade mundana a partir de dentro; o que se quer é que sejam como ‘fermento’ no mundo e impregnem o mundo com o Espírito do Evangelho”.⁴⁷⁷ A cultura cristã deve encarnar-se no mundo com o testemunho de vida do leigo que é a forma mais eloquente de falar de Deus.

Para falar sobre o Reino de Deus, Jesus utiliza a parábola do “fermento na massa” (cf. Mt 13,33; Lc 13,20-21). A imagem também pode indicar o sentido de que o cristão deve estar junto com os demais, para que seja o que deve ser. No caso dos leigos, é justamente nessa mistura, “entretido nas coisas do mundo” (cf. LG, n. 32) que o leigo vai ser aquilo que está destinado a ser. O fiel leigo, assim como os demais membros da Igreja, sozinho, não perde suas propriedades, mas não as faz acontecer. Nisso consiste a eclesialidade da atuação do leigo no mundo, que, sob o influxo da graça, promove a justiça, o desenvolvimento e o bem comum no esforço de reconduzir o mundo a Deus.

E, para que a Igreja seja o que deve ser no mundo, precisa tomar consciência da situação atual, como já ensinava Karl Rahner em 1966:

Deve aceitar essa situação atual de inquietude, deve lidar com a mesma com paciência, e deve tentar compreendê-la e superá-la progressivamente. Nem sequer a Igreja pode escolher a situação em que deve viver. Esta lhe é dada. E é bom que seja assim.⁴⁷⁸

Nesse contexto temporal e histórico, é que o cristão é chamado a viver e ser como “fermento na massa”, “homem de Igreja no coração do mundo”.

Com relação aos ensinamentos conciliares sobre o valor teológico e eclesial da secularidade, na opinião de alguns teólogos, não foi desenvolvida uma oportuna reflexão sobre essa clara indicação. E escreve-se e fala-se pouco sobre as atividades dos leigos no mundo, como se o profissionalismo e a eficiência de um engenheiro, de um agricultor, ou de um taxista só afetasse as esferas privada e pública dele como cidadão, como se tal realidade

⁴⁷⁷ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 271.

⁴⁷⁸ Texto original: *Para que la Iglesia sea lo que debe ser, hay que aceptar esa situación de inquietud, hay que sobrellevarla con paciencia, y hay que intentar comprenderla y superarla progresivamente. Ni siquiera la Iglesia puede elegir la situación en la que ha de vivir. Le es dada. Y es bueno que así sea.* (RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teología*, t. 7, p. 14).

fosse indiferente à sua condição cristã, quando, na verdade, são objeto precisamente da missão de se santificar-se e santificar as atividades, ordenando-as segundo Deus.⁴⁷⁹

A eclesialidade da atuação do leigo no mundo encontra fundamento em participar da função real de Cristo. A contribuição dos leigos, na instauração do Reino de Cristo (cf. ChL, n. 14) constitui a etapa necessária sob a ação da graça, que promove a justiça, o desenvolvimento e o bem comum em seu esforço de reconduzir o mundo a Deus.

O Concílio Vaticano II reconhece essa plena eclesialidade dos fiéis leigos como Igreja na “entranha do mundo”⁴⁸⁰ a partir dos seguintes pilares: a) a identidade cristã dos leigos (a condição dos fiéis chamados à santidade e à missão); b) a peculiaridade da sua identidade (índole secular); e c) a especificidade de sua missão no mundo, ou seja, a santificação *ad intra* das realidades seculares.⁴⁸¹

Assinala Pilar Ríó, citando J. R. Villar, que os leigos “não são só Igreja” (como todo fiel) e nem só “Igreja no mundo” (como os ministros sagrados e os religiosos), mas são “Igreja na entranha do mundo”, pois é, aí, onde se encontram, originalmente inseridos, na medida em que a vocação divina assume esse *húmus* antropológico, que constitui sua mesma base humana.⁴⁸² Está no mundo como cidadão e não como estrangeiro.

2.5.5 O sentido teológico da secularidade: chamados a *iluminar* as realidades temporais

O Concílio Vaticano II revaloriza o mundo e as realidades terrenas e as considera como um caminho de santidade (cf. LG, n. 31).⁴⁸³ No ano de 1970, escreveu Paulo VI sobre as possibilidades da secularidade no sentido de salvar almas e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho:

Assim tereis um campo imenso para desenvolverdes a vossa dupla obra: a vossa santificação pessoal, a vossa alma e a *consecratio mundi*, de que conheceis o delicado e atraente compromisso, ou seja, o campo do mundo, do mundo humano como ele é, na sua inquieta e ofuscante atualidade, nas suas virtudes e nas suas

⁴⁷⁹ BOSCH, Vicente. *El carácter teológico de la secularidad: servicio eclesial y acción en el mundo de los fieles laicos*, 2016. p. 3.

⁴⁸⁰ A expressão: Igreja como “entranha no mundo” é utilizada pela teóloga chilena Pilar Ríó. In: RÍO, Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo*.

⁴⁸¹ RÍO, María del Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo*, p. 291.

⁴⁸² RÍO, María del Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo*, p. 307.

⁴⁸³ Muito significativo para o estudo é o comentário de Gérard Philips ao n. 31 da *Lumen Gentium* ao referir que a palavra *mundo* compreende a profissão, o trabalho, a família, a sociedade, as circunstâncias ordinárias em que a quase totalidade dos homens passa sua vida e que constituem a trama de sua existência e, ainda, que, no texto da *Lumen Gentium*, prevalece o significado de mundo como o lugar e o espaço em que o cristão ordinário cumpre sua tarefa (cf. PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su Misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 30).

paixões, nas suas possibilidades de bem e na sua tendência para o mal, nas suas magníficas realizações modernas e nas suas secretas deficiências e inevitáveis sofrimentos: o mundo. Vós caminhais ao lado de um plano inclinado, que tenta o passo à fácil descida e o estimula na cansada subida. É um caminho difícil de alpinistas do espírito.⁴⁸⁴

Esses “alpinistas do espírito”, como denominava Paulo VI os cristãos, devem buscar compreender e descobrir os caracteres eclesial e teologal de suas atividades, que estão no centro de sua missão, evitando uma visão clericalista segundo a qual o trabalho dos leigos, no mundo, é concebido como algo marginal e periférico na Igreja (cf. ChL, n. 2).

A Constituição *Gaudium et Spes* explica que compete aos leigos, de forma específica e direta, renovar as realidades do trabalho e das atividades temporais a seu modo ao serem cumpridas com responsabilidade, competência e impregnadas de espírito cristão. Para o Concílio Vaticano II os leigos são não só “Igreja na entranha do mundo”, mas é precisamente “fazendo o mundo”, o que confere sentido eclesial e teológico à índole secular.⁴⁸⁵

Estão chamados a deixar transparecer o esplendor de Cristo através dos valores temporais aos que têm sua vida ligada de forma indissolúvel. Segundo Gérard Philips, imbuído do Espírito conciliar como relator da *Lumen Gentium*, a palavra *illuminare* (cf. LG, n. 31) foi escolhida intencionalmente. A escolha está fundamentada no argumento de que se os leigos não respeitam os valores temporais ou se os menosprezam, não serão capazes de iluminar, mas de “destruir a realidade”. Prossegue explicando que “quando o trabalho é realizado com alma cristã, ele se torna transparente e luminoso porque um raio de graça o atravessa e lhe confere, ao mesmo tempo, brilho e valor de eternidade, sem modificar, em nada, sua verdade, mas fortificando-a”.⁴⁸⁶

A vocação do leigo à santidade é vocação para uma vida no mundo – uma vocação terrena e temporal – mas, ao mesmo tempo, obrigação de nutrir e desenvolver a vida teologal com uma fé viva, esperança firme e caridade ardente.⁴⁸⁷ O encontro da vida terrena com a

⁴⁸⁴ PAULO VI. *Discurso aos participantes do Encontro Internacional dos Institutos Seculares*, passim.

⁴⁸⁵ RÍO, María del Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo: reflexión teológica sobre la identidad eclesial de los laicos en un tiempo de nueva evangelización*, p. 320.

⁴⁸⁶ Texto original: “[...] cuando el trabajo se hace con una alma cristiana, entonces se hace transparente y luminoso porque un rayo de gracia lo atraviesa y le confiere, al mismo tiempo, brillo y valor de eternidad, sin variar en lo más mínimo su verdad, sino fortificándola” (PHILIPS, Gérard. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 312).

⁴⁸⁷ Antes mesmo do Concílio Vaticano II, o teólogo francês Gustave Thils, em seu livro *Santidade cristiana: Compendio de Teologia Ascética*, no ano de 1960, compreendeu o “dever de estado” em sua integralidade (ou em sentido total) e não só em suas exigências da ordem temporal, ou seja, incluindo os deveres da vocação terrena e temporal, bem como os da vida teologal na fé, esperança e caridade a que tem a obrigação de alimentar, desenvolver e aprofundar a participação na vida divina e trinitária. As páginas dessa obra estão destinadas a todos os cristãos – uma única santidade para os leigos e para os monges, para os sacerdotes e para os religiosos, para os ricos e para os pobres, para as pessoas cultas e para aquelas que não possuem instrução. Também já prepara o caminho para a doutrina da vocação universal à santidade, expressa pelo

vida divina assume, no leigo, um significado positivamente cristão, pois todas as circunstâncias em que se encontra (profissão, matrimônio, paternidade e maternidade, p. ex.) se tornam sinal da vontade de Deus. Quando iluminadas pelos ensinamentos evangélicos, convertem-se em oportunidade de colaborar com o advento do Reino de Deus, tendo como ponto de inserção, no mundo, a caridade, que deve transformar todas essas realidades e ser inserida na vida dos demais.⁴⁸⁸

O Concílio Vaticano II supera a estreita concepção de mundo⁴⁸⁹ como perigo a ser evitado pela alma com o correspondente menosprezo do mundo (cf. LG, ns. 31, 41). Surge uma renovada visão segundo a qual o compromisso cristão com o mundo é visto de forma positiva, a partir da concepção de que as tarefas confiadas ao indivíduo no mundo integram o caminho de sua vocação concreta de existência cristã.⁴⁹⁰ Mesmo superada a visão de afastamento do mundo como ideal da vida espiritual, ainda se faz presente a realidade do pecado e do mal no mundo a que todos estão ligados de muitas maneiras. Não se trata de “sair do mundo” (cf. 1Cor 5,10), nem tampouco de “conformar-se à mentalidade deste mundo” (cf. Rm 12,2), mas ter uma nova atitude pois aquele que “enraizado na comunhão de vida com Cristo, acolhe e faz próprias as tarefas inerentes à vida neste mundo, deve também participar da vitória de Cristo sobre o pecado e sobre a morte”.⁴⁹¹

Concílio Vaticano II. Nessa linha, aduz que a santidade é o destino e a obrigação comum de vida cristã de todos, pois os que são verdadeiramente *santos*, neste mundo, o são “em quaisquer circunstâncias, fundamental e eminentemente, *filhos do Pai, irmãos em Cristo e espirituais no Espírito Santo*” (Texto original: *Son realmente santos en este mundo, en cualesquiera circunstancias, son, fundamental y eminentemente, hijos del Padre, hermanos de Cristo y espirituales en el Espíritu*) (THILS, Gustave. *Santidad cristiana*: compendio de teologia ascetica, p. 13-35).

⁴⁸⁸ BOUYER, Louis. *Introduzione ala vita spirituale*, p. 204-210.

⁴⁸⁹ Essa visão, segundo Miguel de Salis Amaral, só apareceu explicitamente, nos últimos documentos do Concílio: *Apostolicam Actuositatem* e na *Gaudium et Spes*. No caminho para a plenitude em Cristo, a Igreja e o mundo mantinham uma relação recíproca: a Igreja tinha uma missão que era desempenhar com respeito ao mundo (AMARAL, Miguel de Salis. Laicato. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco; VILLAR, José R. (ed.). *Dicionário de Ecclesiologia*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016. p. 792).

⁴⁹⁰ O autor realiza um breve estudo para a compreensão da palavra *mundo* na Sagrada Escritura, afirmando que para o Novo Testamento não interessa que o cristão desapareça do mundo, mas que não “seja deste mundo” (Jn 17, 9-19). Dentre os aspectos vetero-testamentários, encontra-se uma atitude positiva e otimista em relação ao mundo, pois tudo o que foi criado por Deus é bom (Gn 1, 10.12.18.25), mas também o mundo como cenário do drama humano do pecado. O Novo Testamento não trata do mundo e de seu valor como tema em si, mas como lugar da Revelação de Deus e que a Ressurreição do Senhor e o envio do Espírito Santo edificam a comunidade da Igreja como presença de Cristo neste mundo. No pensamento paulino, o *mundo* adquire um novo interesse, indica nova atitude ante o mundo que não se trata de sair do mundo e nem de “conformar-se com a mentalidade deste mundo”. Nos escritos de São João, a ideia de *mundo* traz consigo o contraste entre o mundo como criação de Deus e como algo bom (Jn 19,11), mas, na medida em que está submetido ao pecado, resulta que não reconhece quem o criou (Jn 1,9-10) (WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 164-166).

⁴⁹¹ Texto original: [...] *enraizado en la comunión de vida con Cristo, acoge y hace propias las tareas anejas a la vida en ese mundo, debe esperar también participar en la victoria de Cristo sobre el pecado y sobre la muerte*” (WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 170).

A evolução do conceito de mundo e de vida espiritual, como algo meramente interior (significado sociológico), deu-se no sentido de perceber que tanto o mundo quanto a história formam parte substancial da vida e que, além do âmbito, são tarefa e missão para o cristão, como um chamado a uma realidade que se constrói.⁴⁹²

Como exemplo da compreensão do mundo como *locus* concreto da vocação cristã, observam-se as primeiras comunidades cristãs que não se isolaram do mundo, mas que, ao contrário, conduziram uma vida corrente igual aos demais cidadãos conforme sublinha a Carta a Diogneto do século II, considerada como uma das mais grandiosas visões da vocação dos primeiros cristãos: “Não se distinguem dos demais homens nem por sua pátria, nem por sua língua, nem por seus costumes. Não vivem efetivamente em uma cidade exclusivamente sua, nem falam uma língua estranha, nem levam uma vida separada.”⁴⁹³

Entretanto, prossegue a Carta que, apesar da semelhança com os demais, existia algo que os distinguia, pois “Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira.” Essa postura é que delineia a vocação cristã no mundo, posto que “o que é a alma para o corpo são os cristãos para o mundo”.⁴⁹⁴

Diante da apaixonante e desafiadora atitude a que o fiel, especialmente o leigo, é chamado a ter, diante do mundo, encontram-se dois polos extremos: sair do mundo ou se conformar com sua mentalidade (cf. Rm 12,2). A dissensão com o mundo é contínua na história da espiritualidade cristã e corresponde à oscilação entre sua negação e a aceitação positiva de seus valores.⁴⁹⁵

Tal realidade é retratada pelo Sínodo dos Bispos de 1985 ao mencionar o fenômeno do secularismo como uma visão “autonomista do homem e do mundo, a qual prescinde da dimensão do Mistério”.⁴⁹⁶ É uma aceitação tão grande dos valores do mundo que se perde a dimensão do Mistério, ou seja, “não faz caso dela ou até a nega”. A *Christifideles Laici*, buscando evitar generalizações indevidas, traça algumas linhas de tendências que emergem da sociedade atual, como, por exemplo, a indiferença religiosa e o ateísmo nas suas variadas formas como o secularismo (cf. Chl, n. 4).⁴⁹⁷

⁴⁹² ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 317.

⁴⁹³ Carta a Diogneto, v. 5.

⁴⁹⁴ Carta a Diogneto, v. 1.

⁴⁹⁵ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 167.

⁴⁹⁶ Sínodo dos Bispos. *Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo 20 anos depois do Concílio Vaticano II: lineamento*, em 22 de fev. de 1985. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 35.

⁴⁹⁷ Recentemente, em 10 de abril de 2020, em meio a um contexto de pandemia mundial em razão do vírus denominado *coronavírus*, o Frei Raniero Cantalamessa, em sua meditação na Sexta-Feira Santa dizia que “a pandemia do coronavírus nos despertou bruscamente do perigo maior que sempre correm os indivíduos e a

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (19.03.2018), sobre a tendência do ser humano em adorar os mais diversos ídolos num contexto de secularismo, adverte sobre os erros nocivos ou “ideologias que mutilam o coração do Evangelho: um compromisso social sem a união pessoal com o Senhor” (GE, n. 100); sobre uma fé que “considera o compromisso social superficial, mundano e imanentista” (GE, ns.101,103) que materializa aquilo que é transcendente.

O Papa Francisco trilha o caminho da aproximação em busca de Deus que demonstra vitalidade do sentido religioso no mundo atual, considerando que a espiritualidade cristã continha, na tradicional literatura espiritual, uma categoria teológica que mantinha uma atitude negativa com relação ao mundo. Retoma o impulso original do Concílio Vaticano II, que é o de anunciar o Evangelho de maneira nova a partir da necessidade de falar de Deus aos homens deste tempo de um modo mais compreensível e que traga respostas aos problemas de hoje. Transmite a mensagem de forma audível, significativa e se pode dizer até emocionante (quase pessoal). Vai ao essencial: colocar Deus no centro e, querendo deixar algumas consequências em quem o leu, dirige-se ao leitor com um *tu*.⁴⁹⁸

O forte avanço da secularização, as crescentes tendências hedonistas, os ilimitados progressos científicos, muitas vezes realizados por interesses à margem de toda consideração moral e humana, por exemplo, são alguns dos grandes desafios para a evangelização cristã e para a santidade pessoal de milhões de fiéis leigos imersos numa sociedade em constante transformação: ao mesmo tempo apaixonante e tentadora para o bom discípulo de Cristo,⁴⁹⁹ devendo cuidar para não cair em extremos: a tendência em negar o mundo (*fuga mundi*) ou de se conformar com sua mentalidade.

A renovada compreensão do mundo, como tarefa, tem como premissa o aprofundamento teológico da bondade original do mundo criado por Deus, bem como a realidade da redenção realizada por Jesus Cristo, o que o torna capaz de permitir um progresso e o crescimento do mundo apesar do pecado.⁵⁰⁰ Nessa perspectiva, é que encontra

humanidade, o delírio da onipotência”. Essa atual situação mostra que o homem não é Deus e que não possui o controle de tudo como antes se imaginava. Hoje, mais do que nunca, se convida o ser humano a voltar-se para Deus, à “abertura para uma vida espiritual e transcendente da vida, o despertar da procura religiosa, o regresso ao sentido do sagrado e à oração, à exigência de liberdade na invocação do nome do Senhor” (ChL, n. 4), demonstrando a necessidade religiosa (CANTALAMESSA, Raniere. *Pregação na Sexta-Feira Santa ao Papa Francisco*, passim).

⁴⁹⁸ SPADORO, Antonio. *Gaudete et Exsultate*: Tercera exhortación apostólica del Papa Francisco: raíces, estructura y significado de la exhortación apostólica del Papa Francisco, passim.

⁴⁹⁹ SESÉ, Javier. *Historia de la espiritualidad*, p. 300.

⁵⁰⁰ No Antigo Testamento, constam afirmações sobre o mundo como algo criado por Deus (por exemplo, Gn 1,1;14,19) e de que tudo o quanto foi criado por Deus é bom (Gn 1,10.12.18.25), muito bom (Gn 1,31). E ainda que Deus concede a Terra aos homens (Sl 115, 116) para que nela habitem e que se alimentem dela

lugar, a tarefa do cristão, de procurar que a verdade e o bem se tornem uma realidade na história. Sua contribuição, assim, não consiste em mera solidariedade com o destino dos homens, mas é chamado a trabalhar na vinha do Pai imitando-o em seu amor ao mundo. O mundo é considerado como tarefa quando o fiel leigo o contempla não com desprezo e aversão, mas com um amor profundo e teologal com Deus, em Deus e desde Deus: fonte do verdadeiro amor. Deus confiou ao cristão a tarefa de restaurar o mundo em sua bondade original e, assim, o amor teologal ao mundo há de ser uma dimensão constitutiva da vida espiritual de todo cristão.⁵⁰¹

Quanto às considerações sobre a índole secular, como o próprio e peculiar do fiel leigo, importante é ressaltar que a missão da Igreja não remete a uma realidade distinta dela mesma, mas ao seu próprio mistério, ou seja, a comunicação de Deus que a constituiu e para a qual essa é ordenada. Entre todos os membros que formam a Igreja, existe diversidade, mas todos são iguais, como pessoa, e gozam da mesma dignidade, o que caracteriza a unidade da Igreja (cf. Ef 4,5).

Em realidade, ser e missão formam, na Igreja, uma unidade. O leigo – como o cristão inserido no mais profundo da laicidade de toda a Igreja (índole secular) – deve estar profundamente unido a Deus, pois “o ser precede o fazer”. Somente assim, poderá cumprir sua missão que não consiste em outra coisa senão levar a Deus o mundo e o mundo para Deus.⁵⁰²

Apesar da clareza teológica quanto à índole secular como o *proprium* do leigo por parte do Magistério da Igreja e da Teologia,⁵⁰³ o desafio do tempo de hoje continua sendo a

(Gn 1,29). Essas passagens mostram uma atitude positiva e otimista em relação ao mundo, apesar de que o mundo é apresentado como o cenário do drama humano do pecado. Já no Novo Testamento, a realidade do *mundo* é vista como uma realidade dissociada, e, a despeito de não tratar explicitamente do *mundo* e de seu valor como tema em si, apresenta a obra salvífica de Jesus e o anúncio pós-pascoal da salvação da humanidade mediante sua morte e ressurreição. A ressurreição do Senhor e o envio do Espírito Santo edificam a comunidade da Igreja como presença de Cristo neste mundo. Nos Evangelhos sinóticos, estão várias passagens em que Jesus vê a natureza de Deus trabalhando, aprecia o trabalho do homem. Não expressa valoração negativa do mundo, mas revela um olhar sob a dimensão profunda deste mundo sobre as tentações que ele pode causar ao homem; no entanto, Jesus quer libertar o mundo e o homem de sua condição de prisioneiro do mal. No pensamento paulino, é indicada uma nova atitude diante do mundo: não se trata de sair deste mundo (1 Cor 5,10), nem tampouco de “conformar-se com a mentalidade do mundo” (Rm 12,2). Em São João, o mundo é visto sob dois ângulos: o mundo inimigo de Deus responsável também pela morte do Senhor, mundo pelo qual Jesus não orou (Jn 17,9) e no sentido do mundo ao qual Jesus foi enviado pelo Pai e envia seus discípulos (Jn 17,18) (WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 164-167).

⁵⁰¹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 163. Sobre a Teologia das realidades terrenas tratará o capítulo seguinte.

⁵⁰² ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 110.

⁵⁰³ Transcorridos mais de 25 anos da *Christifideles Laici*, não foram produzidas novidades de relevo sobre o estudo do laicato. Parece haver certo desinteresse pela questão; em geral, a maioria dos estudos se centra em aprofundar as afirmações conciliares, do documento pós-sinodal e contextualizar a vocação do leigo em uma eclesiologia de comunhão e de missão com certa tendência em distinguir, por vezes separando ou colocando

tomada de consciência por parte dos leigos da sua identidade e, a partir daí, do que significam sua missão eclesial e a ação no mundo e na Igreja como uma única tarefa.

2.6 BREVE CONCLUSÃO

Ao longo da exposição deste capítulo, se buscou apresentar os dados da Teologia do Laicato com relação à identidade e à missão dos fiéis leigos, evitando abundar em dados técnicos que afastariam do tema e, ainda, a fim de servir de base ulterior ao objeto da tese que é a vida cristã laical. Ao concluir a segunda etapa da pesquisa, é oportuno ratificar alguns dos elementos desenvolvidos.

Primeiramente, o que diz respeito à importância de o leigo conhecer e compreender sua identidade cristã, especialmente no que diz respeito ao âmbito da secularidade própria a partir da doutrina do sacerdócio comum. Só será possível conhecer o próprio e específico a partir da plena interiorização daquilo que é comum e raiz primeira de sua condição na vivência do primeiro e mais radical dos pressupostos da vida espiritual, que é a vida que Deus comunica (a comunhão com Deus). Essa vida se desenvolve no espírito humano ao se descobrir amado por um Deus que o chama e o introduz, em sua intimidade divina, para enfrentar a existência em diálogo com Ele de forma gratuita e amorosa.⁵⁰⁴

Parece que se tem dado ênfase ao aspecto da missão na vida do fiel leigo (vocação do leigo em uma eclesiologia de comunhão e missão) – o fazer – com tendência a separar ou colocar em oposição à atividade do leigo na Igreja e no mundo como âmbitos alternativos.⁵⁰⁵ Não que essa não seja de crucial importância, a missão faz parte da vocação como elemento configurador da existência cristã, no entanto, é verdade que “o ser precede o fazer”.

Como escreve a teóloga Pilar Ríó, professora na Universidade Santa Cruz em Roma, se faz necessário um lento e cansativo trabalho de amadurecimento do processo de tomada de consciência, tanto por parte dos pastores como dos leigos, sobre a modalidade própria, específica e insubstituível da participação dos fiéis leigos na missão eclesial – modalidade, essa, perfilada pelo Concílio na linha da índole secular (cf. LG, n. 31), reafirmada e aprofundada pela Exortação apostólica *Christifideles Laici* (cf. ChL, n. 15).⁵⁰⁶

em oposição, a atividade do leigo na Igreja e no mundo, como se fossem âmbitos em que o leigo atua alternadamente, o que diz respeito à ação do leigo no mundo e da unidade de vida do fiel leigo (BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 128).

⁵⁰⁴ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 83.

⁵⁰⁵ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 128.

⁵⁰⁶ RÍO, María del Pilar. *I fidei laici a 50 anni del Concilio Vaticano II: bilancio e prospettive per una “Chiesa in USCITA”*. *Annales Theologici* 1, 2017, p. 106.

Transcorridos 30 anos da Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, que ratifica a secularidade como característica insubstituível dos leigos, essa ideia é retomada pela Exortação *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco (2018) na qual fala aos cristãos como sendo os “santos ao pé da porta” (GE, n. 6). Francisco dirige-se a todos os cristãos, mas parece estar se dirigindo, em especial, aos leigos quanto à vivência da secularidade nas realidades do dia a dia ao se referir à “grande viagem da vida cristã, com suas lutas, suas provas, seus momentos fáceis e difíceis”.⁵⁰⁷

Segundo o Papa Francisco, o cristianismo é uma religião prática e, por isso, “deve ser praticada e não só pensada”.⁵⁰⁸ Considera as bem-aventuranças uma proposta de vida que impele o leigo a assumir o estilo de Jesus como estilo de vida próprio do cristão: quando se vive o Espírito das bem-aventuranças, se permite que a imagem de Jesus se imprima indelevelmente, na alma, como imagem própria.

Nesse sentido, José Tolentino de Mendonça, na obra *A mística do instante*, apresenta uma proposta de traduzir o cristianismo, no contexto da vida cotidiana, com nova linguagem, que sirva para “ensinar a viver bem neste mundo todos os âmbitos da realidade humana (família, trabalho, lazer) com uma característica própria e original do cristão”.⁵⁰⁹

O Cardeal Léon-Joseph Suenens, quatro décadas antes de Mendonça, refletindo sobre a vida cristã e a vida cotidiana, já ensinava que não se deve esquecer de olhar demoradamente para o céu até ver o brilho das estrelas, pois “olhar para o céu é o mais indispensável dos repousos, se quisermos conservar a verdadeira medida das coisas e tornar a Terra dos homens mais habitável”.⁵¹⁰

O caminho para “tornar a terra dos homens mais habitável” ou de “buscar e encontrar a Deus no mundo” precisa ser percorrido por todo cristão. No entanto, para o leigo esse caminho é o mais importante e desafiador de sua vida terrena. Ele está na linha de frente dessa missão da Igreja no mundo, vivendo o verdadeiro paradoxo cristão de “estar no mundo sem ser do mundo” para amá-lo e transformá-lo como Jesus Cristo fez.

⁵⁰⁷ AMARAL, Miguel de Salis. *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p. 3.

⁵⁰⁸ FRANCISCO. *Meditações matutinas na Santa Missa: O bilhete de identidade do cristão*, passim.

⁵⁰⁹ O autor desenvolve uma proposta “para uma espiritualidade do tempo presente” no primeiro capítulo de seu livro *A mística do instante: o tempo e a promessa*, p. 9-35.

⁵¹⁰ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *Vida cotidiana vida cristã*, p. 108.

3 ESPIRITUALIDADE LAICAL

Na terceira etapa da pesquisa, busca-se descrever em que consiste, quais as características e as principais manifestações para se chegar a uma adequada compreensão da espiritualidade na vida dos leigos, partindo do pressuposto de que é possível definir uma espiritualidade especificamente laical, como modalidade da única espiritualidade cristã.⁵¹¹

Tendo em vista a importância e a necessidade, nos dias de hoje, de promover uma espiritualidade própria e específica dos leigos, remete-se ao texto do Sínodo dos Bispos do ano de 1985, segundo o qual “a própria espiritualidade dos leigos, fundada no Batismo, deve também ser promovida”.⁵¹² Importante é ressaltar que, antes de promovê-la, se deve refletir sobre o que é para conhecê-la.

Duas décadas depois do Sínodo, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja dedica toda uma parte à espiritualidade leiga, asseverando que “os fiéis leigos são chamados a cultivar uma autêntica espiritualidade laical, que os regenere como homens e mulheres novos, imersos no mistério de Deus e inseridos na sociedade, santos e santificadores”.⁵¹³

É necessário contextualizar o desenvolvimento da espiritualidade laical principalmente após o Concílio Vaticano II. Um primeiro aspecto diz respeito à própria história da Teologia e da espiritualidade do laicato, considerada um “círculo hermenêutico pendular” que oscila de um protagonismo do leigo como cristão, nas comunidades primitivas, para uma progressiva depreciação do mesmo até um verdadeiro redescobrimento que para muitos é considerado, inclusive, excessivo.⁵¹⁴

Logo após o término do Concílio Vaticano II, em tempo de redescoberta do laicato, foi publicada a revista *Concilium*, edição espanhola, sobre o tema da espiritualidade. Na apresentação do periódico, Christian Duquoc lança as perguntas: *Será que a espiritualidade é para monges? O leigo que se entrega com entusiasmo à humanização do mundo deverá abandonar a esperança de chegar a ser espiritual? Deverá o mesmo resignar-se em ser um cristão de segunda categoria? Ou se contentará com ser um exilado desinteressado frente ao mundo que o rodeia?*⁵¹⁵

São as perguntas de ontem, mas também perguntas de hoje, especialmente no que diz respeito ao leigo e à sua relação com o secular. Apesar de o Concílio Vaticano II ter

⁵¹¹ Apesar de que alguns dos temas já foram abordados nos capítulos precedentes, aqui serão aprofundados sob a perspectiva da espiritualidade secular na vida dos fiéis leigos.

⁵¹² SÍNODO DOS BISPOS. *Assembleia Geral Extraordinária*, p. 39.

⁵¹³ Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n. 545.

⁵¹⁴ MARTÍNEZ, Raúl B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 15.

⁵¹⁵ DUCOUQ, Cristian. *Presentación*, p. 3.

possibilitado uma leitura teológica do termo secularidade, como nota específica do laicato, as perguntas permanecem válidas,⁵¹⁶ sobretudo, nos dias de hoje, quando se diz que o futuro da Igreja e a Igreja do futuro dependem da vitalidade da participação dos leigos que representam dois terços dos católicos.⁵¹⁷

Impõe-se a tarefa de desenvolver um caminho espiritual próprio para o cristão leigo e descrevê-lo com tal amplitude de perspectivas, que o cristão, independentemente, da forma concreta de sua vida, possa encontrar uma indicação pessoal.⁵¹⁸ É necessário, preliminarmente, refletir sobre a realidade da espiritualidade laical como uma modalidade da única espiritualidade cristã⁵¹⁹ e a questão terminológica com relação à opção em utilizar, prioritariamente, a expressão espiritualidade laical ao invés de espiritualidade dos leigos.

3.1 A ESPIRITUALIDADE LAICAL: MODALIDADE DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Segundo o critério de classificação dos estados de vida, pode ser denominada de espiritualidade sacerdotal, religiosa e laical.⁵²⁰ Deve-se partir daquilo que é comum para a vocação específica correspondente a cada um dos estados de vida. O original são formas parciais diferentes, nas quais se descobrem elementos essenciais comuns e o sentido de complementaridade que resulta da unidade.⁵²¹ A convergência na variedade é o que permite falar de *espiritualidades*, pois é preciso que “a vivência pluralista seja, ao mesmo tempo, experiência de unidade”, e isso é o que mantém o cristão em constante dialética.⁵²²

O n. 31 da Constituição *Lumen Gentium* expressa o que é considerado o núcleo do que é próprio dos leigos dentro da estrutura da Igreja e, portanto, de sua missão. É a modalidade

⁵¹⁶ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 483-506.

⁵¹⁷ LIBANIO, João Batista. *Concilio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*, p. 182; FARREL, C. *O futuro da Igreja depende dos leigos*, passim.

⁵¹⁸ WEISMAYER, Joseph. *Vida cristiana en plenitud*, p. 75-76.

⁵¹⁹ Com relação à pergunta se é possível falar de uma espiritualidade autêntica e especificamente laical aduz o teólogo dominicano Antonio Royo Marín (1968), em sua obra: *Espiritualidad de los seglares*, que essa questão é respondida de forma afirmativa, quase unânime, por parte dos teólogos católicos e que por essa razão não se pode duvidar da existência de uma espiritualidade autêntica e propriamente secular. Esse autor elencou os seguintes autores que respondem à questão e ainda traçou as principais características da espiritualidade laical a partir da forma como esses a conceberam: o dominicano francês Yves Congar, o jesuíta italiano Pietro Brugnoli, o carmelita italiano Albino Marchetti, o dominicano suíço Rafael Oechsli, Gérard Philips, Gustave Thils, o dominicano espanhol Emilio Sauras, Álvaro Huerca, Lili Alvarez, José Maria Cabodevilla, Baldomero Jimenez Duque, Vicente Enrique Taracón (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 5-19).

⁵²⁰ ROYO MARÍN, Antonio. *Teologia de la perfección cristiana*, p. 4.

⁵²¹ RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia espiritual*, p. 561.

⁵²² RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia espiritual*, p. 562-563.

da vocação que é “procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus” (LG, n. 31).⁵²³

Considerando a vocação cristã laical (a índole secular como o *proprium* do leigo), é plausível também se falar em uma modalidade da espiritualidade que tem como fundamento a secularidade laical. Essa característica é peculiar e própria do leigo, bem como caracteriza sua identidade e vocação com repercussão na sua espiritualidade e no seu modo de ser cristão no mundo secular. A espiritualidade deriva da vocação leiga.⁵²⁴

No equilíbrio entre a riqueza comum da espiritualidade cristã e o específico de cada estado de vida,⁵²⁵ é que se pode falar de uma espiritualidade especificamente laical, buscando um modo de ser cristão próprio para os leigos de nosso tempo. Não é uma espécie do gênero, mas uma maneira peculiar de viver a única espiritualidade cristã. Não há diferença essencial, mas circunstâncias reais extrínsecas que impõem um modo próprio na atuação da mesma graça de adoção divina (variações da mesma espécie).⁵²⁶

Anterior ao Concílio Vaticano II, prevalecia uma espiritualidade de característica religiosa ou monacal, expressada mais por categorias e comportamentos próprios da vida religiosa do que pela existência cristã normal. Mas com a proposta da *Lumen Gentium* e posteriormente da *Christifideles Laici*, marcada pelo Batismo e pela nova situação do leigo no mundo, necessária se faz a reivindicação de uma espiritualidade laical, que leve em conta a riqueza da espiritualidade batismal e, por outro lado, as condições normais em que se desenvolve a vida cristã do leigo no mundo: o próprio estado, o trabalho, as realidades temporais, etc. São muitos os caminhos de seguimento de Cristo e de santificação. Para o fiel leigo se fala da incorporação da realidade humana concreta com todo o contexto histórico e social ao ideal evangélico de santidade.⁵²⁷

⁵²³ RODRÍGUEZ, Pedro. *La identidad teológica del laico*, p. 294-295.

⁵²⁴ MARTÍNEZ, Raúl B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, passim.

⁵²⁵ Yves Congar em *Jolones pour une théologie du laicat* (em sua terceira edição no ano de 1966, logo após o término do Concílio Vaticano II), no 9º cap. “Espiritualidade e santificação dos leigos engajados no mundo”, aduz: “Entretanto, as vocações são diversas, diversas as situações e as condições de vida, diversos, os deveres concretos e os estados. De maneira que é, ao mesmo tempo, verdade dizer que não há espiritualidade própria dos leigos, porque eles não têm outro além da cristã comum, e que há uma espiritualidade da vida leiga em confronto com a espiritualidade da vida sacerdotal ou da vida religiosos, porque cada uma dessas vidas tem suas condições, seus deveres e seus recursos próprios e a *vita in Christo* é, por isso, marcada por certas modalidades. [...] Em resumo, é claro que o seu ‘ser em Cristo’, se é da mesma essência do ser em Cristo dos padres e dos religiosos, não é exatamente, em seu condicionamento e exercício concretos, o mesmo dos padres e dos religiosos. Isso basta” (cf. CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma Teologia do laicato*, p. 587).

⁵²⁶ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 173-175.

⁵²⁷ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 319-320.

Partindo do pressuposto de que a espiritualidade vivida no estado laical é essencialmente a espiritualidade cristã radicada no Batismo e na adoção divina,⁵²⁸ que não se caracteriza como uma nova espiritualidade, mas circunstâncias que impõem um modo próprio de atuação.

Para a teóloga leiga Maria Clara Bingemer, todo cristão incorporado a Cristo pelo Batismo está chamado a seguir, de perto, Jesus, tornando-se uma pessoa espiritual, porque foi penetrada pelo Espírito em todas as dimensões de sua corporeidade, de sua mente, de sua vida como foi Jesus.⁵²⁹ Pelo Batismo o cristão é unido de modo profundo e para sempre com Jesus Cristo.⁵³⁰

É plausível se falar de uma espiritualidade laical no seio da única espiritualidade cristã, pois para o fiel leigo o campo onde se dá “a vida no Espírito” não é em outro lugar senão no mundo (índole secular). Eles devem se dedicar aos assuntos temporais vivendo em “permanente epifania no mundo”.⁵³¹

3.2 DISTINÇÕES E ESPECIFICIDADES DA ESPIRITUALIDADE LAICAL

Do pressuposto de haver uma única espiritualidade cristã, surge a pergunta: *Qual é a expressão mais adequada para refletir sobre a modalidade de espiritualidade cristã vivida pelos leigos no mundo – espiritualidade laical ou espiritualidade dos leigos?* A questão de ordem terminológica se reveste de importância para a compreensão do significado e da expressão na vida do leigo, o que acontece nos âmbitos existencial e concreto de sua vocação. A redefinição da espiritualidade na vida dos leigos representa uma necessidade para a Teologia nos dias de hoje.⁵³²

A distinção⁵³³ entre as expressões tem origem no pensamento de dois santos que, separados por séculos, se aproximam por sua reflexão e especial atenção à vida dos fiéis

⁵²⁸ Segundo A. Royo Marín, está praticamente resolvido o problema da possibilidade de se falar em uma espiritualidade autêntica e especificamente secular. Para tanto, apresenta a doutrina de seis autores estrangeiros e espanhóis, para demonstrar a coincidência entre os mesmos sobre a resposta afirmativa da questão e os traços da espiritualidade laical (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 5-18).

⁵²⁹ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Da Teologia do laicato à Teologia do Batismo*, p. 29-48.

⁵³⁰ BENTO XVI. *Homilia da Celebração do Batismo do Senhor e administração do batismo na Capela Sistina*, passim.

⁵³¹ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Da Teologia do laicato à Teologia do Batismo*, p. 13.

⁵³² BRUGNOLI, Pietro. *La spiritualità del laici*, p. 20.

⁵³³ O sentido morfológico das expressões: espiritualidade laical e espiritualidade dos leigos se equivalem; no entanto, se optou pela expressão espiritualidade laical por entender que essa é a que melhor traduz, teologicamente, a espiritualidade cristã em sua modalidade de vida leiga a partir da índole secular.

leigos: São Francisco de Sales (1567-1622) e São Josemaría Escrivá de Balaguer (1902-1975).

Nas épocas moderna e contemporânea, os ensinamentos do doutor da Igreja São Francisco de Sales que pretendia tornar acessível uma autêntica vida cristã a todos os ambientes seculares, tiveram grande repercussão.⁵³⁴ No entanto, apesar da universalização do acesso à união com Deus, não chegou a conceber valor sobrenatural às realidades terrenas.⁵³⁵

São Francisco de Sales, considerado o grande mestre da espiritualidade e da paz,⁵³⁶ contribuiu para a ideia de uma espiritualidade realizável em qualquer situação. Na obra *Filoteia*, apresenta um caminho possível para a piedade, a ser percorrido por qualquer pessoa, na vida ordinária, seja a que vivia na cidade, seja a que vivia na corte.⁵³⁷ Entretanto, para Vicente Bosch citando José Luis Illanes, os ensinamentos de Francisco de Sales foram uma adaptação para a vida laical das considerações ascéticas aplicadas à vida religiosa, em razão de certa incapacidade prática, no contexto da época, em captar os valores seculares.⁵³⁸

À mesma conclusão chegou Albino Luciani (futuro Papa João Paulo I) ao relacionar a doutrina de Escrivá a de Francisco de Sales:

Escrivá de Balaguer ultrapassa, no entanto, em muitos aspectos, S. Francisco de Sales. Também este propõe a santidade para todos, mas parece ensinar apenas uma “espiritualidade dos leigos”, enquanto Escrivá quer uma “espiritualidade laical”. S. Francisco sugere aos leigos quase sempre os mesmos meios praticados pelos religiosos, com as devidas adaptações. Escrivá é mais radical: fala inclusivamente de “materializar” – no bom sentido – a santificação. Para ele é o próprio trabalho material que se deve transformar em oração e santidade.⁵³⁹

Nessa perspectiva, é possível propor uma distinção entre as expressões espiritualidade dos leigos – como uma adaptação da vida dos religiosos aos leigos – e a expressão espiritualidade laical – que encontra, na secularidade, a relação do leigo com Deus. A diferença está na relação do fiel leigo com o mundo: em se santificar apesar do mundo (Francisco de Sales) ou *através e no* mundo (Escrivá). A expressão espiritualidade laical encontra referência na sua identidade e vocação, enquanto a expressão espiritualidade dos leigos faz alusão à vida espiritual dos religiosos adaptada aos leigos.

No que diz respeito à espiritualidade contemporânea na vida dos cristãos leigos, ressalta-se a importância em evitar falsas espiritualidades, como, por exemplo,

⁵³⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: curso de espiritualidad laical, p. 223.

⁵³⁵ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de espiritualidad laical, p. 223.

⁵³⁶ BENTO XVI. *Audiência Geral*, p. 2.

⁵³⁷ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 169.

⁵³⁸ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 223.

⁵³⁹ LUCIANI, Albino. *À procura de Deus no trabalho*, p.2.

espiritualidades de evasão e dualistas.⁵⁴⁰ É preciso revelar uma espiritualidade de compromisso com o mundo que tenha a santidade laical e o caráter teológico da secularidade como eixos principais e que seja capaz de animar “as realidades que parecem menos sagradas e mais vulgares”.⁵⁴¹

Segundo a *Lumen Gentium*, os leigos “[...] cultivam, nos vários gêneros de vida e ofícios, uma única santidade. [...] Mas cada qual deve avançar sem hesitação segundo os próprios dons e cargos pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera pela caridade” (LG, n. 41). A santidade pode e deve ser alcançada através da condição própria de vida de cada um (ocupações, relações e tarefas que definem a vida do fiel).⁵⁴² Nessa lógica, está a importância de existir uma espiritualidade laical e não uma adaptação como modalidade que manifeste o comum e o específico.

O legado da espiritualidade cristã deve estar presente para uma reflexão sobre a espiritualidade de hoje em sua modalidade laical, construir o presente e o futuro com base na riqueza comum cristã do passado.⁵⁴³ Karl Rahner sobre as perspectivas da espiritualidade cristã do futuro, atenta à necessária conservação do legado do passado para a espiritualidade do futuro: conservar o passado e, ao mesmo tempo, conquistar o novo futuro, evitando o conservadorismo estéril porque o novo no cristianismo é sempre o descobrimento criador da essência originária e a configuração dessa mesma essência de forma atualizada.⁵⁴⁴

Não se pode pretender que o leigo viva sua realidade da mesma forma que o sacerdote ou o religioso. Deve-se propor uma Teologia fundamental desde a própria fonte de experiência (mundo e as realidades terrenas) – do seu *locus theologicus*,⁵⁴⁵ como dimensão emergente na vida da Igreja e própria do leigo, a tal ponto de se chegar a vibrar com as impressões do mundo exterior e com as delicadas unções da graça.⁵⁴⁶ A partir dessa reflexão, a opção é por uma expressão que represente sua condição comum cristã, e específica, leiga como a *espiritualidade laical*.

⁵⁴⁰ O tema já foi desenvolvido no segundo capítulo (item 2.1.4) ao tratar sobre as deformações do conceito de espiritualidade cristã.

⁵⁴¹ FIORES, Stefano de. Espiritualidade Contemporânea. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*, p. 352.

⁵⁴² ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 149.

⁵⁴³ BRUGNOLI, Pietro. *La spiritualità del laici*, p. 9.

⁵⁴⁴ RAHNER, Karl. Espiritualidad antigua y actual. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 21.

⁵⁴⁵ A secularidade é considerada como uma dimensão emergente na vida da Igreja, um *locus theologicus* de complexidade extrema, que exige uma teologia fundamental que beba da própria fonte da experiência. (cf. LEFEBVRE, Solange. Secularidade. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino, BARAÚNA, Luiz João (trad.). *Dicionário de Teologia Fundamental*, p. 872).

⁵⁴⁶ ALVAREZ, Tomás. Alegria. In: _____. *Diccionario de Santa Teresa de Jesus*, p. 77.

3.3 FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA ESPIRITUALIDADE LAICAL

Dentre os principais ensinamentos do Concílio Vaticano II, alguns são de vital importância para a tese, pois formam a base teológica da espiritualidade cristã comum a todos os batizados, a saber:⁵⁴⁷ a) a chamada universal à santidade, fundamentada na mesma dignidade de todos os membros da Igreja como filhos de Deus; e b) a valorização teológica do mundo e das realidades terrenas, como objeto da missão da Igreja e lugar de encontro com Deus.

Além dos pressupostos teológicos, acrescenta-se a índole secular própria da identidade do fiel leigo, que caracteriza sua espiritualidade a partir de sua vocação específica em “procurar o Reino de Deus, exercendo funções temporais, ordenando-as segundo Deus” (LG, n. 31), “anunciar a mensagem de Cristo e sua graça” e “penetrar no espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las.” (AA, n. 5).

Salienta-se a importância de identificar e conhecer todos os fundamentos teológicos da espiritualidade laical sem perder de vista a perspectiva de base, ou seja, que todo cristão, pela força de sua mesma consagração batismal, é chamado efetivamente por Deus à santidade evangélica, independentemente de sua situação e condição de vida.⁵⁴⁸

3.3.1. A vocação universal à santidade

A vocação universal à santidade ou à perfeição da caridade (cf. ChL, n.16) constitui um dos pressupostos essenciais da vida cristã.⁵⁴⁹ Todo o capítulo quinto da *Lumen Gentium* é dedicado à vocação universal à santidade na Igreja. São João Paulo II na *Christifideles Laici* reconhece a profunda importância da doutrina para a renovação da vida espiritual do cristão e exorta para que “retomem o caminho da renovação evangélica, acolhendo, com generosidade, o convite apostólico de “ser santos em todas as ações” (cf. ChL, n. 16).

O Papa Francisco, em continuidade a *Christifideles Laici*, publica a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* com o objetivo de “fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós “para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1,4)” (*Gaudete et Exsultate*, 2).

⁵⁴⁷ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 131.

⁵⁴⁸ BRUGNOLI, Pietro. *La spiritualità del laici*, p. 14.

⁵⁴⁹ Nesta etapa da pesquisa, se priorizam os elementos mais expressivos da doutrina, a chamada universal à santidade do ponto de vista laical, tendo em vista que o assunto foi abordado no capítulo segundo (2.2.3).

A doutrina sobre a chamada à santidade não constitui novidade em si, mas, na clareza, profundidade e força da declaração conciliar, que pretendeu terminar com certo esquecimento secular sobre esse ensinamento, a fim de retomar a consciência com o renovado descobrimento teológico-pastoral dessa verdade.⁵⁵⁰

Como diria Karl Rahner, o “descobridor criador da essência originária”⁵⁵¹ supera o esquema de santidade reservado ao clero e religiosos e a estende a todo batizado. Não se trata de uma *santidade genérica*, mas que pode ser alcançada *em e através* da própria condição de vida de cada fiel nas suas ocupações, relações e tarefas que a definem.⁵⁵²

Em torno à compreensão da doutrina⁵⁵³ do ponto de vista laical, destacam-se os seguintes aspectos:

- 1) o sentido vocacional de toda a existência cristã: ao criar o ser humano, Deus o chama a viver uma vida divina que dá sentido à existência humana, unindo experiência cotidiana da normalidade e da santidade.⁵⁵⁴ A vocação é, ao mesmo tempo, coletiva e pessoal: cada cristão tem uma tarefa a realizar dentro do plano divino de salvação das almas e de santificação do mundo. É considerada o ‘para que’ da vida e implica uma missão: buscar imitar a Cristo em cada caso, tal e como Cristo quer ser imitado;⁵⁵⁵
- 2) o valor santificador das realidades terrenas e atividades constituem para o leigo matéria que deve fecundar sua fé, esperança e caridade.⁵⁵⁶ Existe uma distinção entre a dimensão subjetiva da chamada universal à santidade (dirigida a todos os homens) e

⁵⁵⁰ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 132.

⁵⁵¹ RAHNER, Karl. Espiritualidad antigua y actual. In: _____. *Escritos de Teología*, t. 7, p. 21.

⁵⁵² ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 149.

⁵⁵³ A doutrina sobre a vocação à santidade foi desenvolvida no item 2.3.2 do segundo capítulo.

⁵⁵⁴ Sobre a cotidianidade e santidade, diz, de forma expressiva, o autor: “[...] *son categorías que mutuamente se atraen y compenetran: no hay santidade sin buscarla o vivirla en la cotidianidad; ni cotidianidad que no degeneren en anónima rutina, monotonía y alienación, si no hay aspiración a la santidade. Precisamente ese sentido vocacional concede a la cotidianidad visos de grandeza, outorga a cada acción, incluso a la mas intrascendente finalidad sobrenatural. Cada acción del cristiano se convierte en aportación a la edificación de la Iglesia, del Christus totus; constituye un paso concreto en la implantación del Reino. La vida de la mayoría de los santos esta llena de esa heroica normalidad que Jesus vivio en sus años de oculta actividad en Nazaret*” (BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 149).

⁵⁵⁵ Diz o autor que, no caso dos leigos, essa missão consiste na santificação do mundo “desde dentro” e através das atividades temporais é que a vocação profissional integra a resposta do ser humano à chamada de Deus e que dá lugar a uma grande variedade de tarefas santificáveis e santificadoras: a educação, a arte e a cultura, a política, a cooperação no desenvolvimento dos povos, a ciência e a técnica (cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 149-150).

⁵⁵⁶ Para José Luis Illanes “vocación, misión, condición de vida y busca e desarrollo de la santidade no son realidades que meramente coexistem, sino que se integran en profunda unidad influyendo las unas sobre las otras” (ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 181-182).

objetiva (todas as circunstâncias podem ser lugar e meio de santificação) (cf. LG, n. 41); e

- 3) a validade das distintas vocações para a realização da santidade, a dimensão objetiva da vocação à santidade permite que todo cristão possa identificar-se com Cristo e alcançar a perfeição da caridade (cf. LG, n. 40). A santidade não exige estado de vida particular, nem atos extraordinários, mas atos normais realizados com perfeita caridade. O que santifica é o crescimento na virtude da caridade, pois o radicalismo cristão não tem “casa própria”, habita na vida religiosa, no sacerdócio e no laicato.⁵⁵⁷

A partir desses elementos, é possível afirmar que o fiel leigo é chamado à santidade de vida, assim como os sacerdotes e religiosos, o que supera a visão negativa a respeito da dedicação às tarefas e assuntos seculares. O chamado à santidade, no mundo atual, é um dos pressupostos da espiritualidade cristã e se configura como base teológica para a espiritualidade laical como exigência de vida de todo batizado.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao elevado número de canonizações no século XX, mais do que em toda a história da Igreja.⁵⁵⁸ Representa um dos sinais dos tempos e demonstra a sede de espiritualidade do homem atual que tem desejo de uma religião profundamente espiritual, que tenha, como exemplo, a vida dos santos que souberam dar respostas aos problemas de seu tempo pela imersão no mundo e incorporação dos valores humanos ao ideal de santidade.⁵⁵⁹

A espiritualidade cristã, como uma exigência de vida de todo batizado, é considerada uma apropriação pessoal da fé.⁵⁶⁰ A espiritualidade, como uma *vida vivida* tem como meta a santidade cristã, acontece no mundo e para a transformação do mundo e, por essa razão, a seguir se faz necessário descrever o valor da secularidade como núcleo (base teológica) da espiritualidade laical.⁵⁶¹

⁵⁵⁷ A descrição foi realizada a partir do estudo de Vicent Bosch sobre as consequências a chamada universal à santidade (cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 148-152).

⁵⁵⁸ GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 304.

⁵⁵⁹ Complementa o autor que aumentou o número de santos leigos que viveram a santidade no âmbito de seu compromisso ordinário de vida, expressando, na prática, uma das tendências da espiritualidade contemporânea de imersão no mundo e incorporação dos valores humanos ao ideal de santidade (GARCIA, Ciro. *Teologia espiritual contemporânea: corrientes e perspectivas*, p. 303-304).

⁵⁶⁰ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitude*, p. 16.

⁵⁶¹ O processo histórico do pleno reconhecimento do caráter vocacional de toda a condição cristã esteve intimamente unido ao processo de afirmação do valor da condição laical com a interconexão entre vocação e missão (missão e santidade) (cf. ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 184-186).

3.3.2 Teologia das realidades terrenas

A vida cristã não é uma espiritualidade sem mundo, mas encarnada. Deve repercutir em toda a existência e em tudo o que o ser humano traz consigo, devendo ser vivida em comunhão com Deus.⁵⁶² Espiritualidade cristã e mundo são realidades coexistentes, intimamente relacionadas e, por essa razão, a reflexão sobre a relação entre as mesmas.

Junto com a vocação cristã, o mundo é considerado uma das coordenadas essenciais da vivência espiritual não só como o âmbito de vida do cristão, mas como seu *locus* vocacional. Nessa perspectiva, encontra-se a importância dos ensinamentos do Concílio Vaticano II sobre a valorização do mundo e das realidades terrenas.⁵⁶³ O mundo é o destinatário da missão da Igreja. O *mundo* não foi objeto de estudo por parte dos Manuais de Teologia Espiritual até a última década, quando alguns textos passaram a considerar as realidades terrenas como elemento configurador da vida no Espírito.⁵⁶⁴

Segundo a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*,⁵⁶⁵ sobre a presença da Igreja no mundo, refere o seguinte:

O mundo portanto que tem diante dos olhos é o dos homens, e de toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive; este mundo, teatro da história do gênero humano e marcado por sua atividade: derrotas e vitórias; esse mundo criado e conservado pelo amor do Criador, segundo a fé dos cristãos; esse mundo na verdade foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação (GS, n. 2).

No texto, encontram-se alguns significados da palavra mundo relacionados entre si, a saber: a) o sentido soteriológico, utilizado para indicar a realidade do mundo como objeto da ação salvífica de Deus; b) o sentido ascético, como ocasião e lugar de pecado e que requer luta ascética; c) o sentido escatológico, para se referir ao presente que espera e se prepara para a fase futura e eterna; e d) o sentido eclesiológico para designar o conjunto de âmbitos

⁵⁶² ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 297.

⁵⁶³ No capítulo terceiro, foram desenvolvidos aspectos sobre a compreensão do conceito de *mundo* pelo Concílio Vaticano II ao tratar sobre o sentido teológico da secularidade (3.5.2.2), razão pela qual se remete ao mesmo, sendo que, nessa parte, se restringe à Teologia das realidades terrenas como fundamento teológico da espiritualidade laical.

⁵⁶⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar en el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 153.

⁵⁶⁵ A *Gaudium et Spes*, de 7 de dez. de 1965 tem, em suas raízes mais profundas, a visão de uma Igreja extrovertida e em saída missionária que propõe a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. Passados já tantos anos, é possível dizer que a Constituição Pastoral colocou em prática a última vontade de João XXIII: que a doutrina olhe e atenda à vida, e que a vida se articule conforme a doutrina (cf. MADRIGAL, Santiago. *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II*, p. 95-101).

seculares onde vive e atua o homem, distintos das realidades visíveis da Igreja (realidades não eclesiais).⁵⁶⁶

Geraldo L. B. Hackmann, em comentário à *Gaudium et Spes*, aponta que uma das novidades foi o que ele denomina de o “estatuto teológico das realidades terrestres”. Assevera o autor que:

[...] apesar do reconhecimento da bondade e da autonomia das realidades terrestres, é preciso levar em conta o pecado humano e a graça de Cristo, conforme aponta a *Gaudium et Spes* nos números 13 e 37. As consequências do pecado são inegáveis porquanto o pecado trouxe uma nova situação para a pessoa humana. Nesse sentido, se está diante de dois dogmas fundamentais: o da criação e o da encarnação. É verdade que Deus criou o mundo bom (cf. Gn. 1,31), todavia o ser humano pecou (cf. Gn. 3, 1-19) e, a partir daí, sua situação ontológica foi mudada, pois não mais estava correspondendo ao projeto salvífico inicial. A encarnação, por outro lado, enquanto o verbo assumiu a condição humana (cf. DS, n. 314), resgatou o projeto inicial de Deus, pela transformação ontológica do ser humano: de pecador para filho de Deus.⁵⁶⁷

Após a Primeira Guerra Mundial e até o Concílio Vaticano II, com o redescobrimto da realidade da Igreja como comunhão,⁵⁶⁸ é que se foi vislumbrando a aceitação ativa das tarefas para a realização da vida cristã.⁵⁶⁹ A valorização teológica conciliar do mundo e de suas realidades está fundamentada em dois dogmas centrais do cristianismo: o da obra da Criação no Mistério da Redenção.

A compreensão de mundo, não só como âmbito, mas também como tarefa do Vaticano II (GS, n. 2), é considerada uma das características mais significativas da consciência cristã contemporânea.⁵⁷⁰ Tanto é assim que se diz que toda a Constituição *Gaudium et Spes* é uma prolongação (desenvolvimento) do número dois.⁵⁷¹ A partir da nova postura, a Igreja busca estabelecer uma relação com o mundo por meio do diálogo e não mais como um inimigo a vencer.⁵⁷²

⁵⁶⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 154.

⁵⁶⁷ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; AMARAL, Miguel de Salis (org.). *As Constituições do Vaticano II*: ontem e hoje, p. 249.

⁵⁶⁸ Acerca da evolução do pensamento cristão sobre o mundo, ver: BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: curso de espiritualidad laical, p. 160-163.

⁵⁶⁹ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 169.

⁵⁷⁰ A superação de uma visão negativa do mundo e da sociedade moderna foi possível graças ao lento e gradual desenvolvimento do amadurecimento teológico do século XIX e primeira parte do século XX até o Concílio Vaticano II. Os textos não teriam sido possíveis sem o prévio aprofundamento e debates de questões como da salvação dos não fiéis e os caminhos da graça, a relação entre natural e sobrenatural (Henri de Lubac), a teologia das realidades terrenas (Gustave Thils), etc. (cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 161).

⁵⁷¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 317.

⁵⁷² HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; AMARAL, Miguel de Salis (org.). *As Constituições do Vaticano II*: ontem e hoje, p. 247.

A visão conciliar das realidades temporais é fonte de inspiração para a realidade cristã, em especial para os leigos pela sua índole secular (cf. LG, n. 31). Oferece fundamento sólido para uma espiritualidade de ação e contemplação, vinculando a espiritualidade à inserção nas realidades temporais, bem como a participação nas atividades terrenas.⁵⁷³

É superada a estreita concepção da palavra mundo⁵⁷⁴ como perigo a ser evitado pela alma, “menosprezo do mundo” ou *fuga mundi*. Apesar disso, a condição paradoxal do fiel cristão de “estar no mundo sem ser do mundo” (Jo 17, 9-19) tem sido objeto de dissenção na história da espiritualidade e corresponde à contínua oscilação entre a negação do mundo e a aceitação positiva de seus valores.⁵⁷⁵

Para João Batista Libânio, o termo mundo quer significar para o Concílio “o mundo dos homens”, o “mundo da história” e o “mundo moderno” mergulhado na ambivalente realidade do pecado e da graça.⁵⁷⁶

O desenvolvimento histórico do pensamento cristão sobre o mundo pode ser resumido em duas etapas: a da abordagem do mundo como âmbito e também como tarefa. A concepção de mundo como âmbito se caracteriza pela fusão do significado ascético, sociedade marcada pelo pecado que requer do cristão esforço, tensão e renúncia, e o sociológico, mundo visto desde uma perspectiva social como sociedade humana.⁵⁷⁷

A visão como âmbito não implica uma valorização negativa nem do mundo nem das ocupações seculares, no entanto oferece base para uma possível compreensão pejorativa e pessimista do mundo, vendo as ocupações seculares como obstáculos para a verdadeira vida cristã.⁵⁷⁸ Nessa interpretação, o mundo e a história são concebidos apenas como um contexto no qual a vida se desenvolve, isto é, como uma realidade extrínseca à santidade. Mas a experiência mostra que o mundo e a história são realidades que formam uma parte substancial

⁵⁷³ São observações para o conhecimento do mundo e da espiritualidade cristã desde a concepção conciliar das realidades terrestres: 1) uma imagem dinâmica proposta do mundo, onde Deus e o homem chegam a ser construtores solidários de uma obra que um dia chegará a ser esplêndida (GS, n. 34); 2) a diferença entre ser humano e realidades terrestres nas quais sua existência está entretecida e a índole comunitária que está chamando o ser humano (GS, n. 26 s; 29); e 3) o reconhecimento da autonomia das realidades temporais (esta autonomia não significa independência) (GS, n. 34); e 4) a incidência sobre as realidades temporais da salvação obtida por Jesus Cristo garante a consumação escatológica (CELAYA, Pedro Escartín. *Realidades terrestres*. FUENTE BUENO, Eloy de la; CALVO, Roberto. *Diccionario del laicado, asociaciones y movimientos católicos*, p. 651-654.).

⁵⁷⁴ Miguel de Salis Amaral diz que tal visão só aparece explícita nos últimos documentos do Concílio, que são estes: *A Gaudium et Spes* e *Apostolicam Actuositatem* (AMARAL, Miguel de Salis. *Laicato*. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco; VILLAR, José R. (ed.) *Diccionario de Ecclesiología*, p. 792).

⁵⁷⁵ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 167.

⁵⁷⁶ LIBANIO, João Batista. *Mundo*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 527-533.

⁵⁷⁷ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de espiritualidad laical*, p. 161.

⁵⁷⁸ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de espiritualidad laical*, p. 161.

da vida porque, além de lugar, formam tarefa e missão como realidades que se vão construindo.⁵⁷⁹

Os pressupostos teológicos para a compreensão também como tarefa são: a) a bondade original da Criação, com tudo o que implica: a consistência ontológica e a capacidade do bem do criado; e b) a realidade da redenção que supera o pecado e reafirma a bondade original, permitindo seu efetivo desenvolvimento.⁵⁸⁰ Esses elementos devem ser considerados, para uma autêntica espiritualidade cristã, sem o distanciamento do mundo ou de identificação com o mesmo, mas de uma vivência no mundo (indica lugar) de Deus e desde (indica causa, a partir de) Deus, fonte do verdadeiro amor.⁵⁸¹

O caráter secular do fiel leigo deve ser entendido à luz do ato criador e redentor de Deus, que confiou o mundo aos seres humanos para participarem da obra da Criação, libertar o mundo da influência do pecado e se santificarem no matrimônio ou no celibato, na família, na profissão e nas diversas atividades sociais (cf. Chl, n. 15).⁵⁸²

Boaventura Kloppenburg, alguns anos após o evento conciliar, atenta quanto à necessidade e urgência de estudar o que denomina de “um elemento novo na consciência cristã” do dever cristão para com a ordem temporal e a construção e humanização do mundo. Anuncia as linhas de uma nova espiritualidade cristã e um novo tipo de ascese: “Uma autêntica ascese de construção do mundo e não mais de fuga do mundo.”⁵⁸³

Deus confiou ao cristão a tarefa de restaurar o mundo em sua bondade original e, por essa razão, que o amor teologal ao mundo é considerado uma das dimensões constitutivas da vida espiritual de todo cristão.⁵⁸⁴ O leigo vive no mundo porque essa é sua vocação, é o desígnio de Deus sobre sua vida. É vocação terrena e temporal (cf. LG, n. 41) e, por isso, a secularidade para o fiel leigo adquire o caráter de índole, pois caracteriza o traço próprio de sua identidade no Povo de Deus e de sua espiritualidade.

3.3.3 A índole secular

Considerando a mesma dignidade batismal e missão de todos os cristãos (LG, n. 32) compete ao leigo assumir a modalidade específica de sua condição cristã que o distingue sem

⁵⁷⁹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: curso de espiritualidad laical, p. 162.

⁵⁸⁰ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 318.

⁵⁸¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 319.

⁵⁸² VILLAR, J. R. *Secularidad*. In: CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (ed.). *Diccionario de Ecclesiología*, p. 1.370.

⁵⁸³ KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado*: o humanismo do Vaticano II, p. 11.

⁵⁸⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 163.

separar do sacerdote e do consagrado⁵⁸⁵ (cf. LG, n. 31, 48; AA, n. 5). A característica da secularidade pertence a toda a Igreja, mas em relação ao leigo, a secularidade adquire característica própria, específica e insubstituível na missão eclesial (LG, n. 31), ou seja, é lugar de encontro com Deus.⁵⁸⁶ *Mas o que significa a expressão índole secular como fundamento teológico para a modalidade secular da espiritualidade laical?*

Para Raúl B. Martínez a índole secular aplicada ao fiel leigo quer significar que a) o leigo vive no mundo; b) que não é um dado meramente sociológico, mas que em Jesus Cristo adquire a plenitude de seu significado; c) que o *mundo* se converte no âmbito e meio da vocação cristã dos fiéis leigos; e d) que o Batismo não retira o fiel do mundo, mas esse deve santificar o mundo através do exercício das próprias tarefas, guiado pelo espírito evangélico (bem-aventuranças) e com o qual deve contribuir.

A palavra *secularidade* designa a pertença ontológica ao *saeculum* como o mundo criado por Deus como dom. É uma nota antropológica de todo ser humano em virtude da condição de criatura. O Batismo não anula a relação com o mundo, mas a reconfigura desde a Redenção de Cristo e a espera de sua consumação final. A nova configuração da relação do cristão com o mundo, que surge do Batismo, é a secularidade cristã comum a todo batizado.⁵⁸⁷

Para melhor compreender a expressão *índole secular*, se faz oportuno aprofundar o significado da palavra *secularidade*. A palavra tem origem no termo latino *saeculum* que significa “o mundo, o espaço-tempo”, sendo descrita como: “a justa apreciação do valor das realidades temporais e de sua autonomia”.⁵⁸⁸ O correto entendimento “evita aquela tendência antinatural que nega o mundo e seus valores e, por outro lado, impede de separar o mundo de Deus, reconhecendo, portanto, que o *saeculum* depende dele, e o ser humano deve ordená-lo a ele”.⁵⁸⁹

O termo *secularidade* se distingue das palavras secularização e secularismo. Secularização significa a tendência de abordar as realidades na perspectiva imanente do mundo sem referência aos valores que a transcendem, contudo continua sendo processo histórico aberto ao transcendente. O secularismo é quando Deus se torna total ou parcialmente ausente da existência e da consciência, resultando no abandono da aceção positiva da

⁵⁸⁵ MARTÍNEZ, Raúl B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 100.

⁵⁸⁶ No capítulo anterior, se desenvolveu o tema da índole secular como o *proprium* do fiel cristão leigo (3.5). Foram abordados os seguintes aspectos: a distinção entre dimensão e índole secular e o sentido da índole secular (sentido eclesial e teológico da secularidade). A partir das considerações já realizadas neste capítulo, se almeja aprofundar o tema da índole secular visto ser visceral para a investigação.

⁵⁸⁷ VILLAR, José R. Secularidade. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco (org.). *Diccionario de Eclesiologia*, p. 1.368.

⁵⁸⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Fé cristã e laicidade*, p. 16.

⁵⁸⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Fé cristã e laicidade*, p. 17-18.

secularidade. Não representam apenas palavras distintas, mas “ideais que engendram atitudes e comportamentos e que atingem a todos”.⁵⁹⁰

A secularidade é vista como uma forma de entender o mundo e a história, a consistência e o valor das atividades e realidades seculares, indicando assim o valor humano e cristão das realidades temporais.⁵⁹¹ A secularidade é considerada como propriedade que caracteriza as realidades e atitudes seculares.⁵⁹²

O vocábulo se fez corrente em meados do século XX com o respaldo do Magistério do Vaticano II (cf. LG, n. 31).⁵⁹³ Ratifica-se que toda a Igreja possui dimensão secular, mas essa adquire modalidades específicas de atuação e de função segundo a condição e vocação dos diversos membros da Igreja (cf. ChL, n. 15), sendo a índole secular a modalidade própria dos leigos apontada pelo Vaticano II (cf. LG, n. 31) como já estudado no capítulo precedente ao tratar sobre a distinção entre dimensão e índole secular (3.5.1).

A valorização da vocação laical depende de uma adequada compreensão do caráter teológico da secularidade como caminho de santidade e de plenitude humana, é considerada fundamento teológico para a espiritualidade laical. A partir da base teológica comum, fruto da consagração batismal, é que o leigo encontra, na secularidade, sua vocação específica. Isso caracteriza o seu ser cristão no mundo, vivendo uma espiritualidade autenticamente evangélica e de *primeira classe*⁵⁹⁴ que pode ser denominada uma modalidade secular de espiritualidade cristã.

3.4 A MODALIDADE SECULAR DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Yves M. J. Congar denomina “o paradoxo cristão” a afirmação evangélica segundo a qual o cristão está fundamentalmente referido à vida eterna e, ao mesmo tempo, é chamado a viver no mundo uma renovação espiritual (cf. Jo 17,6-19).⁵⁹⁵ Relaciona o processo histórico da valorização das realidades terrestres com a evolução da doutrina sobre o laicato, superando a mentalidade monástica de insuficiente valorização das realidades e obras terrenas.⁵⁹⁶

⁵⁹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Fé cristã e laicidade*, p. 17-18.

⁵⁹¹ ILLANES, José Luis. Secularidade. In: IZQUIERDO, César; BURGGRAF, Jutta; AROCENA, Feliz Maria; BRUGORALAS, Miguel. *Diccionario de Teologia*, p. 937.

⁵⁹² ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 62.

⁵⁹³ ILLANES, José Luis. Secularidade. In: IZQUIERDO, César; BURGGRAF, Jutta; AROCENA, Feliz Maria; BRUGORALAS, Miguel. *Diccionario de Teologia*, p. 937.

⁵⁹⁴ BRUGNOLI, Pietro. *La spiritualità del Laici*, p. 17.

⁵⁹⁵ PELLITERO, Ramiro. *La teologia del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 228.

⁵⁹⁶ PELLITERO, Ramiro. *La teologia del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 234.

O autor propõe a seguinte interpretação sobre o paradoxo cristão de “estar no mundo sem ser do mundo”: a obra no mundo, ainda que não seja fim último, não é apenas um meio; subordinada ao fim absoluto, ela tem caráter de meio, mas também de “fim intermediário”, tem valor próprio “em sua ordem”.⁵⁹⁷ Assevera que “estamos à procura de uma espiritualidade que reconheça as realidades terrenas mais valor. *Quisérámos que se pudesse pôr o coração na obra terrestre sem escravizá-lo como a um fim último*”.⁵⁹⁸

Para Congar, as chaves da espiritualidade laical são a adesão à vontade e ao plano de Deus, o testemunho apostólico inerente à vocação batismal do cristão e, especialmente para os leigos, as referências teológica e eclesiológica aos dons, situações e meios de sua condição.⁵⁹⁹ O ser cristão do leigo é determinado por sua inserção nativa na vida e na trama do mundo, pois é pelos leigos que a Igreja está onde está o mundo; neles e por eles, ela pode ser plenamente sinal e instrumento, sacramento de salvação de Jesus Cristo para o mundo.⁶⁰⁰ Com seu trabalho, realizou a passagem de uma reflexão teológica espiritual sobre o laicato para uma autêntica Teologia do laicato,⁶⁰¹ tendo contribuído significativamente para o que viria a ser o Concílio Vaticano II para os leigos.

3.4.1 A espiritualidade laical no Concílio Vaticano II

A Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja introduz um conceito-chave para entender a especificidade própria dos leigos que é sua nota distintiva, ou seja, a secularidade. Entre os principais pontos aportados pelos padres conciliares, encontra-se a distinção entre a noção de fiel e a de leigo. A palavra fiel faz referência à condição comum de todos os batizados, e leigo, à determinada função na Igreja que é a santificação das realidades temporais (cf. LG, n. 31).⁶⁰²

⁵⁹⁷ Y. Congar utiliza essa noção de valor ou fim intermediário em contraposição ao de puro meio. Seria válida no nível fenomenológico da realidade, no nível de compromisso com o trabalho do mundo no plano ontológico, pois, nesse último, não existem fins intermediários, só meios como resposta ao fim último (cf. PELLITERO, Ramiro. *La Teologia del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 237-238).

⁵⁹⁸ CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma Teologia do laicato*, p. 620.

⁵⁹⁹ PELLITERO, Ramiro. *La Teologia del laicato en la obra de Yves Congar*, p. 398.

⁶⁰⁰ CONGAR, Yves. *Laïc et laïcat*. In: VILLER, M. et al. (org.). *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*, p. 105.

⁶⁰¹ BRITO, Enio José da Costa; CONGAR, Yves. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 217-219.

⁶⁰² GONZALEZ-ALONSO, Álvaro Lino. *La indole saecularis en el Coetus Studium de laicis fidelidad al Concilio*. In: NAVARRO, L.; PUIG, F. (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*, p. 357.

Para Edward Schillebeeckx o pleno reconhecimento da condição laical na Igreja deu-se com o descobrimento do mundo pelo ser humano: o caráter leigo ou secular do mundo em sentido antropológico implicou o reconhecimento da dimensão mundana e secular da existência humana.⁶⁰³ A situação secular em que o cristão “sem cargo” deve viver por seus princípios cristãos, é uma situação tão cristã como aquela em que o “cristão com cargo” é chamado a viver.⁶⁰⁴ O mundo é considerado “o próprio estado ou posto do leigo, mas com o fim de reconhecer esse mundo em si mesmo, de dirigi-lo para a glória de Deus e de santificar a si mesmo e aos outros no mundo”.⁶⁰⁵

Gérard Philips, em comentário ao n. 31 da LG, ensina: a) que o texto não separa a realidade ontológica da tipológica; b) que o segundo parágrafo traz o caráter secular do laicato como o mais específico; c) que o caráter secular⁶⁰⁶ confere valor próprio às coisas criadas; d) que sem o reconhecimento do mundo como lugar onde deve cumprir sua missão temporal, o leigo nunca conseguirá descobrir sua vocação; e) que é específico do leigo procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais, ordenando-as segundo Deus, pois, se não buscam o Reino de Deus, não são nem cristãos e nem leigos; e) que o termo *mundo* do texto compreende as circunstâncias ordinárias (profissão, trabalho, família, e sociedade) e constitui a trama da existência da maioria dos seres humanos; e f) que os verbos *iluminar* e *ordenar* se referem às realidades temporais e foram escolhidos de forma proposital.⁶⁰⁷

Do texto cumpre destacar a clareza com que apresenta o caráter secular como sendo o mais específico na vida do leigo. Fala indiretamente do valor teológico da secularidade, pois para Philips a índole secular (própria dos leigos) é a chave de uma definição ontológica e não meramente funcional.⁶⁰⁸

Salienta-se o que diz respeito à escolha das palavras *iluminar e ordenar* na redação do n. 31 da LG. É possível afirmar que aí se encontra uma das chaves de leitura para a compreensão da secularidade laical e, conseqüentemente, do seu “modo de ser cristão” ao

⁶⁰³ SCHILLEBEECKX, Edward. A definição tipológica do leigo cristão conforme o Vaticano II. In: BARAÚNA, G. (dir.). *A Igreja do Vaticano II*, p. 981-1.000.

⁶⁰⁴ SCHILLEBEECKX, Edward. A definição tipológica do leigo cristão conforme o Vaticano II. In: BARAÚNA, G. (dir.). *A Igreja do Vaticano II*, p. 982.

⁶⁰⁵ SCHILLEBEECKX, Edward. A definição tipológica do leigo cristão conforme o Vaticano II. In: BARAÚNA, G. (dir.). *A Igreja do Vaticano II*, p. 989.

⁶⁰⁶ Ensina Philips que o termo *secular* vem de *saeculum* e abarca o tempo da vida terrena desde a criação até a consumação do mundo e que, nesse século, que vai fluindo no mundo com suas preocupações, se opõe ao que está porvir, *futurum saeculum*, que será definitivo na presença de Deus (PHILIPS, G. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v.2 p. 31).

⁶⁰⁷ PHILIPS, G. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 22-32).

⁶⁰⁸ PHILIPS, G. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 30).

considerar que compete ao leigo, de maneira especial, *iluminar* (mostrar melhor o sentido) e *ordenar* (colocar em ordem, arrumar) de tal modo às realidades temporais, deixando transparecer o esplendor de Cristo através dos valores temporais aos quais sua vida está indissolivelmente ligada.⁶⁰⁹

A definição conciliar do leigo contém um elemento distintivo e positivo, ou seja, a relação do fiel leigo com o mundo secular como uma maneira pela qual o leigo procura o Reino de Deus.⁶¹⁰ A vocação e a missão eclesial dos fiéis leigos como *leigos* estão determinadas por seu “viver no mundo”⁶¹¹ e será a partir daí que serão entendidos como portadores da sacramentalidade da Igreja no mundo.⁶¹²

A secularidade laical, por isso, não é um acréscimo sociológico que vem depois, como algo justaposto ao seu ser cristão, mas a maneira própria com que a secularidade cristã (adquirida com o Batismo) determina o ser laical.⁶¹³ O modo característico dos fiéis leigos é considerado o carisma da secularidade laical.⁶¹⁴

Do texto da *Lumen Gentium* e de sua interpretação doutrinal fica claro que uma vida no mundo de encontro com Deus significa para os leigos viver a fé e sua missão eclesial.⁶¹⁵ O Senhor conta com todo o seu Povo e com cada um em especial para restaurar, reconstruir e ressignificar o mundo. *De que forma?* A partir de sua presença, da sua ação, do seu modo de ser e de agir nas realidades humanas e temporais, irradiando a presença do sagrado através de sua vida. Essa consciência precisaria ser conhecida e aprofundada por todo o Povo de Deus e, em especial, pelos leigos em sua relação com o secular na vivência de sua espiritualidade.

⁶⁰⁹ PHILIPS, G. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*, v. 2, p. 30-31).

⁶¹⁰ Para o teólogo dominicano o Concílio não especificou a relação entre os três elementos da descrição tipológica do leigo e não são a conclusão de um longo e agitado debate, mas possibilitam um ajuste a partir do qual se ganhem forças para o desenvolvimento posterior. (cf. SCHILLEBEECKX, Edward. A definição tipológica do leigo cristão conforme o Vaticano II. In: BARAÚNA, G. (dir.). *A Igreja do Vaticano II*, p. 1.000).

⁶¹¹ Lembra Pellitero que, na história redacional da *Lumen Gentium*, a índole secular (LG, 31) não é nenhum elemento agregado e independente, mas o modo laical do exercício da vocação cristã que se dá com o Batismo e a Confirmação. A intencionalidade teológica não está especificada pelo Concílio e requereria investigações posteriores como as que desembocaram na *Christifideles Laici*, n.15. Diz ainda que a recepção pós-conciliar se fixou mais nos leigos enquanto “fiéis que auxiliam os pastores do que nos ‘leigos’ que desempenham sua tarefa eclesial no mundo (PELLITERO, R. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 493).

⁶¹² PELLITERO, R. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano I*, p. 494.

⁶¹³ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 494.

⁶¹⁴ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 495.

⁶¹⁵ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 495.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* é considerada o testamento do Concílio Vaticano II, pois foi o último documento aprovado em 7 de dezembro de 1965.⁶¹⁶ Como uma constituição pastoral, pretendeu “expor a atitude da Igreja em relação ao mundo e aos homens de hoje”⁶¹⁷ e, assim, não poderia deixar de ser abordada.

Com o Vaticano II, o mundo passa a ser considerado não só o âmbito em que o leigo vive, mas como campo de missão de toda a Igreja. Esse aspecto é apontado pela *Lumen Gentium*, expressamente formulado no Decreto *Apostolicam Actuositatem* e tem seu máximo desenvolvimento na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* como se lê:

O mundo portanto que tem diante dos olhos é o dos homens, e toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive; este mundo, o teatro da história do gênero humano e marcado por sua atividade: derrotas e vitórias; esse mundo criado e conservado pelo amor do Criador, segundo a fé dos cristãos; esse mundo na verdade foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação. (GS, n. 2).

Para Miguel de Salis Amaral, a renovada compreensão só aparece explicitamente nos últimos documentos do Concílio que são a *Apostolicam Actuositatem* e a *Gaudium et Spes*, pois é no caminho para a plenitude em Cristo que “a Igreja e o mundo mantêm uma relação recíproca: a Igreja tem missão que desempenhar com respeito ao mundo.”⁶¹⁸ Todos os cristãos são convidados a olhar o mundo *com e a partir do amor*.⁶¹⁹

Nasce uma renovada visão, segundo a qual as tarefas confiadas ao indivíduo, no mundo, integram o caminho de sua vocação concreta de existência cristã e, a partir daí, a necessidade de desenvolver a compreensão do sentido da “secularidade laical” ou da “índole secular” para a vocação e missão dos leigos, que passa pelo seu modo de ser cristão.

O Decreto *Apostolicam Actuositatem* representa a aplicação dos princípios dogmáticos da *Lumen Gentium*. É considerado o ponto de chegada do movimento de promoção do laicato em continuação da *Lumen Gentium*, em especial, dos Capítulos I e IV que dão forma ao decreto.⁶²⁰ O documento dedica o n. 4 ao tema da espiritualidade dos leigos por ordem do

⁶¹⁶ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: à luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 72.

⁶¹⁷ ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*, p. 439.

⁶¹⁸ AMARAL, Miguel de Salis. Laicato. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco; VILLAR, José R. (ed.). *Dicionário de eclesiologia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016. p. 792.

⁶¹⁹ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 184.

⁶²⁰ ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 56.

apostolado e não define o amplo conceito, mas chama a atenção para a importância da espiritualidade para a fecundidade do apostolado.⁶²¹

Do texto destacam-se os seguintes elementos: a) uma espiritualidade em estreita união com Cristo; b) que essa união com Cristo não pode ser separada da vida ordinária, pois nada da vida do ser humano é alheio à orientação espiritual; c) isso implica o exercício contínuo da fé, da esperança e da caridade; e d) somente através da fé e da meditação da Palavra de Deus se pode conhecer sempre e em todo lugar Deus, buscar sua vontade, contemplar Cristo nos irmãos e julgar e valorizar as coisas em si mesmas e em consideração ao fim último do homem.⁶²² A espiritualidade própria dos leigos tem como fonte o próprio Deus, o homem como sujeito, a ação apostólica como natureza e o mundo como objeto; e, ainda, deve ser evangélica, eclesial, teológica e litúrgica.⁶²³

Observa-se um paralelismo entre a espiritualidade laical da *Apostolicam Actuositatem*, n. 4 e a Teologia do laicato da *Lumen Gentium*, n. 31, o que confirma a estreita e necessária relação que deve existir entre teologia e espiritualidade laical conforme se verifica no quadro comparativo n. 1:

Quadro 1 – Teologia e espiritualidade laical

Teologia do leigo: LG, n. 31	Espiritualidade laical: AA, n. 4
1. Incorporados a Cristo pelo Batismo, os leigos participam do triplo múnus de Cristo (sacerdotal, profético e régio);	1. Espiritualidade em estreita união com Cristo ao incorporar-se pelo Batismo;
2. Os leigos exercem, na Igreja e no mundo, a missão de todo o Povo de Deus. A missão secular é considerada algo peculiar, mas não exclusivo;	2. Participando da vida íntima da Igreja (particularmente da Liturgia) e sem separar fé/vida ordinária (missão na Igreja e no mundo). Sua espiritualidade é secular, mas sua raiz é espiritual. Deve evitar dualismos;

⁶²¹ ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 56.

⁶²² MARTÍNEZ, Raúl B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 58-59.

⁶²³ MARTÍNEZ, Raúl B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 57.

3. Tratam de obter o Reino de Deus: a) gerenciando o temporal; e b) iluminando e ordenando o temporal segundo Deus;	3. Devem viver a fé, alimentada pela Palavra de Deus e pela esperança, escondidos com Cristo em Deus, enquanto peregrinam neste mundo; e a caridade, vivendo o espírito das bem-aventuranças em todos os estados de vida, seja como solteiro, seja no matrimônio, seja na viuvez. Os leigos devem cultivar as virtudes humanas;
4. Tratam de se santificar segundo profissão própria: a) desde dentro do mundo; b) com seu testemunho de vida; e c) irradiando fé, esperança e caridade.	4. Cabe a possibilidade de viver em uma associação ou instituto secular.

Fonte: Elaborado pela autora.⁶²⁴

A partir do ponto de vista do apostolado e da espiritualidade, pode-se dizer que o leigo tem uma missão – imanente e, ao mesmo tempo, transcendente – de “instaurar a ordem temporal”, buscando fazer ‘penetrar do espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las’ (cf. AA, n. 5). E aí se encontra o profundo sentido teológico da secularidade laical, pois, com o apostolado, é que cumprem *pro parte sua* a missão da Igreja, exercendo-o “tanto na Igreja quanto no mundo, tanto na ordem espiritual como na temporal” (cf. AA, n. 5).

Ao revisitar a doutrina conciliar, buscando o sentido da secularidade, não se pode deixar de mencionar a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia.⁶²⁵ Não é possível tratar de espiritualidade sem a liturgia e a vida do cotidiano. Compete ao leigo viver da liturgia (cf. SC, n. 14). O desafio consiste em desenvolver uma catequese mistagógica e uma evangelização que potencialize a participação litúrgica dos leigos e que realmente alimente sua vida cotidiana.⁶²⁶ O cristão deve encontrar, na liturgia, o alimento para

⁶²⁴ Insiste o autor que faz falta corrigir a relação entre Teologia e Espiritualidade no marco eclesiológico do Concílio Vaticano II, diante da importante relação entre Teologia-espiritualidade laical: não há espiritualidade sem Teologia nem Teologia que não desemboque em espiritualidade (MARTÍNEZ, Raúl B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 60-62).

⁶²⁵ Essa constituição é cronologicamente anterior à Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (PHILIPS, Gérard. *A Igreja e seu Mistério no II Concílio do Vaticano: história, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*, p. 1, v. 1).

⁶²⁶ Sobre a espiritualidade laical e a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, remete-se ao estudo do Professor Rudy Albino de Assunção (ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: à luz do magistério eclesial desde o Vaticano II*, p. 39-56).

a vivência da própria fé, pois é só na Igreja que os fiéis podem entrar em comunhão com a vida trinitária.⁶²⁷ Não se trata apenas de viver a liturgia, mas da liturgia viver.⁶²⁸

A renovação conciliar da espiritualidade cristã, a partir do Mistério de Cristo, deu-se nos seguintes pontos nucleares: 1) na comunhão com Deus (DV e SC); 2) na chamada universal à santidade e à missão apostólica (LG e AA); 3) na espiritualidade vivida no mundo e para a transformação do mundo (GS).⁶²⁹ É possível concluir que o caráter secular da identidade cristã é chave de leitura para a interpretação da espiritualidade cristã em sua modalidade laical. Ratifica-se a importância de compreender e aprofundar o sentido da secularidade laical.

O Concílio Vaticano II foi criticado no tema do laicato por ter ficado na metade do caminho entre uma eclesiologia do Povo de Deus e outra do Sacramento de Salvação e, ainda, por não ter oferecido uma definição, mas apenas uma descrição do leigo.⁶³⁰ No entanto, o Concílio Vaticano II ofereceu diretrizes gerais para toda a Igreja.⁶³¹

Esse caminho parece o mais acertado, até mesmo porque a relação entre Teologia e espiritualidade não pode prescindir do transfundo e contexto histórico – eclesiológico das situações refletidas, que, por sua vez, revelam as chaves de como se vai entendendo, em cada época, a Igreja em si mesma (eclesiologia) e sua missão (a relação Igreja-mundo).

3.4.2 Período posterior ao Concílio Vaticano II

Paulo VI foi quem celebrou o encerramento formal do Concílio Ecumênico Vaticano II que foi magistralmente desenhado por São João XXIII.⁶³² Foi o principal intérprete do evento conciliar, tendo realizado muitas afirmações durante seu Magistério que tocam diretamente *no* tema do leigo e dizem respeito à “dupla cidadania laical e à consagração do mundo”.⁶³³

⁶²⁷ Acerca da dimensão litúrgica e a vida espiritual, remete-se ao estudo de Manuel Belda *in* BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 161-176.

⁶²⁸ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 10.

⁶²⁹ MARTI, Pablo. *La espiritualidad cristiana en el Concilio Vaticano II*, p. 153.

⁶³⁰ MARTÍNEZ, R. B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 67.

⁶³¹ A renovação teve como base teológico-espiritual a relação entre Teologia e espiritualidade, a necessidade de dar resposta à modernidade e o empenho em falar sobre a unidade entre fé e vida do cristão (MARTI, Pablo. *La espiritualidad cristiana en el Concilio Vaticano II*, p. 154).

⁶³² ALBERIGO, Giuseppe. *História dos Concílios Ecumênicos*, p. 409.

⁶³³ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 72.

Dentre seus pronunciamentos, enunciam-se alguns relacionados à visão sobre a secularidade dos leigos.⁶³⁴

1) ao se referir aos leigos como pontes entre a Igreja e a sociedade: é a dupla cidadania do fiel leigo – eclesial e temporal – ao levar o “testemunho cristão para o campo da profissão e levando ao campo da vida católica o vosso testemunho profano”;⁶³⁵

2) ao explicar os aspectos centrais da expressão *consecratio mundi*.⁶³⁶ a consagração como o restabelecimento (não separação) de uma relação com Deus segundo sua natureza e ordem e o mundo como a família humana, contexto em que vive o leigo que pertence ao Povo de Deus e, ao mesmo tempo, tem relação temporal e determinada com o mundo profano;⁶³⁷

3) ao apontar como um dos avanços do Vaticano II a “simbiose entre a vida espiritual e a profana” (discurso aos participantes da ação católica, em 4 de jan. de 1966) que se dá com a união pessoal e profunda com Cristo no mundo, pois “vós não sois eremitas retirados do mundo”;⁶³⁸

4) ao ratificar a importância do trabalho não só como meio de subsistência, mas como parte da obra redentora de Cristo e meio de crescimento na espiritualidade e santidade;⁶³⁹ e

5) ao ratificar, continuamente, uma das principais afirmações do Concílio Vaticano II: que a santidade é para todos e em todas as circunstâncias.⁶⁴⁰

Paulo VI foi o primeiro a dar voz ao Vaticano II com linhas permanentes de evangelização no século XX, tendo tocado em temas da espiritualidade laical, como, por exemplo, o amor teologal ao mundo e o chamado à santidade para todos. Precisou interpretar legitimamente as importantes orientações do Concílio Vaticano II e o fez com grande profundidade, imbuído do espírito conciliar. Seu pontificado foi marcado pela “capacidade em

⁶³⁴ O tema foi desenvolvido com base no estudo realizado por Rudy Albino de Assunção em *A espiritualidade dos leigos: à luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 79-88.

⁶³⁵ PAULO VI. *Homilia da Santa Missa para alguns grupos de fiéis e membros do Movimento de Pós-Graduação Católica*, passim.

⁶³⁶ A consagração do mundo é expressão tomada do discurso de Pio XII que, depois, passou ao Concílio Vaticano II, nos documentos: *Lumen Gentium*, n. 24; *Apostolicam Actuositatem*, ns. 31, 35, 36, que explicam a meta do apostolado dos leigos; por outro lado, segundo Paulo VI, a eficácia apostólica depende da santificação pessoal (cf. ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: à luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 84).

⁶³⁷ PAULO VI. *Audiência Geral*, 1969, passim.

⁶³⁸ PAULO VI. *Homilia no II Congresso Mundial del Apostolado de los Laicos*, passim.

⁶³⁹ PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*, passim.

⁶⁴⁰ PAULO VI. Homilia de 15 de dez. de 1963: Encontro com a União dos Juristas Católicos no III Domingo do Advento, passim.

traduzir a tradição eclesial à luz do Concílio Vaticano II, na relação da Igreja com o mundo e nas estruturas internas da Igreja”.⁶⁴¹

O período do pontificado de João Paulo II mereceria uma investigação à parte pela sua grande contribuição para o Magistério dos Leigos. João Paulo II referiu-se, muitas vezes, ao modo de viver a espiritualidade própria dos leigos. Destacam-se os seguintes textos:

1) a Encíclica *Laboren exercens* (15.09.1981), que oferece as bases para uma espiritualidade do trabalho;

2) a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Familiaris consortio* (22.11.1981) sobre uma espiritualidade orientada para o contexto familiar;

3) a Encíclica *Redemptoris Mater* (25.03.1987) e a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (16.10.2002), sobre a espiritualidade mariana;

4) a Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, principal texto de seu pontificado sobre os leigos e que, desde então, marca toda a reflexão teológica sobre a vocação e missão dos leigos;⁶⁴²

5) a Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6.01.2001) que promove uma espiritualidade de comunhão, busca tornar a Igreja mais consciente da necessidade de um autêntico espírito de comunhão para ser a comunidade desejada pelo Concílio Vaticano II, relação entre Teologia e espiritualidade: eclesiologia de comunhão para viver uma espiritualidade de comunhão; e

6) o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (26.05.2006), dedica uma parte à espiritualidade dos leigos (ns. 541-546) que foge de um espiritualismo intimista e do ativismo social e que não é uma espiritualidade do consumo ou do bem-estar. Para Rudy A. de Assunção, esse texto é considerado um dos mais claros sobre a espiritualidade laical.⁶⁴³

O Magistério de João Paulo II deixou uma imensa contribuição para o tema da espiritualidade laical ao desenvolver e aprofundar muitos de seus elementos, o que contribuiu

⁶⁴¹ GONÇALVES, Paulo Sérgio. Paulo VI. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 729-731.

⁶⁴² Conforme o teólogo espanhol Ramiro Pellitero o Sínodo sobre os leigos e a exortação *Christifideles Laici* (1988) representaram um antes e um depois (1988) na valorização da vocação e missão dos leigos. Isto se deve principalmente porque com estes se alcançou uma caracterização teológica do leigo. A partir de suas orientações tomadas em conjunto se desenvolveu na vida da Igreja, e nos cristãos singulares, o que convém fazer na formação dos leigos em ordem da nova evangelização, são questões que toda a Igreja levanta na atualidade com a preciosa ajuda do Magistério do Papa emérito Bento XVI e com o impulso pastoral do Papa Francisco (cf. PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 124).

⁶⁴³ ASSUNÇÃO, R. Albino de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 100-127.

para retomar a visão conciliar. Com a *Christifidelis Laici* tornou explícito os sentidos teológico e eclesial da secularidade (base para a vivência e compreensão da secularidade própria dos leigos – índole secular).⁶⁴⁴

No Magistério do Papa Bento XVI, não houve um documento específico dedicado à doutrina sistemática sobre o cristão fiel leigo. No entanto, é no aspecto mais essencial do ser cristão e de sua missão que se oferecem luzes ao existencial da identidade cristã,⁶⁴⁵ como, por exemplo, sobre os fiéis leigos e a questão de Deus;⁶⁴⁶ sobre a consciência de ser Igreja;⁶⁴⁷ sobre a centralidade da Eucaristia;⁶⁴⁸ sobre a caridade⁶⁴⁹ e sobre o compromisso com a vida cultural e política.⁶⁵⁰ Acrescenta-se o magnífico trabalho sobre as virtudes teologais realizado em três Cartas Encíclicas dirigido a todos os fiéis,⁶⁵¹ considerando que a espiritualidade cristã é vista como uma espiritualidade da fé, da esperança e da caridade.⁶⁵²

A espiritualidade é considerada um acontecimento dialógico, pois a vida cristã começa com o encontro com uma pessoa: Jesus Cristo.⁶⁵³ A relação dos cristãos com a “questão de Deus” é central como ensina Bento XVI aos leigos que são chamados a oferecer um testemunho “transparente da relevância da questão de Deus em todos os campos do pensamento e do obrar: na família, no trabalho, como também na política e na economia, o homem necessita ver, com os próprios olhos, e tocar com a mão como com Deus ou sem Deus tudo muda”.⁶⁵⁴ A “questão de Deus” diz respeito à relação dialógica entre Deus e o ser humano; é uma relação de amor na vida do cristão, pois a fonte da espiritualidade é o próprio Deus.

Prossegue Bento XVI explicando que não só os leigos devem propor a questão de Deus aos não crentes, mas eles mesmos devem voltar de modo mais decidido para a questão da centralidade de Deus, pois a fé não se pode ter como suposta. Os cristãos “compartem as

⁶⁴⁴ BENTO XVI. *Discurso aos participantes na Assembléia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, passim.

⁶⁴⁵ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 119.

⁶⁴⁶ BENTO XVI. *Discurso à Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, passim.

⁶⁴⁷ BENTO XVI. *Discurso aos Membros da Fundação Alcides de Gaspari*, passim.

⁶⁴⁸ BENTO XVI. Exortação Apostólica *Sacramentum Caritas*, 2007, n. 70.

⁶⁴⁹ BENTO XVI. *Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, passim.

⁶⁵⁰ BENTO XVI. Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, ns. 1, 78.

⁶⁵¹ BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas Est*; BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*; FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*.

⁶⁵² WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 48.

⁶⁵³ Na mesma direção, aduz Bento XVI, na Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, sobre o início do ser cristão que “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas com um acontecimento, com uma Pessoa que dá a vida, um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo” (Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, n. 1).

⁶⁵⁴ BENTO XVI. *Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, passim.

turbações, a desorientação e as dificuldades de seu tempo” e, por isso, muitas vezes, apesar de se considerarem como cristãos, Deus não é o ponto de referência central no seu modo de pensar e de agir, nas opções fundamentais da vida” (cf. *Porta Fidei*, n. 2).

Diante da envergadura do Magistério de Bento XVI, salientam-se, aqui, alguns aspectos relevantes ao estudo:

1) Retoma a herança da *Apostolicam Actuositatem* e da *Christifideles Laici*. Em 2009 disse que as luminosas páginas do Vaticano II ainda precisam ser traduzidas e realizadas suficientemente na consciência dos católicos e na prática pastoral.⁶⁵⁵ Pode-se dizer que essas palavras são atuais, ou seja, ainda há um longo caminho a percorrer;

2) A centralidade da Eucaristia na vida cristã e na missão da Igreja: uma espiritualidade eucarística, “em que Deus desce para o homem, e o homem sobe para Deus”;⁶⁵⁶

3) A Palavra de Deus que, na vida santa dos cristãos, sua interpretação definitiva e mais plena é uma espiritualidade bíblica,⁶⁵⁷ e

4) Ratifica a Doutrina Social da Igreja como referência essencial para a ação dos leigos e, portanto, para sua espiritualidade própria.

Bento XVI, como teólogo, dedicou-se, muitas vezes, à liturgia como forma de entender a Igreja e deixou algumas indicações importantes sobre a vida espiritual dos leigos, centradas na relação entre Eucaristia e Palavra de Deus. Deixou um enorme legado teológico sobre os pressupostos da vida espiritual do cristão.

O Papa Francisco retoma uma das características fundamentais do Concílio Vaticano II que é a abertura da espiritualidade cristã ao mundo – relação entre secularidade e espiritualidade. Apresenta as bem-aventuranças como modelo e as considera como verdadeira manifestação da espiritualidade na vida concreta: como a “carteira de identidade” do cristão (GE, n. 63). Responde, de forma simples, como ser um bom cristão: “É necessário fazer – cada qual a seu modo – aquilo que Jesus disse no sermão das bem-aventuranças” (GE, n. 63), vivendo, dessa forma, no contexto secular.

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, ratifica a concepção de mundo como tarefa quando o cristão o contempla não com aversão, mas com um amor profundo e teologal,

⁶⁵⁵ BENTO XVI. *Discurso aos Membros da Fundação “Alcides de Gasperi”*, passim.

⁶⁵⁶ BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritas*, n. 25.

⁶⁵⁷ BENTO XVI. Exortação Apostólica *Verbum Domini*, n. 96-97.

contemplando-o em Deus e desde Deus que é a fonte do verdadeiro amor. Deus confiou ao cristão a tarefa de restaurar o mundo em sua bondade original e, por isso, o amor teologal ao mundo deve ser uma dimensão constitutiva de todo cristão na vivência de sua espiritualidade e a caminho da santidade. Apresenta o chamado à santidade no ordinário da vida, de forma simples e para todos.

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, fala sobre a urgência em recuperar o espírito contemplativo que permita redescobrir que “somos depositários de um bem que humaniza, que nos ajuda a levar uma vida nova. Não há nada melhor para transmitir aos outros” (EG, n. 264). “A verdadeira espiritualidade cristã transfere-se para o mundo, a fim de fermentá-lo, edificá-lo segundo a novidade de Cristo.”⁶⁵⁸ Deve ser uma espiritualidade que cure contra uma espiritualidade do consumo e do bem-estar (cf. EG, n. 78, 90, 93), a espiritualidade cristã deve servir como motivação para um renovado impulso missionário cf. EG, n. 260).⁶⁵⁹

A Encíclica *Laudato Si'* apresenta o cuidado com o mundo (a casa comum) como forma de uma espiritualidade ecológica a partir de uma verdadeira visão sobrenatural da Criação (LS, n. 240). Fruto da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos é a Exortação Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* sobre “a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneos.” Apresenta a espiritualidade do amor na família.

O Papa Francisco percorre um caminho de aproximação na busca de Deus e demonstra a vitalidade do sentido religioso no mundo atual, considerando que a espiritualidade cristã continha, na tradicional literatura espiritual, uma categoria teológica que mantinha uma atitude negativa com relação ao mundo. Retoma o impulso original do Vaticano II que é o de anunciar o Evangelho de maneira nova, desde a necessidade de falar de Deus aos homens deste tempo de modo mais compreensível⁶⁶⁰ e mais de acordo com sua sensibilidade religiosa que busca incorporar a espiritualidade à vida, não se trata de problematizar a vida espiritual, mas de vivê-la.

Observa-se que o Magistério pós-conciliar, apoiado na base sólida proposta pelo Concílio, desenvolveu os fundamentos teológicos da espiritualidade laical não em um documento específico, mas, em outros contextos, tratou sobre a secularidade de toda a Igreja, sobre a índole secular própria e específica dos leigos e sobre a vocação universal à santidade, bem como sobre suas dimensões constitutivas que a seguir são estudadas.

⁶⁵⁸ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 149.

⁶⁵⁹ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 149.

⁶⁶⁰ MADRIGAL, Santiago. *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II*, p. 21.

Dentre os documentos do Magistério posterior ao Vaticano II, ratifica-se para a espiritualidade laical: a) a *Christifideles Laici* (1988) retoma e expõe, com clareza, a doutrina já estabelecida no Vaticano II (cf. ChL, n.15) – considerada um claro avanço em continuidade com a linha iniciada pelo Concílio com relação à *Lumen Gentium* tanto em termos de formulação técnica (distinção entre dimensão e índole) como em termos de aprofundamento da percepção e compreensão da realidade⁶⁶¹; b) o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2006) representa uma referência essencial à espiritualidade dos leigos; e c) a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (2019), distante mais de 50 anos do Vaticano II (1965) e 30 anos da ChL (1988), é o primeiro a dedicar um documento completo à santidade⁶⁶² vivida no ordinário e cotidiano secular: uma santidade que se descobre na vida presente tal como é⁶⁶³. A vivência da condição laical ou da espiritualidade laical, com sentido vocacional (a espiritualidade deriva da mesma vocação leiga) é, todavia, pouco frequente⁶⁶⁴.

3.4.3 Documentos do CELAM

As Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM), na esteira do Concílio Vaticano II, marcaram a Igreja na América Latina, dando-lhe um rosto próprio e definido quando “o Espírito Santo mostrou sua presença atuante e vivificadora”.⁶⁶⁵ Foram quatro as conferências do Episcopado Latino-Americano após o encerramento do Concílio Vaticano II: Medellín (1968); Puebla (1979); Santo Domingo (1992); e Aparecida (2007), todas tendo uma parte dedicada aos leigos.

A II Conferência em Medellín (1968), apenas três anos após o encerramento do Concílio Vaticano II, é marcada pela característica de um mundo subumano com ênfase nos países pobres que são a maioria da humanidade: opção pelo “ser mais” e não pelo “ter mais”.⁶⁶⁶ Fala de espiritualidade leiga, exortando o fomento de uma espiritualidade particular,

⁶⁶¹ ILLANES, José Luis. *Laicado y Sacerdocio*, p. 161

⁶⁶² Segundo V. Bosch na *Gaudete et Exsultate*, Francisco enfrenta a questão do caráter vocacional da experiência laical dando dois passos: 1º) superando o conceito restrito de vocação pois reafirma todos estão chamados a ser santos vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, ali onde cada um se encontra (GaExs, n.14); 2º) sublinhando o sentido vocacional de toda a existência cristã (cf. GEX, n. 23). (cf. BOSCH, Vicente. BOSCH, Vicente. *La vocacion a la santidade de los laicos, a la luz de ‘Gaudete et exsultate’ do Papa Francisco*).

⁶⁶³ AMARAL, Miguel de Salis. *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*, p. 3.

⁶⁶⁴ BOSCH, Vicente. *La vocacion a la santidade de los laicos, a luz de ‘Gaudete et exsultate’ de Papa Francisco*, p. 1.

⁶⁶⁵ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. p. 7-13.

⁶⁶⁶ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*, p. 8-9.

“baseada em sua própria experiência de compromisso com o mundo [...] ensinando-os a redescobrir o sentido da oração e da liturgia”,⁶⁶⁷ pois não pode desinteressar-se das coisas “mundanas”: não há como dizer-se devotado a Deus se ignora o mundo que o Senhor colocou em suas mãos”.⁶⁶⁸

A III Conferência em Puebla (1979), 11 anos depois, situa-se, em linha de continuidade, com Medellín, tendo como base a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de São Paulo VI (1975). O tema da conferência foi a evangelização no presente e no futuro da América Latina: *Qual é o mundo que a Igreja deve evangelizar?*⁶⁶⁹ Resgata a participação dos leigos na missão da Igreja e apresenta algumas das dimensões essenciais da espiritualidade laical:

[...] que o leigo não fuja das realidades temporais para buscar a Deus, e sim persevere, presente e ativo, no meio delas e ali encontre o Senhor; infunda nesta presença e atividade uma inspiração de fé e um sentido de caridade cristã (n. 797); à luz da fé, descubra nesta realidade a presença do Senhor; em meio à sua missão, não raro geradora de conflitos e cheia de tensões para sua fé, busque renovar sua identidade cristã no contato com a Palavra de Deus, na intimidade com o Senhor pela Eucaristia, nos sacramentos e na oração (n. 798).⁶⁷⁰

Destacam-se os seguintes elementos de Puebla: a) a raiz da missão do leigo está no Batismo e na Confirmação e, a seu modo, participam e a exercem na condição que lhe é própria no tríptico múnus de Cristo (sacerdotal, profético e régio) como “homem de Igreja no coração do mundo e do homem do mundo no coração da Igreja” (n.786)⁶⁷¹; b) recorda que o leigo deve estar “comprometido na construção do Reino em sua dimensão temporal” (n. 787); c) que é “no mundo que encontra seu campo específico de ação” pelo testemunho de vida, palavra oportuna e sua ação concreta para ordenar as realidades temporais e se pôr a serviço da instauração do Reino de Deus (n. 789); e d) dentre as realidades temporais, algumas exigem especial atenção: a família, a educação, as comunicações sociais (n. 790).

⁶⁶⁷ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*, p. 165.

⁶⁶⁸ ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 91.

⁶⁶⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*, p. 9-10.

⁶⁷⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*, p. 483).

⁶⁷¹ Nesse ponto, a conferência sintetizou em três pontos a visão do Concílio Vaticano II sobre o leigo: o Capítulo IV da *Lumen Gentium* mais diretamente (cf. ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 93).

Com Puebla fica ainda mais clara a ideia do compromisso do leigo *com e no* mundo; ao “contrário de uma inspiração de *fuga mundi*, o documento exorta uma vida ativa no meio do mundo”.⁶⁷²

A IV Conferência em Santo Domingo (1992) significou um novo passo com atenção à promoção humana: se em Medellín a “palavra-chave era libertação; em Puebla, comunhão e participação, em Santo Domingo, era enculturação”.⁶⁷³ O documento trata sobre o protagonismo dos fiéis leigos, mas não dedicou muito espaço à espiritualidade laical.⁶⁷⁴ Exorta mais publicações sobre a espiritualidade laical, pois, tendo em vista o chamado à santidade a todos os cristãos, “os pastores procurarão os meios adequados, que favoreçam aos leigos uma autêntica experiência de Deus”.⁶⁷⁵

A V Conferência em Aparecida (2007) voltou a concentrar a atenção no laicato (cf. ns. 209; 215), recordando que os leigos também são sujeitos eclesiais, discípulos missionários e, por isso, responsáveis pelo anúncio evangelizador.⁶⁷⁶ O documento busca conjugar espiritualidade, pastoral e Teologia.⁶⁷⁷ Segundo Cesar Kuzma, a preocupação com a santidade dos fiéis leigos levou-a a apresentar um novo caminho de espiritualidade “alicerçado e alimentado pela comunidade de fé, mais vivido em sintonia com o mundo secular, local e eclesial de sua missão. Não há mais espaço para uma fé desencarnada da realidade.”⁶⁷⁸

As Conferências do CELAM representaram a confirmação da doutrina conciliar sobre o laicato, e muitos pontos “constituem avanços significativos, na medida em que são relidos de acordo com suas realidades”.⁶⁷⁹ Confirmam que não se está diante de cristãos de segunda categoria, mas diante de fiéis caracterizados pela secularidade, que, ao santificar as estruturas temporais, cumprem um aspecto não marginal da missão da Igreja que é “olhar o mundo com o amor de Deus”⁶⁸⁰ e iluminar e ordenar todas as realidades temporais, para que se façam e cresçam segundo Cristo (cf. LG, n. 31).

⁶⁷² ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 94.

⁶⁷³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*, p. 11.

⁶⁷⁴ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 95.

⁶⁷⁵ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*, p. 681.

⁶⁷⁶ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p.141.

⁶⁷⁷ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 141.

⁶⁷⁸ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, p. 139.

⁶⁷⁹ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, p. 72.

⁶⁸⁰ PORTILLO, Álvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*, p. 84.

3.4.4 A espiritualidade laical nos Documentos da CNBB

Do período posterior ao Vaticano II, é oportuno relembrar duas assembleias da CNBB que resultaram na publicação dos Documentos 62,105, pela dedicação ao tema dos leigos com a promoção de uma autêntica espiritualidade laical e com clara preocupação de natureza social.⁶⁸¹

O Documento n. 62 – *Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas* (22.4.1999)⁶⁸² – foi publicado 10 anos após a *Christifideles Laici*. Apresenta a missão do leigo de forma mais completa e harmoniosa com a missão da Igreja.⁶⁸³ Os bispos ratificaram a necessidade de criar condições para descobrir e aprofundar uma espiritualidade cristã baseada

na oração pessoal e comunitária, na leitura da Bíblia e na vida sacramental, capaz de sustentá-los em sua atuação no mundo – na realidade da família, da educação, do trabalho, da ciência, da cultura, da política, dos compromissos sociais e civis – para testemunhar o Evangelho e transformar a sociedade.⁶⁸⁴

Oferece uma descrição precisa da espiritualidade laical como “o caminhar nas estradas da vida, com Cristo, no vigor do Espírito Santo, ao encontro do Pai, construindo o seu Reino”,⁶⁸⁵ como seguimento de Jesus e que seja mais integrada a todas as dimensões humanas: à corporeidade, à afetividade, à emoção, à racionalidade, à criatividade e à sociabilidade,⁶⁸⁶ como uma espiritualidade que nasce da experiência do Mistério, do encontro com Jesus;⁶⁸⁷ que não é apenas “uma parte da vida, mas a vida inteira guiada pelo Espírito” de Jesus;⁶⁸⁸ que acontece na vida cotidiana;⁶⁸⁹ que a família é o espaço primeiro para viver essa

⁶⁸¹ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 167.

⁶⁸² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, passim.

⁶⁸³ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. *A espiritualidade dos leigos: a luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*, p. 161.

⁶⁸⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 175.

⁶⁸⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 176.

⁶⁸⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 177.

⁶⁸⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 178.

⁶⁸⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 179.

⁶⁸⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 180.

espiritualidade;⁶⁹⁰ que sustente a unidade entre vida espiritual e secular; ⁶⁹¹que tenha Maria como modelo⁶⁹² e que tenha acesso às fontes da grande tradição espiritual cristã.⁶⁹³

O Documento n. 105 da CNBB – *Cristãos leigos e leigas na sociedade e na Igreja*⁶⁹⁴ – faz referência à espiritualidade leiga como uma espiritualidade encarnada,⁶⁹⁵ caracterizada pelo seguimento de Jesus, desde uma vida no Espírito, pela comunhão fraterna e pela inserção no mundo, pois não “podemos querer um Cristo sem carne e sem cruz”.⁶⁹⁶ Ressalta que o leigo é chamado a viver uma vida de comunhão e missão, e a “Igreja está voltada, ao mesmo tempo, para dentro e para fora, num movimento de sístole e diástole” com fundamento na comunidade trinitária e no amor⁶⁹⁷ e que seja integral, que contemple a conversão pessoal, o discipulado, a experiência comunitária, a formação bíblico-teológica e o compromisso missionário.⁶⁹⁸

Nessa etapa da investigação, ratifica-se que o Concílio Vaticano II compreende a secularidade laical como um elemento especificador dessa condição, como uma condição de vida, uma missão, atividade ou tarefa⁶⁹⁹ e, conseqüentemente, como característica do seu modo de ser cristão. É a partir daquilo que lhe é específico que se busca compreender como ele vive, no mundo, os elementos essenciais da espiritualidade cristã em sua existência marcada por dimensões e elementos constitutivos.

3.5 AS DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE LAICAL

Para G. Thils a espiritualidade laical, como uma forma de vida orientada à santidade, deve se realizar em duas *vidas*: uma vida teologal, vida com a qual o cristão deve ocupar-se,

⁶⁹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 181.

⁶⁹¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 182.

⁶⁹² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 183.

⁶⁹³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, n. 185.

⁶⁹⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*, passim.

⁶⁹⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*, n. 116.

⁶⁹⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*, n. 184.

⁶⁹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*, n. 193.

⁶⁹⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*, n. 188.

⁶⁹⁹ ILLANES, José Luis. *Laicado y sacerdocio*, p. 122.

que deve ser alimentada, que cresce e se desenvolve, e a outra vida, mais fácil de ser compreendida, que é a vocação temporal.⁷⁰⁰

Ambas as dimensões ou *vidas* – como denomina Thils – são consideradas essenciais. Pode-se dizer que um dos aspectos é divino, e o outro, humano, ou que um é transcendente, e o outro, temporal, que um diz respeito à ação apostólica, e o outro, à contemplação religiosa; que um é santidade recebida, e o outro, santidade adquirida; ou que são graças extraordinárias e deveres de estado. Entretanto, todas as alternativas são simples de serem exatas e adequadas.⁷⁰¹ O que importa dizer é que não existe santo cristão sem as duas, pois ninguém é santo para Cristo senão viver em plenitude a vida teologal e a vocação temporal conforme também ensina o Magistério da Igreja como acima desenvolvido.

3.5.1 A vida teologal: o sentido vertical

A coordenada vertical da espiritualidade laical diz respeito à orientação para Deus como resposta ao chamado divino a todo ser humano, para estabelecer uma comunhão de vida.⁷⁰² Toda a vida espiritual é uma experiência do amor de Deus a que o cristão tem acesso por meio de Cristo no Espírito Santo.⁷⁰³

Existem vias através das quais o batizado se apropria do dom que Deus faz de si mesmo e de sua vida. Nesse sentido, é que se podem assinalar as seguintes dimensões integrantes da espiritualidade laical como uma vida teologal – em seu sentido vertical: o crescimento das virtudes teologais;⁷⁰⁴ o desenvolvimento das virtudes humanas; a vida de oração⁷⁰⁵ e a ascese; a vida sacramental e, em especial, a Eucaristia e a direção espiritual.

As virtudes teologais referem-se diretamente a Deus: dispõem os cristãos a viver em relação com a Santíssima Trindade e têm, em Deus uno e trino, sua origem, motivo e objeto.⁷⁰⁶ Deus faz do ser humano seu filho por pura benevolência com a inserção da vida de graça nas suas faculdades (capacidade, possibilidades de fazer algo) espirituais. A vida

⁷⁰⁰ THILS, Gustave. *Santidad cristiana*: compendio de teologia ascetica, p. 27.

⁷⁰¹ THILS, Gustave. *Santidad cristiana*: compendio de teologia ascetica, p. 30-34.

⁷⁰² BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 165.

⁷⁰³ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 30.

⁷⁰⁴ No primeiro capítulo, na parte das dimensões constitutivas da espiritualidade cristã, foi desenvolvido o tema das virtudes teologais como resposta do ser humano ao chamado de Deus (1.2.2). Por essa razão pela qual aqui será apenas complementado desde a perspectiva da espiritualidade laical.

⁷⁰⁵ Na vida de oração está incluída a leitura da Sagrada Escritura como meio para a vivência e aprofundamento da vida espiritual.

⁷⁰⁶ CEC, n. 1.812.

teologal é a expressão da vida divina no ser humano, e as virtudes teologais são formalmente *sobrenaturais e infusas*, assim como a graça santificante.⁷⁰⁷

Nesse sentido, fala-se de um dinamismo da vida espiritual, considerando a presença da vida divina na alma humana. Os atos humanos impulsionados pela graça que constituem essa vida, a manifestam e contribuem para o crescimento na existência cotidiana através de atos concretos de fé, esperança e caridade.⁷⁰⁸

As virtudes são atitudes fundamentais da existência cristã (cf. 1 Ts 1, 2-3; 1 Ts 5,8; Col 3-5).⁷⁰⁹ Por meio delas a alma tende a Deus com sua inteligência e vontade, colaborando com a ação santificadora do Espírito Santo: pela fé crê em Deus, no que Ele revelou que a Igreja propõe como objeto de fé; pela esperança deseja e espera de Deus a vida eterna e as graças para merecê-la e, pela caridade, ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.⁷¹⁰

A vida sobrenatural do cristão está relacionada à lei natural do progresso e do desenvolvimento. Deve sempre crescer e se aperfeiçoar. A fonte primária da vida de graça está nos sacramentos, principalmente na Eucaristia e no exercício e na prática das virtudes cristãs, pela fé, esperança e caridade, em meio às estruturas do mundo nas quais se encontra.⁷¹¹ O leigo é chamado a buscar a união com Deus, vivendo a originalidade do cristianismo no desenvolvimento das virtudes teologais, num estilo de vida sacramental.

Na existência cotidiana do fiel leigo, a vida de fé confere uma visão sobrenatural sobre a existência e abarca todas as decisões grandes ou pequenas, enfrentando a realidade desde outra perspectiva. Já o exercício da virtude da esperança teologal prolonga o ato de fé com o desejo de alcançar as realidades que se crê, ou seja, a vida eterna não com as próprias forças, mas com a misericórdia divina, o que não significa desprezo ou falta de compromisso com a construção da cidade terrena (cf. GS, n. 21), mas com o exercício da virtude da caridade amar os demais por Deus em concreto com a autenticidade com que Deus os ama.

Para os fiéis leigos significa, especialmente, amar os mais próximos. Em outras palavras, o casado amar seu cônjuge e seus filhos mesmo com seus defeitos, aceitar os distintos modos de ser e pensar do próximo, respeitar e promover seus direitos e perdoar as

⁷⁰⁷ THILS, Gustave. *Santidad cristiana*: compendio de teologia ascetica p. 182.

⁷⁰⁸ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 171.

⁷⁰⁹ Sobre a vida teologal e as virtudes teologais no dinamismo da vida espiritual recomenda-se o estudo de BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*: Curso de Teologia Espiritual, p. 225- 243.

⁷¹⁰ CEC, ns. 1.842 e 1.844 (Cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 170).

⁷¹¹ Remete-se ao estudo de Antonio Royo Marín sobre a vida teologal do cristão leigo, no exercício das virtudes teologais da fé, esperança e caridade (ROYO MARÍN, Antonio. *Teologia de la perfección cristiana*, p. 284-342).

ofensas.⁷¹² Dentre as virtudes teologais, a caridade tem primazia na vida cristã (cf. 1Cor 13,13; Rm 13,10; Cl 13,14).

Em toda virtude existe um aspecto que pode ser considerado adquirido e outro infuso. O aspecto *adquirido* depende, essencialmente, do interesse e da perseverança do sujeito, isto é, utilizar todos os meios ao seu alcance para crescer e melhorar. Por aspecto *infuso* entende-se como sendo aquilo que é dado por Deus na ordem estritamente sobrenatural, é dom gratuito. Essas indicações são válidas tanto para as virtudes teologais quanto para as virtudes humana.⁷¹³

Gustave Thils identifica o aspecto adquirido, na vivência das virtudes teologais, pela abertura interior à graça do Senhor, pela disponibilidade e acolhida do dom de Deus; pela preparação intelectual-emocional, para que não seja obstáculo à vinda de Cristo; por comportamentos e atos, para que não interrompam a vinda do Senhor.⁷¹⁴

O Catecismo da Igreja Católica ensina a estreita relação entre as virtudes teologais e as humanas:⁷¹⁵ as virtudes humanas se fundem nas virtudes teologais que, por sua vez, informam e vivificam todas as virtudes morais.⁷¹⁶ As teologais se referem diretamente a Deus, enquanto as humanas se referem às atividades que têm por objeto as realidades criadas e honestas (família, trabalho, deveres sociais, saúde, descanso...) que devem ser santificadas e ordenadas a Deus por meio da graça.⁷¹⁷ E a virtude da caridade se apoia nas virtudes humanas, para agir com respeito às coisas deste mundo e o “exercício de todas as virtudes é animado e inspirado pela caridade”.⁷¹⁸

As teologais são como a floração da vida divina nas faculdades espirituais (sobrenaturais) e, por isso, perder a graça santificante significa perder, também, as virtudes teologais vivas. Já as virtudes morais são *naturais* e adquiridas e, por essa razão, um homem privado da graça santificante pode ser justo, moderado, obediente, etc.⁷¹⁹ É possível ser virtuoso sem ser religioso.

⁷¹² Sobre o crescimento nas virtudes teologais, como dinamismo da vida espiritual cristã do fiel leigo, ver: BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 170-172.

⁷¹³ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teología ascética*, p. 181.

⁷¹⁴ THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teología ascética*, p. 183.

⁷¹⁵ Ainda que as virtudes humanas se dividam em intelectuais e morais, aqui se trata somente sobre as segundas, como o fez o Catecismo da Igreja Católica (CEC, ns. 1.804 e 1.813). Por isso, seguindo o Catecismo, de agora em diante se falará indistintamente de virtudes *humanas* e virtudes *morais*.

⁷¹⁶ CEC, n. 1.812 e 1.813.

⁷¹⁷ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 247.

⁷¹⁸ CEC, n. 1.827.

⁷¹⁹ THILS, Gustave, op. cit., p. 183.

As virtudes morais têm por objetivo a realização do ser humano e servir de base à atuação das virtudes teologais.⁷²⁰ As virtudes humanas são: prudência, justiça, fortaleza e temperança. São denominadas virtudes cardeais porque representam o eixo sobre o qual se desenvolvem todas as demais.⁷²¹

A virtude da humildade tem papel decisivo na vida espiritual do cristão, não é somente uma virtude moral e, muito menos, marginal – mas uma atitude psicológica fundada na relação ontológica que implica as seguintes consequências:

- 1) A consciência das próprias limitações, mas também da própria insignificância e imperfeição, da distância infinita entre o homem e Deus;⁷²²
- 2) A consciência da condição de pecador;
- 3) O sentimento de total dependência com relação a Deus;
- 4) O conhecimento de si mesmo: para chegar a ser humilde, é necessário o autoconhecimento, a condição de pecador os limites de sua natureza;
- 5) A imitação de Cristo: os santos tiveram humildade seguindo o exemplo de Jesus mediante a caridade no serviço desinteressado ao próximo;
- 6) A humildade como fundamento da vida espiritual: a humildade destrói o orgulho e a soberba. Pela humildade, o homem não se centra mais em si mesmo, mas em Deus, tornando-se receptivo à graça divina; e
- 7) A humildade deve se expressar em atitudes práticas que a façam crescer, como, por exemplo, na aceitação sincera da própria miséria, na aceitação paciente das humilhações como oportunidades de se identificar com Jesus Cristo e na independência ante o julgamento dos outros, pois, na prática, a pessoa humilde não busca reconhecimento nem desanima com as críticas.⁷²³

A humildade é, mais do que nunca, necessária ao fiel leigo, que, imerso em um mar de relações profissionais e sociais, dificilmente, escapa das comparações e da própria exaltação

⁷²⁰ RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia Espiritual*, p. 269.

⁷²¹ CEC, n. 1.805 e 1.809.

⁷²² Remete-se ao estudo de Joseph Tissot sobre o tema *El arte de aprovechar nuestras faltas segundo São Francisco de Sales*, na perspectiva de um convite para vivenciar um caminho de fé, esperança e amor em Deus que compreende a debilidade humana e se faz um com ela na pessoa de Jesus Cristo (TISSOT, Joseph. *El arte de aprovechar nuestras faltas segundo San Francisco de Sales*, passim.

⁷²³ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teologia Espiritual*, p. 276-279.

em prejuízo de Deus e dos demais; no entanto, para o leigo, o necessário prestígio profissional não impede a humildade e vice-versa; ambos os casos devem ser compatíveis.⁷²⁴

As diversas virtudes morais ou humanas colocam a totalidade das potencialidades de que o homem está dotado a serviço do amor, de modo que seja real e completamente um amor efetivo, capaz de incidir sobre a vida pessoal e sobre o conjunto dos acontecimentos. O dinamismo que une, entre si, as diversas virtudes se deve às teologais, valor de princípio e raiz na ordem do atuar concreto.⁷²⁵ O homem precisa “saber amar divinamente” como exorta o Cardeal Suenens:

A caridade é o amor de Deus que vem instalar-se no coração humano, que o dilata e lhe dá extensão e força desconhecidas. É Deus que vem amar em nós, que quer amar através de nós. Isso se torna então coisa emocionante, na medida em que lhe damos acolhimento.⁷²⁶

É possível concluir com A. Marchetti que a adoção divina, por parte de Deus, do ser humano, exige um modo de pensar e de obrar cada dia mais de acordo com a vontade de Deus, o que se obtém através do exercício intenso das virtudes teologais e morais, que fortalecem a vida divina na alma. As virtudes se infundem com a graça, mas amadurecem e crescem na vida do cristão com seu constante exercício.⁷²⁷

Os sacramentos são considerados a principal fonte para o aprimoramento da vida divina no ser humano,⁷²⁸ dimensão essencial da espiritualidade cristã também em sua modalidade laical. É uma espiritualidade sacramental, sobrenatural e, em sua estrutura e finalidade, deve ser alimentada por meios sobrenaturais, e os meios colocados à disposição por liberalidade de Deus são os sacramentos.⁷²⁹ É considerada uma espiritualidade sacramental, pois o contato do homem com Deus se realiza por meio dos sacramentos, com os sacramentos da iniciação cristã – o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia – Jesus introduz o fiel na vida divina.⁷³⁰

Os sacramentos são os canais através dos quais a vida de Deus se comunica com as almas, e deles depende o fluxo da fonte divina e o ritmo da vida sobrenatural.⁷³¹ Aqui se expõe a doutrina sobre a Eucaristia na vida do fiel leigo por seu papel tanto como sacrifício

⁷²⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 173.

⁷²⁵ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 398.

⁷²⁶ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *Vida cotidiana vida cristã*, p. 116.

⁷²⁷ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 262.

⁷²⁸ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 16.

⁷²⁹ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 25.

⁷³⁰ CEC, n. 1.275.

⁷³¹ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 25.

quanto como sacramento,⁷³² complementando o que já foi desenvolvido no segundo capítulo (2.4.3).⁷³³

O Sacramento da Eucaristia se configura como a plena união com Cristo, considerada a plenitude da vida de Cristo aqui na Terra que se faz presente na Eucaristia com seu próprio ser: com sua substância.⁷³⁴ É uma espiritualidade eucarística que “não é apenas participação na Missa e devoção ao Santíssimo Sacramento; mas abraça a vida inteira”.⁷³⁵ Sendo fonte e ápice da vida e missão da Igreja, “deve traduzir-se em espiritualidade, em vida ‘segundo o Espírito’”(Rm 8, 4s; cf. Gal 5, 16-25).⁷³⁶

A comunhão frequente, acompanhada das devidas disposições interiores, contribui eficazmente para o crescimento espiritual.⁷³⁷ Todo o sentido vertical da espiritualidade é uma experiência do amor de Deus, pois “a santidade sempre encontrou o seu centro no Sacramento da Eucaristia”.⁷³⁸ Como dizia o Beato Carlo Acutis, que mesmo jovem tinha a consciência clara e profunda da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia, “quanto mais recebemos a Eucaristia, mais nos tornamos parecidos com Jesus, e já nesta Terra anteciparemos o gosto do paraíso”.⁷³⁹

Antonio Royo Marín, ao desenvolver estudo sobre a Eucaristia na vida do leigo, o faz em relação às virtudes teologais: a) a Eucaristia, como Sacramento da Fé: exercita e aumenta a fé; b) a Eucaristia, como Sacramento da Esperança: Deus se faz força nas almas para que cheguem à vida eterna; c) a Eucaristia, como Sacramento do Amor: tem origem e essência no amor, pois Jesus Cristo está presente real, verdadeira e substancialmente na Eucaristia.⁷⁴⁰

Para o leigo que tem como próprio de sua espiritualidade a relação com o mundo, urge que viva os sacramentos não como um mero ritual ou prática religiosa, mas que cresça, a cada dia, no conhecimento e na vivência das linhas fundamentais da vida sacramental, para despertar novo impulso e fervor eucarísticos.

Nessa perspectiva, aduz Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia para leigos no cotidiano:

⁷³² ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 161-283.

⁷³³ Remete-se ao estudo de MARÍN, A. Royo. *Espiritualidad de los seglares*, sobre a vida sacramental do fiel leigo, p. 161-283.

⁷³⁴ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 169-172.

⁷³⁵ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 77.

⁷³⁶ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 77.

⁷³⁷ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 26.

⁷³⁸ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 94.

⁷³⁹ Carlo Acutis faleceu com apenas 15 anos de idade e foi beatificado em 10 de outubro de 2020. Cf. FIGUEIREDO, Ricardo. *Non eu, mas Deus*. Biografia espiritual de Carlo Acutis, p. 61.

⁷⁴⁰ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 185-210.

Se o sacrifício eucarístico alimenta e faz crescer em nós tudo o que já nos foi dado no Batismo, pelo qual todos somos chamados à santidade (218), então isso deve transparecer e manifestar-se precisamente nas situações ou estados de vida em que cada cristão se encontra; tornamo-nos dia após dia culto agradável a Deus, vivendo a própria vida como vocação. O próprio sacramento da Eucaristia, a partir da convocação litúrgica, compromete-nos na realidade quotidiana a fim de que tudo seja feito para glória de Deus. E, dado que o mundo é o “campo” (Mt 13, 38) onde Deus coloca os seus filhos como boa semente, os cristãos leigos, em virtude do Batismo e da Confirmação e corroborados pela Eucaristia, são chamados a viver a novidade radical trazida por Cristo precisamente no meio das condições normais da vida; (219) devem cultivar o desejo de ver a Eucaristia influir cada vez mais profundamente na sua existência quotidiana, levando-os a serem testemunhas reconhecidas como tais no próprio ambiente de trabalho e na sociedade inteira (220). Dirijo um particular encorajamento às famílias a haurirem inspiração e força deste sacramento: o amor entre o homem e a mulher, o acolhimento da vida, a missão educadora aparecem como âmbitos privilegiados onde a Eucaristia pode mostrar a sua capacidade de transformar e encher de significado a existência (221). Os pastores nunca deixem de apoiar, educar e encorajar os fiéis leigos a viverem plenamente a própria vocação à santidade no meio deste mundo que Deus amou até ao ponto de dar o Filho para sua salvação (Jo 3, 16).⁷⁴¹

O contato do homem com Deus se realiza por meio dos sacramentos, mas se radica na alma e se faz operante com a oração.⁷⁴² Com razão, aduz Jacques Philippe que Deus confere a graça santificante principalmente através dos sacramentos, que a missa é mais importante que a oração, entretanto “sem uma vida de oração, os próprios sacramentos terão uma eficácia limitada” porque “falta a ‘boa terra’ para recebê-los”.⁷⁴³

É tão grande a importância da oração que muitos autores espirituais colocaram o crescimento da vida espiritual em paralelo com o desenvolvimento da vida de oração.⁷⁴⁴ É considerada como meio indispensável para o cristão crescer na união vital com Deus e expressão eminente do exercício das virtudes teologais.⁷⁴⁵ A quarta parte do Catecismo da Igreja Católica é dedicada ao tema, ensinando que “a oração é a vida do coração novo e deve nos animar a cada momento”.⁷⁴⁶ A realidade do amor divino impulsiona os cristãos a fomentar “uma relação viva e pessoal com o Deus vivo e verdadeiro. Essa relação é a oração”.⁷⁴⁷

Para Santa Teresa de Ávila, a vida de oração consiste em “falar de amizade, permanecendo, muitas vezes, a sós com quem sabemos que nos ama”.⁷⁴⁸ Na vida de oração – compreendida por Teresa através da chave da amizade que é estar em comunhão com Deus,

⁷⁴¹ BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 2.

⁷⁴² MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 28.

⁷⁴³ PHILIPPE, Jacques. *Tempo para Deus*: guia para a vida de oração, n. 20.

⁷⁴⁴ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*: Curso de Teologia Espiritual, p. 301.

⁷⁴⁵ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*: Curso de Teologia Espiritual, p. 301.

⁷⁴⁶ CEC, n. 2.697.

⁷⁴⁷ CEC, n. 2.558.

⁷⁴⁸ TERESA DE JESUS. *Livro da vida*, 8,5.

compartilhar, receber e dar – devem acontecer três formas de encontro: 1) o encontro *pessoal*, que é estar ou querer estar em tão boa companhia como a de Deus; 2) o encontro *transformante*, aquele onde ocorre a transformação do homem que é o critério da oração: a melhor oração é aquela que faz o homem melhor e, finalmente; e 3) o encontro *dinâmico*, no qual a oração é a vida em movimento caracterizada por um progressivo protagonismo de Deus.⁷⁴⁹

Na oração, como encontro dinâmico, se deve unir a oração às obras e as obras à oração, transformando as tarefas em conversação com Deus. Assim, para o fiel leigo, o trabalho, o descanso, e as relações familiares e sociais se convertem em palavras de diálogo com Deus, quando as obras do ser humano buscam imitar o obrar divino ao serem realizadas com inteligência e amor, com perfeição humana e caridade, convertendo-se em oração, em diálogo com Deus que guia toda a conduta.⁷⁵⁰ Somente assim, os leigos poderão ser “contemplativos em meio ao mundo”, como dizia Josemaría Escrivá – promotor e divulgador de uma autêntica espiritualidade laical – que encontrava, nas atividades da vida ordinária e através delas, o modo específico secular de viver a oração contemplativa.⁷⁵¹

A vida de oração está composta por uma dupla realidade: de um lado, a presença objetiva, real, de Deus na totalidade do criado e em cada um dos acontecimentos que integram a vida e fazem parte da salvação; de outro, a percepção dessa realidade por parte do cristão, reconhecendo a presença de um Deus, Pai, Filho e Espírito, que envolve, com sua verdade e seu amor, convidando-nos a participar de sua intimidade.⁷⁵² A partir dessa percepção, fruto do desenvolvimento da fé, da esperança e do amor, é que a oração desempenha um papel importante no desenvolvimento da vida espiritual de todo cristão, e isso implica uma ascese.

A palavra ascese tem origem no grego e significa preparar-se ou exercitar-se para alcançar um objetivo. No sentido religioso, a ascese pode ser entendida como a soma de todos os esforços necessários para alcançar a perfeição cristã, é uma resposta do ser humano a Deus⁷⁵³. A oração e a ascese⁷⁵⁴ desempenham um papel importante no desenvolvimento da vida espiritual, ainda que a segunda ocupe um lugar inferior em relação à primeira⁷⁵⁵.

⁷⁴⁹ GARCIA, Maximiliano Herraiz. *Oração, história de amizade*, p. 55-64.

⁷⁵⁰ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 175.

⁷⁵¹ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones com monsenõr Escrivá de Balaguer*, n. 114 e 116.

⁷⁵² ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 427.

⁷⁵³ WEISMAYER, Josef. *Vida Cristiana en Plenitud*, p. 191

⁷⁵⁴ Sobre a ascese enquanto tal ver BOYER, L. 153-171; WEISMAYER, Josef. *Vida Cristiana em Plenitud*, p. 305-322; ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 485-527; BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teologia espiritual*, p. 282-299.

⁷⁵⁵ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 485.

Na época moderna, o termo *ascética* se aplica à totalidade da vida cristã para conotar a dimensão do esforço que leva consigo o progresso da vida espiritual, ou seja, o combate espiritual, ou a luta interior, desde aí se emprega também a expressão “luta ascética”⁷⁵⁶.

O crescimento das virtudes implica luta ascética, como nas palavras de São Paulo: “Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a minha razão e que me acorrenta à lei o pecado que existe em meus membros” (Rm 7, 18-23). O desejo de melhora e de maior união com Deus é freado por tendências desordenadas fruto do pecado original.

A ascese é uma luta interior que afronta os próprios defeitos, inclui a mortificação do amor próprio desordenado e requer esforço para manter viva a consciência da proximidade de Deus.⁷⁵⁷ A vida ascética tem uma dimensão não só objetiva para a construção do mundo, mas também subjetiva no sentido do chamado à santidade com os desafios da carne e do mundo. Quanto à vocação, a plenitude da vida cristã, para sermos cada vez melhores para Deus e para os demais – cita-se a frase do jovem beato italiano Carlo Acutis: “Todos nascem como originais, mas muitos morrem como fotocópias”.⁷⁵⁸

Karl Rahner observa que, no passado, a ascética ativa tinha um caráter adicional ou extraordinário, mas, na atualidade, está relacionada mais com a liberdade responsável ante o dever. Fala de uma ascética de consumo, em que o ser humano decide livremente, em face do atrativo de uma sociedade ávida de consumo que cria e sugere, continuamente, novas necessidades, pois somente quem está aberto ao absoluto futuro de Deus será capaz de superar o apetite sem limites de encher a vida com o maior gozo possível.⁷⁵⁹

A vida do homem, neste mundo, implica uma tarefa e um compromisso que não podem ser levados adiante sem uma luta ascética que represente a resposta do homem, que deverá ter em conta todos os âmbitos da espiritualidade (cf. 1Cor 9, 24-27). O conhecimento das tarefas que nos esperam e que nos fazem responsáveis perante Deus e o mundo, somente

⁷⁵⁶ No Novo Testamento o verbo *askeô* do qual deriva a palavra ascese é usado apenas uma vez por São Paulo, em sentido amplo, que se pode traduzir como ‘esforçar-se’ ou ‘empenhar-se’. Mas já se sabe que o apóstolo usa outros vocábulos para falar da ascese como uma espécie de prática atlética do espírito, como uma competição esportiva e também como um combate (BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología espiritual*, p. 339-340).

⁷⁵⁷ Para manter a consciência acerca da proximidade de Deus ratifica a importância de, diariamente, ter momentos para buscar e experimentar a união com Deus como a Celebração Eucarística, a leitura da Sagrada Escritura, momentos de oração para dialogar com o Senhor, para exame de consciência e dar graças e pedir perdão pelos pecados e faltas cometidas e formular o propósito para o dia seguinte. Isso tudo é compatível com atividades laborais e com atenção à família: a experiência mostra que os mais ocupados são os que encontram tempo para tudo (cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 174).

⁷⁵⁸ FIGUEIREDO, Ricardo. *Não eu, mas Deus: biografia espiritual de Carlo Acutis*, p. 12.

⁷⁵⁹ RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teología*, t. 7, p. 31-32.

serão possíveis quando se enfrenta o cansaço do trabalho, da investigação, do estudo, do compromisso e da luta interior.⁷⁶⁰ A ascese diz respeito à ação, ao compromisso e ao esforço, mas também à condição humana pelo sofrimento e pela paciência e, por essa razão, a luta ascética integra, igualmente, a dimensão horizontal da espiritualidade laical.

A vida terrena – tempo entre o nascimento e a morte – é tempo concedido ao ser humano para crescer na intimidade com Deus e no amor, mas também é tempo de progredir na integração da afetividade e das paixões no contexto de uma personalidade que, orientada ao amor e ao serviço, aspire, com a ajuda da graça, ao equilíbrio interior.⁷⁶¹

A direção espiritual, ou acompanhamento espiritual, é a abertura do próprio coração a outra pessoa para encontrar orientação e ajuda na busca do ideal cristão e, assim, cada vocação requer normas ascéticas e de piedade que resultam oportunas.⁷⁶² A importância da direção espiritual está em discernir o caminho que cada pessoa é chamada a percorrer.

Não se limita ao conselho do sacerdote o âmbito da confissão individual, mas é diálogo que conduz a uma reflexão sobre a vida espiritual que sirva de ajuda no caminho do *outro*.⁷⁶³ Segundo Santo Inácio de Loyola, o acompanhante dos exercícios e também o diretor espiritual têm a tarefa de facilitar a comunicação com Deus, ajudando a eliminar as interferências e agindo como uma antena de reforço para a recepção direta.⁷⁶⁴

O diretor espiritual desempenha uma missão de serviço: sua tarefa consiste em colocar seu dirigido frente a frente com o verdadeiro Mestre: Jesus Cristo.⁷⁶⁵ A direção espiritual é obra do Espírito Santo e se depara com alguns desafios como a falta de sacerdotes e leigos formados para tal missão, o desconhecimento por parte dos leigos sobre o sentido do acompanhamento espiritual, chegando, por vezes, a confundir com acompanhamento psicológico.

Ainda sobre o sentido vertical da espiritualidade laical (vida teologal), importante é ressaltar que se observa certa tendência de proceder à separação dos aspectos na vida teologal e ao cumprimento da vocação temporal. No entanto, todas as divisões recolhem aspectos parciais de uma só e idêntica realidade que deve ser vivida simultânea e conjuntamente, ou

⁷⁶⁰ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 192.

⁷⁶¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 505.

⁷⁶² ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 418.

⁷⁶³ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 85.

⁷⁶⁴ Assevera J. Weimayer que a direção espiritual não pode ser absolutizada, posto que muitos alcançaram a santidade sem um “mestre” espiritual, como, por exemplo, Francisco de Assis, Ignácio de Loyola, Teresa de Lisieux, Madre Teresa... (cf. WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 86).

⁷⁶⁵ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 87.

seja, a vida cristã. É necessário que exista uma “vitalidade teologal” inerente a toda santidade e, conseqüentemente, a toda espiritualidade cristã.⁷⁶⁶

Parafraseando Josemaría Escrivá, é preciso aprender a materializar a vida espiritual.⁷⁶⁷ Com isso, queria afastar os leigos da tentação, tão frequente, de levar uma vida dupla: a vida interior da relação com Deus de um lado; e, de outro, distinta e separada, a vida familiar, a profissional e a social, cheia de pequenas realidades terrenas.⁷⁶⁸

3.5.2 A experiência de Deus no mundo: o sentido horizontal

A genuína espiritualidade cristã requer tradução na situação humana e do mundo e tem a caridade como caminho e como núcleo da espiritualidade (cf. GS, n. 38). É uma vida teologal que alimenta e conduz o cumprimento perfeito da vocação temporal.⁷⁶⁹ A união com Deus deve ser traduzida na realidade da vida e, por isso, são igualmente consideradas as dimensões da vida espiritual (sentido horizontal) – a vida com os demais, a vida vivida na comunidade eclesial, a vida vivida no cumprimento dos compromissos seculares – experimentam um elevado grau de integração.⁷⁷⁰

O fundamento da unidade entre as dimensões vertical e horizontal está na caridade que é a participação no amor com que Deus ama o ser humano e o introduz em sua intimidade; por isso, amar a Deus é amar o que Deus ama – que dá origem à lógica necessária que amar a Deus é amar o próximo – e se manifesta com obras concretas na qualidade do amor a Deus.⁷⁷¹

A existência cristã está dirigida ao mundo – como a Igreja e como Jesus Cristo – e, na sua base, se encontra o desígnio eterno de Deus Pai. A partir da mensagem do Concílio Vaticano II sobre a dimensão horizontal da espiritualidade como encontro com Deus no mundo (cf. AA, ns. 4 e 5), emergem as seguintes diretrizes essenciais para a espiritualidade laical:

⁷⁶⁶ THILS, Gustave. *Santidad cristiana*: compendio de teologia ascetica, p. 31-34.

⁷⁶⁷ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monsenor Escrivá de Balaguer*, n. 114 e 116.

⁷⁶⁸ SESÉ, Javier. *Historia de la espiritualidad*, p. 294.

⁷⁶⁹ Para Antonio Royo Marín a espiritualidade laical abarca a vida familiar e a social o que aqui representaria a dimensão horizontal da espiritualidade. Na vida familiar, desenvolve a questão da família, do amor conjugal, da dignidade e grandeza da família cristã, a relação entre família, sociedade humana e Igreja e os inimigos da família. Na vida social, trata do exercício da profissão, da consagração ao mundo e ao apostolado no próprio ambiente do leigo (ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 343-842).

⁷⁷⁰ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 79.

⁷⁷¹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 172.

- 1) A vida espiritual é toda a vida do cristão leigo; a relação com Deus, com os demais, consigo mesmo e com o mundo. O ponto de união entre todos estes aspectos é o amor que engloba a pessoa em sua totalidade.
- 2) A vida espiritual deve transformar toda a realidade que rodeia a vida do leigo; o amor cristão necessita de obras, de compromisso pessoal com o mundo, mas sem perder sua identidade cristã.
- 3) A santidade e a missão dependem da situação de cada cristão na Igreja e no mundo, a perfeição da caridade deve realizar-se na vida ordinária de cada dia.⁷⁷²

O sentido horizontal da espiritualidade abarca, assim, toda a vida do fiel leigo, e sua vida material deve ser a expressão de sua vida interior: um bem não só para o ser humano, chamado a evoluir e a ter uma vida plena, mas para a sociedade.⁷⁷³ A vocação cristã tem como missão transformar o mundo e levá-lo para Deus. Toda a santidade é, necessariamente, apostólica, e o apostolado santifica.⁷⁷⁴ Como dizia Josemaría Escrivá, “é preciso materializar a vida espiritual”⁷⁷⁵ e, aqui, se poderia acrescentar que é preciso também “espiritualizar a vida material”, exortando o leigo a buscar e encontrar a imagem de Deus no mundo, sua vontade e seu amor.

A condição complexa que o leigo é chamado a viver o convida a tornar-se um verdadeiro cristão místico como aduz Maria Clara Bingemer:

Muito mais do que alguém que só fala de Deus. Trata-se de alguém que, sem precisar de muitas palavras, transparece Deus em sua vida, através de seus gestos e ações, dentro de sua realidade. Vai muito além de puros sentimentos. Deixa-se envolver por completo pela vontade de Deus, que nada mais é do que a realização plena do Amor, um amor num sentido muito mais amplo do que aquele que atualmente conhecemos.⁷⁷⁶

3.6 O SENTIDO DO SOFRIMENTO E DA MORTE

Vida cristã é vida divina e humana, vida de comunhão com Deus, mas por ser uma vida humana não prescinde a questão do sofrimento e da morte, realidade intrínseca a toda

⁷⁷² MARTI, Pablo. *La espiritualidade cristiana en el Concilio Vaticano II*, p. 422-423.

⁷⁷³ Sobre a dimensão social e comunitária da espiritualidade cristã veja-se KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado: o humanismo do Vaticano II*, p. 173-176.

⁷⁷⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 174.

⁷⁷⁵ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monsenor Escrivá de Balaguer*, n. 114 e 116.

⁷⁷⁶ BINGEMER, Maria Clara. *O Mistério e o mundo*, p. 27.

condição humana: “Ninguém escapa do sofrimento. A dor acompanha, passo a passo, do berço ao túmulo, como a sombra segue o próprio corpo, no caminho”.⁷⁷⁷ Aí se encontra a relevância em esclarecer a sentido da cruz e o amor à cruz como característica da espiritualidade cristã em sua modalidade laical pelo sentido transversal que ocupa na condição humana da vida cristã.

A perspectiva de que a dor experimentada pelo homem deve ser vista em conexão com o pecado tem origem na Sagrada Escritura. Escreve São Paulo que “por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte” (Rm 5,12). O pecado trouxe consigo a ruptura no interior do espírito humano, a dificuldade e o cansaço no trabalho (cf. Gn 3, 18-19), os enfrentamentos entre os homens (cf. Gn 3, 18-19), o drama da morte, a aflição e o sofrimento. A história humana está marcada pelo sofrimento e pela dor que são considerados como um constante desafio para a inteligência e a vida humana.

O ser humano diante da batalha, que é luta árdua contra o poder das trevas que perpassa a história universal da humanidade (cf. GS, n. 2), deve, sempre, esforçar-se para aderir ao bem, pois não é capaz de “alcançar a unidade interior senão com o auxílio de grandes labutas e o auxílio da graça de Deus (cf. GS, 37)”.⁷⁷⁸

Não é apenas evitar o mal, mas “vencer o mal com o bem” (cf. Rm, 12, 21). A vida espiritual é dom e tarefa, o começar e recomeçar na luta de cada dia, é assumir e levar a cruz, é “perder a vida para salvá-la” (cf. Lc 9, 24). Para Vicente Bosch é mortificar os caprichos, o gosto e a comodidade, é aceitar as contrariedades sem exagerar e sem complexo de vítima, é obedecer fazendo própria a vontade do *outro*, acolher com sorriso o inoportuno, cumprir o próprio dever quando custa e não se tem vontade, dedicar ao próximo um tempo de que não se dispõe.⁷⁷⁹

A fé cristã oferece uma resposta concreta e existencial ao mistério do sofrimento: a realidade de Jesus Cristo pregado na cruz por amor aos homens, superando o desamor e a desordem que têm origem no pecado, assumindo as consequências do pecado, da dor e da morte, e Cristo vence o pecado (cf. 1 Cl 15, 54-55). Essas realidades não desaparecem, mas já não significam a perspectiva última e determinante da existência cristã.⁷⁸⁰ Em Cristo e por Cristo, se abre um novo horizonte de amor e, ao participar do amor divino, é possível tirar do

⁷⁷⁷ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *Vida cotidiana vida cristã*, p. 150.

⁷⁷⁸ KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado: o humanismo do Vaticano II*, p. 192.

⁷⁷⁹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 1.145.

⁷⁸⁰ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 524.

mal, da dor e da morte a bondade, o sentido e a vida: o cristão é chamado não só a olhar para o Cristo, mas, inseparavelmente, identificar-se com Ele e participar de sua missão.⁷⁸¹

Revela-se a posição transversal da cruz em todas as dimensões do existir cristão tanto no sentido horizontal (vida teologal de união com Deus) quanto no vertical (vocação temporal). A existência humana com suas vicissitudes possibilita ao leigo viver sua cruz como verdadeiro lugar de encontro com Cristo: “se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34).

O significado da cruz na condição laical dá-se, tanto no aspecto do desprendimento de si mesmo e dos bens materiais, quanto no aspecto do *sim* ao compromisso com o temporal. O sofrimento e a dor, quando assumidos e vividos unidos a Cristo e à sua missão redentora, adquirem novo sentido que consiste na “grande revolução cristã: converter a dor em sofrimento fecundo; fazer de um mal, um bem. Despojamos o diabo dessa arma e, com ela, conquistamos a eternidade”.⁷⁸² Nisso consiste a revolução cristã do amor.

É possível afirmar, em torno à condição da cruz na vida cristã: a) o que tem valor não é o sofrimento ou a dor em si, mas o amor que os informa, pois Cristo assumiu o padecimento e a morte em obediência ao Pai por amor e para amar; e b) o cristão, diante da dor, deve adotar uma atitude não de mera resignação, mas de fé e de entrega e, em algumas ocasiões, pode buscar a dor – mortificação.⁷⁸³

No ano de 1985, retomando os ensinamentos conciliares, o Sínodo dos Bispos exortava pôr em prática “a teologia da cruz e o mistério pascal na pregação, nos sacramentos e na vida da Igreja do nosso tempo”.⁷⁸⁴ Atuais são essas palavras nos dias de hoje em que o ser secular⁷⁸⁵ é um ser não reflexivo que busca o prazer em tudo e evita todo e qualquer sofrimento. As vicissitudes da vida integram a condição humana, mas para o cristão adquirem sentido com a obra da Criação no Mistério da Redenção, unindo-se à cruz de Cristo a partir da profunda ótica cristã para a compreensão do sofrimento.

⁷⁸¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 525.

⁷⁸² ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Sulco*, n. 887.

⁷⁸³ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 526-527.

⁷⁸⁴ SÍNODO DOS BISPOS. *Vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo 20 anos depois do concílio vaticano II*, p. 55.

⁷⁸⁵ A expressão *ser secular* tem relação com a *era secular* que é desenvolvida pelo filósofo Charles Taylor em obra que descreve a passagem de uma sociedade em que praticamente todos acreditavam em Deus para a nossa sociedade na qual até mesmo o crente representa apenas uma possibilidade humana dentre outras (cf. TAYLOR, Charles. *Uma era secular*, p. 593).

3.7 A UNIDADE DE VIDA

A expressão *unidade de vida* é considerada um conceito-chave para a transmissão de toda a espiritualidade cristã e, em particular, para a estruturação da espiritualidade laical.⁷⁸⁶ Não poderia ser de outra maneira, visto que o Mistério da Igreja é comunhão com Deus e entre os homens, é uma “comum união”.

Para Illanes, em termos antropológicos, falar em unidade de vida equivale a falar de uma vida efetivamente orientada a uma meta sem divisões.⁷⁸⁷ Não é apenas unidade externa, de intenções, sentimentos ou atividades, mas uma unidade na pessoa de cada cristão leigo de sua inteligência, vontade e seus afetos, entre sua interioridade e seus atos, de modo que vivifiquem todas as esferas de sua existência.⁷⁸⁸ As dimensões – ativa e contemplativa (sentido vertical e horizontal) – de toda a vida cristã se sintetizam e harmonizam na unidade de vida e, por isso, representa um conceito-chave para uma espiritualidade plenamente secular própria dos leigos.⁷⁸⁹

A unidade de vida é mais do que expressar a coerência entre fé e obras; é uma verdadeira unificação interna entre o entendimento e a vontade com testemunho no mundo e na sociedade, pois todos esses aspectos estão dirigidos a Deus e abertos à graça. Como bem expressa Royo Marín, uma coisa é ter fé⁷⁹⁰ e outra distinta é “viver de fé”, ou seja, tratar de ajustar toda a vida e todas as atividades à luz da fé, para, tão somente assim, poder se cumprir a expressão, tantas vezes repetida, na Sagrada Escritura, que “o justo viverá da fé” (Rm 1,17; Gl 3,11; Hb 10,38).

João XXIII foi o primeiro a se referir a essa noção para transmitir a ideia de que as atividades temporais de um cristão devem estar sempre iluminadas pela fé e vivificadas pela caridade.⁷⁹¹ O conceito *unidade de vida* aparece explicitamente pela primeira vez, no n. 14 do Decreto *Plesbyterorum Ordinis* do Concílio Vaticano II.⁷⁹²

⁷⁸⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 180.

⁷⁸⁷ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 545.

⁷⁸⁸ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 188.

⁷⁸⁹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 187.

⁷⁹⁰ Para o teólogo Royo Marín o fato de ter fé já consiste num grande dom de Deus e significa aceitar as verdades reveladas por Deus e propostas pelo Magistério da Igreja, distinto de *viver de fé* que representa uma repercussão distinta na vida do cristão (cf. ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 286).

⁷⁹¹ O conceito se encontra na Encíclica *Pacem in Terris* (11.04.1963) que exorta os leigos a recomponem a unidade entre fé e ação temporal: “Por outro lado, na criação dessas instituições, contribuam não pouco e continuam a contribuir pessoas que têm o nome de cristãos, que, pelo menos em parte, ajustam a sua vida às normas evangélicas. Como se explica tal fenômeno? Cremos que a explicação está na ruptura entre a fé e a atividade temporal. É, portanto, necessário que se restaure neles a unidade interior, e que, em sua atividade humana, domine a luz orientadora da fé e a força vivificante do amor” (JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Pacem in*

Apesar de ter sido dirigido aos presbíteros, a noção sobre unidade de vida se repete em outros documentos conciliares, por exemplo:

- 1) “[...] os leigos tornam-se valiosos pregoeiros da fé nas coisas a serem esperadas (cf. Hb 11,1), quando intrepidamente com a vida da fé conjugam a profissão da fé” (LG, n. 35);
- 2) “Este divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana de muitos deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo. [...] Portanto não se crie oposição artificial entre as atividades profissionais e sociais de uma parte, e, de outra, a vida religiosa” [...] unindo os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos, em síntese vital com os valores religiosos, sob cuja soberana direção todas as coisas são coordenadas para a glória de Deus” (GS, n. 43);
- 3) “Esta vida íntima de união com Cristo na Igreja alimenta-se por meios espirituais, comuns a todos os fiéis, principalmente pela participação ativa na Sagrada Liturgia. Devem ser de tal sorte utilizados pelos leigos, que estes, enquanto cumprem corretamente as funções mesmas do mundo nas condições ordinárias da vida, não separem a união com Cristo de sua vida, mas cresçam nela enquanto realizam o próprio trabalho segundo a vontade de Deus.” (AA, n. 4); e, ainda, fazendo referência às associações de apostolado laical ao afirmar que “[...] merecem consideração especial os que cultivam e põem em relevo a unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a fé dos mesmos” (AA, n. 19); e
- 4) e que a coerência entre fé e vida de fé, crença religiosa e ação no mundo constituem um valioso testemunho apostólico: “O principal dever dos homens e das mulheres é dar testemunho de Cristo pelo exemplo e pela palavra, na família, no seu ambiente social e no âmbito da profissão. Importa que neles transpareça o novo homem, criado segundo Deus na justiça e na santidade da

Terris, n. 151) (cf. BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 181-182).

⁷⁹² O decreto dá um passo a mais na reflexão de cunho teológico, manifestando que a unidade de vida não vem de fora do sujeito, mas do seu interior. É uma atitude do coração que faz possível a unidade de vida do presbítero: a caridade pastoral. Apesar de o decreto ter sido formulado com referência ao sacerdote, a doutrina exposta no mesmo tem alcance universal (Cf. ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 548).

verdade. Devem manifestar essa vida nova no âmbito da sociedade e da cultura [...]” (AD, n. 21).⁷⁹³

A unidade de vida não se limita a expressar a necessária coerência entre fé e obras, mas uma verdadeira unificação interna: unir a existência concreta com as perspectivas que apresenta a fé cristã, viver cada acontecimento e cada instante como ocasião para um encontro com Deus.⁷⁹⁴ Com o Sínodo de 1987 e a *Christifideles Laici*, observa-se a consolidação do uso da expressão unidade de vida no Magistério em continuidade com a doutrina conciliar, demonstrando sua importância no contexto da vida espiritual e secular dos fiéis leigos:

A unidade de vida dos fiéis leigos é de enorme importância, pois eles têm que se santificar na normal vida profissional e social. Assim, para que possam responder a sua vocação, os fiéis leigos devem olhar para as atividades da vida quotidiana como uma ocasião de união com Deus e de cumprimento da sua vontade, e também como serviço aos demais homens, levando-os à comunhão com Deus em Cristo (ChL, n. 17).

O conceito da unidade de vida está no fato de que os fiéis leigos devem santificar-se na sua vida ordinária, ou seja, a unidade de vida é considerada como *conditio sine qua non* para alcançar a santidade no meio do mundo em continuo desafio de união com Deus na obediência de sua vontade dando testemunho da fé cristã como resposta aos problemas da vida⁷⁹⁵ conforme *Christifideles Laici*:

Será isso possível se os fiéis leigos souberem ultrapassar em si mesmos a ruptura entre o Evangelho e a vida, refazendo na sua quotidiana atividade em família, no trabalho e na sociedade, a unidade de uma vida que no Evangelho encontra inspiração e força para se realizar em plenitude (ChL, n. 17)

João Paulo II neste documento salienta:

Não pode haver na sua existência duas vidas paralelas; por um lado, a chamada “espiritual”, com os seus valores e exigências; e, por outro, a chamada vida “secular”, ou seja, a vida da família, do trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. A vida, incorporada na vida que é Cristo, dá os seus frutos

⁷⁹³ No último século, se verificou crescente descristianização da sociedade. Diante desse fenômeno, se encontra a ChL que determina sua perspectiva e forma de se expressar. O Concílio Vaticano II havia assentado fundamentos sólidos para afrontar essa situação. E agora o Sínodo dos leigos propunha que a esplêndida reflexão do Concílio sobre os leigos se convertesse em autêntica *práxis* eclesial. Se fazia necessária uma maior tomada de consciência do dom e da responsabilidade dos fiéis leigos, tendo em vista a situação do mundo: o crescimento do secularismo e a paradoxal persistência pela busca religiosa, os ataques à pessoa humana e, ao mesmo tempo, a exaltação de sua dignidade, o aumento da conflitividade e, por outro lado, a aspiração pela paz (cf. PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 91).

⁷⁹⁴ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 547.

⁷⁹⁵ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 184-185.

em todos os ramos da atividade e da existência. [...] Toda atividade, toda situação, todo empenho concreto – como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação na família e na educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade na esfera na cultura – são ocasiões providenciais de um ‘contínuo exercício da fé, da esperança e da caridade (ChL, n. 59).

Ao contrário da separação, o texto aponta para uma unidade do ser que representa uma síntese vital e que comporta todas as atividades e energias do corpo e do espírito e abarca todos os campos da vida humana (familiar, de trabalho, social, cultural, político e econômico). A linguagem do texto reflete uma profunda compreensão da secularidade cristã e do modo como os leigos a vivem.⁷⁹⁶ Os leigos não são cristãos só de domingo, já que a vida cristã não se manifesta só nos momentos de oração ou de participação da Santa missa: a espiritualidade laical é uma espiritualidade de todas as horas e de todos os dias.⁷⁹⁷

Os principais fundamentos teológicos do conceito de unidade de vida são: a fundamentação cristológica; a unidade entre o ser e a ação do Espírito Santo; e a primazia da caridade como princípio dinâmico da unidade de vida. Esses devem servir de base e guia para se alcançar a unidade de vida, unindo a Teologia e a espiritualidade: “Aprende-se para viver: teologia e santidade são um binômio inseparável.”⁷⁹⁸

A fundamentação cristológica está na união com Cristo (cf. ChL, n. 59), o cristão é chamado a ser um só com Ele.⁷⁹⁹ Jesus Cristo não é só o modelo de vida do cristão, mas também de unidade divino-humana, pois, com a união hipostática de Cristo, Ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. E, assim, constitui o exemplo de união da vida cristã.⁸⁰⁰ A vida de Jesus Cristo, de sua concepção até a morte na cruz, o crescimento como homem, a união com o Pai e o cumprimento da missão recebida, fundiram-se em perfeita unidade, e algo parecido deve acontecer na vida de todo cristão.⁸⁰¹

Outro fundamento teológico diz respeito à unidade do ser e da ação do Espírito Santo, e o fiel leigo é, ao mesmo tempo, “membro da Igreja e cidadão da sociedade humana” (ChL, n. 59) não devendo haver dualismo ou dicotomia, pois a unidade do ser e da ação do Espírito Santo se expressa na unidade do seu próprio ser (cf. ChL, n. 60). Dito de outro modo, o ser

⁷⁹⁶ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 89.

⁷⁹⁷ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 186.

⁷⁹⁸ FRANCISCO. Carta do Papa Francisco por ocasião do Centenário da Faculdade de Teologia da Pontificia Universidade Católica da Argentina, passim.

⁷⁹⁹ CCE, n. 521.

⁸⁰⁰ São Josemaría Escrivá, considerado como um autêntico pioneiro da unidade de vida cristã, já desde os anos 20 (cf. na Congregação Causa dos Santos 9.4.1990, p. 1.451), dizia que a unidade de vida ao seu alcance supera a simples coerência entre fé e obras: o leigo é chamado à exigência da identificação com Cristo – pois “é preciso unirmo-nos a Ele pela fé, deixando que sua vida se manifeste em nós, de maneira a podermos dizer que cada cristão já não é *alter Christus* (outro Cristo), mas *ipse Christus*, o (próprio Cristo!) (ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *É Cristo que passa: homilias*, p. 170-171).

⁸⁰¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 544.

cristão não é alheio ao ser humano; ao contrário, o ser cristão assume e aperfeiçoa o ser humano. É verdade que a santidade se edifica sobre a realidade criada e não à margem dela.⁸⁰² Os filhos de Deus têm só uma vida: a humana – corporal e espiritual – elevada pela graça sobrenatural.⁸⁰³

A necessária unidade de vida também deve abarcar a vida e a ação do leigo tanto na Igreja quanto no mundo, evitando que essa dupla demanda implique dualismo de âmbitos de vida, conforme exposto no capítulo anterior. O fiel leigo deve participar da vida da Igreja, no entanto, sua ação como leigo se desenvolve, principalmente, nos diversos ambientes do mundo (na família, no trabalho e no âmbito social), ou seja, na vida ordinária de cada dia.⁸⁰⁴

O fiel cristão leigo é chamado a viver uma única vida que traz as seguintes exigências: a) a unidade de vida é incompatível com a hipocrisia e a duplicidade, afastando a superficialidade, a incoerência e a falta de radicalidade ao “servir a dois senhores” do Evangelho (cf. Mt 7, 24); e b) buscar força interior, fidelidade, coerência, firmeza de vontade para manter o coração fixo no ideal e encontra, no exercício das virtudes teologais, especialmente na caridade, a fonte que a torna antropologicamente possível.⁸⁰⁵

A unidade não significa unidade psicológica obtida a partir de esforços voluntários, mas procede da vida de graça como membros de Cristo e pela ação do Espírito Santo. Precedida pelo dom de Deus – que deve ser acolhido e preparado – também é tarefa. *E como preparar esse dom?* Contemplando a imagem da videira e dos sarmentos e, necessariamente, formando-se⁸⁰⁶ no amor e no saber da Igreja.⁸⁰⁷

Essa única vida, feita de carne e de espírito,⁸⁰⁸ que é dom e tarefa ao mesmo tempo, encontra, na caridade, o princípio que edifica toda a existência dos leigos em unidade de vida e os impulsiona a realizar a transformação do mundo, tarefa que Deus lhes confia de modo particular na Igreja.⁸⁰⁹

⁸⁰² BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 189.

⁸⁰³ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 630.

⁸⁰⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 195.

⁸⁰⁵ ILLANES, J. L. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 548.

⁸⁰⁶ Todos os fiéis e, em particular, os leigos, necessitam de formação doutrinal científica – proporcionada à sua situação e circunstância de vida e adequada à sua condição secular – que sustente e alimente seu trato com Deus e sua vida cristã. Como aduz Escrivá: “Piedade de meninos, portanto, mas a doutrina segura de teólogos” (*Es Cristo que passa*, n. 10). Essa frase expressa um binômio inseparável: o trato filial e amoroso com Deus – a verdadeira piedade de meninos – que impulsiona a conhecê-los, e a doutrina segura para amá-los (cf. BURKHART, Ernst; LOPEZ, Javier. *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría: Estudio de Teología Espiritual*, p. 626).

⁸⁰⁷ PELLITERO, Ramiro. *Laicos en la nueva evangelización*, p. 91.

⁸⁰⁸ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monsenor Escrivá de Balaguer*, p. 91.

⁸⁰⁹ RIO, Pilar. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo*, p. 395.

A caridade é considerada o princípio dinâmico da unidade de vida e o “impulso interior que leva a atuar com o amor com que Cristo amou sua Igreja” (cf. PO, n. 14).⁸¹⁰ O ensinamento deste texto tem valor para todo batizado ao sublinhar a raiz e fonte da unidade de vida, ou seja, esse impulso interior – que, no caso do sacerdote, é a caridade pastoral – e para todo cristão a caridade, como tal, significa união com Cristo e participação em seu amor, segundo a própria vocação e circunstâncias pessoais.

Sobre a unidade de vida, na existência cotidiana e nas coisas pequenas, José Luis Illanes traça um paralelo entre Santa Teresa do Menino Jesus e Josemaría Escrivá. Aduz que, apesar das diferenças e enfoques entre os mesmos, em dois pontos coincidem: 1º) na afirmação de que toda a vida (a extraordinária e a ordinária) tem valor aos olhos de Deus; e 2º) na consideração de que é nas coisas pequenas, nos pequenos detalhes de cada dia, que o cristão é chamado a comprovar a profundidade do amor e a seriedade do empenho cristão.⁸¹¹ Um amor assim, manifestado a todo instante, deve aspirar a ser o amor cristão, que, crescendo e se desenvolvendo, dá origem à unidade de vida que informa a totalidade da existência, no grande e no pequeno, com um espírito marcado pelo sentido da presença de Deus e pelo desejo de entrega aos demais como serviço.⁸¹²

3.7.1 A unidade de vida em Josemaría Escrivá de Balaguer

Seria pretencioso tentar expor a ampla doutrina de Josemaría Escrivá, que é considerado um dos precursores e pioneiros da espiritualidade laical:⁸¹³ já nos anos 30, transmitia o desejo de que todos os cristãos buscassem a luz de santidade nas tarefas cotidianas.⁸¹⁴ Seu trabalho pastoral se dirige, majoritariamente, aos fiéis leigos com a

⁸¹⁰ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 191.

⁸¹¹ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 555.

⁸¹² ILLANES, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*, p. 555.

⁸¹³ PELLITERO, Ramiro. *Laicos, en la nueva vaengelización*, p. 104.

⁸¹⁴ Josemaría Escrivá de Balaguer nasceu em Barbastro – Espanha, em 1902. Foi ordenado sacerdote em Saragoça em 28.3.1925. Estudou na Faculdade de Direito de Saragoça e, em 1939, doutorou-se em Direito pela Universidade de Madri e, mais tarde, em Teologia pela Lateranense. Em 2.10.1928 fundou por o *Opus Dei*, cujo fim era promover, entre todas as classes da sociedade civil, a busca da perfeição cristã no meio do mundo. O “Padre”, como era conhecido pelos seus filhos espirituais, foi canonizado em 6.10.2002 pelo Papa João Paulo II que disse naquela ocasião: “A vida habitual do cristão que tem fé – afirmava Josemaría Escrivá, quer trabalhe ou descanse, quer reze ou durma, em todos os momentos, é uma vida em que Deus está sempre presente” (*Meditações*, 3 de mar. de 1954). Sua visão sobrenatural da existência abriu um horizonte rico e extraordinário de perspectivas salvíficas, pois também no contexto das normais vicissitudes terrenas, Deus se torna próximo do ser humano na medida em que ele pode contribuir para seu desígnio de salvação. [...] Elevar o mundo a Deus e transformá-lo a partir de dentro: eis o ideal que o Santo Fundador indica [...]. Ele continua a recordar-vos a necessidade de não se deixar amedrontar por uma cultura materialista, que ameça dissolver a identidade mais genuína os discípulos de Cristo. Com determinação, gostava de repetir que a fé

proclamação da chamada universal à santidade, que se pode alcançar através do trabalho e da vida ordinária para “lhes dizer que se abriram os caminhos divinos da Terra”.⁸¹⁵ Aqui se busca conhecer a unidade de vida na perspectiva de São Josemaría Escrivá.⁸¹⁶

O conceito de unidade de vida tem forte expressão nos ensinamentos de Escrivá a tal ponto de ser considerado o núcleo que resume toda a sua doutrina.⁸¹⁷ No século XX, antes de Escrivá, alguns autores utilizaram a expressão para designar a unidade entre santidade e apostolado e a coerência entre fé e conduta; no entanto, sem que ocupasse lugar de destaque como sucedeu com Escrivá que, por essa razão, é considerado o “pioneiro da unidade de vida”.⁸¹⁸ Apesar de Escrivá não ter sido o autor da expressão, foi com ele que adquiriu amplitude e profundidade até então desconhecidas.⁸¹⁹

Para traçar um panorama da perspectiva de Escrivá, destaca-se a homilia proferida na Universidade de Navarra (8.10.1967).⁸²⁰ Segundo Pedro Rodriguez, o texto contém os aspectos centrais da mensagem espiritual do fundador do *Opus Dei*⁸²¹ e, como tese conclusiva, o conceito de unidade de vida:⁸²²

cristã se opõe ao conformismo e à inércia interior”. Escrivá faleceu em Roma, em 1975 (cf. VÁZQUEZ DE PRADA, Andrés. *O fundador do Opus Dei*, v. 1, p. 10-11).

⁸¹⁵ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *É Cristo que passa*, p. 21.

⁸¹⁶ Com o intuito de conhecer a visão da perspectiva de São Josemaría Escrivá sobre a unidade de vida foram consultados, principalmente, três artigos sobre o tema, a ver: CELAYA, Ignacio de. Unidade de vida. In: ILLANES, José Luis (cord.). *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*; Rodriguez RODRÍGUEZ, Pedro. *Vivir santamente la vida ordinaria: Consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaría Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra*; e BURKHART, Ernst; LOPEZ, Javier. *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría: estudio de Teología Espiritual*.

⁸¹⁷ BURKHART, Ernst; LOPEZ, Javier. *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría: estudio de Teología Espiritual*, p. 617.

⁸¹⁸ BURKHART, Ernst; LOPEZ, Javier. *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría: Estudio de Teología Espiritual*, p. 619.

⁸¹⁹ BURKHART, Ernst; LOPEZ, Javier. *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría: Estudio de Teología Espiritual*, p. 621.

⁸²⁰ Os dois temas conciliares (na *Lumen Gentium*, a proclamação da chamada universal à santidade e, na *Gaudium et Spes*, que sublinhou a bondade original do mundo e o valor do trabalho humano ao compreender a relação do mundo com a Igreja) já estavam no centro da mensagem de São Josemaría Escrivá desde 1928. Nos anos seguintes, a fundação do *Opus Dei* era compreendido por poucos. Esse era o contexto eclesial em que foi proferida essa homilia, o que provocou, naqueles anos, suspeitas, incompreensões era agora doutrina conciliar. Segundo Pedro Rodriguez, o respaldo do Concílio Vaticano II ajudou a compreender a linguagem e o estilo argumentativo de Escrivá na ocasião dessa homilia tantas vezes pregada. O respaldo permitiu expressar-se com linguagem teologicamente incisiva, quase polêmica, que sublinha a antítese e que confere uma força pedagógica extraordinária, o que facilitou que a doutrina fosse firmemente gravada pelos ouvintes (RODRÍGUEZ, Pedro. *El laico en la nueva evangelización*, p. 406).

⁸²¹ A homilia foi preparada para a missa em Pamplona por ocasião de reunião da Associação de Amigos da Universidade de Navarra, da qual participou um público numeroso e variado e, a partir disso, se buscou dar uma explicação global acerca do espírito do *Opus Dei* (ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monsenor Escrivá de Balaguer*, p. 476).

⁸²² RODRÍGUEZ, Pedro. *Vivir santamente la vida ordinaria: Consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaría Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra*, p. 399-404.

Meus filhos: aí onde estão nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, nosso trabalho, nossos amores – aí está o lugar do nosso encontro cotidiano com Cristo. Em meio das coisas mais materiais da terra é que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens

Tenho-o ensinado constantemente com palavras da Escritura Santa: o mundo não é ruim, porque saiu das mãos de Deus, porque é criatura d'Ele, porque Javé olhou para ele e viu que era bom (Cfr. Gn, I, 7 e ss.). Nós, os homens, é que o fazemos ruim e feio, com nossos pecados e nossas infidelidades. Não duvidem, meus filhos; qualquer modo de evasão das honestas realidades diárias é para os homens e mulheres do mundo coisa oposta à vontade de Deus.

Pelo contrário, devem compreender agora - com uma nova clareza - que Deus os chama a servi-Lo em e a partir das tarefas civis, materiais, seculares da vida humana. Deus nos espera cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho. Não esqueçamos nunca: há algo de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir.

Eu costumava dizer àqueles universitários e àqueles operários que me procuravam lá pela década de 30, que tinham de saber materializar a vida espiritual. Queria afastá-los, assim, da tentação, tão frequente nessa época e agora, de levar uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e por outro, diferente e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas.

Não, meus filhos! Não pode haver uma vida dupla, não podemos ser como esquizofrênicos, se queremos ser cristãos. Há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser – na alma e no corpo – santa e plena de Deus, desse Deus invisível, que nós encontraremos nas coisas mais visíveis e materiais.

Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor em nossa vida de todos os dias, ou não O encontraremos nunca. Por isso, posso afirmar que nossa época precisa devolver à matéria e às situações aparentemente mais vulgares seu nobre e original sentido: pondo-as ao serviço do Reino de Deus, espiritualizando-as, fazendo delas meio e ocasião para o nosso encontro contínuo com Jesus Cristo. [...]

Assim se compreende, meus filhos, que o Apóstolo chegasse a escrever: Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo e Cristo é de Deus (1Cor III, 22-23). Trata-se de um movimento ascendente que o Espírito Santo, difundindo em nossos corações, quer provocar no mundo; da terra até à glória do Senhor. E para ficar bem claro que – nesse movimento – se incluía também o que parece mais prosaico, São Paulo escreveu ainda: quer comais, quer bebais, fazei tudo para a glória de Deus (1 Cor X, 31).

Esta doutrina da Sagrada Escritura, que se encontra – como sabem – no próprio cerne do espírito do *Opus Dei*, deve levar-nos a realizar o trabalho com perfeição, a amar a Deus e aos homens pondo amor nas pequenas coisas da jornada habitual [...].

Eu lhes asseguro, meus filhos, que quando um cristão desempenha com amor a mais intrascendente das ações diárias, está desempenhando algo donde transborda a transcendência de Deus. Por isso tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em transformar em poesia heroica a prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a terra. Mas não: onde de verdade se juntam é no coração, quando se vive santamente a vida diária...

Viver santamente a vida diária, como acabo de dizer. E com estas palavras me refiro a todo o programa dos afazeres cristãos. Portanto, deixem-se de sonhos, de falsos idealismos, de fantasias, disso que costumo chamar de mística do oxalá: oxalá não

me tivesse casado, oxalá não tivesse esta profissão, oxalá tivesse mais saúde, oxalá fosse jovem, oxalá fosse velho...; e atenham-se, pelo contrário, sobriamente, à realidade mais material e imediata, que é onde o Senhor está: olhai minhas mãos e meus pés – disse Jesus ressuscitado – sou eu mesmo. Apalpai e vede que um espírito não tem carne e ossos, como vedes que eu tenho (Luc XXIV, 39).

São muitos os aspectos do ambiente secular que se iluminam a partir destas verdades. Pensem, por exemplo, na atuação que têm como cidadãos na vida civil. Um homem ciente de que o mundo – e não só o templo – é o lugar do seu encontro com Cristo, ama este mundo, procura adquirir um bom preparo intelectual e profissional, vai formando – com plena liberdade – seus próprios critérios sobre os problemas do meio em que se desenvolve; e, por consequência, toma suas próprias decisões, as quais, por serem decisões de um cristão, procedem além disso de uma reflexão pessoal, que tenta humildemente captar a vontade de Deus nesses detalhes pequenos e grandes da vida [...].⁸²³

Analisando a estrutura interna do texto, sua linguagem e sua intencionalidade, se pode afirmar que Escrivá não atacou o secularismo já existente na época, mas ofereceu uma profunda ótica cristã para a compreensão da secularidade.⁸²⁴ São apresentadas três teses fundamentais sobre a secularidade cristã: 1ª) de que “a vida ordinária é o verdadeiro lugar da existência cristã”; 2ª) que as situações, até mesmo as mais vulgares, são metafísica e teologicamente valiosas: são meio e ocasião de encontro contínuo com o Senhor; e 3ª) que não há duas vidas, mas uma única feita de carne e de espírito que deve ser santa e cheia de Deus.⁸²⁵

A articulação das duas primeiras teses é que, se a vida ordinária é o lugar da existência cristã (primeira tese), isso é assim porque a matéria e o que parece mais vulgar passaram a ser, na ordem da graça, meio e ocasião de encontro com Cristo (segunda tese). E, assim, dessas duas teses, Escrivá conclui a terceira tese, considerada o processo ascensional da homilia: não se limita a assinalar a esquizofrenia, mas afirma que a saúde espiritual está na unidade de vida.⁸²⁶

O ponto culminante é a unidade entre a vida de relação com Deus e a vida cotidiana – trabalho, família, profissão – que não vem desde fora, mas acontece no seio da vida, pois é aí, na vida comum, que se dá a inefável *epifania* de Deus, que é particular e pessoal para cada cristão e que é algo santo que cada um deve descobrir.⁸²⁷

⁸²³ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monsenõr Escrivá de Balaguer*, p. 481-508.

⁸²⁴ RODRÍGUEZ, Pedro. *Vivir santamente la vida ordinaria: Consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaría Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra*, p. 407.

⁸²⁵ RODRÍGUEZ, Pedro. *Vivir santamente la vida ordinaria: consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaría Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra*, p. 410-412.

⁸²⁶ RODRÍGUEZ, Pedro. *Vivir santamente la vida ordinaria: consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaría Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra*, p. 414.

⁸²⁷ RODRÍGUEZ, Pedro. *Vivir santamente la vida ordinaria: consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaría Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra*, p. 415.

São considerados fundamentos do conceito de “unidade de vida” para Escrivá nas perspectivas teológica e sistemática: a) o desígnio divino de uma perfeita unidade de vida, edificada sobre a harmonia entre todas as forças humanas e a graça sobrenatural; b) a correspondência à graça que requer “luta ascética” contra tudo aquilo que não é de Deus, e a luta interior é a construção da unidade de vida; e c) a retidão de intenção, a luta por corresponder à graça, inicia pela firme e operativa decisão em identificar sua vontade com a vontade de Deus.⁸²⁸

Como manifestações da unidade na existência cristã, encontram-se a união do natural com o sobrenatural, da natureza e da graça – que não é justaposição, mas elevação do humano à ordem sobrenatural; à vida ordinária como caminho de encontro com o Senhor; à contemplação, à ação, à santidade e ao apostolado.⁸²⁹

A essência cristocêntrica da unidade de vida é destacada em seus ensinamentos. A luta interior para a identificação com Cristo consiste em ir permitindo que sua vida se manifeste no ser humano, e que a Santa Cruz tenha um lugar central na identificação com Cristo, tendo a Santa Missa como raiz e centro da vida cristã.⁸³⁰ E é por vontade de Deus que sua mãe, Maria Santíssima, seja mediadora da identificação do cristão com Jesus. A devoção ao amor de Nossa Senhora não é algo justaposto à essência cristocêntrica, mas fortalece a unidade de vida como exortava Escrivá, pois “se buscas Maria, encontrarás Jesus”.⁸³¹

Para Escrivá a unidade de vida não se trata de um acúmulo de ensinamentos ascéticos, mas de um espírito de santificação na vida cotidiana de leigos e sacerdotes seculares que orientam todos os momentos, ajudando quem o segue a chegar a ser “homem ou mulher de uma peça só”.⁸³²

São considerados elementos constitutivos da unidade de vida para Escrivá: 1) a unidade de fim: fazer tudo por amor a Deus; 2) a unidade interior radicada na filiação divina; e 3) a unidade no caminho de santificação.⁸³³ Para explicar essa unidade interior utilizava como metáfora que “na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a Terra. Mas não: onde de verdade se juntam é no coração, quando se vive santamente a vida diária [...]”.⁸³⁴

⁸²⁸ CELAYA, Pedro Escartín. Realidades terrestres. In: BUENO, Eloy; CALVO, Roberto. *Diccionario del laicado, asociaciones y movimientos católicos*, 2004. p. 649-655.

⁸²⁹ CELAYA, Ignacio de. Unidade de vida. In: ILLANES, José Luis (cord.). *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*, p. 1.220-1.221.

⁸³⁰ CELAYA, Ignacio de. Unidade de vida. In: ILLANES, José Luis (cord.). *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*, p. 1.222.

⁸³¹ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *É Cristo que passa*, n. 144.

⁸³² ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Forja*, n. 443.

⁸³³ BURKHART, Ernst; LOPEZ, Javier. *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría: Estudio de Teología Espiritual*, p. 621-637.

⁸³⁴ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monseñor Escrivá de Balaguer*, n. 116.

No cristão deve se unir, como em Cristo, o humano e o divino. Com a ruptura da unidade de vida que acontece ou por falta do elemento humano ou por falta do elemento divino, a vida cristã não chega à plenitude. No primeiro caso, a fé se restringe a práticas de piedade, descuidando da santidade nos afazeres cotidianos.⁸³⁵ A falta do elemento divino se configura pelo cumprimento dos deveres humanos sem colocar empenho para que a fé inspire todo o obrar. Dessa forma, a vida cristã fica reduzida ao mínimo de prática religiosa restrita “a um conjunto de práticas ou atos de piedade, sem relacionar com as situações da vida de todos os dias,⁸³⁶ pois “não podemos ser filhos de Deus em partes”.⁸³⁷

Sem que a fé penetre nas tarefas cotidianas, a prática religiosa se torna cada vez mais artificial, e seu influxo diminui, cada vez mais, nas tarefas.⁸³⁸ Só se compreende o que significa a fé em nível existencial, com suas repercussões reais, quando existe um sincero trato com Deus na oração, uma vida sacramental assídua e uma conveniente formação cristã, ou seja, um recurso diligente aos meios sobrenaturais de santificação com um sério plano de vida, de acordo com as circunstâncias de cada um.⁸³⁹ A identidade cristã deve resultar reconhecível, com maior razão, em uma sociedade na qual predominem o materialismo e o hedonismo.

Desde o ano de 1928, Josemaría Escrivá ensinava e vivia o que 30 anos depois viria a ser confirmado pelo Concílio Vaticano II como a proclamação da chamada universal dos cristãos à santidade (LG), a bondade originária do mundo e o valor do trabalho humano (GS),⁸⁴⁰ elementos fundamentais da espiritualidade laical e que são integrados e compreendidos no conceito da unidade de vida.⁸⁴¹

Em unidade devem confluir os diversos aspectos da vida do cristão e em suas variadas e múltiplas atividades.⁸⁴² Escrivá queria afastá-los, assim, da tentação, tão frequente naquela época (e agora), de levar uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus por um

⁸³⁵ CELAYA, Ignacio de. Unidade de vida. In: ILLANES, José Luis (cord.). *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*, p. 640.

⁸³⁶ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Cristo que passa*, n. 98.

⁸³⁷ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Cristo que passa*, n. 102.

⁸³⁸ CELAYA, Ignacio de. Unidade de vida. In: ILLANES, José Luis (cord.). *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*, p. 641.

⁸³⁹ CELAYA, Ignacio de. Unidade de vida. In: ILLANES, José Luis (cord.). *Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*, p. 642.

⁸⁴⁰ RODRÍGUEZ, Pedro. *Vivir santamente la vida ordinária: Consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaría Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra*, p. 406.

⁸⁴¹ A santidade, antes do Concílio Vaticano II, se relacionava, comumente, com os clérigos ou os religiosos, e, nesse contexto, a mensagem de Josemaría Escrivá de Balaguer (1928) sobre a chamada à santidade, dirigida também aos leigos – resultava numa novidade para o seu tempo (cf. MARTÍNEZ, Raúl B. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*, p. 431).

⁸⁴² O conceito de unidade de vida aparece frequentemente na pregação de Josemaría Escrivá (p. ex. em Caminhos 2, 353, 549; Sulco 308, 549; Forja 694, 738, 739; É Cristo que Passa 10,11,126; Conversaciones 114, bem como caracterizou todo o seu caminhar terreno (cf. Celaya, p. 618).

lado; e, por outro, diferente e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas.⁸⁴³

Para Escrivá “nossa época precisa devolver à matéria e às situações aparentemente mais vulgares seu nobre e original sentido: pondo-as a serviço do Reino de Deus, espiritualizando-as, fazendo delas meio e ocasião para o nosso encontro contínuo com Jesus Cristo”.⁸⁴⁴ Seria dizer, conjuntamente, que é necessário não só saber materializar a vida espiritual, mas encontrar o sentido transcendente da vida material e de todas as circunstâncias da vida ordinária.

3.7.2 O amor e a unidade de vida em Chiara Lubich

Não se pode deixar de mencionar o exemplo luminoso de Chiara Lubich. Leiga consagrada e fundadora do Movimento dos Focolares, recebeu na Igreja o nome oficial de “Obra de Maria”, que encontra, na palavra *unidade*, a síntese do carisma oferecido à Chiara.⁸⁴⁵

Em dezembro de 1970, em discurso denominado “A caridade como ideal”, Chiara ensina que apesar de o homem sempre ter sido objeto do amor cristão para os Focolares, o irmão é “nada mais nada menos que o único caminho que nos leva a Deus. Nós vamos a Deus através do irmão”.⁸⁴⁶ Prossegue afirmando que, quando Deus os fez entender isso, “pareceu-nos uma grande novidade e tornou-se um escândalo para uma época em que o cristão comum considerava o homem, a criatura, um obstáculo no caminho até Deus, um obstáculo a ser

⁸⁴³ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monseñor Escrivá de Balaguer*, p. 481-508.

⁸⁴⁴ ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Conversaciones con monseñor Escrivá de Balaguer*, p. 481-508.

⁸⁴⁵ Chiara Lubich (1920-2008), nascida em Trento (Itália) é fundadora do Movimento dos Focolares. Chiara alcançou notoriedade especialmente por seu trabalho com o ecumenismo e no campo inter-religioso. Dentre os reconhecimentos que recebeu por sua atividade no campo espiritual, social e cultural está o Prêmio Unesco de Educação para a Paz (1996) e 12 títulos de doutora *honoris causa* em teologia, filosofia, economia, ciências humanas, entre outras disciplinas. A herança espiritual de Chiara Lubich não deixa de inspirar pessoas e sociedades. Em 2015 foi aberta a sua causa de beatificação. O Movimento dos Focolares foi fundado em 1943 em Trento (Itália), durante a segunda guerra mundial. Foi aprovado em 1962, com o nome oficial Obra de Maria e difundido em mais de 180 países, conta com mais de dois milhões de participantes. **A mensagem é levar ao mundo a mensagem da unidade.** O seu objetivo, portanto, é cooperar na construção de um mundo mais unido, estimulados impelidos pela oração de Jesus ao Pai **“para que todos sejam uma coisa só”** (Jo 17,21), no respeito e na valorização das diferenças. E, para alcançar esta meta, se favorece o diálogo, no empenho constante de construir pontes e relacionamentos de fraternidade entre os indivíduos, os povos e áreas de diversos âmbitos culturais. Fazem parte do Movimento, **fiéis de outras religiões e pessoas de convicções não religiosas.** São chamadas **Focolares as comunidades nas quais vivem as pessoas que pronunciaram votos de castidade, pobreza e obediência no Movimento. Também fazem parte dos focolares pessoas casadas** que, fiéis ao próprio estado de vida e continuando a viver a própria vida familiar, partilham com os consagrados virgens a escolha radical de pôr em prática o amor evangélico e de viver para realizar a unidade (cf. *Site Oficial do Movimento dos Focolares*. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/chi-siamo/>. Acesso em: 15 de set. 2020).

⁸⁴⁶ LUBICH, Chiara. *A caridade como ideal*, p. 2.

eliminado”.⁸⁴⁷ O Movimento dos Focolares foi fundado em 1943 e aprovado em 1962, ano em que teve início o Concílio Vaticano II.

Chiara afirma que a caridade que é considerada como o caminho mais seguro para se chegar a Deus é a própria vocação específica do Movimento dos Focolares. É o caminho do amor e, por ser um caminho evangélico, precisa ser conhecido e aprofundado, permanecendo fiel ao humanismo cristão, “que é humanismo, mas aberto ao Absoluto”.⁸⁴⁸ Assim, a caridade não é de origem humana, mas de natureza divina, na medida em que se ama com o mesmo amor de Deus que é comunicado no Batismo através do Espírito Santo.

Chiara descreve a caridade como a “arte de amar” que requer exercício contínuo e diário. Para esse amor ser definido como evangélico, deve trazer consigo algumas características como a de ser um amor universal que deve tomar a iniciativa, ser “os primeiros a amar”.⁸⁴⁹ *E a quem deve se dirigir esse amor divino?* Responde que é dirigido a todos sem discriminar ninguém, pois “a caridade, que é Deus em nós, ama a Deus e ama ao próximo”.⁸⁵⁰ Nesse sentido, para Chiara:

[...] a caridade é semelhante a uma semente depositada por Deus na nossa alma. E assim como a semente, encontrando o terreno adequado, dá origem à pequena raiz e à plantinha, também a caridade, na alma de quem a vive, manifestando-se de duas maneiras: no amor a Deus (a raiz) e no amor ao próximo (a plantinha). Notamos logo que a raiz é mais importante do que a planta. Enquanto ela existir, pode-se esperar sempre pela planta, mas não vice-versa, embora a planta em contato com o oxigênio do ar e por outros motivos dê a sua contribuição ao desenvolvimento do todo.⁸⁵¹

Esse amor que é único se manifesta para Deus de forma diferente do que para o próximo. Segundo Chiara, a partir do Evangelho e de sua experiência pessoal, o amor para Deus requer abandono, confiança (cf. Jr 17,15) e mais: “Deus não precisa de pão nem de instrução para se sentir amado, precisa do meu coração, da minha mente, de todo o meu ser; do Seu amor em mim, da Caridade, de Deus em mim: Ele precisa dele mesmo em mim.”⁸⁵²

Diferentemente, a caridade para com o próximo, embora possa se manifestar concretamente, se não se alicerça numa atitude espiritual específica, não é caridade.⁷ Essa atitude é a de “fazer-nos um” (“nos fazer um”) que se caracteriza por um despojamento exterior, mas, sobretudo, interior; é a condição necessária para qualquer esforço de união

⁸⁴⁷ LUBICH, Chiara. *A unidade nos albores do Movimento dos Focolares*, p. 3.

⁸⁴⁸ LUBICH, Chiara. *A caridade como ideal*, p. 3.

⁸⁴⁹ LUBICH, Chiara. *A caridade como ideal*, p. 4.

⁸⁵⁰ LUBICH, Chiara. *A caridade como ideal*, p. 5.

⁸⁵¹ LUBICH, Chiara. *A caridade como ideal*, p. 5.

⁸⁵² LUBICH, Chiara. *A caridade como ideal*, p. 6.

animado por motivos sobrenaturais. A atitude do “fazer-se um”, de “fazer-se o vazio” é a base para estabelecer qualquer tipo de unidade.⁸⁵³

É a caridade, o “fazer-se um” a chave da unidade. Unidade que sintetiza o carisma dos Focolares e que é dom e obra de Deus.⁸⁵⁴ Fala da unidade com Deus e a unidade entre nós.⁸⁵⁵ “é necessário destruir todas as barreiras e enraizar, no coração, a fraternidade universal”.⁸⁵⁶ É preciso amar cada próximo, considerando aquele que passa no momento presente da vida, por isso não é um amor platônico, mas concreto e atual no momento presente. Amar significa servir, e, para servir bem, deve “fazer-se um”, ou seja, “procurar compreender o *outro*, os seus sentimentos; procurar levar os seus pesos; procurar compartilhar a sua alegria. Fazer-se um! Fazer-se um em tudo, em tudo, exceto no pecado”.⁸⁵⁷ O seu método apostólico é o amor desinteressado.⁸⁵⁸

O imperativo evangélico *ut unum sint* (Jo 17, 21) de um lado, e a paixão pelo semblante desfigurado de Jesus, que chama de “Jesus Abandonado”, são considerados palavras-chave do carisma, como se pode depreender dos escritos da fundadora.⁸⁵⁹ Quem modela sua existência por Jesus Abandonado, que soube esvaziar-se de toda sua riqueza (cf. Fl 2,7) para se tornar tudo para todos (cf. 1 Cor 9, 22) torna-se Nele testemunho vivo, primeiro, com o ser e depois com a Palavra.⁸⁶⁰ O Papa Francisco por ocasião do centenário de nascimento da Serva de Deus Chiara Lubich, disse sobre a unidade:

Através do carisma da unidade, plenamente sintonizado com o magistério do Concílio Ecumênico Vaticano II, o Espírito Santo ensina-nos concretamente a viver a graça da unidade segundo a oração dirigida por Jesus ao Pai na iminência da sua Páscoa de morte e ressurreição (cf. Jo 17, 21). O Espírito convida a escolher como único todo do nosso seguimento e como única bússola do nosso ministério, Jesus crucificado – Chiara Lubich acrescentaria “abandonado” (cf. Mc 15, 34; Mt 27, 46) – fazendo-se um só com todos, a começar pelos últimos, excluídos, descartados, a fim de lhes transmitir luz, alegria e paz. O Espírito abre ao diálogo da caridade e da verdade com cada homem e mulher, de todas as culturas, tradições religiosas, convicções ideais, para edificar no encontro a nova civilização do amor.⁸⁶¹

⁸⁵³ LUBICH, Chiara. *A caridade como ideal*, p. 9.

⁸⁵⁴ LUBICH, Chiara. *A unidade nos albores do Movimento dos Focolares*, p. 9.

⁸⁵⁵ LUBICH, Chiara. *A unidade nos albores do Movimento dos Focolares*, p. 3.

⁸⁵⁶ LUBICH, Chiara. *A unidade nos albores do Movimento dos Focolares*, p. 3.

⁸⁵⁷ LUBICH, Chiara. *A unidade nos albores do Movimento dos Focolares*, p. 4.

⁸⁵⁸ Chiara Lubich complementa, nesta parte de seu discurso, que se já chegaram a mais de 146 nações (naquele ano de 1982 e hoje seriam 180), quase o mundo inteiro, se estão presente mais ou menos em toda parte, isto se deve à vivência do amor, do amor e serviço desinteressados só por amor. E que esse *fazer-se um* exige a nossa morte, porque não podemos viver para nós mesmos, mas para os outros (Texto II, 5).

⁸⁵⁹ A espiritualidade com grande impulso carismático e em sintonia com o movimento ecumênico, logo penetrou no mundo ortodoxo, luterano, reformado e anglicano (cf. LUBICH, Chiara. *Ideal e luz*, p. 24).

⁸⁶⁰ LUBICH, Chiara. *Ideal e luz*, p. 24.

⁸⁶¹ FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos Participantes do Congresso Internacional dos Bispos Amigos dos Focolares, passim.

A unidade é a presença do Espírito no meio de nós e nos traz o Espírito de Jesus com todos os seus frutos: uma paz nunca experimentada, uma alegria completamente desconhecida, o desejo de amar o espírito do heroísmo traz luz, faz-nos entender melhor as Escrituras e interpretar melhor os acontecimentos. Sobre o carisma da unidade, afirmou o Papa Francisco que “é uma dessas graças do nosso tempo, que experimenta uma mudança histórica e pede uma reforma espiritual e pastoral simples e radical, que leve a Igreja à fonte sempre nova e atual do Evangelho de Jesus”.⁸⁶²

A unidade, como referia Chiara Lubich, tem como primeiro propósito querer amar todos e, como segundo, que para amar, querer servir, para a primazia do amor é estabelecer a presença de Cristo no meio do mundo.⁸⁶³ Seu exemplo traz luz para a compreensão da noção de unidade de vida. Para ela unidade é unidade com Deus e unidade com os demais, que encontra, na caridade, sua chave, uma caridade universal que leve os cristãos a serem os primeiros a amar.

Sua inspiração demonstrou, na prática, que o mundo ouve mais o testemunho do que os mestres, demonstrando o caminho para a vivência de uma verdadeira unidade de vida *a partir de e através do* amor, do amor divino no coração humano: que é universal, desinteressado, que é serviço, que é “fazer-se um” com o irmão.

A obra fundada por Chiara Lubich demonstra o equilíbrio dinâmico entre contemplação e ação, pois significa “atingir a mais alta contemplação e manter-se misturados com todos, lado a lado com os homens”.⁸⁶⁴ É verdade que isso é comum à toda espiritualidade verdadeira. A novidade em Chiara está em ter captado o abandono de Jesus como chave não apenas de união com Deus, mas também e ao mesmo tempo, da unidade com os irmãos”⁸⁶⁵ unindo, sem embaralhar, a verticalidade divina e a horizontalidade humana da experiência de Cristo.⁸⁶⁶

Segundo Piero Coda, é justamente nessa perspectiva que se pode falar de uma “mística para esse raiar do terceiro milênio, que nos conduz, juntos, à mística mais genuína das origens cristãs: a de Jesus e de Maria, cujo vértice da união com Deus é vivido entre os irmãos e, com eles, a serviço de todos na cotidianidade da vida”.⁸⁶⁷

⁸⁶² FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos Participantes do Congresso Internacional dos Bispos Amigos dos Focolares, passim.

⁸⁶³ LUBICH, Chiara. *A unidade nos albores do Movimento dos Focolares*, p. 7.

⁸⁶⁴ LUBICH, Chiara, *Ideal e luz*, p. 22.

⁸⁶⁵ LUBICH, Chiara, *Ideal e luz*, p. 23.

⁸⁶⁶ LUBICH, Chiara, *Ideal e luz*, p. 23.

⁸⁶⁷ LUBICH, Chiara, *Ideal e luz*, p. 23.

O que têm em comum Josemaría Escrivá de Balaguer (1902-1975) e Chiara Lubich (1920-2008) no que diz respeito à noção de unidade de vida e a espiritualidade em sua modalidade laical?

Escrivá aborda a unidade de vida desde uma perspectiva mais pessoal, da união com Deus e sua expressão no mundo (unidade de vida) no cotidiano. Chiara, poucos anos depois, complementa com a afirmação que só se chega a Deus pelo próximo. A dimensão comunitária é a primeira e a mais direta característica da espiritualidade da unidade dos Focolares. São doutrinas que se complementam – Escrivá com o “materializar a vida espiritual” e Chiara Lubich que “só se vai a Deus através do irmão”. Cada um deles, a seu modo e desde sua vocação, projetaram grande luz na compreensão da unidade de vida para a vivência de uma verdadeira espiritualidade cristã, sobretudo em sua modalidade laical que encontra, na secularidade, a característica própria.

3.8 INDICAÇÕES PARA UMA ESPIRITUALIDADE LAICAL

Com base nos fundamentos teológicos apresentados ao longo da investigação, é possível delinear algumas das características próprias da espiritualidade laical a saber: a) uma particular experiência cristã do humano; b) uma atitude de *Amor* teologal ao mundo; c) a valorização positiva da vida ordinária; d) a competência profissional e o sentido de responsabilidade; e) a consciência da ordenação para Deus das realidades terrenas; e f) o sentido de liberdade pessoal.

No que diz respeito à particular experiência cristã do humano, essa não é específica dos cristãos leigos, mas adquire uma expressão distinta em sua vida, eis que “vivem nas condições ordinárias da vida familiar e da social, pelas quais sua existência é como que tecida” (LG, n. 31).

O leigo, mais do que ninguém, vive o paradoxo cristão de “estar no mundo sem ser do mundo”, o que significa dizer que ser leigo pressupõe a condição humana e tudo o quanto comporta a mesma. O leigo vive e desenvolve uma experiência espiritual que promove o humano, vivificando-o. A graça eleva e aperfeiçoa a natureza humana.

A espiritualidade cristã não é uma espiritualidade sem mundo, mas uma espiritualidade encarnada em que a comunhão com Deus repercute em toda a existência concreta.⁸⁶⁸ É uma espiritualidade de encarnação ou teologal, pois a vida teologal é expressão

⁸⁶⁸ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 297.

da vida divina no ser humano. Nesse sentido, a primazia da graça e das virtudes teologais deve tomar corpo e fecundar nas tarefas concretas de toda a existência humana e nas diversas circunstâncias de vida como no trabalho, na família, nas amizades e no âmbito social.

O cristão leigo deve fundir, harmonicamente, os valores cristãos e humanos, numa verdadeira unidade entre fé e vida. Com a graça de Deus, deve buscar a autenticidade cristã e a perfeição humana, com um estilo de vida que seja capaz de vivificar “desde dentro” todas as realidades e decisões, atitudes e comportamentos humanos.⁸⁶⁹ É estar imerso no mundo e incorporar os valores humanos ao ideal de santidade.⁸⁷⁰ E não há outro caminho; se não for assim, poderá cair em dois extremos: de um lado o *escapismo* e, de outro, o *mundanismo*. A compreensão do dinamismo da vida espiritual com o entrelaçamento entre o divino e o humano, que acontece através da graça e das realidades seculares, é crucial para viver uma vida cristã laical.

O viver cristão é concreto, é uma vida teologal de comunhão com Deus fundamentada na fé, na esperança e, informada pela caridade, que não anula as virtudes humanas, tampouco as converte em comparsas necessárias; ao contrário, as fecunda, eleva e se manifesta nelas.⁸⁷¹

Sobre o antagonismo existente entre o espírito da carne e o Espírito divino, aduz Víctor Codina que é, nessa constante luta, que o Espírito age no homem e o chama à conversão (cf. Jo 16,8). Contudo, a força do Espírito “não poupa do trabalho pessoal nem nos faz cair em quietismos ou imediatismos de nenhum tipo; ao contrário, pede cooperação (chamada *sinergia* entre os orientais)”.⁸⁷² A graça introduz, no coração humano, um dinamismo capaz de transformar todas as realidades terrenas que de obstáculo passam a ser ocasião de encontro com Deus (cf. Rm 5, 20).

No que diz respeito à atitude de amor teologal ao mundo, como característico da espiritualidade laical, importante é ressaltar que o amor ao mundo é consubstancial ao cristianismo. Desde o Vaticano II, o mundo é visto como lugar do âmbito e missão de toda a Igreja. O apreço às realidades terrenas, aos seus valores e à sua finalidade é considerado como elemento constitutivo da vivência cristã do humano, e a experiência laical acentua, com força, essa estima.⁸⁷³

Não é um amor ingênuo que ignora a realidade e as conseqüências do pecado para o homem e para a sociedade. Consciente dessa realidade, mas a partir da redenção operada por

⁸⁶⁹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad Laical, p. 177.

⁸⁷⁰ GARCIA, Ciro. *Teologia Espiritual contemporânea*: corrientes e perspectivas, p. 303-304.

⁸⁷¹ CEC, n.1812-1813.

⁸⁷² CODINA, Víctor *Non extingais o Espírito (1Ts 5,19)*: Iniciação à pneumatologia. p. 80.

⁸⁷³ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad laical, p. 178.

Cristo – vencedor do pecado – o cristão, unido a Cristo, pode participar dessa vitória. A consideração da realidade do pecado, ao invés de afastá-lo do mundo, o faz aproximar-se amorosamente do mesmo para fazê-lo participar da redenção de Cristo, pois, conforme revelou o próprio Cristo “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9, 13).

O cristão leigo, ao cumprir as próprias tarefas e responsabilidades, inspirado na fé e impulsionado pela caridade, é capaz de vencer o mal introduzido pelo pecado e restituir às realidades o seu valor original (cf. GS, n. 2). Através da experiência espiritual do leigo, com uma atitude cristã de superação do egoísmo, de luta contra a concupiscência da carne e pelo exercício do desprendimento, vive o cristianismo no coração do mundo e não através de um afastamento do mesmo.⁸⁷⁴

Diante dessa perspectiva cristã, acontece uma valorização positiva da vida ordinária que pode ser considerada um dos traços mais significativos na vida do cristão leigo, no sentido de compreender que a vida espiritual tem sua concretização real na vida cotidiana e ordinária.⁸⁷⁵ Para Escrivá “a vida corrente tem um sentido divino” e, por essa razão, o leigo é chamado a descobrir o valor sobrenatural presente em todas as ações e tarefas mais normais, a grandeza das ações comuns e reiteradas, mas que, envolvidas pelo amor, faz o ser humano livre e feliz, no exercício dos deveres de cada dia.⁸⁷⁶

Para o leigo que vive a fé na existência comum, de forma madura e profunda, os acontecimentos de cada dia, longe de serem algo sem sentido, condenados à rotina, constituem o verdadeiro lugar de encontro com Deus (cf. ChL, n. 17), bem como espaço do existir cristão, pois a “fé reconhece Deus no emaranhado dos elementos da vida cotidiana”.⁸⁷⁷

A essa mesma conclusão chegou Pilar Río ao descrever os traços comuns da santidade laical: que a santidade, em todos os casos de vida apresentados e estudados de leigos naquela amostra, aconteceu no próprio ambiente e na vida ordinária.⁸⁷⁸ Observa a teóloga que a

⁸⁷⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad laical*, p. 178.

⁸⁷⁵ Ao se falar da espiritualidade laical como uma espiritualidade no cotidiano não se pode deixar de mencionar o jesuíta italiano Pietro Brugnoli, em sua obra: *La spiritualità dei Laici*, quem no ano de 1971 desenvolveu a tese de que a vida cristã corresponde à vida ordinária.

⁸⁷⁶ Sobre a espiritualidade no cotidiano remete-se a obra do jesuíta italiano Pietro Brugnoli – *La spiritualità dei Laici* (1971) – considerado como um dos primeiros autores a desenvolver a tese de que a vida cristã corresponde à vida ordinária.

⁸⁷⁷ SUENENS, Léon-Joseph. *Vida quotidiana vida cristã*, p. 5.

⁸⁷⁸ O texto de autoria da teóloga chilena Pilar Río, professora da Pontificia Università della Santa Croce, contém as considerações conclusivas a partir da jornada de reflexão sobre a santidade laical- *Una riflessione sulla santità laicale* - realizada na cidade de Roma em 30 de abril de 2019, por ocasião da beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri – primeira leiga do *Opus Dei* a ser beatificada. O tema foi tratado a partir da apresentação de alguns exemplos recentes de santidade laical: a Beata Chiara Luce Baldano (1971-1990), o venerável Carlo Acutis de Milano (1991-2006), o empresário argentino Enrique Shaw (1921-1962), a romana Chiara Corbella Petrillo (1984-2012) e os estudantes Marta Obregón (1969-1992) e Angelica Tiraboschi (1995-2015), respectivamente espanhola e italiana (cf. Disponívem em:

situação intramundana é o lugar e o meio de resposta dos leigos ao infinito amor do Pai que, em Cristo, os gerou para sua vida de santidade.

A vida, segundo o Espírito, se expressa de modo peculiar na sua inserção e participação na realidade temporal, tanto se santificando como santificando a vida ordinária, profissional e social, e é isso o que resplandece na vida desses leigos a caminho de se tornarem santos (e considerados santos por muitíssimas pessoas): a maternidade e a paternidade, a família, o estudo, o trabalho, o esporte e o divertimento, a amizade, os compromissos cotidianos e a doença, absolutamente tudo se tornou para eles ocasião e meio de união com Deus e de serviço aos outros. Como dizia Escrivá, a Guadalupe Ortiz de Landázuri que era preciso transformar em versos a prosa cotidiana para ajudá-la a descobrir, no trabalho, seu lugar de encontro com Deus, pois ali existia “algo divino”.⁸⁷⁹

Assim, forma uma parte essencial da vida espiritual do leigo o exercício profissional, o cumprimento dos deveres de estado, a participação em tarefas coletivas, a solidariedade com o momento histórico, dentre outros. A competência profissional e a capacidade técnica necessárias para a missão do leigo no mundo ocupam um lugar central na sua espiritualidade, pois, com fundamento no sentido teológico da secularidade em sentido estrito – a índole secular, pode-se dizer que é, principalmente no mundo, que se desenvolve sua condição de cristão (cf. GS, n. 34 e 35).⁸⁸⁰

Importante é ressaltar que buscar a devida formação doutrinal e teológica, juntamente com a competência profissional para a missão no mundo⁸⁸¹ é o que capacita o leigo a julgar cristãmente as realidades que deve enfrentar em sua vida e, desde a realeza de Cristo, o leigo é chamado a cristificar-se, a se tornar outros Cristos e cristificar o mundo “desde dentro” (cf. LG, n. 36).

E cristificar é humanizar, segundo o teólogo italiano Bruno Forte:

<https://www.agensir.it/quotidiano/2019/4/30/santita-laicale-rio-teologa-e-santificare-il-mondo-dallinterno-e-riportarlo-a-dio/>).

⁸⁷⁹ RÍO, Pilar. *Una riflessione sulla santità laicale*, p. 3.

⁸⁸⁰ Tal consciência precisa ser despertada em todo o Povo de Deus. Ainda hoje, para muitos, sejam leigos ou sacerdotes, o mundo e as tarefas que comportam possuem mero valor sociológico, ou seja, são vistos apenas como o âmbito em que se realiza.

⁸⁸¹ Nesse sentido, o Papa Francisco, em discurso por ocasião da celebração dos 100 anos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Buenos Aires assim *escreveu*: “Ensinar e estudar teologia significa viver em uma fronteira, essa na qual o Evangelho encontra as necessidades das pessoas para as quais se faz o anúncio, de maneira compreensível e significativa. Devemos precaver-nos de uma teologia que se esgota da disputa acadêmica ou que contempla a humanidade desde o castelo de vidro. Aprende-se para viver: teologia e santidade são um binômio inseparável” [Grifo nosso]. (FRANCISCO. Carta do Papa Francisco por ocasião do Centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica da Argentina, *passim*).

[...] se reconhece o valor autônomo e ao mesmo tempo para Deus de todas as realidades terrestres resplandece o valor cristão do trabalho, de todo o trabalho humano ordinário (cf. GS, n. 34), da cultura, do empenho político, enquanto contribuem para a edificação de um mundo mais humano, e por isso mais próximo ao Reino prometido, no qual o homem seja fim e não meio e ao mesmo tempo seja aberto ao transcendente que baseia a sua dignidade além de qualquer limite. Isso é de maneira tão especial para os leigos que normalmente vivem empenhados nas diversas formas de trabalho, na cultura e na sociedade: em tudo podem ser contagiados pelo Espírito, não por força das estruturas temporais, mas graças à ação real, que os torna capazes de ser livres e libertadores do universo (cf. LG, n. 36).⁸⁸²

Como exemplo dessa realidade na vida dos leigos, constatou Pilar Río que outro traço comum, a todos aqueles leigos em processo de beatificação, era o de que agiam com competência, liberdade e responsabilidade pessoais, o que resplandeceu na vida deles. Para os que frequentavam a escola, o estudo tornou-se ocasião e meio de amizade sincera para compartilhar a fé, por exemplo, para Marta Obregón nos primeiros passos do jornalismo, o combate à luta pela vida, pela paz e pela justiça; para Carlo Acutis, um adolescente aficionado pela internet, está convencido de que é a partir daí que deve tornar-se instrumento apostólico; para Angélica Tiraboschi, apesar da doença, pensa no futuro e se inscreve num curso superior de Odontologia e para Chiara L. Badano sonha tornar-se médica. Já Chiara Corbella Petrillo, recém-casada, iniciou o curso superior de Ciências Políticas, no entanto, as três gestações e a doença a chamaram a santificar o mundo, antes de mais nada, exercitando funções essenciais para a sociedade: a de esposa e a de mãe. Com mais tempo para chegar à maturidade da vida, a existência de Henrique Shaw e a de Guadalupe Ortiz foram reveladas, particularmente, no âmbito do trabalho (ele empresário e ela Química) pela consciência de sua missão específica em santificar e contribuir para o progresso daqueles que tinham ao lado.⁸⁸³

A vocação própria dos leigos consiste em “procurar o Reino de Deus exercendo as funções temporais, ordenando-as segundo Deus”, portanto, aos leigos “cabe, de maneira especial, iluminar e ordenar de tal modo todas as realidades temporais, às quais estão intimamente unidos, que elas, continuamente, façam e cresçam segundo Cristo, para louvor do Criador e Redentor” (LG, n. 31). A compreensão das realidades temporais, com a correspondente consciência de sua origem e destino, é fundamental para o modo de exercer o sacerdócio comum e viver a filiação divina com liberdade pessoal e, por essa razão, é

⁸⁸² FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*, p. 50.

⁸⁸³ Quanto a este traço comum - que diz respeito a uma santidade missionária - todos eles são conscientes de sua corresponsabilidade na missão da Igreja e enquanto leigos de: 1) levar adiante toda a missão segundo a sua vocação específica; 2) de ter um papel insubstituível e uma responsabilidade direta e imediata na animação cristã da ordem temporal, no progresso do mundo e na promoção humana; 3) de poder e as vezes de colaborar com as tarefas intra-eclesiais, sem esquecer que não substitui a sua tarefa específica. (cf. RIO, Pilar. *Lineamenti della santità laicale*, p. 4-5.).

considerado como característica da espiritualidade laical a consciência da ordenação para Deus das realidades temporais.

Toda a vida espiritual cristã faz referência à liberdade (cf. 2 Cor 3,17; Gl 5,13), pois não há amor sem liberdade, e o amor é a essência do cristianismo (cf. Rm 13,10). Para os leigos a referência à liberdade pessoal adquire ressonâncias particulares, considerando que, em suas tarefas profissionais e sociais, etc. o leigo atua em nome próprio e assume a correspondente responsabilidade pessoal.⁸⁸⁴ Como cristão e leigo, as virtudes da fé e da caridade deveriam guiar, em todos os momentos, suas decisões e atuações. Será a partir da consciência que atuará e assumirá a responsabilidade pelo seu viver.

Em torno da “liberdade pessoal” como verdadeiro bem que deve ser promovido, explica Escrivá que:

O Senhor nos concedeu gratuitamente um grande dom sobrenatural, que é a graça divina; e outra maravilhosa dádiva humana, a liberdade pessoal, que- para não se corromper, convertendo-se em libertinagem – exige de nós integridade, empenho eficaz em desenvolver a conduta dentro da lei divina, pois onde se encontra o Espírito de Deus, ali se encontra a liberdade (2Cor 3, 17).

O Reino de Deus é reino de liberdade: não existem nele outros servos além dos que livremente se deixam aprisionar, por amor a Deus. Bendita escravidão de amor, que nos torna livres! Sem liberdade, não podemos corresponder à graça; sem liberdade, não nos podemos entregar livremente ao Senhor.⁸⁸⁵

O leigo precisa apropriar-se de sua plena liberdade para tomar decisões nos âmbitos familiar, profissional, político, econômico segundo sua consciência informada pela fé, o que implica reconhecer e respeitar a liberdade dos demais. Essa liberdade não é uma liberdade diante de Deus, mas uma liberdade e uma autonomia de decisão verdadeira, que marca com força e caracteriza o estilo de vida laical: informado pela fé e impulsionado pela caridade (cf. Gl 5, 13).⁸⁸⁶

3.9 BREVE CONCLUSÃO

Para melhor compreender os traços da espiritualidade laical é oportuno percorrer o caminho que vai da vida à reflexão teológica e vice-versa, pois é verdade que os santos são

⁸⁸⁴ BOSCH, Vicente. *Santificar el Mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad laical, p. 179.

⁸⁸⁵ SÃO JOSEMARÍA ESCRIVÁ. *É Cristo que passa*, n. 184.

⁸⁸⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar el Mundo desde dentro*: Curso de Espiritualidad laical, p. 179-180.

“os grandes testemunhos de Deus no mundo”.⁸⁸⁷ Nesse mesmo sentido, Karl Rahner elucida que:

Os santos são verdadeiros modelos que mostram como se pode viver a vida atualmente com autenticidade, sem prevenções, com suavidade e ao mesmo tempo com firmeza diante de si mesmo, uma vida com medidas, disciplinada, limpa, como se pode vencer no fundo do coração a angústia mortal e desesperada, que acende nossas apetências e nos faz assim assumir sem egoísmo a responsabilidade de nossa ação temporal em favor dos demais ainda que custe renúncias aceitas com um sorriso tácito.⁸⁸⁸

Buscando encontrar, no caminho da vida cristã leiga, diretrizes para a Teologia, citam-se as considerações conclusivas da recente jornada *Una riflessione sulla santità laicale* que apontou os lineamentos da santidade laical e sintetizou os traços característicos da espiritualidade laical que tem como meta a santidade: 1) que se trata da verdadeira santidade cristã (*tout court*), não é uma segunda categoria de santidade. A espiritualidade cristã é única, e a meta é sempre a mesma: é a santidade à qual Deus chama em Cristo através do Batismo; 2) que se desenvolve segundo a vocação própria e específica dos fiéis leigos. É vida plena segundo o espírito que se expressa de modo peculiar pela inserção dos leigos na realidade temporal e na participação em atividades terrenas; 3) a santidade laical compartilha os traços comuns da santidade a que são chamados todos os batizados: santidade plena, no seio da Igreja e através da Igreja e missionária. Na sua contemporaneidade, possui outros traços em razão da peculiaridade da vocação laical, ou seja, é santidade que se realiza no próprio ambiente e através da vida ordinária; é santidade que impulsiona o cristão a levar adiante a missão de toda a Igreja, ficando ali onde Deus chama e envia, trazendo o mundo de volta a Deus “desde dentro”.⁸⁸⁹

A partir dessas conclusões é possível afirmar que a santidade laical: 1) é santidade plena (*tout court*); 2) é santidade que se dá no seio da Igreja; 3) é santidade que se dá na vida

⁸⁸⁷ SUENENS, Card. L. J. *Vida cotidiana vida cristã*, p. 80.

⁸⁸⁸ Karl Rahner está se referindo aos institutos seculares nessa parte do texto, mas o mesmo se pode aplicar aos leigos (cf. RAHNER, Karl. *Espiritualidad antigua y actual*. In: _____. *Escritos de Teologia*, t. 7, p. 33).

⁸⁸⁹ Por essa razão, nessa etapa do estudo, se busca unir a vida propriamente dita à reflexão teológica. O que se fará também com base no texto de autoria da teóloga chilena Pilar Río, professora na Pontificia Università della Santa Croce, contendo as considerações conclusivas a partir da jornada de reflexão sobre a santidade laical: *Una riflessione sulla santità laicale*, realizada na cidade de Roma, em 30 de abr. de 2019, por ocasião da beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri – primeira leiga do *Opus Dei* a ser beatificada. O tema foi tratado a partir da apresentação de alguns exemplos recentes de santidade laical: a Beata Chiara Luce Baldano (1971-1990), o venerável Carlo Acutis de Milano (1991-2006), o empresário argentino Enrique Shaw (1921-1962), a romana Chiara Corbella Petrillo (1984-2012) e os estudantes Marta Obregón (1969-1992) e Angelica Tiraboschi (1995-2015), respectivamente espanhola e italiana. (Cf. <https://www.agensir.it/quotidiano/2019/4/30/santita-laicale-rio-teologa-e-santificare-il-mondo-dallinterno-e-riportarlo-a-dio/>).

ordinária e no próprio ambiente (com a respectiva valorização da secularidade) e, por fim, 4) é santidade missionária.

Todos os aspectos assinalados sobre a espiritualidade e a santidade laical – modos laicais de exercer o sacerdócio comum – ainda que distintos, convergem para uma realidade fundamental que é o entrelaçamento do divino com o humano que nasce da filiação divina pela incorporação a Cristo pelo Batismo e se realizam num modo concreto de vida através da graça e das realidades seculares.

Essa realidade que se expressa de forma assertiva através do conceito de *unidade de vida* acima desenvolvido⁸⁹⁰ e como bem traduziu Bento XVI na Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, a justa unidade entre o amor ascendente e o descendente para se viver uma autêntica modalidade secular da espiritualidade cristã,

na realidade, *eros e ágape* – amor ascendente e amor descendente – nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois se encontrarem, a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. [...] Por outro lado, o ser humano também não pode viver, exclusivamente, no amor oblativo, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor deve, ele mesmo, recebê-lo em dom. Certamente, o ser humano pode – como nos diz o Senhor – tornar-se uma fonte de onde correm rios de água viva (cf. Jo 7, 37-38); mas, para tornar-se semelhante fonte, deve ele mesmo beber, incessantemente, da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19,34). *Deus Caritas Est*, n. 6.

⁸⁹⁰ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 180.

CONCLUSÃO

O Concílio Vaticano II estabelece princípios teológico-espirituais que fundamentam uma verdadeira renovação da espiritualidade cristã, conforme desenvolvido no primeiro capítulo, mas não chegou a discernir os modos que configuram a relação do cristão com o mundo, indicou novos caminhos, mas não a forma de percorrê-los.⁸⁹¹

A primeira conclusão a que se chegou com a investigação é que não há espiritualidade laical diversa da cristã, como tratado na primeira parte do terceiro capítulo. É a mesma raiz evangélica que se diferencia, na maneira de assumir toda a realidade humana, criando um estilo próprio de existência espiritual do laicato com matizes peculiares e atuações específicas, que precisam ser elaboradas, conhecidas e aprofundadas. Por essa razão, foi preciso conhecer a doutrina sobre a espiritualidade cristã e sobre o fiel cristão leigo para, somente então, identificar os elementos fundamentais da espiritualidade vivida pelos leigos que são chamados a fazer a experiência de Deus, de Cristo e da Igreja no mundo.

A tese buscou identificar os fundamentos teológicos, as dimensões constitutivas e as características da vida espiritual dos fiéis leigos denominada “espiritualidade laical” e considerada uma verdadeira “arte integral do ser”.⁸⁹² Foram considerados, neste estudo, como fundamentos teológicos da espiritualidade laical, ao menos, duas diretrizes que a definem: 1) a necessária valorização da vocação laical como caminho de santidade; e 2) a compreensão do caráter teológico da secularidade, como nota distintiva e característica dos fiéis leigos (cf. LG, n. 31; AA, n. 5). São esses os princípios norteadores da espiritualidade própria na vida dos leigos que devem ser compreendidos e aplicados conjuntamente, para uma autêntica expressão da espiritualidade laical.

A devida valorização da vocação laical corresponde ao chamado e à obrigação dos fiéis leigos de buscar a perfeição no próprio estado de vida. No mundo, deve se realizar a síntese perfeita de sua vida espiritual. É onde Deus o chama a ser santo, a viver a plenitude do amor a que é chamado. Nesse ambiente, é que o ser humano deve se aperfeiçoar, ou seja, alcançar a plenitude da vida humana que é capaz no amor como filhos de Deus.

Juntamente com a valorização da vocação laical à santidade se encontra a compreensão do caráter teológico da secularidade, que é específico e matiza o comportamento espiritual dos leigos (cf. LG, n. 31 e 36; GS, n. 43). Compete a eles a missão de levar a

⁸⁹¹ PELLITERO, Ramiro. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*, p. 494.

⁸⁹² MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante: o tempo e a promessa*, p. 26.

mensagem de Jesus Cristo e fazer penetrar o espírito do Evangelho nas realidades temporais e aperfeiçoá-las (cf. AA, n. 5) pelo lugar original e insubstituível que ocupam como Igreja no mundo.

É plausível afirmar com a tese que, na base teológica da espiritualidade laical, não pode faltar o sentido vocacional de toda a existência cristã (vocação à santidade que comporta a missão na Igreja e no mundo), que encontra, na secularidade, sua relação com Deus (sentidos eclesial e teológico da secularidade) como estudado no terceiro capítulo. Portanto, vocação laical e secularidade são pressupostos teológicos da espiritualidade laical como seu modo próprio de viver e de atuar. A vocação do leigo à santidade é uma vocação para uma vida no mundo, é humana e temporal (cf. LG, n. 41).

Outro resultado a que se chegou diz respeito à necessidade, ainda em nossos dias, de um lento trabalho de amadurecimento do processo de tomada de consciência, tanto por parte dos pastores como dos leigos, sobre a modalidade específica de sua missão eclesial na vivência de sua espiritualidade – modalidade perfilada pelo Concílio Vaticano II e confirmada pela *Christifideles Laici* (cf. ChL, n. 15).

O Concílio Vaticano II supera a estreita concepção de mundo como perigo a ser evitado pela alma (*fuga mundi*). O mundo não só é visto como âmbito de vida e atuação do cristão a partir dos significados ascético e sociológico, mas também como tarefa a partir do pressuposto da bondade original da Criação e da realidade da redenção (cf. GS, n. 2). Transcorridos mais de 50 anos do Concílio Vaticano II e 30 anos da *Christifideles Laici*, observa-se que a compreensão e a vivência da condição laical com sentido vocacional, bem como do sentido do caráter teológico da secularidade, como caminho de santidade e plenitude humana é, todavia, pouco frequente.⁸⁹³

A doutrina deve sustentar a prática e, por essa razão, com base na fundamentação teológica correspondente, se buscou encontrar, a partir da situação concreta de vida do leigo, uma modalidade específica e inconfundível de viver o mesmo Mistério de Jesus Cristo, buscando delinear as dimensões da espiritualidade laical. Sem dúvida, é difícil viver o cristianismo no mundo de hoje, entretanto, se o leigo quiser viver verdadeiramente como cristão, não há outro lugar senão no mundo.⁸⁹⁴

No que tange à reflexão sobre as dimensões que integram a vida cristã, é possível afirmar, com a pesquisa, a presença conjunta de duas vidas: uma vida teologal como

⁸⁹³ BOSCH, Vicente. *La vocación a la santidade de los laicos, a la luz de Gaudete et Exsultate do Papa Francisco*, p. 1.

⁸⁹⁴ BRUGNOLI, Pietro. *La spiritualità del laici*, p. 185.

*dimensão vertical (orientação do homem a Deus) e de uma vida humana como dimensão horizontal (orientação do homem ao próximo). Ambas integram a mesma vida cristã em unidade, devendo-se evitar a polarização, em outras palavras, “não é horizontalismo ou verticalismo, mas verticalismo no horizontalismo.”*⁸⁹⁵

Importante é ressaltar, sobretudo em tempos em que se fala na “secularização da Teologia”,⁸⁹⁶ que o primeiro valor na espiritualidade, como vida teologal, consiste na intimidade com o Pai através do Filho, no Espírito Santo (cf. Mt 10, 37; Lc 14 14, 26; Jo 15,49) – é uma experiência do Cristo total que se realiza habitualmente, penetrando, sempre mais, no mistério total de Cristo – é a base da espiritualidade cristã e também de sua modalidade laical.⁸⁹⁷

A experiência de Deus é imprescindível para a vivência da espiritualidade cristã que requer uma intimidade que parta do encontro relacional com o Senhor, pois não se pode transmitir e viver o que não se conhece, é a primazia da vida interior.⁸⁹⁸ Como bem expressa essa exigência, Karl Rahner, ao profetizar que “cristão do futuro ou será místico ou não será cristão” para se referir à necessária experiência de Deus a que é chamado todo cristão, inclusive, o fiel leigo.

A vida sobrenatural se desenvolve no espírito humano ao se descobrir amado por um Deus que o chama e o introduz na sua intimidade divina, para enfrentar a existência em diálogo com Ele. De forma gratuita e amorosa, Deus não só se dá a conhecer, mas quer habitar o espírito humano.⁸⁹⁹ O ser humano, o cristão comum, é chamado a enfrentar a existência com Ele, é uma vida não só de comunicação, mas de união.⁹⁰⁰ Essa vida de união com Deus acontece através de vias a que todo batizado tem acesso como a vida sacramental em especial, a Eucaristia, a oração e a ascese, o acompanhamento espiritual, o crescimento das virtudes teologais e o desenvolvimento das virtudes humanas como abordado no terceiro capítulo. Todo o sentido vertical da espiritualidade é uma experiência do amor de Deus.

Para a vivência de uma autêntica espiritualidade cristã pelos fiéis leigos, que vivem imersos nas estruturas terrenas, essa deve apresentar a visão de conjunto da vida espiritual (“vida vivida”⁹⁰¹) composta pelas dimensões tanto da vida teologal quanto da humana, essa

⁸⁹⁵ KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado: O humanismo do Vaticano II*. p. 10.

⁸⁹⁶ BOFF, Clodovis. *O livro do sentido: Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*, v. 1, p. 515

⁸⁹⁷ BRUGNOLI, Pietro. *La spiritualità del laici*, p. 186.

⁸⁹⁸ MORALES, Thomas. *Vida y obras de Tomás Morales*, p. 29.

⁸⁹⁹ BOUYER, Louis. *Introduzione a la vita spirituale*, p. 21-23.

⁹⁰⁰ ILLANES, José Luis. *Tratado de Teologia Espiritual*, p. 83.

⁹⁰¹ WEISMAYER, Josef. *Vida cristiana en plenitud*, p. 18.

última não apenas indispensável ou necessária, mas essencial.⁹⁰² Exorta o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, quanto à necessidade de se viver uma “espiritualidade que transforme o coração” (dimensão da vida teologal) aliada a uma “espiritualidade encarnada” (dimensão da vida humana) que se coaduna com as exigências da caridade (cf. EG, n. 262). A relação dos fiéis cristãos leigos com o mundo integra sua espiritualidade.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o fiel leigo é, ao mesmo tempo, “membro da Igreja e da sociedade civil, devendo conduzir-se firmemente nesses dois setores por uma única consciência cristã” (cf. AA, n. 5). Portanto, o caminho da espiritualidade laical, do seu modo de viver como cristão, não só passa como se encontra no mundo considerado como âmbito e meio de sua vocação específica, tanto é assim que se denomina como a “modalidade secular da espiritualidade cristã”. Os leigos, em razão de sua secularidade, têm um lugar original e insubstituível de assumir o mundo como Igreja.

A polarização de um ou de outro aspecto (vida teologal ou vocação temporal) da espiritualidade laical pode levar a extremos. De um lado, uma mentalidade estritamente monacal (fuga do mundo), que se faz inacessível à maioria dos leigos que se veem forçados, por sua própria condição, a desenvolver a vida precisamente no meio do mundo e de suas estruturas terrenas. De outro lado, uma espiritualidade mundana, como denominou Francisco, um “mundanismo espiritual”, “que é uma cultura do efêmero que não sabe o que é fidelidade e não tolera a cruz”.⁹⁰³ O caminho da espiritualidade laical deve, portanto, ser pensado e vivido de forma integral, unindo ambas as dimensões “sem embaralhar a verticalidade divina e a horizontalidade humana da experiência de Cristo”.⁹⁰⁴

A partir da comunhão de ambas as dimensões ou “vidas”, a investigação chegou a um conceito considerado chave para a transmissão da espiritualidade cristã e, em especial, para a estruturação da espiritualidade na vida dos fiéis leigos: a “unidade entre a fé e a vida” como a síntese vital do Evangelho e dos deveres cotidianos (cf. ChL, n. 34, 59). A expressão muito bem harmoniza e sintetiza as dimensões que integram a vida cristã laical. É fundamental para a estruturação própria da vida espiritual dos leigos,⁹⁰⁵ como desenvolvido o terceiro capítulo desta tese.

⁹⁰² THILS, Gustave. *Santidad cristiana*: compendio de teologia ascetica, p. 27-28.

⁹⁰³ PAPA FRANCISCO. *Homilia*, 16 maio 2020.

⁹⁰⁴ LUBICH, Chiara. *Ideal e luz*, p. 23.

⁹⁰⁵ Essa expressão apareceu pela primeira vez na história da Igreja nos ensinamentos de São Josemaría Escrivá para nomear um conceito essencial de sua mensagem espiritual desde que fundou o *Opus Dei* em outubro de 1928. A partir dos ensinamentos de São Josemaría, essa expressão foi se difundindo e sendo utilizada pelo Magistério da Igreja pela primeira vez, no Concílio Vaticano II na *Plesbyterorum Ordinis* e depois pela *Christifidelis Laici* (BELDA, *El beato Josemaría Escrivá de Balaguer, pioneiro de la unidad de vida Cristiana.*, p. 3).

A Exortação Apostólica *Christifideles Laici* confirma essa realidade ao afirmar que a unidade de vida dos leigos é de enorme importância “[...] pois eles têm que se santificar no normal da vida profissional e social”. E complementa explicando que, para que possam responder à sua vocação “[...] devem olhar para as atividades da vida quotidiana como uma ocasião de união com Deus e de cumprimento de sua vontade, e também como serviço aos demais homens, levando-os à comunhão com Deus em Cristo”. (ChL, n. 17).

O conceito de *unidade de vida* é considerado chave na espiritualidade laical não só porque integra a totalidade da mensagem cristã sobre a identidade, vocação e modo de viver do cristão, mas também porque demonstra a necessária unidade que deve existir para a realização da vida cristã na vida concreta humana, unindo espiritualidade e cotidianidade. Não é compaginação, mas plena união, pois devem se integrar em unidade dinâmica. É movimento ascendente e, ao mesmo tempo, descendente, imprescindível para a vivência de uma autêntica espiritualidade cristã que deve ser compreendida e vivenciada de forma integral e integrada.

Por essa razão, cotidianidade e espiritualidade são categorias que se atraem e se complementam: não existe espiritualidade sem buscá-la ou vivê-la na cotidianidade, nem cotidianidade que não caia em rotina, monotonia e alienação se não há aspiração à santidade.⁹⁰⁶ É necessário ir construindo a santidade dia após dia, no ordinário da vida, como nas palavras de Santo Inácio de Antioquia: “Realizemos todas as nossas ações com o único pensamento de que Deus habita em nós.”

Importante é ratificar a primazia da virtude da caridade não só como princípio dinâmico da unidade de vida e, conseqüentemente, da espiritualidade laical, mas como fim último de toda vida cristã. A caridade deve ser a força, o “impulso interior que leve a atuar com o amor com que Cristo amou a Igreja” (cf. PO, n. 14), pois é a caridade teologal que significa a união com Cristo e a participação em seu amor, segundo a própria vocação e as circunstâncias pessoais. A caridade é como um catalisador para dinamizar todos os aspectos da unidade entre fé e vida na espiritualidade laical. Está na raiz da Teologia e na *práxis* dos cristãos. A caridade tem seus atos e é vivendo-os que se chega à santidade.

Esse amor é do que necessitam os leigos e é do que necessita o mundo de hoje. A caridade é o *fio de ouro* de toda a vida cristã. É o eixo central, a presença de Deus na cultura cristã deve encarnar-se no mundo pelo testemunho do fiel leigo, que é testemunha da presença do Espírito, pois uma fé que não se torna cultura “é uma fé não plenamente recebida, não inteiramente pensada nem fielmente vivida” (ChL, n. 59). A caridade é o amor entendido na

⁹⁰⁶ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad laical*, p. 149

unidade do amor a Deus e ao próximo;⁹⁰⁷ é “amar aos homens com o próprio amor de Deus que vem amar em nós, que quer amar através de nós. Isso se torna, então, coisa emocionante, na medida em que lhe damos acolhimento”.⁹⁰⁸

De um lado, o imenso amor de Deus pelo ser humano e, de outro, o sofrimento e a dor, realidades intrínsecas a toda condição humana. Na espiritualidade como caminho orientado a uma meta (santidade) devem estar presentes três elementos: a relação com o Pai; a cruz; e a relação com o mundo.⁹⁰⁹ Por isso, concluiu-se pela importância de se falar da cruz na condição humana da vida cristã laical, pois não há cristianismo sem cruz e tampouco vida sem sofrimento (Lc 9,23; cf. Mt 16,24 e Mc 8,24).

A espiritualidade cristã é marcada pela cruz e é também uma vida escatológica que só alcançará sua plenitude mais além da vida presente, quando chegar o término da história. Essa realidade marca profundamente a vida espiritual cristã e a informa com a esperança de que, apesar de todas as obscuridades e preocupações, tem confiança na certeza de que o Reino de Deus, que já se irrompeu, é justiça, paz e alegria no Espírito Santo (cf. Rm 14,17) para que “vivamos como seres humanos novos neste mundo antigo” (cf. Rm 6,4; Ef 4,24; Cl 3,10).⁹¹⁰

O objeto da esperança é o mesmo Deus que vem em auxílio do ser humano.⁹¹¹ A esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrenas nem tampouco dos sofrimentos, mas, antes, lhe confere novos motivos de realização (cf. GS, n. 21). A espiritualidade contemporânea, assim, vive o desafio da dialética entre a encarnação e a escatologia, convidando o cristão a viver com a consciência sempre viva de que se está de passagem, como na frase relacionada à Serva de Deus leiga Chiara Corbella Petrillo: “Nascemos para não morrer nunca.”⁹¹²

Diante da bela e desafiadora tarefa que tem o fiel leigo, de viver em comunhão com Deus em meio ao mundo, numa relação pessoal, profunda e íntima com Jesus Cristo, a Igreja propõe, como modelo e exemplo, a vida dos santos, verdadeiros heróis do cristianismo. São verdadeiras testemunhas do Pai num mundo e num tempo considerado “sem Deus”,⁹¹³ conferindo ânimo e consolo às almas nesta vida, pois as “palavras movem, mas os exemplos arrastam”. Como bem ressalta o Papa Francisco, em texto sobre a chamada universal à santidade no mundo atual, “testemunhos são úteis para estimular e motivar, mas não para

⁹⁰⁷ ROYO MARÍN, Antonio. *Espiritualidad de los seglares*, p. 308.

⁹⁰⁸ SUENENS, Card. Léon-Joseph. *Vida cotidiana vida cristã*, 115.

⁹⁰⁹ BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: Curso de Espiritualidad Laical*, p. 139.

⁹¹⁰ KASPER, Walter. *A Igreja Católica*, p. 140.

⁹¹¹ BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teología Espiritual*, p. 232.

⁹¹² TROISE, Simone; PACCINI, Cristiana. *Nascemos para no morrer nunca: la historia de Chiara Corbella Petrillo*, p. 22.

⁹¹³ BINGEMER, Maria Clara. *O mistério e o mundo: Paixão por Deus em tempos de descrença*, p. 15.

procurar copiá-los, porque isso poderia até afastar-nos do caminho único e específico, que o Senhor quis para nós” (GE, n. 11).

O Senhor escolheu “cada um de nós ‘para ser santo e irrepreensível na sua presença e no seu amor’ (cf. Ef. 1,4), Ele pede tudo e, em troca, oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados” (GE, n.1,3). Para alcançar a plenitude da vida cristã, é necessária a vivência de uma autêntica espiritualidade. Por isso, a importância de ensinar e aprofundar a vida cristã laical, objetivando encontrar o caminho único e específico que o Senhor predispôs aos fiéis leigos, para que O amem, vivendo junto com Ele na simplicidade da vida normal (GE, n. 11).

Os fiéis leigos – Igreja na entranha do mundo – por sua força representativa e identidade, representam o realismo da espiritualidade cristã. Segundo os elementos desenvolvidos na tese, se constata que é preciso que falem de Deus com palavras, mas principalmente com obras na arte de amar divinamente o mundo e os seres humanos em contínua comunhão com Deus, não esperando grandes circunstâncias da vida para serem corajosos, mas vivendo com grandes deveres (sentido teológico) as circunstâncias diárias (GE, n. 16).

Considerando a simplificação que acompanha toda afirmação de caráter esquemático, mas objetivando responder às exigências espirituais de nossa época, que se orienta por valores concretos, vitais e existenciais, se propõe a síntese dos principais resultados da pesquisa em teses aqui ordenadas não segundo o modo como foram expostas, mas segundo uma lógica que facilite a compreensão do objeto do presente estudo:⁹¹⁴

1. *O conceito de espiritualidade cristã.* A palavra *espiritualidade* é considerada um dos termos mais vagos da linguagem religiosa atual; entretanto, para descrevê-la, não podem faltar as seguintes notas: a) como modo de viver cristão (uma nova vida); b) como fruto de uma intensa vida espiritual com Cristo no Espírito Santo (encontro pessoal); e c) que necessita de tradução concreta na situação humana e histórica do ser humano (Ef 1, 3-6) (1.1.2).

2. *Espiritualidade e santidade:* perspectivas complementares. A espiritualidade é considerada uma forma de vida orientada a uma meta ou modo de viver característico do cristão. Não é um estado, mas uma forma de viver, considerada como sendo o caminho que São Paulo chama de “viver segundo o Espírito” (Gl 5, 16-26, Rm 8,4-11), que trata de

⁹¹⁴ Os números entre parênteses referem-se ao título ou subtítulo em que foi desenvolvido o tema na tese.

alcançar sua plena perfeição sobrenatural ou a plena configuração com Cristo que é a santidade (1.3.1). A relação e a distinção contribuem para uma vivência integrada da espiritualidade.

3. *A espiritualidade laical como uma modalidade de espiritualidade cristã: A vida espiritual cristã precede a todas as suas modalidades (sacerdotal, religiosa e laical), por isso, não se pode perder de vista o que é comum diante do específico. A vida cristã apresenta os seguintes pressupostos: a) a comunhão com Deus: Deus amou primeiro e esse amor se fez carne na humanidade de Cristo (cf. Ef, 2,18) (comunicação por parte de Deus); b) o chamado divino é dirigido ao ser humano (sujeito da comunicação de Deus); e c) até alcançar a plenitude de vida: a santidade de vida a que todos são chamados. (A vocação é elemento configurador da existência cristã) (LG, n. 40) (1.2). Podem ser descritas as seguintes características da espiritualidade cristã: é vida trinitária e filial, cristocêntrica, pneumatológica, eclesial, litúrgica, eucarística, apostólica, encarnada, escatológica, mariana, antropológica e comunitária (1.2.3). Necessário é o equilíbrio entre a riqueza comum e a vocação específica (índole secular).*

4. *Opção pela expressão espiritualidade laical para refletir a modalidade da espiritualidade cristã vivida pelos leigos no mundo. A expressão encontra referência na identidade e na vocação do fiel leigo, tendo, na secularidade, a relação do leigo com Deus e não uma adaptação da vida cristã dos religiosos aos leigos no mundo (3.2).*

5. *Fundamentos teológicos para uma espiritualidade laical. A partir das dimensões constitutivas da única espiritualidade cristã, ressaltam-se os seguintes elementos que devem estar na base teológica da espiritualidade laical: a) a vocação laical como caminho de santidade, isto é, “à perfeição da caridade” (LG, n. 40); e b) a índole secular fruto de uma adequada compreensão do valor teológica da secularidade, ou seja, do mundo e das realidades terrenas como objeto da missão da Igreja e lugar de encontro com Deus (3.3).*

6. *A espiritualidade laical é composta pelas dimensões da vida teologal e da humana. A vida espiritual dos fiéis leigos, quando acolhida e integrada à totalidade da vida humana, desenvolve-se conjunta e simultaneamente no sentido vertical (vida teologal de união com Deus que consiste, fundamentalmente, na vida sacramental, na oração e ascese, na prática das virtudes teologais e humanas, no acompanhamento espiritual) e, no sentido horizontal (vida humana como ocasião de encontro para amar a Deus no próximo (1 Jo 4,20) (cf. ChL, n. 17) (3.5).*

7. *A “unidade de vida” é considerada um conceito-chave para a compreensão e a vivência de uma autêntica espiritualidade laical. A unidade, entre a fé e a vida dos fiéis*

leigos, é essencial (cf. ChL, n. 17, 34, 59). Não é apenas compaginação, mas plena união entre a vida de fé e a vida humana, que devem se integrar em unidade dinâmica (3.7).

8. *A caridade é definida como a virtude que rege, informa e conduz toda a espiritualidade laical.* O amor é o único vínculo de perfeição entre os cristãos e a única virtude que une a Deus e ao próximo e que consiste o fim último da espiritualidade laical (cf. LG, n. 42) (3.7).

9. *A doutrina sobre a vida cristã laical deve ser apresentada em sua totalidade e não em aspectos parciais.* A importância em ser refletida, na sua totalidade e unidade orgânica, a partir dos fundamentos teológicos comuns e específicos, de suas características e dimensões constitutivas. Sem deixar de mencionar a necessária unidade de vida, o sentido transversal da cruz e o papel central da caridade na vida cristã, pois “Deus é amor, e quem permanece no amor em Deus permanece e Deus nele” (1 Jo 4,16). Ao se colocar os meios da espiritualidade laical isolados do todo, corre-se o risco de perder de vista o objetivo a que conduzem; seria o mesmo que parar no meio do caminho, em vez de alcançar o fim. A reta compreensão da doutrina como um todo se revela sempre e de novo como o ponto crucial da existência cristã.

10. *O tema da espiritualidade laical abarca a reflexão sobre a identidade do fiel leigo com sentido vocacional-espiritual, unindo ser e missão.*

11. *Espiritualidade laical e vida cotidiana.* Há uma estreita relação entre a vida espiritual do fiel leigo (como ocasião de união com Deus) e o cumprimento de sua vontade que acontece *através das e nas* atividades ordinárias de cada dia (cf. ChL, n. 16), podendo ser também denominada “espiritualidade do cotidiano” (3.8).

12. *O fiel leigo precisa conhecer para viver a modalidade própria da espiritualidade cristã a que é chamado.* Quanto mais profundos forem o conhecimento e o apreço do Mistério da Graça, mais generosa será a entrega. A espiritualidade pós-moderna encontra motivos sólidos, no estudo da Teologia, a doutrina deve sustentar a prática. O estudo sério da Teologia confere à espiritualidade profundidade e realismo, afastando a superficialidade e o sentimentalismo, permitindo um desenvolvimento posterior no conteúdo e nas obras.⁹¹⁵

A espiritualidade cristã é verdadeira “água viva” (cf. Jo 7, 37-38) para a vida do ser humano; “é a palavra do Espírito ao Espírito” que “cura, fortalece, impele e ilumina”.⁹¹⁶ Ao perscrutar a espiritualidade em sua modalidade laical, se tem a impressão de que a

⁹¹⁵ MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*, p. 347.

⁹¹⁶ RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia Espiritual*, p. 9.

espiritualidade toma forma para se incorporar à vida, revelando-se factível de ser experimentada. O que antes parecia obstáculo para uma vida cristã autêntica, por exemplo, a vida social, os compromissos cotidianos, a doença, os problemas, agora pode ser considerado oportunidades e meio de união com Deus, mas não sem a luta ascética e a graça, podendo-se transformar em poesia a prosa da vida cotidiana.⁹¹⁷

A fundamentação teológica sobre a espiritualidade laical encontra-se, muitas vezes, esparsa e implícita em outros temas, como no Evangelho, no Magistério da Igreja e na Teologia, mas, assim como uma semente posta na Terra, é preciso que germine e cresça, para que seja conhecida e vivenciada. Portanto, o ineditismo dessa tese não está em criar nova doutrina, mas em apresentá-la de forma sistematizada e incorporada à vida, com a perene consciência de se estar “pisando em solo Sagrado”. Parafraseando São Francisco de Sales, em *Filoteia*, “É sempre a mesma doutrina apresentada de mil modos diferentes. [...] São as mesmas flores, benévolo leitor, que venho ofertar aqui; a única diferença que há é que o ramalhete está disposto diversamente.”⁹¹⁸ No entanto, apresentá-lo em unidade orgânica é necessário, para que o caminho possa ser conhecido e percorrido.

De que espiritualidade necessitam os leigos de hoje? Com essa investigação, é possível afirmar que os fiéis leigos, na realidade, precisam viver a espiritualidade cristã que lhes corresponde. Mas, para isso, precisam conhecê-la em sua integralidade, composta pela beleza da vida cristã que a luz de sua identidade os convida a viver no mundo em todas as circunstâncias da vida ordinária, de forma extraordinária, ou seja, amando divinamente, pois “Ele depende de nós para amar o mundo”.⁹¹⁹

Espiritualidade laical é a verticalidade divina na horizontalidade humana em unidade na caridade, pois a vida do fiel leigo tem o mundo como objeto (cf. AA, n. 5). É necessário aprender para melhor servir, especialmente nos dias de hoje, com a indiferença e o desconhecimento de Deus. É preciso uma espiritualidade que transforme o coração, que parta da experiência do encontro com o Pai e abarque toda a vida (cf. EG, n. 262).

Essa é a renovada espiritualidade do Concílio Vaticano II e as linhas da espiritualidade pós-moderna. É teoria que nasceu da vida que precisa se tornar, cada vez mais, vida em extensão e profundidade, de modo que todos os fiéis leigos, iluminados pelos testemunhos dos santos leigos e de muitos outros denominados “santos ao pé da porta” (GE e EG, n. 263) se transformem em homens novos e construtores de uma humanidade nova (GS, n. 30).

⁹¹⁷ MONTERO, Mercedes. *En vanguardia: Guadalupe Ortíz de Landazúri*, p. 59.

⁹¹⁸ SALES, Francisco de. *Filoteia ou Introdução à vida devota*, p. 15.

⁹¹⁹ KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja minha luz: a história e os escritos mais impressionantes da “Santa de Calcutá”*, p. 73.

Ante a complexidade do tema pesquisado, tem-se a consciência de que se está longe de dizer a última palavra, mas, como nas palavras de João Paulo II, “que saibamos fazer do presente o Mistério do Filho de Deus encarnado hoje, em nossos dias, e tomara saibamos assentar a base e realizar a nova evangelização no que os leigos tenham o papel decisivo” (São João Paulo II, TMA). Esse papel decisivo dos leigos, que é seu protagonismo, deve acontecer, principalmente, no mundo, deixando o protagonismo em suas almas para Deus.

A busca por um caminho de união com Deus, na vida, foi o que conduziu a autora, ao longo desta pesquisa, inclusive, tendo-a levado a Roma no ano de 2019 (período de estudo e de enriquecedoras experiências eclesiais). Com humildade, espera-se que essa pesquisa contribua para a vida de outros fiéis leigos a encontrarem seu caminho de encontro com Deus que passe pela experiência da oração, pelo serviço do irmão e pelo compromisso com a história onde Deus se faz presente.

Muito ainda se tem para estudar e aprofundar sobre a especificidade da espiritualidade laical e no que diz respeito às suas condições de vida – a espiritualidade na família, no trabalho, na vida social – mas como escreveu São Bernardo, no fim do *De Consideratione* (PL 182, 808): *Sit finis libri, sed non finis quaerendi* – o livro acabou, mas a investigação continua.⁹²⁰

⁹²⁰ Citado por Congar Baraúna em A Igreja do Concílio Vaticano II, p. 1.292.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

ALVAREZ, Tomas. Alegria. In: ALVAREZ, Tomas. *Diccionario de Santa Teresa de Jesus*. Monte Carmelo, Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2000.

AMARAL, Miguel de Salis. *Concidadãos dos santos e membros da família de Deus: Estudo histórico-teológico sobre a santidade da Igreja*. Lisboa: Paulus, 2013.

_____. Laicato. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco (ed.). *Dizionario di Ecclesiologia*. Roma: Città Nuova, 2010, p. 784-798.

_____. Santidad. In: CALABRESE, Gianfranco; GOYRET, Philip; PIAZZA, Orazio Francesco (edd.); VILLAR, José R. (org.). *Diccionario de Ecclesiologia*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016, p. 1352-1367.

_____. *Uma conversa confidencial sobre o desejo de ser santos*. Disponível em: <https://pontosj.pt/especial/uma-conversa-confidencial-sobre-o-desejo-de-ser-santos/>. Acesso em: 21 jun. 2018.

ANCILI, Ermanno. Espiritualidad Cristiana. In: _____. *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Herder, 1987. p. 16-32.

ANTÓN, Ángel. *El misterio de la Iglesia*. 2 v. Madri: BAC, 1986-1987.

_____. *Principios fundamentales para una teología del laicado en la eclesiología del Vaticano II*. Gregorianum, Roma, v. 68, n. 1-2, p. 103-155, 1987.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. *A Espiritualidade dos leigos: À luz do Magistério Eclesial desde o Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2019.

BAGGIO, Marileida. *Luz conciliar sobre a natureza da vida consagrada*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 22, n. 97, p. 341-352, set.1992.

BALTHASAR, Hans Urs von. *El evangelio y la espiritualidade*. Concilium, Madri, n. 9, p.7-20, 1965-1966.

BARAÚNA, Guilherme (org.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965.

_____. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

BARBAGLIO, Giuseppe. *A laicidade do crente: interpretação bíblica*. Aparecida: Editora Santuário, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios: Curso de Teologia espiritual*. 3. ed. Madri: Ediciones Palabra, 2016.

BELDA, Manuel. *El beato Josemaría Escrivá de Balaguer, pioneiro de la unidad de vida Cristiana*. Disponível em:
<https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/5518/1/Actas%20Simposio%20Teologia%2023%20Belda.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

_____. *Contemplativos en médio del mundo*. Disponível em:
<https://es.romana.org/27/estudio/contemplativos-en-medio-del-mundo-de-manuel-belda/>,
 Acesso em: 20 maio 2021.

BENTO XVI. *Homilia da Santa Missa de Imposição do Pálio e entrega do anel do pescador para o início do ministério petrino do bispo de Roma na Praça de São Pedro*. Roma, 24 abr. 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html. Acesso em: 22 out. 2020.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum caritatis: sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Roma, 22 fev. 2007. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 16 ago. 2020.

_____. *Carta Encíclica Spe salvi: sobre a esperança cristã*. Roma, 30 nov. 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*. Roma, 15 nov. 2008. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20081115_laity.html. Acesso em: 3 jun. 2020.

_____. *Carta Encíclica Caritas in veritate: sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. Roma, 29 jun. 2009. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. *Discurso aos membros da fundação Alcides de Gaspari*. Roma, 20 jun. 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20090620_alcide-de-gasperi.html. Acesso em: 11 jan. 2021.

_____. *Audiência Geral*. Roma, 02 mar. 2011. Disponível em:
https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110302.html. Acesso em: 18 jul. 2020.

_____. *Carta Encíclica Deus Caritas Est: sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. *Discurso à Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*. Roma, 25 nov. 2011. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111125_laity.html. Acesso em: 11 jan. 2021.

BENTO XVI. *Homilia da Celebração do Batismo do Senhor e administração do batismo na Capela Sistina*. Roma, 13 jan. 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2013/documents/hf_ben-xvi_hom_20130113_battesimo.html. Acesso em: 03 jun. 2018.

_____. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Verbum Domini: sobre a palavra de Deus na vida e missão da Igreja*. Roma, 30 set. 2010. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 17 ago. 2020.

BERNARD, Albert Marie. *Tendencias dominantes en la espiritualidad contemporánea*. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Madri, n. 9, p. 34-47, 1965-1966.

BERNARD, Charles André. *Teologia Espiritual: Hacia la plenitude de la vida en el Espíritu*. 6. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2007.

_____. *Introdução à Teologia Espiritual*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

BENKE, Christoph. *Breve história da espiritualidade cristã*. Aparecida: Santuário, 2011.

BERKENBROCK, Volney J. *Fé cristã plural: a chance do retorno à catolicidade*. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 46, p. 81-103, jan/abr. 2014.

BERZOSA, Raul Martinez. *La santificacion de los creyentes: liturgia e vida cristiana*. Burgense: Collectanea Scientifica, Burgos, v. 45, n. 1, p. 226-242, 2004.

_____. *Ser laico en la Iglesia y en el mundo*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalem. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Luccheti. *Da Teologia do Laicato à Teologia do Batismo*. *Perspectiva Teológica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 47, p. 29 – 48, 1987.

BINGEMER, Maria Clara Luccheti. *A identidade crística: sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Ser cristão hoje*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

_____. *O Mistério e o mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

_____. Espiritualidade. In: PASSOS, Décio João; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. *Santidade: Chamado à humanidade. Reflexões sobre a Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2019.

BLANK, Renold. *Ovelha ou protagonista? A Igreja e a nova autonomia do laicato no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *O livro do sentido: Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*, v.1. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. *Graça e experiência humana*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOSCH, Vicente. *Santificar el mundo desde dentro: curso de espiritualidad laical*. Madri: BAC, 2017.

_____. *La vocacion cristiana laical: renovar el mundo con Cristo*. Scripta Theologica, Navarra, v. 50, p. 422-423, 2018.

_____. *La vocacion a la santidad de los laicos, a la luz de Gaudete et exsultate de Papa Francisco*. Disponível em: <https://www.almudi.org/articulos/13265-la-vocacion-a-la-santidad-de-los-laicos-a-la-luz-de-gaudete-et-exsultate-del-papa-francisco>. Acesso em: 20 jul. 2020.

_____. *El carácter teológico de la secularidad. Servicio eclesial y accion en el mundo de los fieles laicos*. Disponível em: <https://www.almudi.org/articulos/11305-el-caracter-teologico-de-la-secularidad-servicio-eclesial-y-accion-en-el-mundo-de-los-fieles-laicos>. Acesso em: 22 maio 2021.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BOUGEOIS, Daniel. Leigo/laicato. In: LACOSTE, Jean-Yves (dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.

BOUYER, Louis. *Introduzione a la vita spirituale*. Roma: Borle, 1978.

BRITO, Enio José da Costa; CONGAR, Yves. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 217-219.

BRUGNOLI, Pietro. *La spiritualità del Laici*. 4. ed. Brescia: Morcelliana, 1971.

BURKHART, Ernst; LOPEZ, Javier. *Vida Cotidiana y Santidad en la enseñanza de San Josemaría: Estudio de Teologia Espiritual*. v. 3. Madri: Rialp, 2013.

CANOBBIO, Giacomo. *Laici o cristiani? Elementi storico-sistematici per una descrizione del cristiano laico*. Brescia: Morcelliana, 1992.

_____. La riflessione teologica sui laici dal Concilio a oggi. In: NAVARRO, Luis; PUIG, Fernando (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*. Milano: Giuffrè, 2012, p. 11-34.

CANTALAMESA, Raniero. *El Dios personal en la espiritualidad cristiana*. Concilium: Revista Internacional de Teologia. Madri, ano 13, t. 1, n. 123, p. 331-342, 1977.

CANTALAMESA, Raniero. *Pregação do frei Raniero Cantalamessa na Sexta-feira Santa ao Papa Francisco*. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/202004/cantalamessa-sexta-feira-paixao-coronavirus-delirio-onipotencia.html>. Acesso em: 09 jun. 2020.

CARTA A DIOGNETO. *In: PADRES APOLOGISTAS*. São Paulo: Paulus, 1995.

CELAYA, Ignacio de. Unidade de vida. *In: ILLANES, José Luis (cord.). Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer*. 3. ed. Burgos: Monte Carmelo, p. 1217-1223.

CELAYA, Pedro Escartín. Realidades terrestres. *In: FUENTE BUENO, Eloy de la; CALVO, Roberto. Diccionario del laicado, asociaciones y movimientos católicos*. Burgos: Monte Carmelo, 2004, p. 649-655.

CERTEAU, Michel de. *Culturas y Espiritualidades*. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Madri, n. 19, p.181-208, 1966.

CHENU, Marie-Dominique. Os leigos e a consecratio mundi. *In: BARAÚNA, Guilherme (org.). A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 1001-1017.

_____. A missão da Igreja no mundo de hoje. *In: BARAÚNA, Guilherme (org.). A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 337-356.

CODINA, Víctor. *Seguir Jesus hoje: Da modernidade à solidariedade*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *Não extingais o espirito (1 Ts 5,19): Iniciação a pneumatologia*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Os teólogos malditos e o Papa Francisco*. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/555648-os-teologos-malditos-e-o-papa-francisco-artigo-de-victor-codina>. Acesso em: 3 mar. 2019.

_____. *O espírito do Senhor: Força dos fracos*. São Paulo: Paulinas, 2019.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidades de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014 (Documentos da CNBB, 100).

_____. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*. Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos da CNBB, 105).

_____. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*. São Paulo: Paulus, 2014 (Estudos da CNBB, 107).

_____. *Fé Cristã e Laicidade*. Brasília: Edições CNBB, 2018 (Subsídios doutrinários CNBB, 10).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015)*. Brasília: Edições CNBB, 2011 (Documentos da CNBB, 94).

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)*. São Paulo: Paulinas, 2016 (Documentos da CNBB, 102).

_____. *Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 1988 (Documentos da CNBB, 40).

_____. *Leigos e participação na Igreja: reflexão sobre a caminhada da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986 (Estudos da CNBB, 45).

_____. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo: Paulinas, 1999 (Documentos da CNBB, 62).

_____. *Os leigos na Igreja e no mundo: vinte anos depois do Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1987 (Estudos da CNBB, 47).

CONGAR, Yves. *Os leigos na Igreja: escalões para uma teologia do laicato*. São Paulo: Herder, 1966.

_____. *Eclesiología: desde san Agustín hasta nuestros días*. Madri: BAC, 1976.

_____. Laïc et laïcat. In: VILLER, M. (org.). *Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*. Paris: Beauchesne, 1976, p. 79-108.

_____. *Spirito dell'uomo Spirito di Dio*. Brescia: Queriniana, 1987.

_____. Leigo. In: FRIES, Heinrich (dir.). *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*. v. 3. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987, p. 127-149.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos Bispos da Igreja Católica acerca de alguns aspectos da meditação cristã*. 15 out. 1989. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19891015_meditazione-cristiana_po.html. Acesso em: 13 jul. 2020.

_____. *Carta aos Bispos sobre alguns aspectos da Igreja considerada como comunhão*. 28 maio 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. *Donum veritatis*. Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo. 24 maio 1990. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html. Acesso em 18 maio 2021.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

CREN. *El cristiano y el mundo segun Teilhard de Chardin*. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Madri, ano 2, t. 2, n. 19, p. 254-268, 1966.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2013.

DOLORES, Alexandre; VELASCO, Juan Martín; PAGOLA, José Antonio. *Olhos fixos em Jesus: nos umbrais da fé*. Petropolis: Vozes, 2014.

DUCOUQ. *Presentación*. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Madri, n. 9, p. 3-5, 1965-1966.

DUPUY, Michel. Spiritualité. In: DERVILLE, A; VILLER, Marcel. *Dictionnaire de Spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*. Paris: Beauchasne, 1990, v. 14, p.1142-1174.

ESCRIVÁ DE BALAGUER, Josemaría. *Sulco*. São Paulo: Quadrante, 1987.

_____. *Conversaciones com monsenõr Escrivá de Balaguer*. Madri: Rialp, 2012.

_____. *É Cristo que passa: homilias*. São Paulo: Quadrante, 2014.

_____. *Forja*. São Paulo: Quadrante, 2014.

_____. *Em diálogo com o Senhor: Textos da pregação oral*. São Paulo: Quadrante, 2020.

ESQUERDA BIFET, Juan. *Caminar en el amor: Dinamismo de la vida espiritual*. Madri: Sintesis, 2013.

FAIVRE, Alexandre. *Os leigos nas origens da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1992.

FARRELI, Kevin Joseph. *O futuro da Igreja depende dos leigos*. Disponível em: <https://www.jesusestavivo.org.br/card-farrell-futuro-da-igreja-depende-dos-leigos/>. Acesso em: 27 set. 2020.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Ricardo. *Não eu, mas Deus: Biografia espiritual de Carlo Acutis*. São Paulo: Paulus, 2020.

FIORES, Stefano de. *La nuova spiritualità*. Roma: Studium, 1995.

FIORES, Stefano de. Espiritualidade Contemporânea. In: _____; GOFFI, Tulio (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 340-357.

FORTE, Bruno. *A missão dos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen Fidei*: sobre a fé. Roma, 29 jun. 2013. Brasília: Edições CNBB, 2013.

_____. *Exortação Apostólica Evangelium Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 24 nov. 2013. São Paulo, Paulinas, 2013.

_____. *Meditações matutinas na Santa Missa*: O bilhete de identidade do cristão. 09 jun. 2014. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco_20140609_meditazioni-68.html. Acesso em: 11 nov.2020.

_____. *Carta do Papa Francisco por ocasião do Centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica da Argentina*. Roma, 03 mar. 2015. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 24 set. 2020.

_____. *Mensagem por ocasião do cinquentenário do decreto conciliar Apostolicam Actuositatem*. Roma, 22 out. 2015. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20151022_messaggio-apostolicam-actuositatem.html. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. *Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina*. Roma, 19 mar. 2016. Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-fran>. Acesso em: 18 mai. 2021.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*: sobre a alegria do amor em família. Roma, 19 mar. 2016. São Paulo: Loyola, 2016.

_____. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*: sobre a chamada à santidade no mundo atual (19/03/2018). São Paulo, Paulinas, 2018.

_____. *Mensagem do Papa Francisco aos participantes do Congresso Internacional dos Bispos Amigos dos Focolares*. Roma, 29 jan. 2020. Disponível em:
http://2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200129_messaggio-convegno-focolari.html. Acesso em: 15 set. 2020.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. Roma, 2 fev. 2020. Disponível em:
http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 24 ago. 2020

FUENTE BUENO, Eloy de la. Laico. In: _____; CALVO, Roberto. *Diccionario del laicado, asociaciones y movimientos católicos*. Burgos: Monte Carmelo, 2004, p. 415-423.

GARCIA, Ciro. *Teologia Espiritual Contemporânea*: corrientes e perspectivas. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

- GIBELLINI, Rosino. *Breve Historia da Teologia do Século XX*. Aparecida: Santuário, 2010.
- _____. *A teologia do século XX*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio. Paulo VI. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 729-731.
- GOZALEZ ALONSO, Alvaro Lino. *La índoles saecularis en el Coetus Studium de laicis Fidelidad al Concilio*. In: NAVARRO, Luis; PUIG, Fernando (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*. Milano: Giuffré, 2012, p. 341-357.
- GONZALEZ RUIZ, José Maria. *Espiritualidad en tempo de incertidumbre*. Concilium: Revista Internacional de Teologia, Madri, n. 19, p. 239-253, 1966.
- GUARDINI, Romano. *Introdução à Oração*. Lisboa: Santelmo, 1957.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber do próprio poço: itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Igreja da Lumen Gentium e a Igreja da Gaudium et Spes*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 35, n. 150, p. 657-676, dez. 2005.
- _____. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- _____; AMARAL, Miguel de Salis (org.). *As constituições do Concílio Vaticano II ontem e hoje*. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- ILLANES, José Luis. *Laicado y Sacerdocio*. Navarra: EUNSA, 2001.
- _____. *Tratado de Teologia Espiritual*. 3. ed. Pamplona: EUNSA, 2011.
- _____. Secularidad. In: IZQUIERDO, César; BURGGRAF, Jutta; AROCENA, Feliz Maria; BRUGORALAS, Miguel (org.). *Diccionario de Teologia*. 3. ed. 2014. p. 934-939.
- IRINEU DE LEÃO. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.
- IZQUIERDO, César; BURGGRAF, Jutta; AROCENA, Feliz Maria; BRUGORALAS, Miguel (org.). *Diccionario de Teologia*. 3. ed. 2014.
- JOÃO XXIII. *Carta Apostólica Humanae salutis de convocação do Concílio Vaticano II*. Roma, 25 dez. 1961. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em: 17 maio 2021.
- _____. *Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio*. Roma, 11 out. 1962. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 04 mar. 2017.

JOÃO XXIII. *Discurso do Papa João XXIII na conclusão da 1ª sessão do Concílio Vaticano II*. Roma, 8 dez. 1962. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621208_closing-i-period.html. Acesso em: 01 mar. 2017.

_____. *Carta Encíclica Pacem in Terris*: sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Roma, 11 abr. 1963. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html. Acesso em: 17 maio 2021.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. Roma, 04 mar. 1979. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Carta Encíclica Dominicae Cenae*: sobre o mistério e o culto da Santíssima Eucaristia. Roma, 24 fev. 1980. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf_jp-ii_let_19800224_dominicae-cenae.html. Acesso em: 03 jun. 2020.

_____. *Carta Encíclica Laborem Exercens*: sobre o trabalho humano. Roma, 14 set. 1981. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. *Exortação Apostólica pós-sinodal Familiaris Consortio*: sobre a missão da família cristã no mundo de hoje. Roma, 22 nov. 1981. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*: sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. Roma, 25 mar. 1987. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em: 18 de maio 2021.

_____. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christifideles laici*: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Roma, 30 dez. 1988. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*: sobre a vida consagrada e a sua missão na igreja e no mundo. Roma, 25 mar. 1996. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. *Carta Apostólica Divini Amoris Scientia*: Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa face é proclamada doutora da Igreja. Roma, 19 out. 1997. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1997/documents/hf_jp-ii_apl_19101997_divini-amoris.html. Acesso em: 15 mar. 2020.

_____. *Homilia do Papa João Paulo II por ocasião da atribuição do título de doutora da Igreja a Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa face*. Roma, 19 out. 1997. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf_jp-ii_hom_19101997.html. Acesso em: 15 mar. 2020.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*: sobre as relações entre fé e razão. Roma, 14 set. 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte*. Roma, 06 jan. 2001. Disponível em: w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.htm. Acesso em: 19 jun. 2017.

_____. *Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae*: sobre o Rosário. Roma, 16 out. 2002. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html. Acesso em: 18 maio 2021.

KARRER, Leo. Leigo/Clero. In: EICHER, Peter (dir.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

_____. *Vocacion y mision de los laicos en la Iglesia y en el mundo*. Disponível em: https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol28/110/110_kasper.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.

KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: Força e esperança da Igreja no mundo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. Leigos. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 527-533.

KLOPPENBURG, Boaventura. *O cristão secularizado: O humanismo do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. *O protagonismo dos fiéis leigos*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 35, n. 148, p. 261-274, jun. 2005.

KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa: venha, seja minha luz: a história e os escritos mais impressionantes da “Santa de Calcutá”*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.

LAUDAZI, Carlo. *L'uomo chiamato all'unione con Dio in Cristo: Temi fondamentali di Teologia spiritual*. Roma: Edizioni OCD, 2006.

LEAL, Jerónimo. *Los primeiros cristianos en Roma*. Madri: Rialp, 2018.

LEFEBVRE, Solange. Secularidade. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. Tradução de Luiz João Baraúna. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Aparecida: Santuário, 1994, p. 863- 872.

LIBÂNIO, João Batista. *Os carismas na Igreja do terceiro milênio: discernimentos, desafios e práxis*. São Paulo: Loyola. 2007.

_____. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Mundo. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 647-651.

_____. *A ética do cotidiano: Obra póstuma do teólogo João Batista Libanio*. São Paulo: Paulinas, 2015.

LINEAMENTA. Sínodo dos Bispos. *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo vinte anos depois do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1986.

LOUTH, Andrew. Espiritual (Teologia). In: LACOSTE, Jean-Yves et al. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 660-664.

LUBICH, Chiara. *Sim, sim. Não, não*. São Paulo: Cidade Nova, 1973.

_____. La carità come Ideale. In: _____. *La carità come ideale*. Roma: Città Nuova, 1980, p. 9-30.

_____. *A unidade nos albos do Movimento dos Focolares*. Disponível em: https://centrochiaralubich.org/downloads/chi_19820328_br.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

_____. A caridade para a unidade dos povos. In: _____. *Chiara aos Gen*. Vol.3. 1975-2001. São Paulo: Editora Cidade Nova. 2016. p. 202-214.

_____; VALDELEENE, Michel (org.). *Ideal e luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido*. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2003.

LUCIANI, Albino. *A procura de Deus no trabalho*. Disponível em: <https://opusdei.org/pt-pt/article/a-procura-de-deus-no-trabalho-quotidiano-artigo-do-cardeal-albino-luciani/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MADRIGAL, Santiago. *Vaticano II: remembranza y actualización: esquemas para uma eclesiologia*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2002.

MADRIGAL, Santiago. *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II*. Maliaño: Sal Terrae, 2017.

MARCHETTI, Albino. *Espiritualidad y estados de vida*. Madri: Gráficas Menor, 1968.

MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS. *Quero ver Deus*. Petrópolis: Vozes. 2015.

MARITAIN, Jacques; MARITAIN, Raissa. *Liturgia e contemplação*. São Paulo: Flamboyant, 1962.

_____. *Por um humanismo cristão*. São Paulo: Paulus, 1999.

MARTI, Pablo. *La espiritualidade cristiana en el Concilio Vaticano II*. Scripta Theologica, Navarra, v. 45, p. 422-423, abr. 2013.

MATANIC, Atanasio. *La spiritualità come Scienza: Introduzione metodológica allo studio della vita spirituale cristiana*. Milano: Edizioni Paoline, 1990.

_____. Espiritualid. In: ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Herder, 1987. p. 12-14.

MCKENZIE, John. L. Espirito. In: _____. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MENDONÇA, José Tolentino. *A Mística do Instante: O tempo e a Promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *Que parábolas para este tempo?* Meditação apresentada à CNBB, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Par%C3%A1bolas-para-um-tempo-novo-Cardeal-Tolentino.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MENKE, Karl-Heinz. *Sacramentalidad: Esencia y llaga del catolicismo*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014.

MERTON, Thomas. *Novas sementes de contemplação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *A Igreja e o mundo sem Deus*. Petrópolis: Vozes, 2018.

MIRANDA, Mario de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século XX*. v.1. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

MONTERO, Mercedes. *En vanguardia: Guadalupe Ortiz de Landázuri (1916-1975)*. Madri: Ediciones Rialp, 2019.

NOCETI, Serena; REPOLE, Roberto. *Commentario ai documenti del Vaticano II*. v. 2. Bolonha: Dehoniane Bologna, 2015.

PADRES APOLOGISTAS. São Paulo: Paulus, 1995. Coleção Patrística.

PAULO VI. *Homilia do Encontro com a União dos Juristas Católicos no III Domingo de Advento*. Roma, 15 dez. 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1963/documents/hf_p-vi_hom_19631215.html. Acesso em 7 de jan. de 2021.

_____. *Homilia da Santa Missa para alguns grupos de fiéis e membros do Movimento de pós-graduação católica*. Roma, 3 jan. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1964/documents/hf_p-vi_hom_19640103_laureati_cattolici.html. Acesso em: 7 jan. 2021.

PAULO VI. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam*: sobre os caminhos da Igreja no mundo atual. Roma, 6 ago. 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html. Acesso em: 17 maio 2021.

_____. *Audiência Geral*. Roma, 16 mar. 1966. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1966/documents/hf_p-vi_aud_19660316.html. Acesso em: 07 jan. 2021.

_____. *Carta Encíclica Populorum Progressio*: sobre o desenvolvimento dos povos. Roma, 26 mar. 1967. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 7 jan. 2021.

_____. *Homilia do II Congresso Mundial del apostolado de los laicos*. Roma, 15 out. 1967. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1967/documents/hf_p-vi_hom_19671015.html. Acesso em: 7 jan. 2021.

_____. *Audiência Geral*. 23 abr. 1969. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1969/documents/hf_p-vi_aud_19690423.html. Acesso em: 07 jan. 2021.

_____. *Audiência geral*. Roma, 27 maio 1970. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/audiences/1970/documents/hf_p-vi_aud_19700527.html. Acesso em: 16 maio 2021.

_____. *Discurso aos Participantes do Encontro Internacional dos Institutos Seculares*. Roma, 26 set. 1970. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19700926_secular-institutes.html. Acesso em: 23 abr. 2020.

_____. *Proclamação de Santa Teresa de Jesus Doutora da Igreja*. Roma, 27 set. 1970. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927.html. Acesso em: 15 mar. 2020.

_____. *Discurso a los Responsables Generales y miembros de los Institutos Seculares en la XXV Aniversario de la Provida Mater Ecclesia Estar en el mundo transformándolo desde dentro*. Roma, 2 fev. 1972. Disponível em: <https://www.cmis-int.org/pt-br/documentos-2/magisterio-da-igreja/paulo-vi/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

_____. *Exortação Apostólica pós-sinodal Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Roma, 8 dez. 1975. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 15 jan. 2021.

PÉREZ-SOBA, Juan José. *Vivir en Cristo, la fe que actúa por el amor*: Manual de Moral Fundamental. Madri: BAC, 2018.

PELLITERO, Ramiro. *La teología del laicato en la obra de Yves Congar*. Pamplona: Navarra Gráfica Ediciones, 1996.

_____. La secularidad laical en nuestro tempo: presupostos, condiciones, consecuencias. In: NAVARRO, Luis. e PUIG, Fernando. (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*, Milão: Giuffrè, 2012. p. 425-441.

PELLITERO, Ramiro. *Laicos, en la nueva Evangelización: Autenticidad y compromiso*. Madri: Rialp, 2013.

_____. *La identidad de los cristianos laicos y su índole secular a la luz del Concilio Vaticano II*. Scripta Theologica, vol.47, p. 483-506, 2015.

PHILIPPE, Jacques. *Tempo para Deus: Guia para a vida de oração*. São Paulo: Quadrante, 2007.

PHILIPS, Gerard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano: história, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*. v. 1. São Paulo: Herder, 1968.

_____. *La Iglesia y su misterio en el Concilio Vaticano II: historia, texto y comentario de la Constitución Lumen Gentium*. v. 2. Barcelona: Herder, 1969.

_____. *La Chiesa e il suo misterio: storia, testo e commento della Lumen Gentium*. 4. ed. Milano: Jaca Book, 1989.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982.

PILAR RIO, María del. *Los fieles laicos, Iglesia en la entraña del mundo: reflexión teológica sobre la identidad eclesial de los laicos en un tiempo de nueva evangelización*. Madri: Palabra, 2015.

_____. *I fedeli laici a 50 anni del Concilio Vaticano II: Bilancio e prospettive per una Chiesa in uscita*. Annales Theologici, v. 31, n. 1, p. 103-122, 2017.

_____. *Lineamenti della santità laicale*. Disponível em: https://es.pusc.it/sites/default/files/rettorato/santitalaicale2019/Rio_definitivo.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

PIO XI. *Carta Enciclica Rerum Omnium Perturbationem*. Roma, 26 jan. 1923. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_26011923_rerum-omnium-perturbationem.html. Acesso em: 17 maio 2021.

PIO XII. *La Elevatezza*: Discurso sobre la supranacionalidade de la Iglesia. Roma, 20 fev. 1946. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xii/es/speeches/1946/documents/hf_p-i_spe_19460220_la-elevatezza.html. Acesso em: 04 jun. 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Roma, 26 maio 2006. São Paulo: Paulinas, 2011.

PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS. *Christifideles laici: bilancio e prospettive*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010.

PORTILLO, Alvaro del. *Fieles y laicos en la Iglesia*. 3. ed. Pamplona: EUNSA, 1991.

RAHNER, Karl. *O Vaticano II: um começo de renovação*. São Paulo: Herder, 1966.

_____. Espiritualidad antigua y actual. In: _____. *Escritos de Teologia*. t. 7, Salamanca: Taurus Ediciones, 1969, p. 13-35.

_____. *Curso Fundamental da Fé: Introdução ao conceito de cristianismo*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

RATZINGER, Joseph. *O novo Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1969.

_____. *O que é ser cristão*. São Paulo: Paulinas, 1969.

_____. *Os Padres da Igreja: de Clemente de Alexandria a Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. *Obras completas: Teologia da liturgia*. v. 11. Brasília: Edições CNBB, 2019.

RATZINGER, Joseph; BOVONE, Alberto. *Congregação para a doutrina da fé: carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja, entendida como comunhão, de 28 de maio de 1992*. Disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html. Acesso em: 15 jan. 2017

RODRÍGUEZ, Pedro. *La identidad teológica del laico*. Scripta Theologica, Pamplona, v. 19, n. 1-2, p. 265-302, 1987.

_____. Vivir santamente la vida ordinaria: Consideraciones sobre la homilia pronunciada por el Beato Josemaria Escrivá de Balaguer en el campus de la Universidad de Navarra. Scripta Theologica, Pamplona, v. 24, n. 2, p. 397-418, 1992.

ROYO MARÍN, Antonio. *Teologia de la perfeccion Cristiana*. Madri: BAC, 1953.

_____. *Espiritualidad de los Seglares*. Madri: BAC, 1967.

_____. *Los grandes maestros de la vida espiritual: Historia de la espiritualidade Cristiana*. Madri: BAC, 1990.

_____. *Ser ou não ser santo eis a questão: Um compêndio da obra Teologia da perfeição cristã*. 2. ed. Campinas: Ecclesiae, 2018.

RUIZ SALVADOR, Federico. *Compêndio de Teologia Espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996.

SALES, Francisco de. *Tratado do amor de Deus*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Filoteia ou Introdução à vida devota*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHILLEBEECKX, Edward. A definição tipológica do leigo cristão conforme o Vaticano II. In: BARAÚNA, Guilherme (dir.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 981-1000.

_____. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

SEMERARO, Marcello. *Com la chies anel mondo: Il laico nella storia nella teologia nel Magisterio*. Roma: Edizione Vivere in, 1991.

SESBOÛÉ, Bernard. *No tengáis miedo! Los ministérios en la Iglesia hoy*. Santander: Sal Terrae, 1996.

SESÉ, Javier. *Historia de la espiritualidade*. 2. ed. Pamplona: EUNSA, 2008.

SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS. *Assembléia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos*. 1985. São Paulo: Paulinas, 1986.

SPADORO, Antonio. *Gaudete et Exsultate: Tercera exhortación apostólica del papa Francisco: raices, estrutura y significado de la exhortación apostólica del Papa Francisco*. Disponível em:<

http://w2.vatican.va/content/francesco/es/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html>. Acesso em 3 de set. 2018.

SPINELLI, M. Leigo. In: BERNARDINI, Agelo di. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Tradução de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.

STEFFEN, Carlos José Monteiro. *Por uma teologia do laicato: uma proposta de articulação entre o empenho secular dos fiéis cristãos leigos e o Reino de Deus*. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2019.

SUENENS, Léon-Joseph; CÂMARA. Helder. *Renovação no Espírito e serviço ao homem*. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Vida Cotidiana Vida Cristã*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1968.

SUENENS, Léon-Joseph. *A co-responsabilidade na Igreja de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1968.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

TERESA DE JESUS. *Cartas*. ALVAREZ, Tomas (org.). 4. ed. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2011.

_____. *Obras completas*. ALVAREZ, Tomas (org.). 16. ed. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2011.

TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. *História de uma alma: manuscritos autobiográficos*. São Paulo: Paulus, 1996.

THEOBALD, Christoph. *A recepção do Concílio Vaticano II: acesso à fonte*. São Leopoldo,RS: UNISINOS, 2014.

THILS, Gustave. *Santidad cristiana: compendio de teologia ascetica*. Salamanca: Sígame, 1960.

TISSOT, Joseph. *El arte de aprovechar nuestras faltas segundo San Francisco de Sales*. Buenos Aires: San Pablo, 2008.

TILLARD, Jean-Marie. A teologia subjacente à Constituição: a Igreja e os valores terrestres. In: BARAÚNA, Guilherme (org.). *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 215-252.

TUTAS, Maria Rodiga. *A arte da vida espiritual*. Brasilia: Teixeira, 2015.

VIEIRA, Jair Lot. *Dicionário latim-português: termos e expressões*. São Paulo: Edipro, 2016.

VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

VILLAR, José R. Elementos para configurar la identidad del fiel laico. In: NAVARRO, Luis; PUIG, Fernando (Ed.). *Il fedele laico: realtà e prospettive*. Milão: Giuffrè, 2012.

_____. Secularidad. In: CALABRESE, G.; GOYRET, P.; PIAZZA, O. F. (eds.). *Diccionario de Eclesiología*. Madri: BAC, 2016, p. 1368-1376.

VITALI, Dario. *O caminho da sinodalidade*. São Paulo: Paulinas, 2015.

WEISMAYER, Josef. *Vida Cristiana em Plenitud*. Madri: Promocion Popular Cristiana, 1990.

ZILLES, Urbano. *Espiritualidade Cristã*. Teocomunicação, v.34, n.24, p. 21-34, mar. 2004.

_____. As diferentes vocações segundo a Lumen Gentium. In: SANTOS, Manoel Augusto (org.). *Concílio Vaticano II: 40 anos da Lumen Gentium*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005, p. 27-39.